

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADES**

**RENATO RICARDO SCHNELL JUNIOR**

**ULTRAPASSANDO A SUPERFICIALIDADE DO MUNDO: SENSIBILIDADES  
AMBIENTAIS EM MEIO À IMENSIDÃO ANTÁRTICA (1910-1917)**

**PONTA GROSSA**

**2023**

**RENATO RICARDO SCHNELL JUNIOR**

**ULTRAPASSANDO A SUPERFICIALIDADE DO MUNDO: SENSIBILIDADES  
AMBIENTAIS EM MEIO À IMENSIDÃO ANTÁRTICA (1910-1917)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa– UEPG, para obtenção de título de Mestre em História (Área de concentração: História, Cultura e Identidades. Linha de Pesquisa: Instituições e Sujeitos: Saberes e Práticas).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Izabel de Carvalho

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelyn Nimmo

**PONTA GROSSA**

**2023**

S359 Schnell Junior, Renato Ricardo  
Ultrapassando a superficialidade do mundo: sensibilidades ambientais em meio à imensidão antártica (1910-1917) / Renato Ricardo Schnell Junior. Ponta Grossa, 2023.  
180 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Izabel de Carvalho.  
Coorientadora: Profa. Dra. Evelyn Roberta Nimmo.

1. Relatos de viagem. 2. Antártica. 3. Sensibilidades ambientais. I. Carvalho, Alessandra Izabel de. II. Nimmo, Evelyn Roberta. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. IV.T.

CDD: 930

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Renato Ricardo Schnell Junior**

**Ultrapassando a superficialidade do mundo: sensibilidades ambientais em meio à imensidão antártica (1910-1917)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 22 de março de 2022, pela seguinte banca examinadora:



Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Alessandra Izabel de Carvalho (Orientadora)



Prof. Dr.<sup>a</sup> Evelyn Roberta Nimmo (coorientadora) (UEPG)



Prof. Dr. Lucas Vinicius Erichsen da Rocha (INMA)



Prof. Dr. Adrian Gustavo Zarrilli (UNQ - Universidad Nacional de Quilmes)

## AGRADECIMENTOS

Sendo o último texto que escrevo na dissertação, tentei adiar ao máximo esse momento. Entre os motivos, posso dizer que me parece uma tarefa difícil conseguir expressar o quão grato sou a tantas pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para que essa dissertação pudesse ser finalizada, e que me transformasse de um jovem tímido com medo do mundo em um pesquisador. Sendo assim, segue um breve agradecimento para as pessoas que marcaram minha trajetória e entrelaçaram suas linhas com minhas.

Aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado, fornecendo as condições para que tivesse todas as oportunidades possíveis para alcançar meus objetivos.

A minha companheira, Jaqueline, que como um porto seguro, mesmo nos momentos mais difíceis, nunca me deixou desanimar sempre incentivando a seguir em frente e me dando abrigo quando mais necessitava.

Um agradecimento especial as minhas incríveis orientadoras, Alessandra e Evelyn, que ao longo de todos esses anos forneceram a base e o incentivo para minha construção profissional. Ambas marcaram minha trajetória desde os primeiros anos da graduação até o recente momento e sou imensamente grato por todo o apoio e “puxões de orelha” que permitiram que esse trabalho se concretizasse e que me tornasse melhor e mais consciente enquanto pesquisador e pessoa.

Agradeço também ao pessoal que compõe o Núcleo de Pesquisa Memória, Cultura e Natureza, em especial ao professor Robson Laverdi e a equipe do projeto de extensão do USF, que em meio às discussões, conversas e amizades contribuíram para que esse trabalho explorasse novos horizontes e que novas indagações surgissem.

Também expressei meus mais profundos agradecimentos aos professores Gustavo Zarrilli e Lucas Erichsen, por aceitarem compor a banca examinadora e terem se dedicado a ler o trabalho o que com certeza contribuirá para que esse alcance seu potencial.

Aos que não mencionei diretamente, mas que são tão importantes quanto, os meus mais singelos agradecimentos.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alimentamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmo é natureza. Tudo o que eu consigo pensar é natureza.

Airton Krenak

## RESUMO

Durante o século XIX, diversas expedições foram realizadas com o objetivo de desvendar a incógnita que o continente Antártico representava. Após sua descoberta em meados de 1820, se intensificaram as missões e entre os objetivos se destacava sua conquista. Isso viria a acontecer somente entre as duas primeiras décadas do século XX, acompanhado por um crescente e conflituoso cenário que ficou conhecido como “Idade Heroica da Ciência Antártica”. Essa dissertação busca analisar três das expedições que mais se destacaram entre os anos de 1910 e 1917 através dos relatos de viagem escritos por seus capitães e comandantes: os ingleses Robert Falcon Scott e Sir Ernest Shackleton e as respectivas missões do *Terra Nova* e *Endurance* e o norueguês Roald Amundsen com a expedição do *Fram*. A realização desses empreendimentos, mais do que importantes acontecimentos para a expansão humana pelo globo, consistem em um valioso fenômeno a ser investigado pelo fato de se tratar do último continente a ser explorado, e tudo em meio a um momento ímpar de crescente nacionalismo e de valores científicos que antecederam a Primeira Guerra Mundial. O objetivo da dissertação é ir além da análise das representações, buscando problematizar essas viagens como formas de construções sensíveis da realidade e da relação entre o corpo e mundo. As bases teóricas e metodológicas se pautam na interdisciplinaridade, ou seja, prioriza-se o diálogo com os campos da história ambiental, da ecocrítica e da antropologia, com a intenção se compreender como a natureza antártica foi percebida, experienciada e relatada por esses indivíduos.

**Palavras-chave:** Relatos de viagem; Antártica; Sensibilidades ambientais.

## ABSTRACT

During the nineteenth century, several expeditions were carried out with the aim of conquering the unknown that the Antarctic continent represented. After its discovery in the mid-1820s, the number of voyages intensified with the principal objective being its conquest, which would only happen between the first second decades of the twentieth century within the context that came to be known as the “Heroic Age of Antarctic Science”. This dissertation seeks to analyze three of the expeditions that stood out between the years 1910 and 1917 due to the travel reports written by their captains and commanders: the British captains Robert Falcon Scott and Sir Ernest Shackleton and their respective expeditions Terra Nova and Endurance; and the Norwegian Roald Amundsen with the Fram expedition. Beyond being important events for human expansion across the globe, these undertakings constitute a phenomenon of analysis as the Antarctic was the last continent to be explored, and its conquest occurred in the unique milieu of growing nationalism and scientific research that predated the First World War. The objective of this dissertation is to go beyond an analysis of representation and problematize these expeditions in terms of how these authors constructed their realities and experienced and expressed the relationship between the body and their environment. The theoretical and methodological foundations of this study are based on interdisciplinarity, particularly a dialogue across the fields of environmental history, ecocriticism, and anthropology, with the intention of understanding how the natural world in the Antarctic was perceived, experienced, and related by these individuals.

**Keywords:** Travel chronicles; Antarctica; Environmental subjectivities.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do continente Antártico, localização e limites .....	12
Figura 2: Mapa destacando a divisão antártica e as estações de pesquisas atuais .....	14
Figura 3: Mapa do continente Antártico representado juntamente com o território das américas em cartografia de 1548.....	25
Figura 4: Robert Falcon Scott .....	35
Figura 5: O <i>Terra Nova</i> .....	36
Figura 6: Trajeto da expedição do <i>Terra Nova</i> até o Cabo Evans .....	38
Figura 7: Rota de regresso utilizada por Scott e os óbitos durante a jornada .....	42
Figura 8: Roald Amundsen .....	47
Figura 9: O <i>Fram</i> .....	49
Figura 10: Rota utilizada por Amundsen para alcançar o Polo Sul .....	52
Figura 11: Grupo norueguês comandado por Amundsen no Polo Sul .....	53
Figura 12: Sir Ernest Shackleton .....	56
Figura 13: O <i>Endurance</i> .....	57
Figura 14: Os destroços do <i>Endurance</i> .....	60
Figura 15: Rotas utilizadas pela expedição na viagem em busca do continente e no resgate da tripulação .....	62
Figura 16: <i>Endurance</i> bloqueado pela banquisa de gelo .....	97
Figura 17: Iceberg encontrado no dia 21 de dezembro de 1914 pela expedição do <i>Endurance</i> . .....	104
Figura 18: Esquema da cabana <i>Framheim</i> .....	120
Figura 19: Planta da cabana no Cabo Evans .....	122
Figura 20: Desenho de Marston sobre a disposição dos homens no interior da cabana .....	127
Figura 21: Pomba antártica .....	138
Figura 22: Pinguins-de-Adélia e o monte Erebus ao fundo .....	142
Figura 23: <i>Green</i> , cozinheiro da expedição do <i>Endurance</i> esfolando um pinguim na cozinha da embarcação .....	145
Figura 24: Orcas fotografadas pela expedição do <i>Terra Nova</i> .....	148
Figura 25: Pônei Victor com o tenente Henry Bowers .....	153
Figura 26: Equipe do polo avançando sobre a barreira de gelo .....	156
Figura 27: Hussey e o cão Sanson na expedição do <i>Endurance</i> .....	161
Figura 28: Equipe norueguesa avançando sobre a barreira de gelo .....	166
Figura 29: Percy Blackborow com o gato Chippy .....	171

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O ÚLTIMO CONTINENTE: ANTÁRTICA, EXPEDIÇÕES E OS RELATOS DE VIAGEM ENQUANTO FONTES DA EXPERIÊNCIA SENSÍVEL .....</b>	<b>19</b>
1.1 A ANTÁRTICA E A CIÊNCIA: A HISTÓRIA DE UM CONTINENTE .....	24
1.2 UM HERÓI NACIONAL: SCOTT E A MISSÃO DO <i>TERRA NOVA</i> .....	33
1.3 ÚLTIMO A PARTIR, PRIMEIRO A CHEGAR: AMUNDSEN E O <i>FRAM</i> .....	45
1.4 SHACKLETON E A EXPEDIÇÃO DO <i>ENDURANCE</i> : UMA EPOPÉIA SOB OS <i>FLOES</i> .....	54
1.5 RELATOS DE VIAGEM: ENTRE A CIÊNCIA, A AVENTURA E A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL .....	63
<b>CAPÍTULO 2 – SENSIBILIDADES NO ÚLTIMO CONTINENTE: EXPERIÊNCIAS CORPORIFICADAS NA ANTÁRTICA .....</b>	<b>73</b>
2.1 RELAÇÕES CORPORAIS ENTRE ESPAÇO, LUGAR E SENSIBILIDADES .....	73
2.2 MEDO, ANSIEDADES E A SINESTESIA DA EXPERIÊNCIA ANTÁRTICA .....	88
2.3 AFETIVIDADE COM A HABITAÇÃO E AS DIÁDES CORPORAIS EM MEIO AO GELO.....	113
<b>CAPÍTULO 3 – SENSIBILIDADES ENTRE ESPÉCIES: RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS .....</b>	<b>128</b>
3.1 A RELAÇÃO COM OS ANIMAIS AO LONGO DA HISTÓRIA: SISTEMAS ANTROPOMÓRFICOS .....	128
3.2 ENTRE VIZINHOS CÔMICOS E ATERRORIZANTES: ANIMAIS SELVAGENS NOS RELATOS .....	136
3.3 COMPANHEIROS DE JORNADA: SENSIBILIDADES COM OS ANIMAIS DOMÉSTICOS E DE ESTIMAÇÃO .....	150
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>173</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>176</b>

## INTRODUÇÃO

Quando paramos para ler um trabalho sobre o continente antártico e sua história, normalmente nos deparamos com pesquisas sobre os ideais de ciência que influenciaram expedições em busca de conhecimento, mas também com pesquisas sobre impérios nacionais e sua incessante busca por novos territórios, riquezas ou por maneiras de adquiri-las. Nessas pesquisas constantemente as questões ambientais são deixadas de lado, ou quando mencionadas se configuram unicamente como um palco para aquelas histórias. Mais do que apenas os lugares e o clima, esquece-se da natureza humana, dos corpos daqueles sujeitos, das relações com o meio que se desenvolveram e que estavam sujeitas a transformações pautadas na subjetividade e na experiência daqueles homens. Esquece-se também que os humanos não habitam o mundo sozinhos, e que as relações com as outras espécies são essenciais para sua própria sobrevivência.

Desta forma, pesquisar sobre continente antártico não é apenas se debruçar sobre as relações da ciência ou dos impérios com aquele ambiente, mas compreender como sujeitos envolvidos nesses intuitos perceberam suas experiências com a natureza que não apenas os rodeava, mas que se entrelaçava com seu próprio ser, com sua carne em nível tão intrínseco que nenhum trabalho será capaz de desvelar por completo. Contudo, cabe a essa dissertação tal exercício de análise na esperança de ao menos aranhá-la a riqueza que essas experiências puderam significar àqueles desbravadores.

Para este estudo, foram selecionadas três expedições realizadas ao longo das duas primeiras décadas do século XX, sendo elas: a expedição inglesa do *Terra Nova* comandada pelo explorador inglês Robert Falcon Scott, a norueguesa do *Fram* comandada pelo também norueguês Roald Amundsen, e por fim a do *Endurance*, missão inglesa comandada pelo irlandês Sir Ernest Shackleton. A seleção destas obras decorre do fato de que entre todos os empreendimentos realizados durante o período chamado de “Idade Heroica da Ciência na Antártica”, essas três missões foram as que mais se destacaram. Essa “fama” decorre em parte das conquistas que acarretaram para suas nações e também dos relatos que foram e ainda são difundidos em todo o mundo. Desta forma, a partir destes relatos, compreendidos enquanto um “gênero híbrido”, conforme salienta Mary Junqueira,<sup>1</sup> por apresentar narrativas que permitem ir além da literatura – constituindo-se em uma rica fonte para a historiografia –, esse trabalho

---

<sup>1</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Tradução. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011, p. 54.

busca analisá-los através de uma ótica “aterrada”, tal como destacado por Bruno Latour,<sup>2</sup> em busca das sensibilidades ambientais daqueles sujeitos, em um diálogo com o corpo, lugares e relações entre seres vivos.

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida ao longo dos últimos seis anos – ou seja, desde a graduação com pesquisas de iniciação científica –, tendo surgido inicialmente de um profundo interesse pelas expedições marítimas e da descoberta de um campo da historiografia que gerou grande entusiasmo, a história ambiental. Desde então, como um processo de entrelaçamento com meu próprio ser, a temática e os objetivos sofreram transformações que acompanharam minha própria formação enquanto sujeito. Contudo, quando o tema surgiu era impossível imaginar o que acabaria se tornando ou até mesmo que chegaria a abordar a relação entre corpo e mundo. Foram as discussões realizadas no Laboratório de Pesquisa Memória, Cultura e Natureza da UEPG, no qual a pesquisa se ancorou ao longo desses anos, que permitiram expandi-la para horizontes que, de outra maneira, nunca seria possível, colhendo frutos nas ciências vizinhas da historiografia e de outras mais distantes. Foi graças ao convívio, troca de referências e profundos debates que a temática da percepção do corpo pôde ser desenvolvida, pensando em sua relação com esses empreendimentos.

Vale destacar que desde sua idealização a intenção nunca foi o de produzir um trabalho marcadamente eurocêntrico, por mais que fosse necessário apresentar para o leitor o contexto dessas expedições. O principal objetivo sempre se configurou em apresentar uma análise que permita uma reflexão sobre a percepção e experiência corporal no mundo, indo além da noção do humano enquanto um ser que observa suas ações idealizadas do alto, inserindo-o como um corpo vivo, que sente, experiencia outros corpos, coisas e os lugares. Um corpo sensível que se movimenta no mundo deixando as linhas de suas trajetórias de vida transformando a superfície de determinado lugar com uma malha, conforme destacado por Tim Ingold.<sup>3</sup> Nesse sentido, a Antártica, a vida animal e aqueles sujeitos, mais do que um continente, animais não humanos e sujeitos europeus, são lugares, seres vivos e corpos em movimento. Lugares que são experienciados, e corpos que experienciam, que se entrelaçam em um jogo chamado vida. Tornar consciente, ou ao menos proporcionar ponderações é o maior desejo deste trabalho. Na busca por apresentar uma discussão diferente das demais, proponho uma nova reflexão acerca da própria natureza antártica. Aqui estabelecemos uma compreensão de natureza enquanto algo

---

<sup>2</sup> LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?»: como se orientar politicamente no antropoceno*. Rio de Janeiro, Editora Bazar do Tempo. 2020, p.11.

<sup>3</sup> INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015, p.221

vivo, composto por vidas e por um emaranhado de linhas de existência daqueles sujeitos, lugares e animais que influencia na mesma medida em que também é influenciado por cada um desses.

Por consistir no último continente com o qual os seres humanos tiveram contato, muito pouco se sabia no período de realização daqueles empreendimentos que só se tornaram comuns a partir da segunda metade do século XVIII, se intensificando durante os dois séculos seguintes. Mediante essa falta de informações, muito do que se projetou acerca do continente desempenhou um importante papel na forma como a natureza era observada e percebida e para que as expedições fossem consideradas enquanto movimentos em que heróis ariscavam suas vidas em um ambiente inóspito, características que atualmente ainda são utilizadas para representa-lo, limitando a compreensão de sua importância para o planeta.

Contudo, sabe-se hoje que mesmo não apresentando condições ideais para que a vida se desenvolva em seus platôs, a Antártica está longe de ser um território inóspito, sendo tanto um rico *habitat* de espécies de animais e plantas variadas, quanto também semeadora de vida para outros oceanos.<sup>4</sup> Suas condições físicas e climáticas foram, entre outras coisas, os maiores motivos das representações como um lugar “terrível”, fama essa que recebeu desde os primeiros grandes empreendimentos como o desenvolvido pela Marinha Imperial Inglesa sob o comando do importante explorador James Cook nos anos de 1772. Momento em que devido as suas condições e falta de conhecimento foi impedido de encontrar o continente pelas grandes barreiras de gelo que circundam a região. Entretanto, diante dos novos conhecimentos derivados de mais de um século de estudos e pesquisas, sabe se que a área do continente Antártico cobre aproximadamente 45,6 milhões de quilômetros quadrados, um valor cujo significado é de aproximadamente 9% da superfície do planeta. Além disso, consiste no único continente circundado por todos os mares o que determina sua importância no cenário global.<sup>5</sup> Desta forma, visto a distância ou através de mapas, a Antártica se assemelha a uma imensa ilha, composta pelos mais variados ambientes. Acredita-se que sua formação foi iniciada ainda no período da Gondwana e sua amalgamação 550 milhões de anos atrás,<sup>6</sup> seguida pela sua fragmentação há cerca de 180 milhões de anos até sua separação do continente americano cerca de 30 milhões de anos atrás:

---

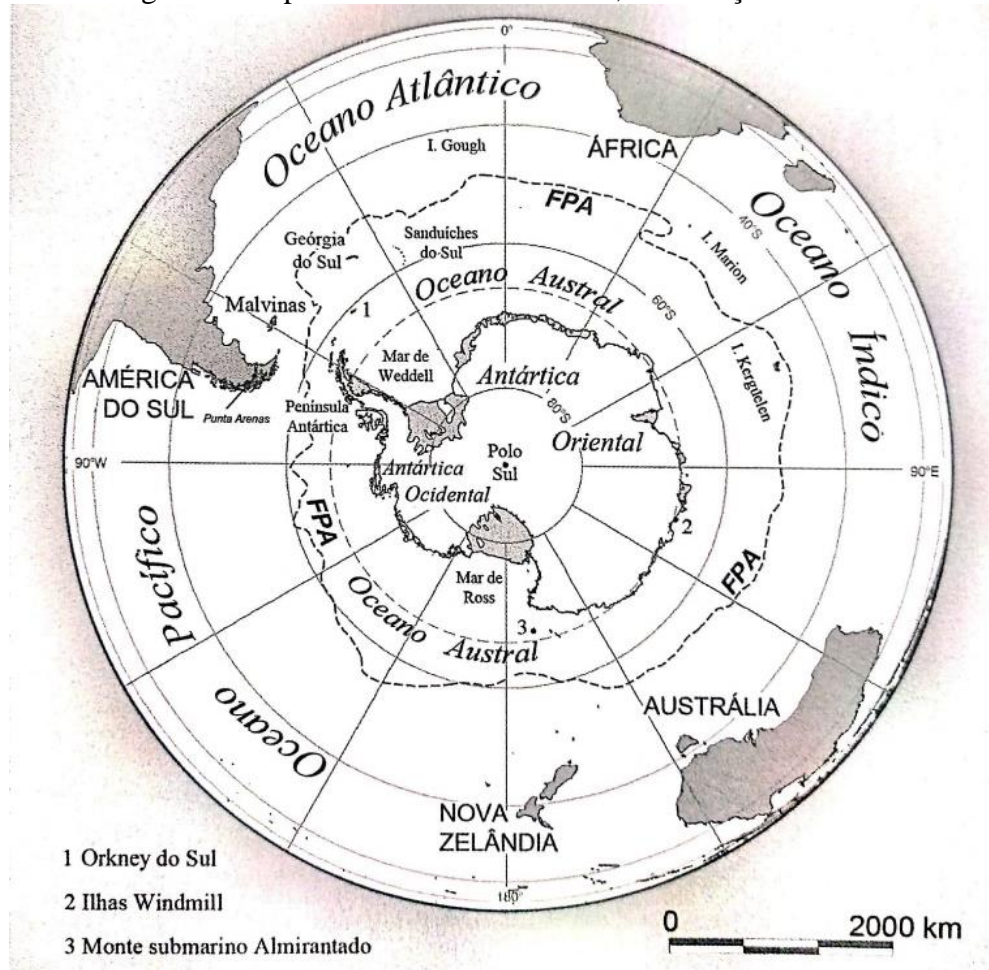
<sup>4</sup> CAMPOS, Lúcia S. A biodiversidade antártica: adaptações evolutivas e a sensibilidade às mudanças ambientais. In: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. Editora Blucher, p.121-162., 2011, p.121.

<sup>5</sup> SIMOES, Jefferson. O ambiente antártico: domínio de extremos. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p.15-27, 2011, p.15-16.

<sup>6</sup> Gondwana é o nome dado ao supercontinente que deu origem a partir de sua fragmentação aos continentes que hoje compõem o planeta. (*Ibid.* p.21)

O processo culminará com a abertura completa da Passagem de Drake (em algum momento entre 25 e 30 milhões de anos atrás), que determinará a criação de uma circulação oceânica circumpolar levando a formação do manto de gelo e que, por sua vez, terá importantes consequências para o clima global.<sup>7</sup>

Figura 1- Mapa do continente antártico, localização e limites



Fonte: SIMÕES, 2011,16.

Devido a sua forma circular, por muito tempo acreditou-se que consistia em um continente isolado e de relação periférica quanto aos demais, o que na medida em que novos estudos foram sendo desenvolvidos mostrou-se ser uma falsa percepção, destacando sua importância, não apenas na questão oceânica, mas de manutenção de todo o planeta. Como destaca Jefferson Simões, as noções de seu isolamento ocorreram principalmente devido ao uso de projeções cartográficas inadequadas, que foram durante muito tempo incluídas em atlas tradicionais, e também de uma literatura que baseada nessas percepções movimentaram tais informações errôneas.<sup>8</sup> Seu formato e também as condições proporcionadas pelos diferentes

<sup>7</sup> SIMOES, Jefferson. O ambiente antártico: domínio de extremos. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p.15-27, 2011, p.21.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p.16.

oceanos se destacam como definidores das condições do continente sendo os seus principais influenciadores, o que difere do seu oposto, o Ártico.<sup>9</sup>

Durante a realização das expedições científicas ao continente Antártico, dois objetivos encabeçaram as prioridades dos exploradores e cientistas, o estabelecimento do Polo Sul Magnético e a conquista do Polo Sul Geográfico. Cabe destacar a diferenciação destes dois polos, uma vez que contribuem para entender a própria região antártica e as expedições analisadas. No primeiro caso, o polo magnético diz respeito ao ponto indicado pela agulha de um bússola na medida em que segue rumo ao Sul do planeta, isso ocorre devido as forças magnéticas presentes na região. Como será destacado no primeiro capítulo, ao longo do século XVIII e XIX ocorreu um grande incentivo por determinar os polos magnéticos no globo devido as suas influências na navegação, nesse cenário a Antártica era considerada uma terra sagrada para esses estudos. Após as primeiras pesquisas determinarem o Polo Sul Magnético, esse se mostrou variante, ou seja, estava sujeito a alterações. Desta forma, novas expedições foram necessárias para manter os dados atualizados.

Já o Polo Sul Geográfico consiste em um ponto onde ocorre a passagem da linha imaginária que foi desenvolvida pelos seres humanos para determinar o eixo de rotação do planeta.<sup>10</sup> Os polos geográficos receberam enorme atenção após os primeiros estudos do magnetismo acarretarem resultados, se tornando o novo objetivo de conquista das nações. O primeiro a ser conquistado foi o Polo Norte Geográfico, descoberto pelo estadunidense Robert Peary em 1909, enquanto o polo sul foi alcançado em 1911 por Roald Amundsen em uma das missões analisadas nessa dissertação.

Voltando à composição física do continente, conforme as últimas pesquisas na região, a Antártica é primeiramente composta por um denso manto de gelo o qual cobre cerca de 99,7% da superfície continental o que representa 90% de todo gelo existente na cobertura do planeta Terra. Devido as suas profundas camadas que chegam até próximo dos dois mil metros de espessura, somam aproximadamente 24,4 milhões de metros cúbicos de gelo.<sup>11</sup> Geograficamente, o continente pode ser dividido em duas partes, Antártica Ocidental e Oriental. No caso da Antártica Ocidental, esta consiste em um grande arquipélago, uma vez que grande parte de seu território rochoso se encontra abaixo do nível do mar. Contudo, devido às densas

---

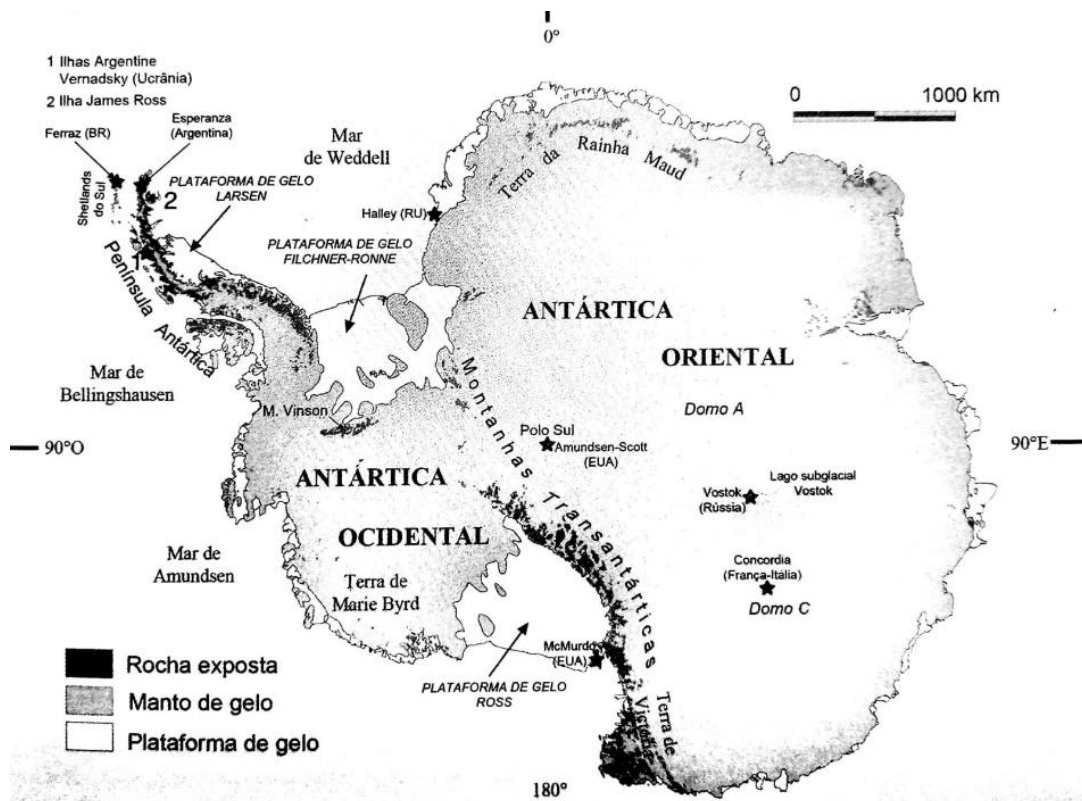
<sup>9</sup> Nesse caso, consiste em uma bacia oceânica circundada pela maior massa continental do planeta, na qual fazem parte a América do Norte e Eurásia. (SIMOES, Jefferson. O ambiente antártico: domínio de extremos. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p.15-27, 2011, p.16)

<sup>10</sup> *Ibid.*, p.17.

<sup>11</sup> A cobertura de gelo antártico teria quantidade capaz de cobrir todo o território brasileiro com uma camada de quase três mil metros de espessura. (*Ibid.*, p.18).

camadas de gelo depositadas ao longo de milhões de ano, sua superfície se eleva acima do nível do mar. O ponto mais alto do continente consiste nas montanhas Ellsworth, situadas em sua porção ocidental, com altura aproximada de 4.892 metros. Essa região se estende para a chamada Península Antártica, região mais próxima do continente americano e onde se encontra a estação de pesquisa brasileira Comandante Ferraz, nas ilhas Rei Jorge.<sup>12</sup> Foi nesta região que as embarcações de Scott e Amundsen desembarcaram.

Figura 2: Mapa destacando a divisão antártica e as estações de pesquisas atuais



Fonte: SIMÕES, 2011, p.17.

Já a Antártica Oriental corresponde a maior porção de seu território, sendo composta pelo platô antártico, a região mais fria do continente. Nas regiões da Antártica Ocidental, as temperaturas se mantem na média dos 0 °C no verão e -25 e -45 no inverno. No topo do platô, a média anual cai abaixo dos -55 °C.<sup>13</sup> A divisão entre essas duas regiões ocorre através da Cadeia de Montanhas Transantárticas que se estende por aproximadamente 3.300 km de extensão (conforme apresentado na figura 2). Sobre essa cadeia Simões destaca:

<sup>12</sup> SIMOES, Jefferson. O ambiente antártico: domínio de extremos. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p.15-27, 2011, p.21.

<sup>13</sup> No ano de 1983 foram registrados temperaturas recordes de -89,2 °C na região do platô antártico. (*Ibid.*, p.23).



Essa cadeia praticamente corta o continente desde a terra de Vitoria até a plataforma de gelo Filchner, e atinge 4.500 metros de altitude. Sua geologia é constituída por uma sequência de rochas sedimentares (arenitos, folhetos e conglomerados) – do Paleozoico tardio ao Mesozoico médio (400 a 200 Ma) –, assentadas sobre granitos e gnaisses. Estratos de carvão permiano (299 a 251 Ma), fósseis de peixes e plantas, encontrados na sequência sedimentar permitem a correlação com outras partes do Gondwana, inclusive com o sul do Brasil.<sup>14</sup>

No que diz respeito ao seu litoral, devido às espessas camadas de neve decorrentes de milhares de anos, é formado por acentuados declives em alguns casos e em outros por grandes penhascos. Além disso, as regiões litorâneas são compostas por mares que se tornam mais profundos na medida em que se aproximam do continente. Isso ocorre devido ao peso proporcionado pelo grande acúmulo de gelo, o qual acaba se aplicando sobre a plataforma continental antártica, empurrando-a para baixo. Esse fato destaca uma das maiores diferenças acerca do oceano antártico, visto que, no caso das demais plataformas continentais é comum que na medida em que ocorre a aproximação do continente os mares se tornem menos profundos.<sup>15</sup>

O oceano do continente recebe o nome de Oceano Austral, se destacando, conforme apresentado pelo pesquisador Mauricio Mata, por três principais aspectos, dentre eles o já mencionado fato de possuir uma circulação oceânica circumpolar (a liberdade de fluir ao redor de todo o globo). O segundo, consiste na existência da Corrente Circumpolar Antártica (CCA), responsável pela troca contínua de materiais com as demais bacias oceânicas.<sup>16</sup> Já o terceiro aspecto que pode ser destacado consiste no potencial de distribuição de calor, como destacado por Mata:

Além disso, a presença da CCA permite a existência de uma grande célula de revolvimento meridional, mecanismo de responsável pelo transporte e distribuição de calor do equador para os polos, incluindo o afundamento e afloramento de águas de fundo e profundas em altas latitudes.<sup>17</sup>

Nota-se a partir desses dados a grande importância do continente antártico e de seu oceano para o restante do planeta, demonstrando um sistema complexo de influências necessárias para que a vida tenha se desenvolvido e realizado sua manutenção, seja nos mares ou nos continentes.

---

<sup>14</sup> SIMOES, Jefferson. O ambiente antártico: domínio de extremos. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p.15-27, 2011, p.19.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p.22

<sup>16</sup> MATA, Mauricio Magalhães. Oceano Austral e o Clima. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p. 53-67, 2011, p.53

<sup>17</sup> *Ibid.*, p.54

No que diz respeito a Corrente Circumpolar Antártica, é possível destacar ainda outra questão pertinente a pesquisa e que diz respeito mais especificamente ao Estreito de Drake e a Península Antártica. Graças a existência desta corrente que vem circundando o continente, na medida em que se aproxima da passagem existente entre a América e a Antártica, ocorre um efeito de funil resultando em um dos mares mais violentos para a navegação do planeta. Essa passagem se torna ainda mais interessante se analisada sua importância enquanto rota comercial ou trajeto utilizado pelas expedições marítimas ao longo da história.

Por fim uma última característica da natureza antártica que precisa ser evidenciada é o papel da cobertura dos mares congelados e sua importância para a vida no planeta. O papel ambiental do gelo pode ser dividido em três principais, sendo que o primeiro consiste na manutenção do nível do mar, o que segundo Mata, é fornecido pela presença do gelo no Oceano Austral. Já o segundo está ligado com a interação do oceano com o gelo e sua interferência no sistema climático global, o qual encontra importância na seguinte forma:

Todos os processos de troca entre oceano e a atmosfera (calor, gases, água e momentum) que controlam o clima planetário são altamente modificados pela presença do gelo marinho, especialmente quando a superfície desse gelo está coberta por uma camada de neve, pois o gelo e a neve são maus condutores de calor.<sup>18</sup>

Assim, devido à essa qualidade em meses em que as temperaturas abaixam demasiadamente ocorre um controle nas trocas de calor reduzindo-as radicalmente e prevenindo um resfriamento ainda maior. Devido a este aspecto, é no Oceano Austral que as águas mais frias e densas do planeta são formadas e posteriormente enviadas para os demais oceanos através do movimento da Corrente Circumpolar Antártica.

Por fim, o último papel da camada de gelo consiste na manutenção dos gases de CO<sub>2</sub> e seu fluxo entre a atmosfera e o oceano. Isso ocorre porque o oceano austral atua absorvendo CO<sub>2</sub> e removendo-o em grandes quantidades da atmosfera.

Esse processo é conhecido como bomba biológica e seus mecanismos são altamente sensíveis a qualquer tipo de mudança ambiental seja natural ou antropogênica. Portanto, a ocorrência desses processos nos arredores da Antártica tem importância fundamental para a manutenção do clima do planeta.<sup>19</sup>

Mesmo com o conhecimento acerca de sua estrutura abiótica, o continente antártico é ainda hoje considerado um ambiente rico para estudos diversos, principalmente sobre suas questões bióticas (os animais e demais formas de vida que habitam suas planícies, mares e suas

---

<sup>18</sup> MATA, Mauricio Magalhães. Oceano Austral e o Clima. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p. 53-67, 2011, p.55.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p.57.

profundezas). Desta forma, mesmo com a necessidade de novas pesquisas, muito se conhece acerca daquela natureza e das condições da vida naquele ambiente. No entanto, no início do século XX não existia nenhum conhecimento sobre o seu interior e o pouco que se conhecia eram acerca das regiões marinhas em sua superficialidade. As expedições que foram desenvolvidas encontraram-se com o desconhecido, um desconhecido repleto de representações construídas ao longo de séculos. Neste sentido, os relatos das expedições analisados a seguir, apresentam um importante material para compreender como a sociedade humana representada por aqueles indivíduos imersos em determinado contexto de ciência, nacionalismo, e de valores e objetos pessoais narraram aquele ambiente e as relações tidas ao longo das suas experiências.

Tendo essas questões em mente, a seguinte dissertação está dividida em três capítulos que buscam dialogar entre si e construir uma problematização acerca do contato humano com o ambiente antártico. Desta forma, no primeiro capítulo o objetivo consiste em apresentar ao leitor a história deste continente que devido às condições de seu ambiente não possuía vida humana, aproximando assim sua história com a de sua exploração e representação pelas sociedades ao longo do tempo. Será problematizado os interesses que influenciaram esses empreendimentos e que constituíram o fenômeno que ficou conhecido como “Idade Heroica da Ciência Antártica”. Em seguida, o texto tratará de apresentar cada um dos autores e suas determinadas expedições, explorando suas singularidades, mentalidades e também os episódios mais marcantes que vivenciaram e que são narrados nas obras. De forma a finalizar o capítulo e apresentar os relatos utilizados, será realizada uma breve reflexão acerca de seu uso como fonte para o historiador, enfatizando sobretudo a história ambiental e a compreensão das narrativas enquanto elementos que transmitem uma experiência sensível e corporificada em determinado ambiente.

O segundo capítulo inicia com uma reflexão acerca da ideia de lugar e como todo ser humano estabelece vínculos através da sua experiência e que muitas vezes são inconscientes, mas que constituem os sujeitos em sua mais íntima e fundamental relação com a realidade. Em seguida, partindo desta compreensão de lugares que proporcionam elos afetivos ou não, o objetivo foi interpretar as relações daqueles sujeitos com os sentimentos de medo e angústias, que muitas vezes são considerados apenas como sentimentos ruins, mas que possuem influências importantes na sobrevivência dos seres vivos, e também na forma como esses percebem suas realidades. O objetivo final deste capítulo consiste em analisar mais profundamente a relação afetiva que os exploradores estabeleceram com aquele ambiente, indo além do medo, principalmente sua relação com os locais onde passaram grande parte do tempo: as cabanas e os navios. Problematizando o conceito de habitar, a pesquisa busca trabalhar com

a forma como os seres humanos exploram o mundo e em como esse movimento consiste em algo proveniente, primeiro, de uma relação com o corpo para então com o mundo.

O terceiro e último capítulo tem como objetivo principal analisar as relações entre espécies humanas e não humanas ao longo dos relatos. Inicialmente trabalhando a ideia de sistemas antropomórficos, podemos compreender melhor como ocorre as interações entre os humanos e os animais ao longo do tempo. A partir da análise dos relatos, o objetivo consiste em trabalhar com a ideia do animal “selvagem” e em como essa relação é permeada por uma observação a partir de um ponto de referência que gera intimidade, como por exemplo a antropomorfização. Em seguida, a atenção passa para os animais que foram levados junto nas expedições, o que incluída desde os cães, figuras icônicas nos relatos, até pôneis e outros. Ao longo deste momento são realizadas discussões acerca da ideia de domesticação, sua importância para a forma como os seres humanos percebem os demais seres e também em como essas relações divergem daquelas criadas com os animais de estimação.

Como destacado inicialmente, o objetivo desta pesquisa consiste em explorar as relações que as pessoas estabelecem com o mundo biofísico e com as outras espécies, através dos sentidos e sensibilidades provenientes de sua subjetividade enquanto algo físico/corporal. Para tal análise, o continente antártico representa um ambiente de valor sem igual, visto sua importância para o planeta e também sua história, marcada por conflitos imperialistas, ideais de natureza, a construção da figura heroica e o impacto sensível que representava para aqueles sujeitos inseridos em um local desconhecido e tido como “inóspito”, “terrível” e “inabitável”.

## **CAPÍTULO 1 – O ÚLTIMO CONTINENTE: ANTÁRTICA, EXPEDIÇÕES E OS RELATOS DE VIAGEM ENQUANTO FONTES DA EXPERIÊNCIA SENSÍVEL**

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a discussão acerca do desenvolvimento das expedições realizadas ao continente Antártico, com ênfase em três missões que foram selecionadas para compor essa pesquisa, assim como seus respectivos comandantes e autores dos relatos utilizados. Contudo, antes de seguirmos para o primeiro ponto, é necessário realizar uma breve digressão até séculos antes, com o intuito de contextualizar esses empreendimentos, que acima de tudo derivam de um processo de expansão pelos mares, avanços tecnológicos e interesses imperiais. Essa contextualização inicial é necessária para que você, caro leitor, perceba que o fenômeno que ocorreu no continente antártico não foi algo isolado, mas sim derivado de uma longa e tortuosa estrada que liga a ideia de nação, ciência moderna e o lugar da natureza para ambos.

Pelo que se tem conhecimento, as primeiras expedições europeias pelos mares ocorreram a partir de meados do século XV.<sup>20</sup> Inicialmente esses empreendimentos eram realizados por regiões costeiras, com o intuito de mapear e descobrir novas rotas comerciais. Mais tarde, os avanços tecnológicos, sobretudo, aqueles que desenvolveram embarcações mais resistentes, proporcionaram missões transatlânticas, cruzando os mares e representando os interesses dos impérios que estavam se constituindo. Segundo Elisa Schemes nessas expedições se tornou comum a presença tanto de soldados, comerciantes e mais tarde de religiosos, sendo seu objetivo principal a conquista de riquezas e novos territórios: “Essas expedições, que visavam o lucro, tinham como alvo descobrir novos territórios e encontrar riquezas, especialmente ouro”.<sup>21</sup>

Ao analisar a origem destas expedições pelo globo, o historiador Peter Burke<sup>22</sup>, as destaca como constituintes de uma primeira era de descobrimentos, marcada por grandes nomes de navegadores como Vasco da Gama (1469-1524) e Cristóvão Colombo (1451-1506), tendo

---

<sup>20</sup> Atualmente existem muitas suposições acerca de povos que teriam encontrado o continente antártico antes das expedições americanas e europeias. Em um dos estudos mais recentes, a pesquisadora da Manaaki Whenua Landcare Research, Priscilla Wehi, destaca evidências que indicam que os povos Maori possuem uma relação com o continente desde meados do século IIV, período em que o chefe polinésio Hui Te Rungiora e seus tripulantes teriam sido os primeiros seres humanos a navegar pelas águas antárticas. Ainda há dúvidas sobre essa suposição, sendo questionada após sua publicação. Contudo, pesquisas como essa destacam a grande atenção e interesse que este tema ainda possui. Dados disponíveis em: > <https://www.sciencealert.com/who-were-the-first-people-to-visit-antarctica-researchers-map-maori-s-long-history-with-the-icy-continent>>. Acessado em: 27 de fev. de 2023.

<sup>21</sup> SCHEMES, Elisa F. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianópolis: 2015, p.01.

<sup>22</sup> BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento 2: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p.23-24.

como uma de suas marcas a chegada dos europeus na América. Esses empreendimentos, contribuíram para o desenvolvimento mais tarde, entre os séculos XVIII e XIX, de uma segunda era de descobrimentos amparada pelo desenvolvimento de expedições científicas. Nesse período se acentuou o grande valorativo de estudos que foram realizados em diferentes partes do globo.

As viagens científicas que marcaram presença sobretudo a partir do século XVIII,<sup>23</sup> estão profundamente relacionadas com o ideal científico moderno e com um ideário de natureza, sobretudo, aquele desenvolvido após o período que ficou conhecido como Revolução Científica<sup>24</sup>. Antes deste momento, por muitos séculos a natureza foi observada como extensão do divino, constituindo-se em algo inexorável e imutável, uma criação de Deus deixada sob os cuidados do “homem”, seu guardião. Foi somente entre os séculos XVII e XIX em que houve um processo de mudança de concepção, pois como destaca Keith Thomas,<sup>25</sup> “esses séculos produziram tanto um intenso interesse pelo mundo natural como as dúvidas e ansiedades quanto à relação do homem com aquele que recebemos como herança em forma amplificada.” A revolução científica, além de ter iniciado um processo de desenvolvimento da ciência moderna graças ao seu modelo de racionalidade, alterou a própria ideia de natureza, configurando-a como algo mais suscetível ao escrutínio humano, processo que envolvia desde a pesquisa e catalogação das espécies até o estabelecimento de leis matemáticas.<sup>26</sup>

Essa nova ideia de natureza, que segundo Frank Baumer,<sup>27</sup> consistia em uma criação conjunta tanto da filosofia quanto da ciência, acabou predominando, sobretudo, após a revolução copernicana e do surgimento de filósofos como René Descartes e do seu paradigma

---

<sup>23</sup>Tem sido bastante debatido o surgimento das primeiras Expedições Científicas no mundo. Para Burke, muitos historiadores sugerem que as primeiras datariam do século XVIII, diante de um cenário de grande busca pelo conhecimento. Entretanto, para o autor essa suposição desconsidera outras expedições realizadas desde o século XVI, como o caso da expedição liderada por Francisco Hernandez, médico do Rei espanhol Filipe II, que empreendeu uma missão ao México (1571 – 1578) com objetivo de estudar as plantas medicinais. Contudo, podemos atribuir ao século XVIII, a institucionalização das expedições científicas, constituindo-se como um movimento ao redor do globo. (BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento 2: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p.27).

<sup>24</sup> A Revolução Científica foi um processo de inovação intelectual que teve início a partir do século XVII, com as publicações de Copérnico, dos novos estudos de Galileu Galilei e do surgimento do paradigma cartesiano com René Descartes, que ocasionaram um movimento de cisão e impulsionaram uma busca por novos conhecimentos. (BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento 1: de Gutenberg a Diderot*. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.42-43).

<sup>25</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia. De Bolso, 2010, p.19.

<sup>26</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos avançados*, 1988, p.48.

<sup>27</sup> BAUMER, Franklin L. Uma Natureza Nova. In: BAUMER, F. *O pensamento europeu moderno*. 1990, p.66.

cartesiano,<sup>28</sup> que forneceu a estrutura necessária para o desenvolvimento da ciência moderna e de uma nova forma dos seres humanos se relacionarem com o mundo natural. É a partir do ideal de que a natureza funcionaria mecanicamente, que os empreendimentos científicos se espalham rapidamente pelo globo.

Enquanto grandes empreendimentos, as expedições científicas necessitavam de um alto financiamento, tanto para custear as embarcações quanto os equipamentos e seus integrantes. Em grande quantidade, principalmente entre os séculos XVIII e XIX, essas expedições eram realizadas através do patrocínio dos Estados. Isso ocorre, principalmente, a partir do momento em que os Estados perceberam os malefícios das guerras, passando a observar a ciência como uma forma mais pacífica e segura de dominar novos povos e até mesmo regiões.<sup>29</sup> A publicação da obra de Charles Darwin, “A origem das espécies” e a forma como é recepcionada pelo público em 1859, contribuiu para que a ideia de que o mais apto a sobreviver seria aquele que primeiro dominasse a ciência, favorecendo sua instrumentalização em benefício dessas nações, assim como destacado pelo sociólogo Marcelo Fetz:

Na visão dos impérios, a prática científica, a necessidade de conhecer o interior dos continentes, a estrutura biológica e social, poderiam associar-se à vontade de expansão dos impérios, cumprindo o trabalho logístico de conhecer e dominar. A ciência, portanto, é instrumentalizada e, ao mesmo tempo em que contribuía para a expansão de um conhecimento objetivo, neutro, imparcial e sistemático sobre a realidade da natureza e da cultura, fomentou a expansão e o domínio territorial dos grandes impérios europeus.<sup>30</sup>

Desta forma, as expedições científicas além de permitirem um considerável tráfego de novos conhecimentos, contribuíram para que os grandes impérios adquirissem um maior crescimento territorial, econômico, social e cultural. Analisando o caso da Grã-Bretanha, especificamente, foi graças à predominância naval adquirida ao longo do período das guerras napoleônicas que se transformou em uma das maiores financiadoras de expedições científicas pelo globo, conciliando o grande número de embarcações e de uma marinha desenvolvida, com

---

<sup>28</sup> O Dualismo Cartesiano, ou teoria das duas substâncias, é um paradigma criado inicialmente por Galileu Galilei, mas que foi melhor desenvolvido por René Descartes no século XVII. Sua essência consistia em uma cisão do mundo em dois domínios, de um lado o espírito e do outro a matéria. Junto ao espírito se localizam a alma, a razão, ambos pertencentes ao “homem”, que neste momento se encontrava fora do domínio material onde estava localizada a natureza. Desta forma, o paradigma cartesiano forneceu a base para retirar o homem da natureza permitindo que esse dominasse tudo e todos que não se encontravam em seu domínio. A natureza no paradigma passou a ser vista como uma máquina, muitas vezes comparada a um relógio, tornando-a suscetível a leis matemáticas invariáveis que ajudariam a decifrá-la. (BAUMER, Franklin L. Uma Natureza Nova. In: BAUMER, F. *O pensamento europeu moderno*. 1990, p.66).

<sup>29</sup> HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo*. 5º Ed. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2000.

<sup>30</sup> FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, v. 14, 2011, p.46.

a construção de conhecimento empírico que ligasse tanto aspectos militares, quanto comerciais. Entre os principais objetivos desses empreendimentos destacam-se o estabelecimento de laços políticos e econômicos com outras nações, além de estratégias que contribuíssem para a exploração de suas “potencialidades”.<sup>31</sup>

Um outro agente financiador dessas expedições consiste nas instituições científicas e religiosas que ao longo da modernidade foram se constituindo e que viam nesses empreendimentos grande valor.<sup>32</sup> Entre algumas das instituições que mais se destacaram no período que corresponde do século XVIII ao XX, a *Royal Society* (RS) e a *Royal Geographical Society* (RGS) desempenharam um importante papel no cenário britânico e no desenvolvimento de expedições aos polos. A primeira, datada do século XVII, acarretou ao longo de sua história em inúmeras contribuições principalmente aos campos da matemática, física e química. A segunda, no entanto, constituída no século XIX, se destacou principalmente nos estudos geográficos e explorações que objetivavam cartografar o globo. Além destas, outras instituições tiveram grande importância na realização das expedições científicas, entre elas: Sociedade Geografia da Rússia, o Museu Etnógrafo Russo, a *Amazon Steam Navigation Company*, *South American Missionary Society*, Academia de Ciência de Munique.<sup>33</sup>

Entre os principais motivos que levavam essas instituições a patrocinarem ou desenvolverem esses empreendimentos podemos ressaltar suas recompensas, desde parte do mérito das conquistas da expedição, até a posse e escolha do destino dos materiais colhidos durante a viagem, indo desde os espécimes capturados até os registros científicos e relatos de viagem.<sup>34</sup> Além disso, é interessante ressaltar também que, além de instituições, inúmeros indivíduos pertencentes as elites, sobretudo europeias destinaram patrocínios para a realização desses empreendimentos. Seus incentivos estavam em desenvolver ou completar seus próprios museus particulares,<sup>35</sup> uma prática que desde o século XVI se tornou comum nas elites, assim como também do próprio desejo de se tornar um explorador.

---

<sup>31</sup> PASSETTI, Gabriel. O Brasil no relato de viagens do comandante Robert FitzRoy do HMS Beagle, 1828-1839. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 21, n. 3, p. 911-930, 2014, p.912.

<sup>32</sup> OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Elementos para uma sociologia dos Viajantes In: OLIVEIRA FILHO (org). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, p. 84-148, 1986, p.105

<sup>33</sup> OLIVEIRA FILHO, *loc. cit.*

<sup>34</sup> *Ibid.*, p.106.

<sup>35</sup> Para Leticia Julião, os museus tiveram maior importância a partir do século XV com grandes coleções principescas. A partir dos séculos XVI, XVII e XVIII, se destacam o aparecimento crescente de Gabinetes de Curiosidades e de coleções científicas, que segundo Julião eram formados por estudiosos que desejavam simular a natureza nesses espaços. Inicialmente essas coleções eram organizadas em “arranjos caóticos”, somente com o desenvolvimento científico que foram estabelecidos critérios que regiam a organização de gabinetes. Para Julião, desta forma, essas coleções deixavam de apenas serem objetos de curiosidades voltando-se para um ambiente de pesquisas e de ciência mais utilitária e pragmática. (JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. *Caderno de diretrizes museológicas*, v. 1, n. 2, 2006, p.21-22)



Na Terra e no mar, houve grandes contribuições ao conhecimento, sobretudo o geográfico, dadas por indivíduos sem qualquer pretensão científica, os próprios exploradores, com o auxílio – muitas vezes não reconhecido – de alguns autóctones das regiões que estavam explorando.<sup>36</sup>

Podemos observar através desta breve exposição, a complexidade do fenômeno das expedições científicas, envolvendo desde os interesses nacionais até os particulares de instituições e sujeitos que desenvolviam suas próprias missões com o intuito de receber seu mérito. Muitas missões foram destinadas aos lugares mais distantes do planeta, desde as regiões até então desconhecidas da África, até os locais mais inóspitos do planeta como a Sibéria. Desta forma, na medida em que grande parte do globo passava a constar no mapa, as expedições passaram a destinar seus esforços para estudar os oceanos e, sobretudo, suas profundezas. Entre essas missões, a mais famosa se tornou a do *HMS Challenger*, realizada entre os anos de 1872 e 1876.

Devido às suas descobertas, a missão do *HMS Challenger* se tornou umas das mais importantes expedições já realizadas, correspondendo a um crescente interesse tanto pela descoberta das profundezas oceânicas quanto ao favorecimento das comunicações intercontinentais que buscavam, através do uso de cabos, conectar os continentes. Segundo Edward Larson, em suas pesquisas a expedição revelou quatro grandes descobertas:

A primeira: o fundo do mar tinha cumes, vales e planaltos assim como a terra na superfície – só que em escala muito maior. A segunda: um lodo branco composta em grande parte por restos calcários de plânctons minúsculos cobria grande parte do fundo mar.<sup>37</sup>

A terceira descoberta, entretanto, foi a que gerou maior interesse por parte dos cientistas naturais: a existência de formas de vida complexas nas regiões mais profundas. Até então, acreditava-se que nessas regiões seria impossível a existência de vida, o que durante a expedição mostrou-se estar incorreto. Como prova, foram encontradas mais de 4.700 formas de vida antes desconhecidas.<sup>38</sup>

As dragas trouxeram à tona esponjas, corais, lírios-do-mar, estrelas-do-mar, ouriços-do-mar, crustáceos, moluscos e até mesmo alguns peixes, muitos em formas nunca vistas antes pelos humanos, exceto talvez como fósseis de períodos geológicos anteriores.<sup>39</sup>

<sup>36</sup> BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento 2: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p.27.

<sup>37</sup> LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015, p.92.

<sup>38</sup> BURKE, *op. cit.*, p.29.

<sup>39</sup> LARSON, *op. cit.* p. 93.

Já a quarta descoberta dizia respeito às temperaturas do fundo dos oceanos, onde foi possível comprovar que diferente do que ocorria nas proximidades da superfície, as regiões mais profundas possuíam temperaturas regulares, o que permitia o estabelecimento de padrões de temperaturas a serem desenvolvidos pelos cientistas.

A missão *Challenger* teve um importante papel no que mais tarde seria conhecido como a “Idade Heroica da Ciência na Antártica”, incentivando que inúmeras nações destinassem missões com o intuito de realizar observações e coletas no continente recém-descoberto. Cabe ao próximo tópico apresentar a história deste continente, assim como os motivos que levaram sua descoberta até as expedições científicas e a corrida pela sua conquista. Compreender esse contexto, contribui para a construção da identidade do que mais tarde serão nossos sujeitos de análise, sendo impossível dissociá-los do ideal científico e nacional dos quais são constituintes.

## 1.1 A ANTÁRTICA E A CIÊNCIA: A HISTÓRIA DE UM CONTINENTE

A história do continente Antártico está profundamente relacionada com as histórias das expedições desenvolvidas ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. Contudo, as primeiras menções à suposta existência de porções de terra na região austral são encontradas na antiguidade clássica, inicialmente com Pitágoras (500 a.C.) e em seguida com Ptolomeu de Alexandria (150 d.C.). A própria terminologia empregada para acunhar o continente consiste em uma herança deixada pela antiguidade grega. A expressão “Antártica” advém de *Anti-Arkticos*, utilizado para designar a porção de terra ao sul do planeta, se opondo a *Arkticos* – Ártico (porção norte).<sup>40</sup> Sobre sua nomenclatura destaca Capozoli:

O nome *Antártica* surge, por derivação, de *Ártico*. Este nome originalmente vem do grego *arkticos* que significa “urso”, e o Polo celeste norte é marcado exatamente pela estrela alfa da constelação da Ursa Menor. É a estrela Polar. No caso da Antártica, o nome se originou de *anti-Ártico*, formando o adjetivo “antártico” e a subjetivo “antártica”. Posteriormente, por analogia com Atlântida, o continente perdido de muitas lendas, surgiu o nome Antártida.<sup>41</sup>

Acerca da nomenclatura do continente, vale ressaltar uma dúvida que nos últimos anos vem se intensificando sobre qual a forma correta de se referir a ele, se seria Antártica ou Antártida. Para responder essa dúvida precisamos considerar que por muito tempo no Brasil foi comum se referir ao continente como Antártida, enquanto antártica representava um adjetivo, como por exemplo “natureza antártica”. Contudo, nas últimas décadas vem se tornando mais

<sup>40</sup> MENESES, 1982, p.33. *Apud.* SCHELLMANN, Karin. *Do mito à realidade: um olhar sobre a Antártica através dos signos e representações*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, 2005, p.50.

<sup>41</sup> CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ªEd. São Paulo: Edusp, 2001, p.141.

comum o uso de Antártica para designar o continente devido a própria origem do nome e sua posição de oposição ao Ártico. Até o momento nenhuma norma ou regra entrou em vigor, ou seja, ambas as expressões podem ser consideradas corretas. Neste trabalho será utilizado principalmente a nomenclatura “Antártica”, por ser a mais comum nas áreas da geografia e da biologia.

Baseados nos estudos de Ptolomeu e de sua obra “A Geografia”, muitos mapas foram confeccionados a partir do século XVI, já incluindo porções terrestres nas regiões austrais, de forma a demarcar o território antártico. Como Ptolomeu acreditava, esses mapas se destacavam por apresentarem esses territórios ligados a outros continentes, como o americano e o africano. Essa teoria se manteve até a realização das primeiras expedições ao Estreito de Magalhães, como a comandada pelo explorador Francis Drake em 1577, que comprovou que se existisse terras mais ao sul, essas não teriam nenhuma ligação com os demais continentes.

Figura 3 - Mapa do continente antártico representado juntamente com o território das américas em cartografia de 1548



Fonte do mapa: SHOAC, 1993, p.51 *apud* SCHELLMANN, 2005, p.46.

Com base nos novos conhecimentos que se tem a respeito da Antártica, se sabe que sua distância linear da América consiste em aproximadamente mil quilômetros. Além disso, sabe-se que sua porção terrestre é estimada em 14,2 milhões de km<sup>2</sup> dos quais cerca de 95% estão

cobertos por espessas camadas de gelo centenárias.<sup>42</sup> Mesmo com uma massa de terra tão extensa, sua suposta descoberta ocorreu apenas no ano de 1772, através da expedição britânica comandada pelo Capitão James Cook (1728-1779). Segundo Larson,<sup>43</sup> a missão empreendida pelo capitão Cook rumo a suposta porção de terra teve como principal motivador os interesses do governo britânicos que devido a sua tradição de longa data em expedições navais, reivindicavam e almejavam a Antártica com o intuito que sua massa de terra equilibrasse os continentes do Norte.

Durante a exploração, Cook realizou três tentativas de se aproximar de onde se supunha localizar as terras austrais. Em todas as tentativas, foi impedido de avançar pelas grandes massas de gelo que circundam o continente. Contudo, suas investidas o levaram até a latitude 60° Sul, o mais ao sul que qualquer outra expedição realizada tinha alcançado, até precisar desistir e retornar a Europa, mantendo o continente e sua localização ainda ocultos e protegidos pelo gelo ao redor: “Ao circunvarar o globo por volta da latitude 60° Sul, demonstrou que, se existisse um continente antártico, este deveria ficar muito mais ao sul, além de um desencorajador bloqueio de gelo marinho”.<sup>44</sup>

Mesmo não alcançando os objetivos da missão, as descobertas de Cook motivaram muitas nações a partir do século XVIII a destinarem esforços para chegar ao continente. Desta forma, segundo Schellmann, a história da Antártica pode ser dividida em três momentos, sendo o primeiro o de realização das expedições de Francis Drake e de Fernão de Magalhães (1570-80), que acarretaram nas primeiras informações acerca do continente.<sup>45</sup> Em seguida, a segunda fase alcançou seu ápice com a expedição de James Cook e com a “descoberta” do continente realizado por Edward Bransfield em 1820. E, por fim, a terceira fase consiste na ação das nações em colonizar e explorar a região, enviando diversos empreendimentos em um exercício que podemos observar presente ainda atualmente.

A ciência também teve um importante papel na atenção que se voltou ao continente entre os séculos XVIII ao XX, principalmente após as descobertas das interferências que os polos magnéticos tinham na navegação que era, sobretudo, realizada através da utilização de bússolas.

---

<sup>42</sup> VIEIRA, Friederick Brum. O tratado da Antártica: perspectivas territorialista e internacionalista. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, 2006, p.50.

<sup>43</sup> LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015, p.02.

<sup>44</sup> LARSON., *loc. cit.*

<sup>45</sup> Essas informações dizem respeito ao fato de o continente não possuir nenhuma ligação com a América ou com a África. (SCHELLMANN, Karin. *Do mito à realidade: um olhar sobre a Antártica através dos signos e representações*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, 2005, p.46)

Os navegadores europeus usavam bússolas magnéticas desde a Idade Média, e já em 1600 o filósofo natural britânico William Gilbert mostrou que a agulha de uma bússola aponta para o norte porque a Terra em si é um ímã. No entanto, as agulhas das bússolas não apontam direto para o Norte: em vez disso, oscilam horizontalmente em direção (embora nem sempre de forma direta) a um Polo Norte magnético. A navegação de longa distância orientada por bússola exigia o conhecimento da variação precisa (ou declinação) entre os nortes geográfico e magnético. Essa declinação variava de lugar e ao longo do tempo sem leis conhecidas para explicar tais mudanças. Além disso, conforme se aproxima de um polo magnético, a agulha magnetizada abaixa (ou se inclina) verticalmente em direção ao polo.<sup>46</sup>

A partir dessas descobertas, a busca por estudos acerca do magnetismo incentivou uma “Cruzada Magnética” destinando inúmeros pesquisadores aos lugares mais distantes para realizar pesquisas e estabelecer observatórios magnéticos. A expressão “Cruzada Magnética”, segundo Larson,<sup>47</sup> foi utilizada em alusão aos movimentos evangélicos que ocorriam na Inglaterra, se associando a esse fenômeno científico que ocorria a partir da década de 1830, que buscava mapear o campo magnético ao redor do planeta. Neste cenário, a instituição *British Association for the Advancement of Science* (BASS) foi uma das principais financiadoras de expedições, enquanto a Antártica começou a ser considerada como uma verdadeira “Terra Sagrada”, visto a importância dos polos para esses estudos.

No período de meados do século XIX, muitos exploradores receberam fama devido às suas pesquisas referentes ao magnetismo no planeta, entre eles Alexander Von Humboldt (1769-1859), que desenvolveu uma teoria que demonstrava como diferentes forças dinâmicas cósmicas e terrestres tinham potencial para afetar o campo magnético do planeta, ocasionando em mudanças ao longo do tempo e lugar.<sup>48</sup> Diante destas pesquisas, os britânicos se viram incentivados a desenvolver uma nova expedição que tinha como destino a Antártica. Desta forma, foi empreendida a missão a bordo dos navios *Erebus* e *Terror*, comandada pelo importante explorador inglês James Clark Ross (1800-1862), que em 1831 havia sido o primeiro homem a encontrar o Polo Norte Magnético.<sup>49</sup>

Em seus relatos, Amundsen destaca Ross como sendo “um dos mais intrépidos exploradores polares e um dos mais capazes navegadores que o mundo já produziu”.<sup>50</sup> A missão de Ross a bordo do *Erebus* e *Terror* teve início no ano de 1839 e durou até meados de 1843, entre seus principais objetivos estavam o de realizar observações magnéticas ao longo de toda

<sup>46</sup> LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.p.28-29.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p.29.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p.30.

<sup>49</sup> HUNTFORD, Roland. *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Polo Sul*. Trad. José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.29.

<sup>50</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.24.

a rota e, se possível, análises científicas na região antártica. Em 1841, Ross cruzou pela primeira vez o Círculo Polar Antártico sem problemas, visto que suas embarcações consistiam em grandes navios de guerra do tipo veleiro, não tendo dificuldades em adentrar a grande barreira de gelo que até então havia impedido outras missões de se aproximar.

Ao longo de sua expedição, Ross chegou mais ao Sul que qualquer outra havia conseguido, alcançando a latitude 78°,04 Sul. Durante seu percurso foram encontradas porções de terra que mais tarde se descobriu consistirem em uma ilha que acabou recebendo o seu próprio nome<sup>51</sup>. Além disso, Ross também encontrou duas grandes montanhas, que depois se mostraram sendo vulcões (um ainda em atividade), as quais batizou em homenagem aos seus dois navios: “A expedição prosseguiu rumo ao sul, fazendo novas descobertas. Ainda em janeiro, duas altas montanhas – os montes *Erebus* e *Terror* – foram avistadas pela primeira vez. O primeiro era um vulcão ativo, do qual fogo e fumaça elevavam-se ao céu.”<sup>52</sup>

Mesmo que seu objetivo central girasse em torno do magnetismo, o maior legado da expedição de Ross foi geográfico. Além disso, a expedição também acarretou em diversos estudos acerca de plantas coletadas durante a viagem pelo médico-assistente Joseph Dalton Hooker. Contudo, os conhecimentos adquiridos sobre o magnetismo, mesmo não alcançando grande notoriedade quanto os geográficos, contribuíram para que outras expedições como a do *HMS Pagoda* (1845) fossem desenvolvidas.

Foi acompanhando esses empreendimentos que a missão do *HMS Challenger* seguiu para as regiões próximas ao continente na década de 1870. Em suas análises sobre o magnetismo, os estudos desenvolvidos pela expedição acabaram demonstrando que o Polo Sul Magnético, que Ross havia tentado encontrar quase trinta anos antes, havia sofrido uma significativa mudança geográfica promovendo novos estudos.

Esses empreendimentos se tornaram ainda mais acirrados no início da década de 1880, pois, segundo Larson,<sup>53</sup> o Reino Unido, que até então tinha se destacado na “Cruzada Magnética”, encontrou um novo rival. Após a derrota da França na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), a Alemanha estava se destacando e se desenvolvendo, sobretudo, em sua força naval. Desde Von Humboldt, os alemães vinham desenvolvendo pesquisas relacionadas ao

---

<sup>51</sup> “Ilha de Ross” foi o nome dado por Robert Falcon Scott, homenageando Ross. Em sua história consistiu em um importante ponto para as expedições futuras, servindo como um dos principais locais para o estabelecimento das bases. Entre essas expedições a do *Discovery* e do *Terra Nova*, ambas comandadas por Scott (AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegre, Coleção Mundo afora. 2001. p.26).

<sup>52</sup> AMUNDSEN, *loc.cit.*

<sup>53</sup> LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015. p.39.

magnetismo e, após sua morte, Georg Von Neumayer (1826-1909) passou a ser um dos principais estudiosos do tema, incentivando a realização de expedições nacionais alemãs ao continente Antártico. Imerso em um cenário de grande crescimento dos ideais de “raça superior” e sentimentos nacionalistas, os ingleses “ameaçados” decidem novamente empreender novas missões ao continente cerca de cinquenta anos após o retorno da expedição de Ross.<sup>54</sup> Enquanto isso, em janeiro de 1895 a expedição baleeira do *Antarctic*, comandada pelo Capitão norueguês Leonard Kristensen (1857-1911), fez pela primeira vez um desembarque no continente Antártico, no cabo de Adare, na Terra de Victoria.<sup>55</sup>

É importante ressaltar que expedições baleeiras ao Sul se tornaram bastante comuns durante os séculos XIX e XX, especialmente, devido aos grandes números de baleias que viviam na região e ao grande movimento ligado à sua caça e extração do óleo para iluminação. Além disso, muitos desses baleeiros eram bem equipados e as burocracias a seu respeito eram menores, o que facilitava o seu desenvolvimento, tornando-os um dos principais meios para a exploração do continente.<sup>56</sup>

A expedição sob comando de Kristensen, na medida em que realizou o primeiro desembarque no continente Antártico, estabeleceu um marco para as expedições que vieram a seguir, dando início ao período que ficou conhecido como “Idade Heroica da Ciência Antártica”. Essa expressão, mesmo que possa facilmente ser encontrada em obras literárias atribuindo sua origem à expedição do *Discovery* (1901-1904), foi utilizada de acordo com David Crane (2005) citado por Cassel,<sup>57</sup> pela primeira vez em uma conferência da *Royal Geographical Society* em Londres em 1893, após os últimos resultados da expedição do *Challenger* serem entregues. Esses resultados motivaram em seguida, no ano de 1895, durante o VI Congresso Internacional de Geografia, realizado também em Londres, uma solicitação a partir de uma resolução para que todas as sociedades científicas do mundo desenvolvessem missões ao continente Antártico. Desta maneira, através da expedição do *Bélgica* (1897-1899), organizada e financiada pela Sociedade Geográfica Belga, a Idade Heroica recebeu o impulso para ser “inaugurada”.<sup>58</sup> Entre os participantes da expedição belga comandada por Adrien

---

<sup>54</sup> RIFFENBURGH, Beau. *A expedição esquecida de Shackleton: A viagem do NIMROD*. São Paulo: Editora Planeta, 2005, p.43.

<sup>55</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p. 29.

<sup>56</sup> SCHELLMANN, Karin. *Do mito à realidade: um olhar sobre a Antártica através dos signos e representações*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, 2005, p.63.

<sup>57</sup> CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p.24-25.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p.25.

Gelarche (1866-1934), estava o jovem Roald Amundsen, que anos mais tarde seria responsável pela conquista do continente em sua própria expedição. Em seus relatos, Amundsen destaca a importância da expedição de Gelarche: “A fase épica na pesquisa antártica iniciou-se com a expedição belga sob o comando de Adrien de Gelarche no navio *BELGICA*. Dificilmente algum homem enfrentou uma luta mais árdua para organizar um empreendimento que Gelarche”.<sup>59</sup>

Como a própria expressão deixa claro, a Idade Heroica destaca um momento em que os participantes dessas expedições eram considerados como verdadeiros heróis nacionais por arriscarem suas vidas em um dos lugares mais remotos do planeta. Esses empreendimentos iam ao encontro com o crescente desejo nacionalista que emergiu mais intensamente entre os anos de 1880 e 1914.<sup>60</sup> Deste modo, durante os últimos anos do século XIX, e durante as duas primeiras décadas do século XX, muitas nações destinaram esforços para enviar missões ao continente<sup>61</sup>. Algumas receberam notável fama devido as suas conquistas, fossem elas científicas ou não. Entre essas, duas em especial possuem ligação com sujeitos de análise desta pesquisa, sendo elas a do *Discovery* (1901-1904) e do *Nimrod* (1907-1908).

A Expedição Antártica Nacional Britânica, ou expedição do *Discovery* como ficou conhecida, foi um empreendimento organizado pela *Royal Geographical Society* em parceria com a *Royal Society* e com o apoio do Almirantado britânico, órgão máximo da marinha inglesa. A expedição teve seu início em 6 de agosto de 1901 quando a embarcação do *Discovery* deixou a Inglaterra sob comando do jovem capitão Robert Falcon Scott. A expedição tinha como objetivo passar um inverno na Antártica, contudo a embarcação acabou ficando presa nas banquisas de gelo,<sup>62</sup> prolongando a missão, chegando a passar dois invernos no continente e regressando a Inglaterra somente em 1904.

A missão do *Discovery* tinha também entre suas principais metas a realização de dragagens do fundo dos oceanos e a execução de observações magnéticas ao longo de sua rota e principalmente no continente. Segundo Larson, a expedição nunca teve como um de seus objetivos pré-estabelecidos a conquista do Polo Sul, contudo, o historiador acentua que:

---

<sup>59</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.29.

<sup>60</sup> HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2016, p.224.

<sup>61</sup> Entre as expedições realizadas neste período estavam a inglesa do *Southern Cross*, comandada por Cartens Borchgrevink (1899-1900), a expedição do *Valdivia* (1900), comandada pelo professor Chun, de Leipzig, expedição alemã do *Gauss* (1901-1903), comandada por Erich Von Drygalski, a expedição escocesa do *Scotia* (1902-1904), sob comando de Willian S. Bruce e a francesa liderada pelo cientista Jean-Baptiste Charcot que realizou duas incursões entre os anos de 1903 e 1910.

<sup>62</sup> Banquisas de gelo são placas de gelo soldadas umas às outras por congelamento, podendo cobrir centenas de quilômetros das massas d’água. (SIMÕES, Jefferson C. Glossário da língua portuguesa da neve, do gelo e termos correlatos. *Pesquisa Antártica Brasileira*, 2004, p.122).



Embora os cientistas e as sociedades científicas britânicas que promoviam a renovação da pesquisa antártica afirmassem que a expedição Discovery seria apenas para fins da ciência e geografia, e não uma disparada para o Polo Sul em busca de recordes, Markham e Scott com certeza tinham esse objetivo em mente desde o começo, mesmo que não o admitissem.<sup>63</sup>

Desta forma, a expedição realizou duas incursões em busca do aclamado Polo Sul. Em sua primeira tentativa realizada em 1902, o grupo era composto por Scott, Edward Adrian Wilson, o cirurgião e zoólogo da expedição e pelo terceiro oficial Ernest Shackleton. Segundo Larson, Wilson relatou em seu diário, de acordo com o que ouviu de Scott:

Nosso objetivo é chegar o mais ao sul possível em linha reta na barreira de gelo, chegar ao polo, se possível, ou encontrar terras novas; de qualquer maneira, fazer tudo o que pudermos durante esse tempo e voltar para o navio no final de janeiro.<sup>64</sup>

Durante esse percurso, Scott e seus homens percorreram cerca de oitocentos quilômetros até, devido as difíceis condições climáticas, acabarem adoecendo. Shackleton, em especial, acabou contraindo escorbuto, doença causada pela falta de vitamina C, decorrente principalmente de uma má alimentação com ausência de água e carne fresca, e que assombrava todas as expedições ao continente. Roland Huntford,<sup>65</sup> através do poeta português Camões descreve-a da seguinte forma:

*“Doença crua e feia,  
A mais que eu nunca vi...  
(...)  
Quem haverá que, sem o ver, o creia  
Que tão disformemente ali lhe incharam  
As gengivas na boca, que crescia  
A carne e juntamente apodrecia?  
Apodrecia co’um fétido e bruto  
Cheiro, que o ar vizinho inficionava”*

Devido ao estado de Shackleton, o grupo, que a essa altura já havia perdido os doze cães que haviam levado consigo, foi obrigado a puxar os trenós e carregar o corpo de seu colega até o acampamento. Após essa árdua incursão, a expedição também tentou mais tarde, em sua segunda primavera, enquanto ainda se mantinham presos no gelo, uma nova incursão rumo ao oeste, onde Scott e sua equipe realizaram inúmeras observações científicas, mas sem sucesso em alcançar o polo geográfico.

Considerada uma das grandes empreitadas já realizadas, a expedição ficou mundialmente conhecida devido aos conhecimentos adquiridos ao longo de sua realização e

<sup>63</sup> LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015, p.79.

<sup>64</sup> WILSON, 1967, p.150-151 *apud, Ibid.*, p.80.

<sup>65</sup> HUNTFORD, Roland. *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Polo Sul*. Trad. José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.90.

por ter alcançado a posição mais ao Sul do planeta até então, a latitude 82°,17'S. Contudo, mais do que acarretar descobertas científicas, também levou o nome de Scott a encabeçar o topo de uma lista de grandes exploradores, ressoando como uma “primeira demonstração pública de seu valor”.<sup>66</sup>

Após seu retorno à Inglaterra, o sucesso da expedição contribuiu para que anos mais tarde Scott tenha desenvolvido uma nova missão ao continente, mas desta vez, a busca pelo Polo Sul geográfico configurava como um de seus principais objetivos. Assim foi formada a expedição do *Terra Nova*. Porém, antes que a missão de Scott iniciasse, no ano de 1907 Ernest Shackleton deu início à expedição do *Nimrod*.

Financiada através de subsídios privados, Shackleton encontrou diversos obstáculos para a arrecadação de capital, principalmente devido a conflitos com Robert Falcon Scott, com o qual manteve mágoas após ser apresentado nos relatos da missão do *Discovery* como alguém que precisou de ajuda para ser transportado.

Poucas pessoas depositaram nele alguma fé. Pois não fora o homem que precisou ser enviado de volta após o primeiro ano na Antártida? Por que então quer voltar lá outra vez? Ele já mostrou muito bem que não pode suportar esse tipo de empreendimento! Assim, Shackleton teve de enfrentar uma árdua batalha para levantar o capital necessário.<sup>67</sup>

O objetivo da missão era, sobretudo, a conquista do polo e foi com essa meta que a expedição teve início em agosto de 1907.

Repleta de dívidas e sem grande alarde, sua expedição partiu da Inglaterra em agosto de 1907, a bordo do NIMROD, rumo ao Polo Sul. Com surpreendente franqueza, declara seu intencão de tentar alcançar o próprio Polo. Essa sincera franqueza foi algo que me impressionou, fazendo-me dirigir olhares mais atentos a esse homem; acompanhei, posteriormente, seus passos, com grande interesse. A expedição, pouco comentada ao partir, foi logo esquecida. No máximo, as pessoas ligavam seu nome ao posto de tenente da Marinha Real. E os meses se passaram...<sup>68</sup>

Segundo Amundsen, em fins do mês de março do ano de 1909, os telégrafos trouxeram as primeiras notícias sobre a expedição, as quais acabaram por agitar todo o mundo. A expedição em si fracassou em seu objetivo de alcançar o aclamado Polo Sul, no entanto, bateu novamente o recorde, indo mais ao sul. Chegando até a latitude 88.23'S, Shackleton e mais três

<sup>66</sup> Para Larson, a expedição do *Discovery* teve o mesmo efeito para Scott que a missão no Zambeze teve para Livingstone (1852-1856), explorador que ficou famoso após suas jornadas em meio a regiões desconhecidas do continente africano, tornando-o em um herói nacional de “proporções míticas” (LARSON, *op. cit.*, p.79).

<sup>67</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001. p.39.

<sup>68</sup> AMUNDSEN, *loc.cit.*

de seus subordinados são lembrados nos relatos de Amundsen, se destacando devido sua coragem e grande façanha.

Ao ler o diário de Shackleton, é impossível não sentir ilimitada admiração por esses quatro heróis. A história das explorações dificilmente mostrará uma prova mais clara do que os homens são capazes de realizar quando exercem com toda a plenitude sua força física e espiritual. Esses homens ergueram um monumento, não apenas a eles próprios e a sua conquista, mas, principalmente, em honra de sua pátria e de toda a humanidade.<sup>69</sup>

Além de seu grande avanço em direção ao Polo, a expedição também foi responsável por uma grande série de observações magnéticas. Um grupo formado pelos cientistas da expedição constituído por Edgeworth David, Douglas Mawson e Alistair Mackay realizou um percurso de aproximadamente dois mil e trezentos quilômetros até o Polo Sul Magnético, onde fizeram inúmeras observações.<sup>70</sup> Devido ao sucesso da expedição, todos os participantes foram celebrados como verdadeiros heróis nacionais. Shackleton, em particular, foi condecorado como cavaleiro pela rainha, recebendo o título de “Sir”.

Essas duas expedições ajudam a compreender as que vieram posteriormente e que aqui são analisadas, uma vez que inserem os dois comandantes neste movimento de expedições ao continente Antártico e demonstram a necessidade do sucesso para conseguirem que novas expedições fossem realizadas, desde a arrecadação de fundos, até as burocracias necessárias. Desta forma, a seguir iremos tratar dessas três expedições, seus comandantes, interesses e os relatos que nos permitem investigar as percepções sobre a natureza antártica a partir dos próprios participantes da missão.

## 1.2 UM HERÓI NACIONAL: SCOTT E A MISSÃO DO *TERRA NOVA*

Se houvéssemos sobrevivido, eu teria muitas histórias para contar a respeito da bravura, resistência e coragem de meus companheiros, e essas histórias tocariam o coração de todos os ingleses. Essas singelas mensagens e nossos corpos sem vida haverão de transmitir a história, mas com certeza, com certeza, uma grande e rica nação como a nossa haverá de amparar aqueles que de nós dependem.<sup>71</sup>

Robert Falcon Scott era filho de John Edward Scott, proprietário de uma cervejaria localizada em Plymouth na Inglaterra, uma herança familiar que seu pai e tio haviam adquirido através dos valores recebidos de sua participação nas guerras napoleônicas. John casou-se com Hannah Canning, filha de um supervisor de Lloyd, membro da Câmara de Comércio de

<sup>69</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001. p.39. p.41.

<sup>70</sup> AMUNDSEN, *loc.cit.*

<sup>71</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.542.

Plymouth. Juntos tiveram seis filhos, sendo quatro meninas e dois meninos, entre eles Robert Falcon Scott.

Robert nasceu em Devonport no dia 6 de junho de 1828, sendo o terceiro filho de John e Hannah.<sup>72</sup> Passou sua infância e juventude em Devonport, local onde residiam em uma propriedade de aproximadamente 8.000m<sup>2</sup>, o que possibilitou, segundo Preston,<sup>73</sup> uma infância feliz e animada com a presença de vários irmãos. Ainda jovem foi enviado para a Escola Preparatória Naval de Foster, localizada em *Stubbington House*, na cidade de Fareham. O objetivo era se candidatar ao posto de cadete, o que ocorreu próximo a completar treze anos. Em 1881, após passar no exame, iniciou sua capacitação no *HMS Britannia*, um navio de treinamento que ficava ancorado no Rio Dart a cerca de 200 milhas de Londres.<sup>74</sup> Durante sua carreira entrou em várias embarcações e como acentua Preston, se destacou recebendo recomendações de seus superiores. Em 1886, foi admitido no *HMS Rover* do esquadrão de treinamento, foi quando teve seu primeiro contato com Clements Markham, que mais tarde seria a peça essencial para que Scott fosse selecionado para a missão ao continente Antártico.

Em 1888, Scott foi promovido a subtenente e entrou para a tripulação do *Amphion*, um cruzador de segunda classe. Um ano mais tarde fora promovido novamente, chegando ao cargo de tenente. Diante de inúmeras possibilidades, Scott optou por se especializar e iniciar o treinamento com torpedos, se mudando para a embarcação de treinamento em torpedos *Vernon*, em 1891. Após seu pai vender a cervejaria em 1894, Robert procurou se estabelecer mais próximo de sua família. Para isso, pediu transferência para o *HMS Defiance*, um torpedeiro ancorado em Devonport. Após a crise que levava seu pai a vender a cervejaria ter passado, Scott se candidatou ao navio de batalha *Empress of India*, onde pela segunda vez, depois de nove anos, encontrou novamente Markham. Seu último posto antes de sua primeira jornada ao continente Antártico foi realizado no navio *Majestic*, que fazia parte da Esquadra do Canal da Mancha em 1897.<sup>75</sup> Neste mesmo ano, Scott se tornou tenente da marinha.<sup>76</sup>

Segundo Preston, as dificuldades que se impuseram a Scott ao longo de sua vida, primeiro a morte de seu pai em 1897, e mais tarde de seu irmão Archie em 1898, além das

---

<sup>72</sup> PRESTON, Diana. *Rumo ao Polo Sul: A trágica história de Robert Falcon Scott*. 1ª Edição. São Paulo, Editora 34. 1999, p.38.

<sup>73</sup> PRESTON, *loc.cit.*

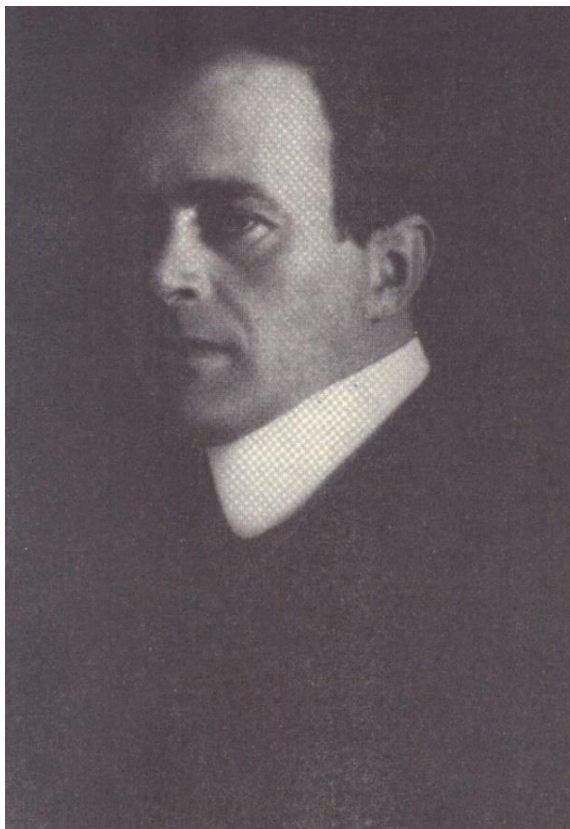
<sup>74</sup> HUNTFORD, Roland. *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Polo Sul*. Trad. José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.153.

<sup>75</sup> Poucos meses após sua transferência ocorrer, John, pai de Scott acaba morrendo de um mal cardíaco tornando Scott e seu irmão, Archie, responsáveis pelos cuidados de sua mãe, Hannah, e suas irmãs mais novas, Grace e Katherine.

<sup>76</sup> Dados disponíveis em < <https://www.britannica.com/biography/Robert-Falcon-Scott> >. Acessado em 01 out. 2021.

condições financeiras precárias, tornaram Scott “num homem determinado a agarrar suas oportunidades e a desviar-se do previsível”.<sup>77</sup> Desta forma, quando foi selecionado por Sir Clements Markham para comandar a expedição ao sul, Scott decidiu aceitá-la.

Figura 4 – Robert Falcon Scott



Fonte: SCOTT, 2002, p.05

Ao contrário de Shackleton, que acabou sendo prejudicado no período posterior a expedição do *Discovery*, Scott se consolidou como uma figura importante no cenário intelectual inglês. Mesmo que no início da missão, o jovem rapaz de 32 anos se apresentasse enquanto alguém sem aptidões científicas, foi ao longo da missão desenvolvendo-as e se tornando um importante participante junto aos cientistas das observações e medições.<sup>78</sup> Ao retornar para a Europa, obteve com considerável facilidade patrocínios para desenvolver sua própria missão.

A Expedição Britânica-Antártica, ou Expedição do *Terra Nova* como ficou mais conhecida, teve seus preparativos iniciados logo após o retorno de Scott à Europa. Para custear a expedição, diferente do *Discovery* que fora financiada através do patrocínio da *Royal Society* em parceria com a *Royal Geographical Society*, a expedição da *Terra Nova* recorreu à

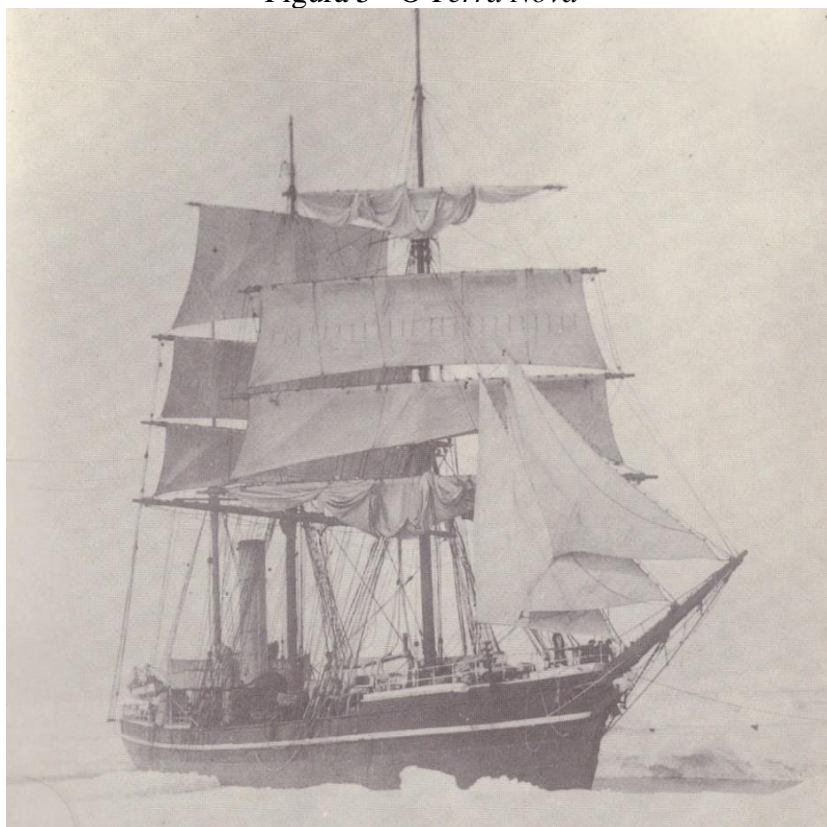
---

<sup>77</sup> PRESTON, Diana. *Rumo ao Polo Sul: A trágica história de Robert Falcon Scott*. 1ª Edição. São Paulo, Editora 34. 1999, p.47-48.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p.127-129

arrecadação pública e ao apoio de empresas comerciais para a arrecadação dos suprimentos e equipamentos necessários para a jornada. Além disso, o próprio governo britânico contribuiria com uma parte das 40 mil libras que Scott considerava serem necessárias para o empreendimento. Entre os valorativos destinados à expedição, seu maior custo foi a compra do navio *Terra Nova*, embarcação a qual Scott já conhecera quando fora enviado na missão de resgate do *Discovery*, depois deste ter ficado preso no gelo além do período esperado. Seu custo foi de aproximadamente 12.500 libras e consistia em um baleeiro de três mastros, pesando aproximadamente 700 toneladas, construído em Dundee, na Escócia, em 1884.<sup>79</sup>

Figura 5 - O *Terra Nova*



Fonte: CHERRY-GARRARD, 1999.

A expedição era composta por 63 participantes, o que incluía uma extensa equipe científica, os tripulantes da embarcação, os oficiais e equipe de terra. Os participantes foram selecionados entre uma extensa lista de nomes que se candidataram para a expedição, sobretudo, para compor a equipe científica. Já os marinheiros destinados a navegar a embarcação, em sua maioria, foram cedidos pelo Almirantado Britânico. Dos sessenta e três

---

<sup>79</sup> CHERRY-GARRARD, Apsley. *A pior viagem do mundo: a última expedição de Scott à Antártica*. Companhia das Letras, São Paulo. 1999.

participantes da expedição apenas dezenove desembarcaram no continente,<sup>80</sup> sendo sete oficiais, incluindo Scott, e doze cientistas. Além disso, a expedição contava com a presença de inúmeros cães e pôneis que seriam utilizados na jornada ao polo, assim como os novos trenós motorizados. Em seus relatos, Scott constantemente destaca o valor dos seus homens e das boas relações que se estabeleceram entre eles.

Confesso que jamais esperei tão absoluta ausência de rixas e de problemas de qualquer tipo – nunca ouvi uma palavra áspera, e em momento algum vi um olhar raivoso. Todo o grupo trabalha imbuído pelo mais franco espírito de boa vontade e bom humor, e é maravilhoso perceber que os homens podem viver sob prolongadas condições de fadiga, monotonia e perigo em tão sincera e farta camaradagem.<sup>81</sup>

A expedição teve início no dia 01 de junho de 1910, quando zarparia dos cais de Londres em direção a Nova Zelândia, onde Scott subiria a bordo e seguiriam rumo ao sul. O objetivo central da missão, como destaca Larson, foi a declarada marcha até o Polo Sul geográfico, contudo, Scott salientou também a importância das observações científicas em sua missão e na necessidade de desenvolver expedições para o interior do continente. “Organizei uma equipe científica maior do que a que já foi levada por qualquer expedição [antártica] anterior”, Scott explicou no começo de 1910, e “vejo a geologia como um dos interesses mais importantes que pode ser servido em nossa expedição”.<sup>82</sup>

Ao longo de seus relatos, é possível observar o grande apelo à ciência realizado por Scott. Constantemente apresentava observações científicas realizadas tanto por ele quanto pelos demais grupos criados ao longo da missão, o que se difere das demais expedições analisadas. Ao fim do mês de dezembro de 1910, o *Terra Nova* encontrou suas primeiras banquisas de gelo, onde Scott destaca algumas das observações realizadas.

Fomos capazes de algumas importantes realizações do ponto de vista científico. Conseguimos obter uma sequência linear de sondagens ao longo de nossa rota, demonstrando uma gradual elevação das profundezas oceânicas em direção às águas mais rasas da plataforma continental. Com essas sondagens fizemos muitas observações interessantes sobre a temperatura em diferentes níveis de profundidade e, além disso, colhemos várias amostras da natureza do solo abissal.<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> A equipe antártica era composta por: o capitão Robert F. Scott, o tenente Edward R G. Evans, o tenente Victor L.A. Campbell, tenente Henry R. Bowers, o capitão dos dragões de Inniskilling Lawrence Oates, o cirurgião G. Murray Levick, o cirurgião e parasitologista Edward L. Atkinson, o chefe da equipe científica Edward Adrian Wilson, o meteorologista George C. Simpson, o geólogo T. Griffith Taylor, o biólogo Edward W. Nelson, o geólogo Frank Debenham, o físico Charles S. Wright, o geólogo Raymond E. Priestley, o fotógrafo Herbert G. Ponting, Cecil H. Meares (responsável pelos cães), o engenheiro mecânico Bernard Day, o zoólogo assistente Apsley Cherry-Garrard, e o subtenente norueguês especialista em esquis Tryggve Gran. (SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegre, 2002, p.09-11).

<sup>81</sup> *Ibid.*, p.78.

<sup>82</sup> LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015, p.221.

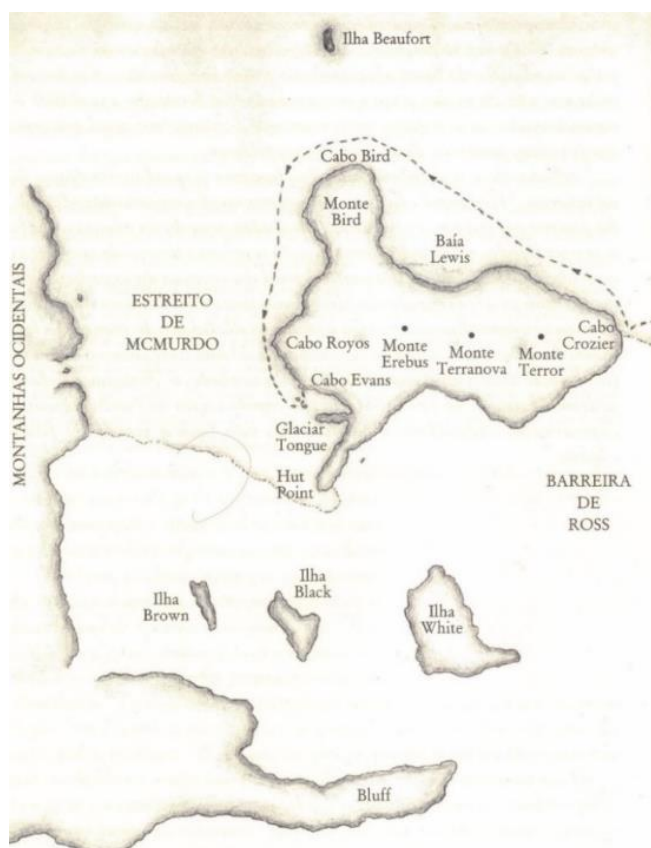
<sup>83</sup> SCOTT, *op. cit.* p.78.

O trajeto utilizado pela missão consiste em um semelhante ao empregado pelo próprio Scott durante a expedição do *Discovery*, estabelecendo sua base nas proximidades do Cabo Crozier, na Ilha de Ross, onde inicialmente ele desejava se estabelecer, mas que lhe fora “negado” devido às condições do local. Seguindo em direção à Leste pelo Mar de Ross, em uma região que Scott passou a chamar de Cabo Evans, o comandante decidiu iniciar o desembarque e estabelecimento da base de inverno.

Wilson, Evans e eu fomos até o cabo Skuary, que eu agora rebatizei como cabo Evans, em homenagem ao nosso excelente imediato. Como esperávamos, um primeiro olhar para a terra já revelou diversos locais bem propícios para estabelecer nossa base de inverno. A rocha que constitui o cabo é formada principalmente por um aglomerado vulcânico de olivina e está muito desgastada pela erosão; sua lenta destruição formou grande quantidade de areia grossa.<sup>84</sup>

Esse local proporcionava para a expedição um contato com a antiga cabana que Scott utilizara na missão do *Discovery*, localizada na Península de *Hut Point*. Ao longo do período que permaneceram ali, várias incursões foram realizadas até a antiga cabana, passando também a ser utilizada como um dos depósitos da missão.

Figura 6 – Trajeto da expedição do *Terra Nova* até o Cabo Evans



Fonte: SCOTT, 2001. p.80

<sup>84</sup> *Ibid.*, p.91.



Na medida em que o desembarque era realizado, a construção da base de inverno se configurava como um dos principais afazeres para a expedição, visto que o seu futuro dependia dela. Cada expedição aqui analisada tinha seu próprio projeto para a construção, que iria desde os materiais a serem empregados até o próprio formato da estrutura e das acomodações. Uma tática comum era trazer pedaços já previamente montados, com o intuito de facilitar seu estabelecimento.

Após o estabelecimento da base de inverno, o que ocorreu no período de duas semanas desde a chegada no Cabo, as primeiras expedições foram realizadas em preparação e adaptação dos equipamentos. Em 24 de janeiro de 1911, iniciou a primeira etapa da jornada em busca do Polo, que consistia no estabelecimento dos depósitos ao longo da Grande Barreira de gelo. Essa jornada era de significativa importância para a expedição que seria realizada no verão do ano seguinte, pois o estabelecimento dos depósitos fornecia ao grupo polar alimento e abrigo durante todo o trajeto sob a barreira, permitindo que carregassem menos peso e perdessem menos tempo armando e desarmando o acampamento. Esse episódio, que é apresentado nos relatos como a “Jornada de Depósito”, resultou em um total de quinze acampamentos variando a distância entre eles, mas contabilizando uma distância de 199,3 km atravessados sob a Grande Barreira.<sup>85</sup>

Em seu retorno ao Cabo Evans em fins de fevereiro, a expedição reencontra com o *Terra Nova*, que tinha partido para explorar o litoral da barreira. Em seu encontro, Scott fica ciente de que a tripulação fez contato com a expedição liderada pelo norueguês Roald Amundsen, que se encontrava algumas milhas a Oeste. Mesmo que Scott já tivesse recebido, ainda na Nova Zelândia, uma carta escrita pelo próprio Amundsen comunicando-o de sua decisão de seguir para o Sul, em seus relatos destaca:

Apenas um pensamento fixou-se firmemente em minha mente, diante dessa notícia. A conduta mais digna, e também a mais sábia para nós, é proceder exatamente como se tal fato não houvesse ocorrido. Seguir adiante e fazer o melhor que pudermos pela honra de nosso país, sem medo ou pânico.<sup>86</sup>

Visto como uma “séria ameaça”, o projeto de Amundsen é descrita por Cherry-Garrard, um dos participantes da missão, de forma mais profunda:

Por mais que tenha tentado expressar o que sentia, Scott não conseguiu transmitir a profundidade do seu desalento e tudo o que nós mais ou menos sentíamos, apesar do aviso recebido no telegrama de Madeira a Melbourne. Por cerca de uma hora ficamos furiosamente zangados, possuídos pela ideia insana de que deveríamos ir logo à baía das Baleias acertar as contas com Amundsen e seus homens. Esse estado de espírito

---

<sup>85</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.173.

<sup>86</sup> *Ibid.*, p.176.

não podia resistir, e não resistiu, a um momento de reflexão, mas era bastante natural. Tínhamos pago a prestação do trabalho angustiante de abrir o caminho até o polo, e sentíamos, por mais que o sentimento fosse irracional, que ganharíamos o direito de passagem. O nosso senso de cooperação e solidariedade fora elevado a uma altura extraordinária, e havíamos esquecido tão completamente o espírito de competição que sua irrupção repentina vibrou de forma assustadora. Não defendo a nossa explosão de raiva – pois foi o que aconteceu –, eu simplesmente a registro como uma parte humana integral da minha narrativa.<sup>87</sup>

Mesmo com a presença norueguesa, a expedição manteve seus planos originais, contudo, a preocupação devido à data de partida da expedição rumo ao polo preocupava Scott e os demais. Caso fosse iniciada tarde demais, poderia significar a conquista do polo pelos noruegueses, caso fosse efetuada muito cedo, poderia implicar no fracasso da missão frente às temperaturas e climas inóspitos do inverno antártico. Em outubro de 1911, Scott escreveu:

Não sei o que pensar a respeito das chances de Amundsen. Se ele chegar ao Pólo, deve consegui-lo antes de nós, pois está decidido a viajar velozmente com seus trenós puxados por cães e, com grande probabilidade, partirá mais precocemente. Por conta dessas considerações, há muito tempo decidi agir exatamente como agiria se ele não existisse. Qualquer tentativa de transformar isso em uma corrida, levaria meu plano ao insucesso – além disso, esse não parece ser o tipo de atitude para a qual estamos dispostos.<sup>88</sup>

A marcha ao Sul teve início no dia 1º de novembro de 1911, a organização consistia em enviar dezesseis de seus participantes, incluindo Scott, até a Grande barreira de gelo. Esses homens seriam divididos entre o grupo de motores, encarregados dos trenós motorizados, o grupo de cães, utilizando os trenós e o grupo dos pôneis. Ao chegar na barreira, apenas um dos grupos seguiria viagem até o polo enquanto os restantes retornariam para a base onde continuariam seus experimentos e observações científicas.

Durante seu percurso até a Geleira Beardmore em dezembro, a expedição encontrou condições climáticas tempestuosas que a obrigaram a acampar por cinco dias e se alimentar com rações que seriam utilizadas no percurso ao Polo. Devido aos efeitos da tempestade, os pôneis precisaram ser sacrificados, uma vez que estavam exaustos e sem conseguir seguir viagem. Os cães retornaram logo no início de dezembro para a base de inverno. Já os trenós motorizados se mostraram inúteis diante daquelas condições climáticas, sendo descartados logo no início da expedição. Na medida em que a jornada era realizada, cada vez mais grupos

---

<sup>87</sup> CHERRY-GARRARD, Apsley. *A pior viagem do mundo: a última expedição de Scott à Antártica*. Companhia das Letras, São Paulo. 1999. p.181.

<sup>88</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.362.

retornavam até sobrarem apenas a equipe que seguiria pelo planalto antártico. Essa equipe seria composta por: Robert Falcon Scott, Ed Evans, Oates, Bowers e Wilson.<sup>89</sup>

A marcha até o polo no mês de janeiro de 1912 foi penosa para o Grupo polar, desde a presença de ventos fortes, tempestades e temperaturas que variaram entre os 29°C negativos. Após aproximadamente quatorze dias de caminhada sobre o planalto antártico, a equipe alcançou o aclamado Polo Sul no dia 17 de janeiro. Contudo, para sua surpresa e decepção os noruegueses já haviam estado ali semanas antes, deixando uma barraca e bandeira sinalizando sua conquista. Sobre esse episódio Scott escreve:

Após cerca de duas horas de marcha, a visão aguçada de Bowers identificou ao longe o que julgamos ser um marco. Ele estava apreensivo a respeito do que via, mas procurava se convencer de que não passava de um *satrugus*. Meia hora mais tarde, ele detectou um ponto negro à frente. Logo percebemos que aquilo não poderia ser uma característica natural da neve ou do gelo. Continuamos avançando, e logo descobrimos que era uma bandeira negra presa a um arcabouço de trenó; não muito distante, encontramos os restos de um acampamento, sulcos de trenó e esquis indo e vindo, e as nítidas pegadas de patas de cães – muitos cães. Esse conjunto de pistas nos contou a história completa. Os noruegueses nos precederam; foram os primeiros a chegar ao Pólo.

É uma terrível decepção, e sinto imensamente por meus leais companheiros. Muitos pensamentos brotaram, muitos comentários surgiram. Seja como for, amanhã prosseguiremos até o Polo, e depois devemos nos apressar na viagem de regresso com a maior velocidade possível. Todos os sonhos e devaneios que nos ocupavam a mente se desvaneceram. Temos pela frente um tedioso e triste retorno.<sup>90</sup>

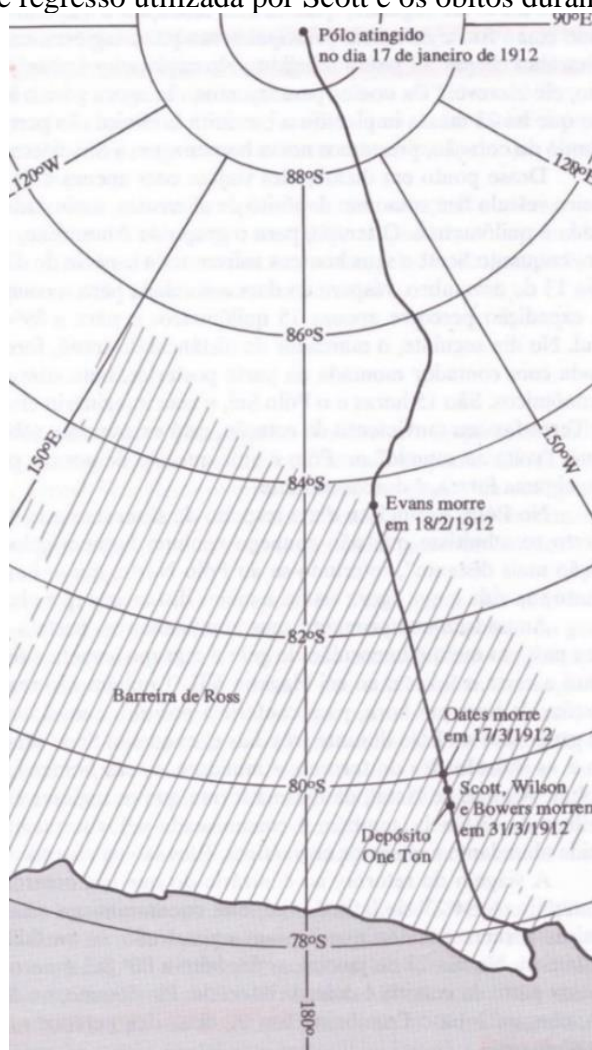
Ao se aproximarem dos marcos da expedição de Amundsen, Scott encontra alguns equipamentos e um bilhete onde destacava a conquista em ser a primeira expedição a alcançar o Polo parabenizando também Scott, além disso um pedido para que ele escrevesse uma carta para o Rei da Noruega relatando sua conquista. Após realizarem novas observações científicas e buscarem estabelecer com maior precisão o local exato do Polo Sul Geográfico, Scott instala a bandeira da Grã-Bretanha, no qual destaca: “Erguemos ali um marco, hasteamos nossa pobre e humilhada *Union Jack* e tiramos fotografias do grupo. Estava um frio intenso para todas essas atividades – a temperatura era de 29°C negativos”. Esse pequeno trecho demonstra o apelo nacionalista dessas expedições, desde a luta por conquistas para suas nacionalidades quanto o próprio ato de legitimá-las, o que vai ao encontro dos sentimentos destacados por Beau Riffenburgh de uma construção de ideal de uma cultura dominante britânica, que agora havia sido derrotada pelos noruegueses.<sup>91</sup>

<sup>89</sup> A equipe foi selecionada através dos que Scott considerava mais aptos para realizar a empreitada, para isso escolheu o tenente da marinha Henry R. Bowers, o chefe da equipe científica e zoólogo da expedição Edward Wilson, o capitão dos Dragões de Inniskilling Lawrence E. G. Oates e o suboficial do *Terra Nova* Edgar Evans.

<sup>90</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.469.

<sup>91</sup> RIFFENBURGH, Beau. *A expedição esquecida de Shackleton: A viagem do NIMROD*. São Paulo: Editora Planeta, 2005, p.42-43.

Figura 7 - Rota de regresso utilizada por Scott e os óbitos durante a jornada



Fonte: CAPOZOLI, 2001, p.23

Durante a jornada de regresso, Scott e seus homens são surpreendidos por tempestades e condições climáticas muito amenas às quais tinham se habituado. Devido também à falta de alimentos frescos, a equipe acabou enfraquecendo ainda mais com uma longa jornada pela frente. O primeiro a sucumbir diante as adversidades foi o suboficial Edgar Evans, em 17 de fevereiro. Ed Evans, como era conhecido pela expedição, acabou caindo em uma fissura e se lesionando ainda durante a viagem até o polo. Perante aquelas condições, o corpo foi sucumbindo até o ponto de Evans não conseguir mais se locomover. Sobre sua morte, Scott destaca:

A princípio não houve qualquer sinal de alarde e nos instalamos na barraca. Aquecemos o chá, preparamos nossa refeição e a consumimos toda. Ao fim do almoço, Evans ainda não havia aparecido. Olhamos para trás e o avistamos, ainda bem distante. A essa altura ficamos muito preocupados, pusemos os esquis e voltamos para buscá-lo.

Fui o primeiro a chegar ao pobre homem, e fiquei chocado com sua aparência. Ele estava ajoelhado na neve, com as roupas desalinhas, as mãos nuas exibindo sinais

de franco congelamento, e um inconfundível brilho de loucura em seu olhar. Perguntei-lhe o que estava acontecendo e ele, com voz arrastada, respondeu-me que não sabia, mas que achava que tinha desmaiado. Nós o pusemos em pé, mas após dois ou três passos voltou a cair, manifestando todos os sinais de completo colapso. Wilson, Bowers e eu voltamos para buscar o trenó, enquanto Oates permaneceu junto a ele. Quando retornamos, encontramos Evans praticamente inconsciente, e quando o carregamos para dentro da barraca, já estava sem dúvida, entrando em coma. Faleceu serenamente ao meio-dia e meia.<sup>92</sup>

O próximo a falecer foi o capitão dos Dragões de Inniskilling,<sup>93</sup> entre os dias 16 ou 17 de março. Diante a escassez de comida e as dificuldades impostas pela jornada, Oates, que já manifestava falta de condições em prosseguir a viagem, propôs que seus colegas o abandonassem e seguissem adiante, o que não atenderam. Porém, durante determinado momento, Oates decidiu sair da barraca, não sendo novamente visto. Sobre essa outra morte, Scott escreve:

Ele suportou imenso sofrimento por semanas a fio sem jamais lamentar, e até o último instante manteve-se consciente e lúcido, sempre interessado em discutir os mais variados assuntos. Ele não desistiu – e não desistiria – da esperança, até o último momento e o fim. Possuía um espírito verdadeiramente nobre. E assim foi o seu fim. Ele dormiu a noite toda (de antes de ontem para ontem), e esperava não acordar. Contudo, acordou pela manhã – ontem – quando a nevasca ainda assombrava com violência. Olhou para nós e disse: “Eu vou sair agora, e posso demorar um pouco”. Levantou-se e saiu para a nevasca. Desde esse momento não o vimos mais.<sup>94</sup>

Poucos dias após o desaparecimento de Oates, o restante do grupo composto por Scott, Wilson e Bowers também acabou sucumbindo. As últimas palavras de Scott em seu relato foram em 29 de março de 1912:

Desde o dia 21, a tempestade sopra incessante de sudoeste e oes-sudoeste. No dia 20 de março tínhamos combustível para preparar duas xicaras de chá para cada um e alimento mal suficiente para dois dias.

Todos os dias nos aprontamos para partir rumo ao depósito, a 20 quilômetros de distância. Entretanto, além das portas da barraca permanece um terrível cenário de neve turbilhante. Não creio que atualmente possamos ter qualquer esperança de melhora. Deveremos resistir até o fim, mas, evidentemente, estamos ficando mais fracos e o fim não deve estar distante.

Acho que é uma pena, mas não creio que eu possa continuar escrevendo.

R. Scott

Última anotação

Pelo amor de Deus, cuidem de nossas famílias.<sup>95</sup>

Além dos diários de viagem deixados, Scott também escreveu cartas de despedidas destinadas aos familiares de seus companheiros falecidos, sendo uma destinada à esposa de

<sup>92</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.501.

<sup>93</sup> Dragões de Inniskilling é um regimento da cavalaria criado em 1689 na Irlanda. O regimento se manteve na ativa até 1922 quando foi fundido com outros regimentos dos Dragões. Dados disponíveis em: ><https://www.nam.ac.uk/explore/6th-inniskilling-dragoons>>. Acessado em: 23 de out. de 2021.

<sup>94</sup> SCOTT, *op. cit.*, p.522.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p.525.

Edward Wilson, uma à mãe de Bowers, uma para Sir J. M Barrie, amigo de Scott, à Sir Edgar Speyer, importante colaborador da expedição, aos vice-almirantes Sir Francis Charles Bridgeman e Sir George Le Clerc Egerton e para J.J. Kinsey, amigo íntimo de Scott. Além dessas cartas que os relatos trazem na íntegra, são apresentados pequenos trechos das demais cartas escritas por Scott, sobretudo, a sua esposa, seu cunhado e sua mãe. Junto a essas, uma mensagem escrita destinada ao público também está disponível, destacando os infortúnios da missão e dos seus avanços e chegada ao Polo, assim como as fatalidades de seus companheiros.

Os relatos e cartas de Scott foram recuperados pela missão de busca empreendida pelo restante da expedição em 28 de outubro de 1912. Após demasiado atraso no regresso do grupo polar, a expedição foi formada após o inverno, como objetivo de encontrar a equipe polar ou seus restos mortais. Ao meio-dia do dia 12 de novembro de 1912, a equipe encontrou uma barraca armada coberta pela neve. Cherry-Garrard em seu diário escreve sobre esse momento:

Quase meio-dia. 11-12 milhas ao sul de One Ton. Nós os encontramos – dizer que foi um dia terrível não expressa a realidade –, foi terrível demais para se traduzir em palavras. A barraca estava ali, uma meia milha a oeste de nossa rota, perto de um marco do ano passado, coberto de neve. Estava coberta de neve e parecia um marco, apenas uma quantidade extra de neve indicando onde estava o ventilado, e assim encontramos a porta.

Tinha uma capa de uns sessenta a noventa centímetros de neve a barlavento. Ao lado, dois pares de bastões de esquí, ou a metade superior deles, apareciam sobre a neve, mais um bambu que veio a ser o mastro do trenó.

Não vou tentar contar sua história. Eles chegaram a esse ponto no dia 21 de março, e no dia 29 tudo estava terminado.

Nem vou tentar descrever o que havia naquela barraca. Scott estava deitado no centro. Bill à sua esquerda, com a cabeça na direção da porta, e Birdie à sua direita, deitado com os pés na direção da porta.<sup>96</sup>

Após essa missão, a expedição retornou para a Europa, agitando o continente com a notícia da morte de um dos exploradores mais importantes, ao mesmo tempo em que a conquista norueguesa acirrava mais ainda o cenário nacionalista e, sobretudo, a disputa entre as instituições científicas norueguesa e inglesa.

Mesmo não se tornando a primeira expedição a alcançar o aclamado Polo Sul geográfico, a expedição realizou uma das grandes empreitadas da ciência no início do século XX. Entre suas maiores contribuições, foram realizadas duas expedições geológicas. A primeira realizada de janeiro a março de 1911 e a segunda de novembro a fevereiro de 1912. Além dessa, foi realizada uma expedição no meio do inverno de 1911, com destino o Cabo Crozier,<sup>97</sup> habitat

<sup>96</sup> CHERRY-GARRARD, Apsley. *A pior viagem do mundo: a última expedição de Scott à Antártica*. Companhia das Letras, São Paulo. 1999, p.458.

<sup>97</sup> A expedição ao Cabo Crozie é considerada por Cherry Garrard, um de seus membros, como a “pior viagem do mundo”, visto as terríveis condições climáticas que o grupo presenciou durante o inverno, com temperaturas de 59°C negativos. (*Ibid.*, p.273).

dos pinguins imperadores. Ambas essas expedições proporcionaram importantes estudos a respeito da constituição geológica do continente antártico assim como da vida e reprodução dos pinguins imperadores. Essas características dos relatos exaltam a importância da ciência para a missão, que diferente das demais aqui presentes se destacam pela ausência, ou não priorização da pesquisa ao longo de suas jornadas.

### 1.3 ÚLTIMO A PARTIR, PRIMEIRO A CHEGAR: AMUNDSEN E O *FRAM*

Nascido em Borge, região próxima à capital norueguesa de Oslo, em 16 de julho de 1872, Roald Engelbregt Gravning Amundsen<sup>98</sup> era filho de Jens Engebregth Amundsen, um marinheiro que havia lucrado com o frete de seu barco na Guerra da Criméia (1853-1856), com Hanna Henrikke Gustava Sahlquist, filha de um coletor de impostos da região de Hvaler. Juntos tiveram quatro filhos, sendo eles: Jens Ole Antonio (o filho mais velho do casal), Gustav Sahlquist, Leon Henry Branham e por fim Roald.<sup>99</sup>

A família de Amundsen possuía uma história de longa data em empreendimentos realizados em alto mar. Segundo Huntford, desde a época do avô de Roald, Ole Amundsen, “os membros da família já haviam se estabelecido como senhores do alto-mar e proprietários de barcos de considerável riqueza para o padrão das ilhas”.<sup>100</sup> A família de Amundsen tinha considerável número de posses, em uma nação carente, devido ao fato que, durante o século XIX, as maiores fontes de renda norueguesa eram a extração de madeira e a pesca marítima.

Segundo Huntford, Roald Amundsen, nasceu em um ambiente inspirador, principalmente devido a efervescência do nacionalismo norueguês que tomava a época de sua juventude. Nesse período, o sentimento nacionalista e a busca pela construção de uma identidade nacional da Noruega favoreceram tanto as artes (poemas, músicas, pinturas), como também em uma busca por recontar sua história, do seu povo, em relação com seus passado viking.<sup>101</sup> O próprio Amundsen, em algumas obras literárias e pela sua própria mãe, era chamado de o “último viking”, devido as suas feições, estatura e aparência.<sup>102</sup>

A Noruega, uma nação coberta por inúmeras montanhas e gigantes florestas nevadas, estabeleceu ao longo de sua história uma profunda relação de respeito pela sua natureza, o que

---

<sup>98</sup> Dados disponíveis em < <https://www.britannica.com/biography/Roald-Amundsen> >. Acessado em 18 out. 2021.

<sup>99</sup> HUNTFORD, Roland. *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Polo Sul*. Trad. José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.34.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p.33.

<sup>101</sup> BASTOS, Mário Jorge; AYOUB, Munir Lutfe. Oseberg: rito, mito e memória na construção da identidade nacional norueguesa no século XX. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 8, n. 23, p. 57-72, 2015, p.68.

<sup>102</sup> HUNTFORD, *op. cit.*, p.32.

acabara constituindo parte de seu próprio estilo de vida. Essa relação ancestral com a natureza constitui parte fundamental da identidade norueguesa, justamente devido a relação com seu passado viking e com a mitologia nórdica.<sup>103</sup> Sendo assim, Amundsen que desde jovem esteve imerso em um ambiente com a presença de densas florestas teve uma infância ao ar livre e desde muito novo desenvolvera prática com o uso dos esquis, que mais tarde proporcionaram a perícia para as expedições e a jornada ao Sul.

Os meninos Amundsen, aprenderam, ou melhor, ensinaram a si próprios a esquiar bem perto de casa. Isso condizia com o generalizado conceito norueguês de corridas *cross-country*, salto e descidas de montanhas. Como rampa de treinamento, eles usavam a estrada diante do portão de seu jardim.<sup>104</sup>

Durante sua juventude, Amundsen constantemente viajava para Hvidsten, onde seu pai trabalhava, e lá aprendera sobre texturas dos cascos e demais conhecimentos sobre as estruturas dos navios, além de realizar pequenas expedições sobre os rios e canais congelados durante o inverno. Huntford escreve sobre a sua juventude e da importância para seu futuro como explorador.

Roald refletia isso tudo em si próprio. Estava absorvendo os elementos do esquiar e do navegar; crescendo como um homem do mar e da pedra, da água, do gelo, da floresta e da neve; alguém do litoral; meio marinheiro, meio *montagnard*. É uma combinação rara, mas autenticamente norueguesa. É meio caminho andado para o ambiente polar.<sup>105</sup>

Quando Roald tinha quatorze anos, seu pai morreu devido a uma doença durante uma viagem marítima. Após esse período, sua mãe Hannah ficou responsável por gerir a renda da família, o que levou Roald a cursar a faculdade de medicina a desejo dela. Após a morte da mãe, largou o curso e foi para o mar. Entre os anos de 1894 e 1896 trabalhou em embarcações que tinha como destino o Ártico, objeto de fascinação de Amundsen desde jovem. Em 1897, participou da expedição junto a Adrien Gelarche, e o *Bélgica*, sendo um dos primeiros a passar o inverno no continente Antártico.<sup>106</sup>

Após o sucesso da expedição de Gelarche, Amundsen desenvolveu seu próprio empreendimento em 1903, na busca da tão almejada Passagem Noroeste, com a qual muitas nações, sobretudo a inglesa que sacrificara importantes exploradores, sonhavam. Financiado

---

<sup>103</sup> MADALENO, Bruno José Mateus. *Dinâmicas e Actores na actual estratégia de desenvolvimento sustentável na Noruega*. Tese de Doutoramento. (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), Universidade Nova de Lisboa. 2012, p. 10.

<sup>104</sup> HUNTFORD, Roland. *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Polo Sul*. Trad. José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.37.

<sup>105</sup> *Ibid.*, p.38-39.

<sup>106</sup> CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ªEd. São Paulo: Edusp, 2001, p.116.



por suas próprias economias abordo do navio *Gjoa*, Amundsen obteve sucesso em sua jornada sendo o primeiro navio a realizar o percurso e encontrando a passagem pelo Norte do continente americano. Essa expedição foi fundamental pois, como destacado por Capozoli, “consolidada a conquista, a fama, seguida das palestras e livros que ela lhe abriu, transformaram-se na sua principal fonte de recursos para o novo e grande projeto: a conquista do Polo Norte”.<sup>107</sup>

Figura 8 - Roald Amundsen



Fonte: CAPOZOLI, 2001, p.21

De acordo com Preston,<sup>108</sup> Amundsen se destacara enquanto um explorador profissional, ou seja, fez uma carreira na qual se dedicou até a estudar sobre o magnetismo com o intuito de conseguir mais facilmente patrocinadores para seus empreendimentos, mas que, devido a sua ambição, sempre buscou mesmo foi ser “reconhecido por protagonizar grandes feitos”.<sup>109</sup>

Devido a esses interesses, após saber da conquista do Polo Sul pelo explorador e seu antigo colega da expedição do *Bélgica*, Robert Peary em 1909, Amundsen decidiu mudar sua

---

<sup>107</sup> CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ªEd. São Paulo: Edusp, 2001, p.117.

<sup>108</sup> PRESTON, Diana. *Rumo ao Polo Sul: A trágica história de Robert Falcon Scott*. 1ªEdição. São Paulo, Editora 34. 1999, p.196.

<sup>109</sup> CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p.81

estratégia, que a princípio tinha como objetivo realizar pesquisas científicas no Ártico e de chegar ao Polo Norte geográfico. Como destaca em seus relatos:

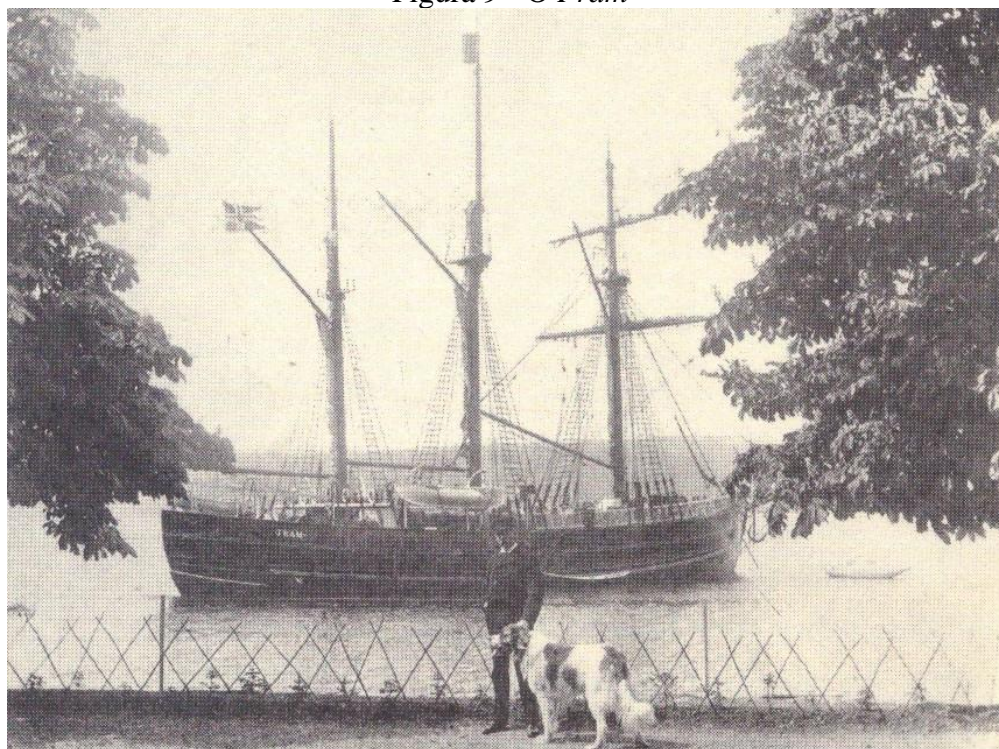
É verdade que eu anunciara em meu projeto que a terceira viagem do *FRAM* seria, sob todos os pontos de vista, uma expedição científica, e não teria como meta a quebra de recordes. Também é verdade que muitos dos meus colaboradores que tão generosamente me apoiaram, o haviam feito com base em meu projeto original. Porém, em vista das circunstâncias inesperadamente alteradas, era pobre a perspectiva de agora obter fundos para o projeto original. Considerei que não seria injusto ou desleal com meus patrocinadores dar um golpe que imediatamente reerguesse todo o empreendimento, recuperasse as pesadas despesas que a expedição já havia exigido e salvassem os fundos de serem desperdiçados.<sup>110</sup>

Assim, em julho de 1910, a expedição teve início a bordo do *Fram*, um veleiro tipo escuna que pertencera a Frijof Nansen (1861-1930), um dos grandes exploradores e cientistas noruegueses e ídolo de Amundsen desde a sua juventude. Composta por 19 membros<sup>111</sup>, entre marinheiros, engenheiros, oceanógrafos e exploradores, a expedição levava consigo dezenas de cães esquimós adquiridos na Groenlândia. Os fundos necessários para a expedição, assim como a de Scott, foram arrecadados através de patrocínio privado, sobretudo, por concessão de alimentos e mercadorias. Tudo destinado para uma incursão científica no Ártico, contudo, se destacando por não conter nenhum cientista para realizar as observações.

---

<sup>110</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.43.

<sup>111</sup> A expedição de terra era composta por: Roald Amundsen, capitão, Olav Bjaaland, Helmer Hansen, Sverre Hassel, Oscar Wisting, o tenente Kristian Prestrud, Jörgen Stubberud, Hjalmar Johansen, o cozinheiro Adolf Henrik Lindström. Além do grupo de terra a tripulação do *Fram* era composta por: o comandante Thorvald Nilsen, o tenente e segundo oficial Hjalmar Frederik Gjerdsen, o segundo engenheiro O. Knut Sundbeck, Ludvig Hansen, Andreas Beck, o terceiro engenheiro Halvardus Kristensen, Martin Rønne, Karinius Olsen, H. Halvorsen, A. Olsen, F. Steller. (*Ibid.*, p.09-10).

Figura 9 - O *Fram*

Fonte: HUNTFORD, 2002.

Amundsen decidiu ocultar seus novos objetivos até que o empreendimento já tivesse iniciado, temendo que ao expô-lo pudesse ter sido impedido de realizar a jornada. “Se naquela circunstância eu houvesse tornado pública minha intenção, creio que teria apenas favorecido motivos para uma avalanche de discussões nos jornais, e possivelmente a história haveria terminado com o projeto morrendo antes de nascer”.<sup>112</sup> Amundsen manteve segredo até mesmo de seus subordinados, apenas apresentando seu plano após a partida da Noruega, em sua parada na Ilha da Madeira. Lá se reuniu com todos os membros oferecendo a escolha pessoal de desistirem, o que não ocorreu. Amundsen destacou em seus relatos o grande entusiasmo que sentira com os escolhidos para comporem a expedição e o seu grande comprometimento, muitos eram exploradores experientes, mas nenhum deles além de Amundsen tinha visto a Antártica.<sup>113</sup>

E, de fato, como destacado por Huntford, Amundsen sofreu inúmeras críticas após seus planos se tornarem públicos, em um momento em que já se encaminhava para o continente Antártico, principalmente em relação às demais expedições que estavam sendo realizadas.<sup>114</sup>

<sup>112</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.45.

<sup>113</sup> *Ibid.*, p.101.

<sup>114</sup> HUNTFORD, Roland. *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Polo Sul*. Trad. José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.360-362.

Em seus relatos, que foram escritos posteriormente, o autor registrou sua interpretação sobre o ocorrido.

Sei que recebi críticas por não haver prontamente divulgado o plano ao público, para que tanto meus patrocinadores como outros exploradores que estivessem se preparando para enfrentar a mesma região pudessem ter conhecimento disso. Eu estava ciente de que essas críticas surgiriam, e esse fator também foi considerado em minha decisão. Com respeito aos primeiros – os patrocinadores da expedição – meu espírito logo se tranquilizou. Todos eles eram homens de alta posição e situavam-se acima de eventuais discussões a respeito do modo como se aplicavam as quantias destinadas ao empreendimento. Eu sabia que desfrutava entre essas pessoas de tal confiança que elas saberiam julgar os fatos corretamente e, quando chegasse o momento, reconheceriam que as contribuições haviam sido empregadas com a verdadeira finalidade para qual foram doadas. E numerosas provas recebi de que não estava enganado.<sup>115</sup>

Amundsen também destaca sua relação com a missão de Scott.

Também não sofri com excessivos escrúpulos com respeito às outras expedições antárticas que estavam sendo planejadas naquele período. Eu estava certo de que seria capaz de comunicar ao capitão Scott a extensão de meus projetos antes que ele deixasse a civilização; portanto, alguns meses a mais ou a menos não seriam de grande importância. O plano e o equipamento de Scott eram tão profundamente diferentes dos meus que considerei o telegrama que mais tarde lhe enviei com a informação de que eu estava viajando rumo às regiões antárticas mais como um sinal de cortesia do que como uma informação que pudesse fazê-lo alterar sua programação, um mínimo que fosse. A expedição britânica estava sendo planejada exclusivamente para pesquisa científica. O Pólo seria a eles apenas uma consequência paralela, enquanto em meu projeto esse seria o principal objetivo. Nessa minha jornada a ciência teria papel secundário; porém evidentemente eu estava bem ciente de que não poderíamos atingir o Polo pela rota que eu havia escolhido sem enriquecer de modo considerável vários ramos da Ciência.<sup>116</sup>

Mesmo essas alegações que destacam a diferença das expedições entre si e como uma não atrapalharia a realização da outra, não impediram que Amundsen passasse a ser mal-visto por algumas sociedades científicas, especialmente, na Grã-Bretanha, onde após seu sucesso encontrou um cenário agressivo e muitas vezes excludente de suas conquistas.<sup>117</sup> Além disto, mesmo que destaque nos trechos acima a necessidade de não ignorar a ciência, com exceção das observações geográficas básicas, algumas magnéticas e outras necessárias para sua locomoção, a expedição do *Fram* não desempenhou nenhum avanço significativo para a ciência, uma vez que a expedição do *Terra Nova* apresentava dados mais concretos e em maior escala.

---

<sup>115</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.44.

<sup>116</sup> AMUNDSEN, *loc. cit.*

<sup>117</sup> LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

A expedição teve como rota uma estratégia semelhante à de Scott, contudo, escolheu a região chamada de Baía das Baleias para o estabelecimento de sua base de inverno. Descoberta por Shackleton durante a missão do *Nimrod*, a baía era uma região no seio da Grande Barreira de gelo, em uma abertura que permitia além de adentrar a barreira do Mar de Ross, também se situava a 96km mais próximo do que Scott do Polo Sul. Além disso, devido a proteção oferecida pela baía, o próprio *Fram* não teve problemas durante o período de realização da expedição, diferente do que aconteceu com o *Terra Nova*, que sofreu com inúmeras tempestades.<sup>118</sup> Desta forma, cravado na Grande Barreira, a expedição do *Fram* construiu sua base à qual Amundsen já havia deixado pré-montada, tendo a feito em seu jardim na Noruega. *Framheim* (Casa do *Fram*), como ficou conhecida, desempenhou um importante local durante toda a expedição, ficando claro através dos relatos o vínculo estabelecido entre os membros com seu “lar” na barreira.

Que impressão, confortável, asseada e acolhedora a casa nos transmitiu ao entrarmos pela primeira vez por sua porta! Linóleo novo e brilhante por todo lado, tanto na cozinha como em nossa sala. Tínhamos agora todos os motivos do mundo para nos sentirmos felizes. Mais uma importante etapa fora vencida e em muito menos tempo do que jamais ousara esperar. Nosso caminho rumo ao objetivo final abria-se diante de nós.<sup>119</sup>

*Framheim* também se tornou um verdadeiro marco nas expedições polares, principalmente por causa do grande empenho dos exploradores em escavar uma série de tuneis e salões, constituindo um verdadeiro “lar” subterrâneo, com salas de marcenaria, depósito e até uma sauna. Durante os meses seguintes, os grupos realizaram algumas incursões rumo a Geleira Beardmore, entre os objetivos estava o estabelecimento de depósitos que foram marcados com bandeiras e peixes. Iniciada em fevereiro, a jornada foi marcada por inúmeros episódios protagonizados principalmente pelos cães, que nos relatos aparecem constantemente.

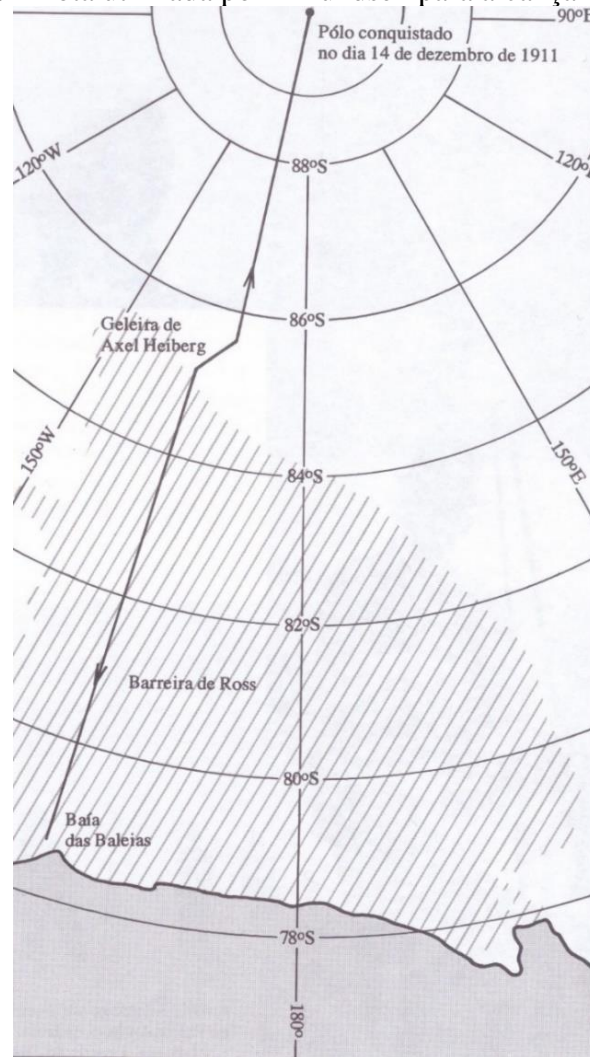
No que diz respeito especificamente à jornada ao Polo Sul, Amundsen inicialmente desejava garantir a conquista do Polo, começando a sua missão ainda em setembro, no entanto, diante de climas adversos, precisou retornar para a base após a realização de uma jornada de algumas milhas.

---

<sup>118</sup> CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ªEd. São Paulo: Edusp, 2001, p.118.

<sup>119</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.142.

Figura 10 - Rota utilizada por Amundsen para alcançar o Polo Sul



Fonte: CAPOZOLI, 2001, p.20

Após aproximadamente um mês, a missão teve oficialmente início em 20 de outubro de 1911, com um avanço excelente, graças à força de tração dos cães que proporcionaram que Amundsen e mais quatro de seus colegas (Helmer Hansen, Oscar Wisting, Sverre Hassel, Olav Bjaaland) chegassem à latitude 90°Sul em 14 de dezembro de 1911<sup>120</sup>. Sobre este momento Amundsen destaca:

Às três horas da tarde, ouviu-se um brado de “Alto!” emitido simultaneamente pelos três condutores. Eles estavam todo o tempo observando cuidadosamente seus hodômetros, e todos eles agora registravam que a distância total já fora percorrida – o Polo era nosso, por todas as medidas terrestres.<sup>121</sup>

<sup>120</sup> Neste momento, Scott se localizava a aproximadamente seiscentos quilômetros do Polo. (AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegre, Coleção Mundo afora. 2001, p.365).

<sup>121</sup> *Ibid.*, p.364.

- Hasteamos-te, amada bandeira, neste Pólo Sul e denominamos esta região em que ele se situa como Planalto do Rei Haakon VII. – Certamente, todos nós que ali estivemos nos lembraremos para sempre deste momento.<sup>122</sup>

Amundsen deixou no local que determinou como o mais próximo ao eixo uma barraca com uma mensagem para Scott e uma carta para o rei da Noruega confirmando sua conquista e que Scott deveria levar consigo para a Europa. Seu retorno à base ocorreu sem problemas, diferentemente de Scott. A diferença de tempo entre as expedições foi fundamental para que Amundsen evitasse o mal tempo e retornasse para *Framheim* em 25 de janeiro, e para a Europa logo em seguida.

Figura 11: Grupo norueguês comandado por Amundsen no polo sul



Fonte: HUNTFORD, 2002.

Mesmo tendo realizado a grande proeza de conquistar o Polo Sul, para Amundsen que desde novo ansiava pelo Polo Norte, o sentimento não foi completo, destacando em seus relatos o paradoxo de alguém que desde cedo deseja chegar a um dos extremos, mas se encontrava em meio ao outro.

Embora saiba que soaria muito mais impressionante romancear a realidade, não posso afirmar que o sonho de minha vida fora realizado. Isso seria a mais absoluta hipocrisia. Devo ser honesto e admitir claramente que jamais houve um homem situado em posição tão diametralmente oposta à realização de seus desejos como eu estava naquele exato instante. As regiões ao redor do Polo Norte – a bem da verdade, o

---

<sup>122</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.365.

próprio Polo Norte – atraíram-me desde a infância, e aqui estou eu, em pé sobre o Polo Sul. Pode-se imaginar algo mais paradoxal que isso?<sup>123</sup>

#### 1.4 SHACKLETON E A EXPEDIÇÃO DO *ENDURANCE*: UMA EPOPÉIA SOB OS *FLOES*

Oriundo do condado de Kildare na Irlanda, Ernest Henry Shackleton nasceu em 15 de fevereiro de 1874. Pertencente a uma família de classe média alta, seu pai Henry Shackleton era proprietário de uma fazenda quando se casou com Henrietta Sophia Gavan, com a qual teve dez filhos, sendo Ernest o segundo. Tinham uma vida econômica razoável visto que ser fazendeiro na Grã-Bretanha, até 1870 era, de acordo com Riffenburgh, “simultaneamente boa e ruim. No ano que ele arrendou a terra do Duque de Leinster, o solo britânico era praticamente todo arado. Era difícil ser fazendeiro, mas na Grã-Bretanha essa atividade era mais lucrativa do que em qualquer outra parte do mundo”.<sup>124</sup> Entretanto, a partir de 1870 com a entrada do comércio de grãos americanos na Europa, toda a produção agrícola na Grã-Bretanha foi abalada. Diante deste cenário, poucos anos após o nascimento de Ernest, em 1880, seu pai decidiu se mudar para a cidade de Londres, objetivando estudar medicina.<sup>125</sup>

Segundo Caroline Alexander, Shackleton teve uma infância tranquila. Seu pai desde cedo desejava que seu filho acompanhasse sua profissão e se tornasse também médico, o que ia ao encontro de seus interesses, que desde jovem desejava seguir para o mar onde observava a possibilidade de ascensão social e econômica.<sup>126</sup> Riffenburgh acentua que Shackleton, desde a infância e até se tornar um dos grandes exploradores ingleses, foi alvo de preconceitos devido a sua naturalidade irlandesa, que na Inglaterra era alvo de inúmeros preconceitos.

Todas as tentativas de anglicizar os irlandeses falharam e só fizeram com que os ingleses os menosprezassem cada vez mais. Para a mentalidade inglesa, eles continuavam sendo um povo estranho e estrangeiro cujo nível cultural não era mais alto que o da Birmânia e que seguia falando sua língua estrangeira e cultuando seu falso deus católico, e sendo conforme Disraeli escreveu, “selvagem, imprudente, indolente, incerto e supersticioso”.<sup>127</sup>

<sup>123</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.364.

<sup>124</sup> RIFFENBURGH, Beau. *A expedição esquecida de Shackleton: A viagem do NIMROD*. São Paulo: Editora Planeta, 2005, p.47.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p.47-48.

<sup>126</sup> ALEXANDER, Caroline. *Endurance: a lendária expedição de Shackleton à Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.17.

<sup>127</sup> RIFFENBURGH, *op. cit.* p.46.



De acordo com Rifferburgh, quando jovem, Shackleton se envolveu em diversas brigas sempre que sua descendência irlandesa era utilizada de forma negativa. Neste período, estudou em Dulwich College, um colégio público londrino que assim como as demais escolas, principalmente as públicas, tinham como predileções “formar futuros imperialistas”, o que coadunava como a ideia de “cultura dominante” que vigorava na Inglaterra.<sup>128</sup> Ernest estudou lá até o ano de 1890, quando decidiu seguir seu desejo e ir para o mar. Como sua condição financeira não permitia que ingressasse na marinha de guerra, Shackleton acabou seguindo para a marinha mercante. Lá, foi educado e recebeu suas principais instruções acerca de como comandar um navio e navegar, tendo se tornado mestre marinheiro em 1898.<sup>129</sup>

Em 1901, foi selecionado para participar da expedição do *Discovery* como subtenente, o que contrariava os interesses de Scott que desejava uma missão com a equipe oriunda apenas da marinha de guerra britânica. Durante essa missão, Shackleton recebeu considerável destaque por ter sido um dos três homens a realizar a primeira jornada ao Polo. Contudo, como vimos, devido ao escorbuto precisou ser enviado de volta a Europa para receber tratamento enquanto a expedição se manteve na Antártica. Sua relação com Scott durante a expedição não foi agradável, constantemente resultando em discussões internas.<sup>130</sup> Após seu retorno à Europa, casou-se com Emily Durman, filha de um advogado que possuía consideráveis recursos financeiros, o que, segundo Alexander, ampliou sua vontade de “tornar seu nome conhecido”.<sup>131</sup>

Abalado com a imagem que os relatos de Scott criaram de si, Shackleton teve dificuldade em formular uma nova expedição, a do *Nimrod*, recorrendo ao financiamento privado, algo que mais tarde seria comum nessas três expedições. Após o imenso sucesso, Alexander destaca: “De volta à Inglaterra, Shackleton transformou-se em herói nacional e foi sagrado cavaleiro do Império Britânico, transformando-se em Sir Ernest Shackleton”.<sup>132</sup> Desta forma, Shackleton tornou-se um dos grandes exploradores do período, levando muitos a o admirarem e amenizarem o fato de sua ascendência irlandesa. Ao longo de seus relatos, Amundsen demonstra uma admiração especial por Shackleton, sobretudo devido a sua coragem de declarar o objetivo de alcançar o Polo Sul Geográfico e de suas demais conquistas: “Sir Ernest Shackleton! A simples menção de seu nome traz-nos a imagem de um homem dotado

---

<sup>128</sup> RIFFENBURGH, Beau. *A expedição esquecida de Shackleton: A viagem do NIMROD*. São Paulo: Editora Planeta, 2005, p. 56.

<sup>129</sup> Dados disponíveis em <<https://www.britannica.com/biography/Ernest-Henry-Shackleton>>. Acessado em 01 out. 2021.

<sup>130</sup> PRESTON, Diana. *Rumo ao Polo Sul: A trágica história de Robert Falcon Scott*. 1ª Edição. São Paulo, Editora 34. 1999, p.109.

<sup>131</sup> ALEXANDER, Caroline. *Endurance: a lendária expedição de Shackleton à Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.17.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p.19.

de indômita vontade e ilimitada coragem. Com feitos, mostrou-nos tudo o que a determinação e a energia de um único homem é capaz de produzir”.<sup>133</sup>

Figura 12: Sir Ernest Shackleton



Fonte: ALEXANDER, 1999, p.11.

A expedição Transantártica, ou como ficou conhecida a Expedição do *Endurance*, teve seus preparativos iniciados em 1913, mas só se tornou pública em meados de 1914. Contudo, desde seu início, a missão sofreu considerável preconceito devido a recente notícia da morte de Scott, que pouco tempo antes, em 1913, tinha sido confirmada. O objetivo da missão, como o próprio nome destaca, era a de realizar a primeira travessia antártica.

Após a conquista do Polo Sul por Amundsen – que, por uma estreita margem de alguns dias, chegou antes da expedição Britânica comandada por Scott –, restava apenas um grande desafio nas viagens antárticas: a travessia do continente de costa a costa, passando pelo Polo Sul.

Quando retornei da Expedição do *Nimrod*, na qual, vencido pela pressão das circunstâncias a apenas cento e oitenta quilômetros de nosso objetivo, fui forçado a desistir da tentativa de hastear a bandeira britânica no Polo Sul, minha atenção voltou-se para a travessia do continente. Pois eu estava absolutamente certo de que ou Amundsen ou Scott alcançariam o Polo – por minha própria rota ou por alguma outra rota paralela. Após tomar conhecimento da vitória dos noruegueses, iniciei os

---

<sup>133</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.39.

preparativos para lançar-me à última das grande viagens. Meu desejo era garantir que a primeira travessia do último continente fosse uma conquista britânica.<sup>134</sup>

Durante o período de preparação, a missão é marcada por uma “ambivalência” de sentimentos, pois muitos a tinham como um grande acontecimento, enquanto outros a consideravam irrelevante. Como destaca Alexander: “Na imaginação do público, a Antártida era o cenário ideal para uma aventura heroica; no entanto, parecia impensável que qualquer sucesso futuro pudesse de algum modo superar em glória o fracasso de Scott”.<sup>135</sup> Além disso, o clima conflituoso que antecede a Primeira Guerra Mundial na Europa era responsável também por desmotivar a criação desses empreendimentos, pois estava desde as duas últimas expedições perdendo seu viés científico e passando a exaltar a conquista e seus grandes feitos.

A missão foi financiada através de recursos privados vindos, sobretudo, da venda dos direitos sob as notícias, imagens e dos diários de viagem de Shackleton e da tripulação. Além disso, a missão também recebeu valores do governo britânico e de um rico empresário escocês chamado Sir James Key Caird, que contribuiu com um valor de 24 mil libras.<sup>136</sup>

Figura 13: O *Endurance*



Fonte: ALEXANDER, 1999, p.87.

---

<sup>134</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.13.

<sup>135</sup> ALEXANDER, Caroline. *Endurance: a lendária expedição de Shackleton à Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.21.

<sup>136</sup> ALEXANDER, *loc. cit.*

Para Cassel, a expedição a bordo do *Endurance* “foi frustrada em seu objetivo, mas se transformou numa das mais notórias expedições já relatadas”.<sup>137</sup> Seu objetivo era superar a conquista norueguesa através da travessia do continente, uma empreitada extremamente longa.

A distância a ser percorrida será aproximadamente três mil quilômetros, e a primeira metade da viagem – do Mar de Wenddell ao Polo – será realizada em terras totalmente inexploradas. Cada passo representará um progresso e um novo avanço na ciência geográfica.<sup>138</sup>

A missão era composta por duas embarcações: o *Endurance* que atuaria como principal navio e navegaria rumo ao Polo pelo Mar de Wenddell e o *Aurora*, que seguiria pelo Mar de Ross. O *Endurance* é descrito nos diários de viagem como uma embarcação nova, construída exclusivamente para a exploração polar. Sua categoria era de veleiro, mas foi equipado com um motor abastecido a carvão que alcançava velocidade de aproximadamente nove a dez nós (aproximadamente 16 km/hora), razoável para uma embarcação da época. Já o segundo navio que levaria a equipe pelo Mar de Ross era, segundo Shackleton, muito semelhante ao navio usado por Scott, o *Terra Nova*, e havia sofrido diversas alterações para se adequar às necessidades das expedições empreendidas por seu antigo proprietário.

A missão teria zarpado no começo de 1914, contudo, com o início da Primeira Guerra Mundial, Shackleton planejava cancelar sua missão para auxiliar nos conflitos, mas o Almirantado rejeitou sua oferta e insistiu para que a expedição fosse mantida. Shackleton, teria recebido um telegrama de Churchill, que naquele momento era ministro:

(...) recebi a lacônica resposta do almirantado dizendo apenas “Prossiga”. Duas horas mais tarde, um longo telegrama do Sr. Churchill agradecia e declinava nossa oferta, informando que era desejo das autoridades que esta expedição – que contava com total aprovação da sociedade científica e geográfica – prosseguisse com seus planos originais.<sup>139</sup>

No dia 26 de outubro de 1914, Shackleton e sua tripulações zarparam da cidade de Buenos Aires rumo as Ilhas da Geórgia do Sul, sua última parada antes de partirem para a Antártica. Durante sua estadia ali, Shackleton concentrou-se em reunir informações a respeito dos mares e previsões climáticas: “Além de confirmarem informações prévias a respeito das condições extremamente inóspitas do gelo nesse setor dos mares antárticos nos deram diversos

<sup>137</sup> CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p.101.

<sup>138</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.16.

<sup>139</sup> *Ibid.*, p.21.

bons conselhos, que merecem toda nossa atenção.”<sup>140</sup> Diante das informações colhidas dos baleeiros, a viagem teve seu início retardado e o caminho alterado. O novo caminho seguiria rumo as Ilhas *Sandwich do Sul* e então circundaria a *Última Thule* após avançar até o meridiano 15°W virar para o Sul. Até sua partida, a tripulação do *Endurance* era composta por 28 tripulantes e 75 cães, incluindo 6 filhotes que nasceram durante o percurso ao Sul.<sup>141</sup>

Como as informações alertaram Shackleton, a missão encontraria no continente um clima inesperado, muito mais rigoroso que o testemunhado em expedições anteriores, o que levou a expedição a uma longa viagem sobre *floes* congelados, sendo constantemente aprisionados pelo gelo enquanto o inverno se aproximava. É interessante notar nos relatos deixados que mesmo diante um discurso em que a soberania humana e científica é exaltada, a figura da natureza antártica passou a ser imbuída como dominante ali, se sobrepondo às vontades dos seres humanos.

Em meio àquela paisagem, o *Endurance* foi pressionado incontáveis vezes pelos blocos móveis de gelo, até que em outubro de 1914 encarou sua fase final, quer seja, a sua destruição e naufrágio. Neste momento, a obra de Shackleton sofre uma transformação deixando transparecer sua frustração ao ver sua missão agora fracassada.

E então, neste domingo, 24 de outubro, veio o cruel ataque que, para *Endurance*, representou o começo do fim. Nossa posição era 69°11' de latitude sul e 51°05' de longitude oeste. Tínhamos agora vinte e duas horas e meia de luz diurna e, durante o dia todo observamos o ameaçador avanço dos *floes*. Às seis horas e quarenta e cinco da tarde, nesse mesmo dia, o navio resistia bravamente às altíssimas pressões, preso em uma posição muito perigosa. (...). O ataque era praticamente irresistível. O *Endurance* gemia e estremeia à medida que seu costado de estibordo era forçado contra o banco de gelo, encurvado o cadaste da popa e levantando as extremidades de todas as tábuas. O gelo fazia um movimento para diante, associado a um deslocamento lateral, e o navio era encurvado e literalmente dobrado, submetido a imensas tensões. Subitamente, o casco cedeu e começou a vazar água perigosamente.<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.25.

<sup>141</sup> Os membros da tripulação e suas funções: Sir Ernest Shackleton (Comandante), Frank Worsley (Capitão), Frank Wild (Imediato), Lionel Greenstreet (Primeiro Oficial), Thomas Crean (Segundo Oficial), Alfred B. Cheetham (Terceiro Oficial), Hubert T. Hudson (Navegador), Louis R. Rickenson (Primeiro engenheiro), Alfred J. Kerr (Segundo engenheiro), Alexander Hepburne Macklin (Médico), James Archibald McIlroy (Médico), Robert S. Clark (Biólogo), James Mann Wordie (Geólogo), Leonard Duncan Albert Hussey (Meteorologista), Reginald William James (Físico), James Francis Hurley (Fotógrafo), George Edward Marston (Desenhista), Cap. Thomas H. Orde-Less (Mecânico), Harry McNish (Carpinteiro), Walter C. How (Marinheiro qualificado), William Lincoln Bakewell (Marinheiro qualificado), Timothy McCarthy (Marinheiro qualificado), Thomas F. McLeod (Marinheiro qualificado), John Vincent (Marinheiro qualificado), Charles J. Green (Cozinheiro), Ernest Holness (Foguista), William Stephenson (Foguista), Percy Blackborow (clandestino (auxiliar de cozinha)). (Ibid., p.09-10).

<sup>142</sup> *Ibid.*, p.116.

Figura 14: Os destroços do *Endurance*



Fonte: ALEXANDER, 1999, p.117.

Após a destruição do navio, a tripulação é obrigada a rapidamente descarregar o necessário para sobreviver, e iniciar uma longa jornada sobre as banquisas de gelo, com o intuito de chegar até uma das estações baleeiras presentes nas ilhas da Geórgia do Sul, a centenas de milhas de distância. Durante esse percurso, os membros da expedição são expostos a inúmeros perigos, desde os animais predadores como as orcas, até o próprio movimento das banquisas de gelo, o que acaba originando, por um lado, um sentimento de topofobia ao lugar,<sup>143</sup> ao passo em que realizam suas jornadas se deparando com paisagens sublimes. Após um longo percurso, passando pela Ilha Elephant, onde 22 membros da tripulação ficaram acampados por fornecer abrigo e alimento fresco vindo das focas que constantemente chegavam na ilha, um menor grupo liderado por Shackleton seguiu para seu objetivo em busca de ajuda.

O momento após o abandono da tripulação constitui um novo marco na obra, apresentando uma cisão entre os episódios enfrentados. Inicialmente sendo composta por uma jornada de barco, pelos perigos e problemas ocorridos, além do percurso sobre a Geórgia do Sul em busca das estações baleeiras que foram alcançadas em 20 de maio de 1916.

Ultrapassamos a superficialidade do mundo. “Enfrentamos a dor e a fome, e triunfamos. Caímos e rastejamos e alcançamos a glória. Crescemos na totalidade do que é a verdadeira grandeza.” Contemplamos a face de Deus em todo o seu esplendor

<sup>143</sup> Topofobia, remete ao inverso de topofilia. Enquanto esse emprega uma relação de apego, a topofobia emprega aversão ou medo ao lugar. (SILVA, Edilane Ferreira da; COSTA, Érika Maria Asevedo; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. Topofobia e topofilia em “a terra”, de “os sertões”: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano. *Sociedade & Natureza*, v. 26, p. 253-260, 2014, p.254).

e escutamos a voz do coração da Natureza. Atingimos a essência pura e nua da alma humana.

Tremendo de frio, mas com o espírito leve e feliz, caminhamos em direção à estação baleeira – agora a pouco mais de dois quilômetros de distância. As dificuldades da viagem ficaram para trás. Tentamos endireitar o corpo e assumir uma aparência mais apreensível, pois o pensamento de que poderia haver mulheres no vilarejo nos tornou dolorosamente conscientes de que nosso aspecto deveria parecer muito pouco civilizado. Trazíamos barba longas e os cabelos desgrenhados; estávamos sujos e há muito tempo sem banho, e nossas roupas – que usávamos continuamente havia quase um ano – estavam encardidas e esfarrapadas. Dificilmente alguém poderia imaginar três desordeiros tão feios e mal-encarados. Worsley fabricou uma série de alfinetes de segurança com algum resto de seus trajes e efetuou alguns concertos temporários que apenas enfatizaram ainda mais seu aspecto depauperado.<sup>144</sup>

O resgate de Shackleton não significou o fim da expedição, visto que ele ainda precisava destinar seus esforços para resgatar a tripulação do *Endurance* que havia ficado para trás e também o grupo do Mar de Ross, com o qual haviam perdido contato. Foi por intermédio do Sr. Sorlle, proprietário da residência onde Shackleton e Crean se hospedaram durante sua estadia na estação baleeira, que o grupo teve as primeiras notícias sobre a guerra que se alastrava na Europa e sobre seu segundo navio, o *Aurora*.

Foi por intermédio do Sr. Sorlle que ouvi os primeiros rumores a respeito das desventuras ocorridas no Mar de Ross com nosso segundo navio, o *AURORA*. Na verdade, nosso anfitrião tinha muito poucas informações a nos dar. Ele fora informado que o *AURORA* se desgarrou de sua base de inverno no Estreito de McMurdo e, após uma longa deriva, alcançou o litoral da Nova Zelândia e que até agora não havia notícias do grupo de terra. Sua informação era bastante imprecisa em relação a diversos detalhes, e tive que esperar até chegar às Ilhas Falkland, algumas semanas depois, para obter um relato minucioso acerca do destino do *AURORA*. Os rumores chegaram à Geórgia do Sul, entretanto, mostraram que agora, mais do que nunca, era importante trazer o resto do grupo do Mar de Wenddell rapidamente, para que eu pudesse ficar livre para os esforços necessários para resgatar o grupo do Mar de Ross.<sup>145</sup>

Shackleton enfrentou inúmeras dificuldades em conseguir um navio adequado para adentrar a barreira de gelo com o início do inverno, fez algumas tentativas, e buscou ajuda da Grã-Bretanha, que não pôde enviar uma embarcação em função dos conflitos pelos quais passava com o desenrolar da guerra. “O Almirantado Britânico informou-me que não havia navio algum disponível na Inglaterra e que nenhuma ajuda poderia ser enviada até outubro”.<sup>146</sup> Depois de várias tentativas em diferentes embarcações, o governo chileno ofereceu ajuda enviando o vapor *Yelcho*, que era inadequado para o gelo devido seu casco em aço, mas que possibilitava uma última tentativa antes do inverno que impossibilitaria o resgate. Em 30 de

---

<sup>144</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.291-292.

<sup>145</sup> *Ibid.*, p.299.

<sup>146</sup> *Ibid.*, p.304.

agosto de 1916, o *Yelcho* conseguiu alcançar a Ilha Elephant, resgatando todo o restante do grupo ainda com vida depois de 105 dias em que ficaram acampados no local.<sup>147</sup>

Figura 15: Rotas utilizadas pela expedição na viagem em busca do continente e no resgate da tripulação



Fonte: ALEXANDER, 1999, p. 10.

Após o resgate do grupo do *Endurance*, Shackleton se voltou para o grupo do Mar de Ross. O *Aurora*, assim como o *Endurance* enfrentou condições amenas durante sua estada no cabo Evans, até ser arrastado por uma tempestade para o mar onde ficou à deriva e foi aprisionado várias vezes até se soltar e ir se refugiar na Nova Zelândia. Enquanto isso, o grupo em terra do *Aurora* liderado por Aeneas Mackintosh, seu responsável, manteve sua missão de estabelecimento dos depósitos na metade do continente Antártico. Sem o apoio do navio, foram obrigados a improvisar mantimentos e utilizar os restos da expedição do *Terra Nova*. Diferentemente do grupo do *Endurance*, o do *Aurora* teve três baixas, Mackintosh e Victor

<sup>147</sup> CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2001, p.141, p.137.



Hayward morreram após saírem caminhar no gelo e nunca mais serem avistados, enquanto o fotógrafo Arnold Spencer-Smith acabou falecendo devido ao escorbuto em 1916. Shackleton conseguiu participar do resgate após o *Aurora* ser restaurado na Nova Zelândia, em uma nova expedição financiada pelo governo neozelandês e australiano.

Para muitos estudiosos do tema, como Caroline Alexander (1999), Roland Huntford (2002) e Ulisses Capozoli (2001), a expedição do *Endurance* é considerada a última do período da “Idade Heroica da Ciência na Antártica”. Como destaca Capozoli, as expedições que se seguiram, além de serem realizadas anos após a missão de Shackleton em função dos acontecimentos da Primeira e da Segunda Grande Guerra, também contavam com os avanços tecnológicos que amparavam e tornavam esses empreendimentos mais seguros, não apresentavam tanto risco a vida de seus participantes.<sup>148</sup>

Após o fim da expedição em 1917, muitos de seus membros voltaram a ingressar o serviço militar e foram servir em navios ou nos campos da guerra que se alastrava. O relato se dedica a apresentar o futuro de alguns de seus participantes, principalmente suas realizações durante a guerra. Shackleton voltou ao continente anos após o fim do *Endurance*, desta vez a bordo do *Quest* que contava com alguns de seus antigos colegas. Devido a um ataque cardíaco na viagem, acabou falecendo em 05 de novembro de 1922, sendo enterrado na Ilha de Geórgia do Sul.<sup>149</sup>

## 1.5 RELATOS DE VIAGEM: ENTRE A CIÊNCIA, A AVENTURA E A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL

Como bem ressaltado por Sandra Pesavento,<sup>150</sup> a literatura diz muito mais sobre um passado do que qualquer outro registro, pois apresenta nas entrelinhas questões até então imperceptíveis ao olhar do pesquisador, destacando tanto conceitos quanto valores de uma determinada sociedade ao longo da história, indo, muitas vezes, além do que outros vestígios do passado permitem ir.

Os relatos de viagem, nesse sentido, devido à característica de transitarem entre a literatura ficcional, científica e pessoal, e até por todas ao mesmo tempo, fornecem um conjunto especial para analisar como os valores de uma sociedade estiveram presentes em sujeitos que

<sup>148</sup> CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2001, p.140.

<sup>149</sup> ALEXANDER, Caroline. *Endurance: a lendária expedição de Shackleton à Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.222.

<sup>150</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. *Revista História da Educação*, p. 31-45, 2003. p.40.

descreveram a natureza antártica, uma natureza inóspita ainda desconhecida e que representava uma incógnita para as mais variadas áreas científicas. Mais do que isso, como esses sujeitos, envolvidos em um meio exploratório e científico, em busca muitas vezes de glória ou simplesmente de sobrevivência, experienciaram aquele ambiente, o clima e que relações se impuseram durante esse período.

Como já ressaltado, os relatos de viagem consistem em um desdobramento entre a ciência e a literatura que se desenvolveu principalmente no período moderno. Entretanto, enquanto registros de viagem, podemos encontrá-los desde a antiguidade, quando o ato de narrar as jornadas era uma prática muito comum e de grande importância para aquelas sociedades, principalmente como uma forma de narrativa destinada aos grandes feitos. Naquele período e durante o medievo, tal escrita esteve bastante relacionada com a dicotomia de “bem” e “mal”, normalmente em busca da exaltação do lado do escritor: “A literatura medieval e clássica de viagem é, em geral, do tipo ‘nós bons, eles ruins’ – mais tipicamente ‘nós bons, eles horrendos’”.<sup>151</sup> A partir do século XV, a produção dos relatos se intensificou devido ao desenvolvimento das viagens transoceânicas em direção as Índias e as recém “encontradas” américas, que tendiam a chamar a atenção do público leitor: “Os relatores ou escrivães ou cronistas integravam as tripulações com a função específica de sistematizar os registros, manter atualizados os diários de bordo e consolidar a memória das expedições”.<sup>152</sup> Mesmo alcançando significativa importância durante o começo da modernidade, a utilização dos relatos só eclodiu mesmo a partir do século XVIII, com a realização das grandes empreitadas científicas e com a ampliação do mundo conhecido. Uma das principais influenciadoras desse crescimento foi a cartografia que contribuiu para que os relatos alcançassem um público maior na medida em que ampliava sua divulgação.<sup>153</sup>

Quando o mundo se desdobrava em novas fronteiras, era natural que os relatos sobre as novas terras, os outros mundos e as outras gentes também se proliferassem. Os registros de viajantes foram desenhando, linha por linha, um imaginário sobre o que eram as Índias, a América, a China e cada ilha que batia uma nau egressa dos impérios.<sup>154</sup>

---

<sup>151</sup> SONTAG, 2005, n.p. *apud* CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p.46.

<sup>152</sup> *Ibid.*, p.48

<sup>153</sup> FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, v. 14, 2011, p.45.

<sup>154</sup> CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p.47.

Mary Louise Pratt, citada por Mary Anne Junqueira,<sup>155</sup> destaca que nesse período houve uma profissionalização da escrita de forma a corresponder com o grande crescimento do seu público. Muitos viajantes e cientistas, desta forma, procuraram por profissionais que contribuíssem com seus relatos, “lançando mão de recursos discursivos” e tornando-os mais “interessantes” para o público. Como resultado, muitos relatos produzidos nesse período foram confeccionados objetivando atrair o leitor, mas muitas vezes, sem serem escritos pelos próprios viajantes.

Além de sua utilização como registro científico, os relatos também possuíam uma importância especial para os impérios, sobretudo, os europeus onde se destacou seu funcionamento como um elemento para a expansão do poderio imperial sobre o restante do mundo. Assim, os relatos empregavam tanto uma narrativa que era científica como também literária, ao passo que ao mesmo tempo em que pretendia demonstrar os avanços científicos e as novas observações realizadas, tendia a transformar a narrativa em uma aventura e seu autor como seu protagonista.<sup>156</sup>

O naturalista surge como uma figura singular, pois, ao lado de sua face representada pelo comprometimento com as letras científicas, o viajante surge como sujeito, como protagonista de uma aventura épica ao interior de desconhecidos lugares, cujo desafio principal era a sobrevivência, mas sem, obviamente, esquecer-se de seus objetivos intelectuais.<sup>157</sup>

Em sua utilização nas expedições científicas, os relatos de viagem adquiriram característica de catálogos daquilo que o viajante ou cientista observava e percebia, descrevendo novos locais, paisagens, culturas e povos, contribuindo com o desenvolvimento científico e categorização do planeta, possibilitando que a ciência se tornasse um meio de compreensão do mundo e que grandes livros e manuais como as enciclopédias fossem criadas.

Os relatos eram inventários de experiências que atribuíam sentido às evidências trazidas nas embarcações. Pinturas, gravuras, amostras de plantas, animais, minerais, objetos etc., subsidiavam i) a edificação de um sistema enciclopédico que pretendia inventariar e classificar as evidências; ii) a criação de um estilo universal de pensamento que almejava organizar a totalidade do mundo em uma grande narrativa. Seja por meio da observação direta (a experiência sensível) ou por meio da descrição circunstanciada, o viajante alimentava a imaginação daqueles que estavam diretamente envolvidos com a produção científica de época.<sup>158</sup>

<sup>155</sup> PRATT, 1992, p.158-159, *apud* JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Tradução. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011, op. cit., p.51-52.

<sup>156</sup> HARVEY, 1989. *apud* FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, v. 14, 2011, p.45.

<sup>157</sup> *Ibid.*, p.48

<sup>158</sup> FETZ, Marcelo. A viagem como descoberta científica: história natural e cultura de precisão. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 12, n. 1, p. 39-53, 2019, p.44.

Observados e descritos através dos olhos de sujeitos que carregavam em si as marcas de suas realidades, oriundas de determinada camada da sociedade, os relatos de viagem consistem em um conjunto literário que compartilha os mesmos interesses da sociedade do autor, ou seja, apresentavam aquilo que era observado a partir do lugar social de quem observava, o que implicava em sentimentos depreciativos e estereotipados na maioria das vezes.<sup>159</sup>

O viajante traz a postura do civilizado diante do povo atrasado, reforçada por uma série de obstáculos linguísticos, culturais e econômicos à compreensão do grupo visitado. Mesmo quando o viajante não pertence à nobreza ou a alta burguesia, identifica-se com a civilização europeia e seus padrões de avaliação dos homens, de acordo com o êxito ou o fracasso. Ao avaliar o grupo visitado e seus valores estranhos, dos quais o observador tem apenas amostras concretas fragmentadas, o visitante e o habitante acabam vítimas de inúmeros mal-entendidos.<sup>160</sup>

Desta forma, os relatos tiveram grande importância para a reprodução de imagens negativas a respeito das regiões além da europeia, sobretudo, da América e da África, destacando o sentimento de alteridade, a visão do “outro”.

Devido ao seu valor tanto para a viagem quanto para os sujeitos envolvidos, eram destinadas para sua confecção atenções especiais durante as expedições científicas. Segundo Cassel:

No caso dos diários de expedição é notório que os escrever fazia parte de uma rotina disciplinada, era obrigação, porque talvez um dos grandes objetivos das empreitadas fosse contá-las, e os registros eram ferramentas mais eficientes para viabilizar a lembrança.<sup>161</sup>

Nas expedições aqui analisadas, os diários não apenas deveriam ser escritos por vários membros – principalmente pelos oficiais – como também inúmeros cuidados deveriam ser tomados para garantir essa atividade e sua preservação. Amundsen, por exemplo menciona a especial dedicação da expedição em garantir um estoque de papéis, canetas, penas e diários para as anotações.

Devo ainda mencionar nosso suprimento de papel, que era, sob todos os aspectos, tão bom e bonito quanto possível; o mais primoroso papel de carta, ilustrado com a imagem do *FRAM* e o nome da expedição, em tamanho pequeno e grande, espessura fina e grossa, em estilo antigo e moderno – enfim, todas as variedades de papel de carta que poderíamos desejar. Em relação às penas e canetas, lápis pretos e de cor, borracha, tinta, percevejos e outras variedades de tachinhas e alfinetes, nanquim,

<sup>159</sup> PRATT, 1999. *apud* PASSETTI, Gabriel. O Brasil no relato de viagens do comandante Robert FitzRoy do HMS Beagle, 1828-1839. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 21, n. 3, p. 911-930, 2014, p.915.

<sup>160</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem: 1803-1900*. Editora Ufrj, 1997, p.10

<sup>161</sup> CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p.24-25, p.87.

corantes em pó, giz branco e giz vermelho, goma arábica e outras colas, tabelas e almanaques, diários de bordo e agendas pessoais, cadernos e diários para trenós, e tantos outros itens similares, possuímos um estoque tão abundante que poderíamos circunvagiar o globo várias vezes antes de terminarem nossas reservas.<sup>162</sup>

O cuidado em preservá-los era grande mesmo diante de possíveis mortes, uma vez que poderiam significar preservar para a posteridade sua história. No caso da expedição do *Terra Nova*, os relatos de Scott ficaram preservados em uma carteira verde que se localizava sempre presa a Scott, até ser recuperado pela expedição de resgate meses após seu falecimento:

Scott tinha afastado as abas do saco de dormir, no final. A sua mão esquerda estava estendida em direção de Wilson, seu amigo de toda a vida. Embaixo da cabeceira do seu saco de dormir, entre o saco e o pano do chão, estava a carteira verde em que ele guardava o seu diário. Os livros marrons do diário estavam lá dentro, e sobre o pano do chão havia algumas cartas.<sup>163</sup>

Além disso, poucos dias antes da sua morte, na contracapa de seu último volume de diário, Scott escreveu: “Este diário pode ser lido por quem o encontrar para assegurar a recuperação dos registros etc.; contudo, o Diário deverá ser enviado à minha viúva”.<sup>164</sup> A recuperação da história da expedição foi uma das preocupações do grupo de resgate, uma vez que diante da morte de seu capitão, os relatos serviriam para compreender os acontecimentos que ocasionaram em seu falecimento e confortar seus familiares e a quem mais se sensibilizassem por sua história e perda.

Um outro caso envolvendo os relatos das expedições aqui analisadas consiste em uma das passagens durante o naufrágio e destruição do *Endurance*, quando Shackleton acabou perdendo inúmeros documentos a respeito da expedição e que ocasionaram na falta de importantes dados que não teriam valor para sua narrativa, mas que implicam valores para conhecimento científico e para novos empreendimentos que o utilizariam como base:

Em razão da trágica perda do *Endurance* e do incrível desastre com o *Aurora*, certos documentos, principalmente relacionados à organização e aos preparativos da expedição, foram perdidos para sempre. Seja como for, eu não tencionava a apresentar aqui um minucioso relato a respeito dos planos, preparativos, provisões e outros tantos detalhes essenciais para nós, porém desinteressantes para o leitor comum. Pois é verdade é que desde o início do século passado, todos os livros sobre as explorações antárticas abordaram com plenitude esses áridos assuntos. Limito-me, portanto, a apresentar aqui um esboço da organização geral e da fase inicial da expedição. Creio

<sup>162</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.59.

<sup>163</sup> CHERRY-GARRARD, Apsley. *A pior viagem do mundo: a última expedição de Scott à Antártica*. Companhia das Letras, São Paulo. 1999, p.459

<sup>164</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.504.

que é útil incluir nesta introdução uma cópia do programa que fora preparado para atrair o interesse do grande público para a expedição que estava sendo armada.<sup>165</sup>

Outra característica fundamental é destacada a partir da citação anterior e que se relaciona com a importância dos relatos durante essas expedições, por serem importantes fontes de informações a respeito de determinada jornada. Como observado anteriormente, essas narrativas adquiriram um grande público durante os séculos XVIII e XIX, e as viagens científicas contribuíam também para a divulgação de novos conhecimentos e até para incentivar que novas viagens fossem realizadas.

Há consenso entre os estudiosos de que uma viagem – particularmente o relato de viagem – funciona como inspiração para outras jornadas desde tempos remotos. A curiosidade sobre terras distantes e homens que viviam de forma distinta aguçou espíritos aventureiros, negociantes e pensadores, se pensarmos principalmente em viagens feitas por ocidentais. Alguns relatos de viagem são, dessa maneira textos muito influentes e, por conseguinte, mobilizadores.<sup>166</sup>

Desta forma, já durante os séculos XVII e XVIII, os viajantes e exploradores modernos transmitiram os conhecimentos adquiridos ao longo de suas empreitadas pelos mares, relatando e ressaltando suas proezas e dificuldades, apresentando palestras nas sociedades científicas e espalhando suas histórias para os quatro cantos do mundo e incentivando que novas missões fossem realizadas consultando esporadicamente seus conhecimentos.

As missões de Scott, Amundsen e Shackleton, assim como outras, deveriam carregar consigo as obras daqueles que os antecederam, como forma de estudo, preparo e planejamento para as diferentes intempéries às quais a viagem era suscetível. Um exemplo bastante marcante consiste nos relatos deixados por Amundsen, destacando e se orgulhando da existência de uma biblioteca a bordo do *Fram* onde poderiam ser encontrados mais de três mil títulos.<sup>167</sup> Entre os títulos estavam textos de Scott e de Shackleton, os quais tiveram grande importância após a mudança abrupta do objetivo da expedição.

Tudo o que anteriormente já fora realizado na exploração do sul, e os relatos dos homens que contribuíram para aumentar nosso conhecimento acerca desse inóspito continente, também eram matérias que poucos na tripulação haviam tido tempo ou oportunidade para estudar, e provavelmente jamais tiveram qualquer motivo para fazê-lo. Agora motivos era o que não faltava. Considerei imprescindível que todos os homens adquirissem o máximo possível de informações sobre as expedições que nos precederam. Esse era o único meio de se tornarem um pouco familiarizados com as condições em que seríamos forçados a viver e a trabalhar. Com essa finalidade, o

<sup>165</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.14.

<sup>166</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Tradução. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011, p.49.

<sup>167</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.60.

*Fram* transportava uma completa biblioteca de literatura antártica, contendo tudo o que havia sido publicado pela longa sucessão de exploradores dessas regiões, de James Cook e James Clark Ross ao capitão Scott e Sir Ernest Shackleton. E, a bem da verdade, todos fizeram bom uso dessa biblioteca.<sup>168</sup>

Nos séculos XIX e XX, os relatos de viagem se transformaram em um dos gêneros mais vendidos, principalmente na Europa, possuindo um grande público de leitores, sendo somente substituídos a medida em que as revistas e jornais foram se desenvolvendo e ganhando espaço.<sup>169</sup>

Aqui vale uma pausa para reiterar que nesta pesquisa, para a análise dessas três expedições, foram selecionados um conjunto de relatos que foram escritos por seus comandantes (Scott, Shackleton e Amundsen), reeditados, traduzidos e publicados aqui no Brasil. Essas obras consistem em edições raras com 20 anos ou mais, difíceis de serem encontradas em qualquer estante de livraria. Os relatos de Robert Falcon Scott que se intitulam “A última expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul”, consiste em uma edição traduzida para o português da editora Alegro na coleção “Mundo Afora”, publicada em 2002. O relato de Scott, diferente dos demais analisados, consiste em uma obra póstuma, publicada sem grandes edições por sua viúva após receber seus manuscritos. Seu texto consiste em uma narrativa que destaca a importância dos relatos científicos, mas que também, na medida em que se desenrola, busca criar um vínculo com o leitor como demonstrado por Cassel, apresentando desde as preocupações e demais sentimentos de Scott, até suas opiniões acerca da expedição. Essa escrita contribui para a construção de uma figura heroica, mas em uma “epopeia mal-acabada”.<sup>170</sup> A escrita de Scott beira a dos naturalistas do século XIX, sendo uma narrativa que transita entre a ciência e a aventura e que constrói a figura de seu autor como um viajante e conhecedor da ciência.<sup>171</sup> Além disso, sua morte em meio àquele ambiente tende a construí-lo enquanto um mártir que morreu em busca da sobrevivência e da ciência.

Diferente do relato anterior, os de Amundsen, que se intitulam “Polo Sul: relato da expedição norueguesa a bordo do *Fram* - 1910-1912”, não se centram na ideia de ciência, ou

<sup>168</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.101-102.

<sup>169</sup> Ainda hoje, os relatos de viagem desempenham um importante veículo literário, contudo, direcionado para um público mais específico, que se sente atraído por esse tipo de leitura. No Brasil, por exemplo, as obras de Amir Klink fazem um grande sucesso, com títulos como: “Parati: entre dois polos” (1992) e “Cem dias entre céu e mar” (2005), obras que relatam as viagens do autor aos polos Norte e Sul, e a travessia do oceano Atlântico a bordo de um pequeno barco a remo. Aqui, os relatos já aposentando sua característica científica, demonstram muito mais as aventuras de Klink, suas dificuldades e superações.

<sup>170</sup> CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p. 90.

<sup>171</sup> FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, v. 14, 2011, p.48.

de inúmeras observações, mesmo que tenha destacado também serem de interesse da missão. Ao contrário, sua narrativa apresenta a figura lacônica de um vencedor: “*Polo Sul* é escrito a partir do lugar de êxito, de um narrador que cumpriu o ciclo dos heróis épico: parte, vence e volta”.<sup>172</sup> O relato aqui utilizado, consiste em uma edição de 2001 da Editora Alegro, também da coleção “Mundo Afora”.

Ao contrário de Scott, que não sobreviveu para editar seus relatos, Amundsen apresentou uma narrativa de suas próprias observações sobre os fenômenos ocorridos, tornando sua obra cativante para um determinado público interessado em se surpreender com grandes feitos e em uma história de vitória diante das adversidades, mas que não acarreta em grandes conhecimentos científicos. Seus relatos também expressam uma carga de sensibilidades, principalmente a respeito de sua *Framheim* e de seus animais, o que contraria muitas das acusações formuladas durante sua expedição, que atribuíam a Amundsen a característica de frieza por determinar, por exemplo, o uso dos cães também para a alimentação da expedição.<sup>173</sup> Além disso, como percebido por Cassel, a obra de Amundsen se enquadra perfeitamente no aspecto da tradição de contar histórias e de transmitir algum ensinamento explorada por Walter Benjamin, para quem “Às vezes de forma risível e bem-humorada, ensina coisas práticas da vida na região polar que certamente serão úteis para viajantes futuros”.<sup>174</sup> Outra característica também percebida por Cassel é a simplicidade e intimidade que sua linguagem cria com o leitor ao utilizar traços mais coloquiais que enriquecem sua narrativa tornando-a mais atrativa.<sup>175</sup>

Por fim, o relato de Shackleton se intitula “Sul: A fantástica viagem do *Endurance*”, publicado, assim como os demais, pela editora Alegro na Coleção “Mundo Afora” no ano de 2002. Do mesmo modo que Amundsen escreveu e organizou seu livro em um momento após o fim da expedição, quando aquelas condições já haviam sido transpostas, Shackleton também organizou em um período posterior ao resgate de suas embarcações, tendo como base para escrever suas anotações e diários de bordo feitas por ele e alguns dos oficiais de sua equipe.

De todos os aqui analisados, “Sul” é talvez o relato que mais se enquadre no gênero das grandes epopeias, visto a facilidade de levar o leitor a se surpreender e encantar com os desafios pelas quais a tripulação passou. Shackleton, ao longo de sua obra, se dedica a descrever seus sentimentos ao ver seu navio afundando e se contorcendo na medida em que é esmagado pelo

---

<sup>172</sup> CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p. 97.

<sup>173</sup> CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2001, p.118.

<sup>174</sup> BENJAMIN, 1994, *apud*. CASSEL, *op. cit.* p.,98.

<sup>175</sup> CASSEL, *op. cit.*, p.100.



bloco de gelo. A seguir, esses sentimentos se relacionarão ao lugar social enquanto um marinheiro que estabelece uma relação de afeto com a embarcação, além de estarem relacionados com a transformação na forma como a natureza passa a ser percebida. Se torna interessante destacar a transformação até mesmo em seus próprios relatos, apresentando a partir deste momento uma escrita mais dura e menos dedicada a apresentar o encanto com o ambiente experienciado. Em sua transformação, podemos notar os relatos apresentando algo semelhante ao que Marcelo Fetz destaca em seu artigo, em que a estrutura literária empregada pelo autor passa a transformar o naturalista viajante em um protagonista de uma aventura em um local desconhecido e em busca pela sobrevivência, porém, nesse caso o naturalista viajante é substituído por um explorador antártico.<sup>176</sup> Como destacado pelo próprio autor:

Fracassamos nesse objetivo, e o relato de nossa tentativa é o assunto das páginas que seguem. Mas creio – embora o fracasso no verdadeiro empreendimento tenha que ser reconhecido – há neste livro capítulos repletos de heroicas aventuras, experiências únicas e jamais vividas, dias exaustivos e noites solitárias e, acima de tudo, relatos de inabalável coragem, extrema lealdade e a mais generosa abnegação por parte dos meus homens.<sup>177</sup>

Esse ponto realça a questão apresentada no capítulo anterior em que a ciência, que antes era empregada como a protagonista, aparece agora em um papel secundário diante do valor das conquistas para a nação e dos grandes feitos. Dessa maneira, os relatos de Shackleton destacam, sobretudo, a ideia de um narrador se baseando pouco em seus diários, recorrendo a eles e suas anotações na medida em que necessita apresentar dados precisos das condições climáticas ou coordenadas geográficas.<sup>178</sup>

Assim como os diários de Scott, que trazem ao seu fim algumas cartas e trechos recortados, de forma a expandir a narrativa em sua totalidade, o texto de Shackleton inclui relatos de seus subordinados que ficaram na Ilha Elephant, assim como dos eventos que envolveram o segundo navio da expedição, o *Aurora*. Desta forma, abandonando a narrativa em primeira pessoa, Shackleton busca reconstruir os episódios ocorridos com ambas as equipes. No caso desta dissertação, só o que diz respeito ao *Endurance* e ao que foi presenciado e descrito por Shackleton será considerado na análise.

---

<sup>176</sup> FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, v. 14, 2011, p.52.

<sup>177</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.13.

<sup>178</sup> CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p.104.

Essas três narrativas de viagens, mesmo que ainda pouco conhecidas aqui no Brasil, em suas próprias subjetividades expressam inúmeros conceitos importantes que nos ajudam a compreender como aqueles sujeitos, mediante suas próprias relações de poder e formas de observar e perceber, se relacionavam com o mundo, com os corpos e a maneira pela qual experienciaram aquela natureza. Seguindo as ideias do historiador Maico Biehl, todo aquele que viaja, acaba realizando um exercício de sensibilidade a partir do real desconhecido que se tem contato.<sup>179</sup> Podemos entender as narrativas destes viajantes como “significativos canais de manifestação de sensibilidades, na medida em que ambos se configuram como dispositivos de tradução da realidade visitada”. Para tal, de forma a se enquadrar nos objetivos e interesses do trabalho, foram pensadas em um conjunto de sensibilidades divididas em dois capítulos, que não se limitam a elas mesmas, nem limitam as próprias narrativas, mas que expressam um conjunto que relaciona o corpo, a mente e as relações como mundo.

---

<sup>179</sup> BIEHL, Maico. A viagem como experiência sensível. Natureza e sociedade nos escritos de Johann Rengger (1819-1825). *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*. Ensayos, n. 92, p. 40-56, 2021, p.42.

## CAPÍTULO 2 – SENSIBILIDADES NO ÚLTIMO CONTINENTE: EXPERIÊNCIAS CORPORIFICADAS NA ANTÁRTICA

Diferente de outros animais, os seres humanos desde pequenos não contam como um rápido desenvolvimento na capacidade de se movimentar pelo mundo. Ao contrário, necessitam de anos para alcançarem as mesmas capacidades para correr e saltar que outras espécies adquirem em semanas ou meses. No entanto, como bem trabalhado pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, a capacidade humana de estabelecer suas relações com o espaço, mesmo que iniciem de forma gradual, se tornam tão complexas que é possível considerar como superior à dos outros mamíferos. Essas habilidades espaciais transformam-se em conhecimento espacial.<sup>180</sup> Mas o que é espaço? E qual sua relação com o lugar? E ainda outra pergunta: como nossa existência se entrelaça a esses dois ambientes através dos corpos? O objetivo deste capítulo consiste em responder a essas perguntas, e mais, demonstrar as implicações destes termos através da experiência dos sujeitos aqui analisados.

### 2.1 RELAÇÕES CORPORAIS ENTRE ESPAÇO, LUGAR E SENSIBILIDADES

Primeiramente, se torna necessário pensarmos o que significa espaço, para isso podemos recorrer a Yi-Fu Tuan e seus trabalhos acerca da geografia humanista. Para o autor, “espaço” consiste em um termo um tanto quanto abstrato empregado para definir um conjunto complexo de ideias. Para ele, pessoas diferentes em culturas diferentes possuem formas de dividir o mundo no qual vivem de maneiras distintas, atribuindo valores e também formas de medi-lo. Todo esse jogo de definição do espaço seria resultado de um experiência íntima envolvendo o corpo individual e o coletivo, onde a organização do espaço teria como objetivo a adaptação para as necessidades tanto biológicas quanto sociais.<sup>181</sup>

Baseado em seus estudos, Tuan ressalta a presença através de um corpo localizado em determinado espaço, ou que ocuparia uma espacialidade. Mesmo que por muito tempo a sociedade tenha se desenvolvido se afastando da ideia do corpo físico e ressaltando apenas as questões espirituais e racionais, existe uma importância fundamental em compreender o ser humano e suas relações corporais enquanto algo vivo, subjetivo e sistemático. Desta forma,

---

<sup>180</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.89.

<sup>181</sup> *Ibid.*, p.49

como destaca Tuan, podemos compreender o corpo e o espaço da seguinte forma: “O corpo é “corpo vivo” e o espaço é um espaço constructo do ser humano.”<sup>182</sup>

Dentro da perspectiva de espaços se destaca a existência de três tipos distintos, e que fazem parte do que Tuan chama de “*continuum* experiencial”. O primeiro espaço consiste no mítico, o qual segundo o autor abrange uma área imprecisa que envolve o conhecimento baseado na experiência. Além disso, se destaca enquanto um componente espacial de uma determinada visão de mundo: “a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas”.<sup>183</sup> Dentro deste espaço mítico, podemos ressaltar que suas distinções dependem da cultura na qual se inserem, no entanto, na mesma medida em que são encontrados diferenças também podem ser encontradas semelhanças, como o antropocentrismo.<sup>184</sup> Ou seja, nesses sistemas normalmente o ser humano ocupa um lugar privilegiado e central no universo. No que diz respeito as demais características Tuan destaca:

Organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidade ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo por meio da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transformando o espaço em lugar. É quase infinitamente divisível, em outras palavras, não apenas o mundo conhecido, mas também a sua parte menor, como um abrigo individual, é uma imagem do cosmos.<sup>185</sup>

O segundo tipo de espaço compreende o pragmático. Nesta categoria o espaço mítico também pode ser encontrado devido a sua característica de ordenação de um grande número de atividades práticas. Este espaço pragmático se difere dos demais por apresentar um conjunto de atividades econômicas limitadas.

Por fim o último espaço é o abstrato ou teórico. Sobre esse Tuan destaca que no Ocidente os sistemas geométricos, que consistem em espaços altamente abstratos, foram criados a partir das experiências espaciais primordiais: “Os homens não apenas discriminam padrões geométricos na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos”.<sup>186</sup> Desta forma, como resultado desta criação surge o espaço escultural e arquitetural que possui como um de seus resultados as grandes cidades planejadas.

De maneira geral, Tuan destaca o espaço também como símbolo de liberdade no mundo, sobretudo na sociedade ocidental. Destaca-se como um local que permanece aberto, dando a

---

<sup>182</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.49

<sup>183</sup> *Ibid.*, p.110

<sup>184</sup> *Ibid.*, p.116.

<sup>185</sup> *Ibid.*, p.117.

<sup>186</sup> *Ibid.*, p.27-28.

ideia de um futuro e incentivando uma ação por parte de quem o nota. Contudo, devido a essa característica seu observador também acaba por se sentir vulnerável: “O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado”.<sup>187</sup> Essas questões estão profundamente relacionadas com as expedições antárticas e serão analisadas ao longo deste capítulo.

Contrapondo aos estudos de Tuan, Tim Ingold apresenta compreensões discordantes da ideia de “espaço”. Para o antropólogo, “espaço” consiste em um dos muitos termos utilizados para descrever o mundo onde os humanos vivem. Contudo dentre todos os demais, o termo espaço é o mais abstrato (tal qual ressaltado por Tuan) e também o mais vazio, se afastando de uma ideia de vida e de experiência.<sup>188</sup> Para o autor:

Ao longo da história, seja como caçadores e coletores, agricultores ou pastores de gado, as pessoas têm tirado sustento da *terra*, não do espaço. Os agricultores plantam suas culturas na *terra*, não no espaço, e as colhem dos *campos*, não do espaço. Seus animais pastam *pastagens*, não espaço. Viajantes atravessam o *país*, e não o espaço, e quando andam ou ficam em pé, eles plantam os pés no *chão*, não no espaço. Pintores armam seus cavaletes na *paisagem*, não no espaço. Quando estamos em casa, estamos *dentro de casa*, não no espaço e quando vamos ao *ar* livre estamos a céu aberto, não no espaço.<sup>189</sup>

Ingold finaliza destacando que se espaço não é nada e que devido a esse motivo não pode ser habitado.<sup>190</sup> Nesta pesquisa, a noção de espaço estará presente nas discussões devido a sua presença na própria historiografia e devido à importância que o termo desempenha nos estudos corporais. Contudo, objetiva não apresentar uma noção fechada em si mesmo, mas uma que seja passível de novas reflexões.

Mesmo discordando da terminologia de espaço, Ingold oferece uma compreensão semelhante a observada em Tuan sobre o que diz respeito à experiência corporificada. Nesta existência, os humanos experienciam o mundo através de seus sentidos e mente, os quais para Tuan acabam refletidos nos espaços construídos e que para Ingold fazem parte desta existência no mundo e não sobre ele. Sendo assim, se faz necessário a compreensão de como a experiência vivida consiste em um experiência através do corpo e de seus sentidos e como esses são fundamentais para o exercício da percepção e construção da realidade e do espaço.

<sup>187</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.72.

<sup>188</sup> INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015, p.215.

<sup>189</sup> INGOLD, *loc. cit.*

<sup>190</sup> INGOLD, *loc. cit.*

“Duas pessoas não veem a mesma realidade”, já escrevera Tuan.<sup>191</sup> Os sentidos são, acima de tudo, “modalidades de existência” do nosso corpo no mundo em que habitamos e interagimos, sendo eles essenciais para esse exercício de percepção. Desta maneira, a forma como é experienciado o mundo consiste em algo único que pertence somente a cada indivíduo. Todo o conhecimento que adquirimos a partir da existência é resultante do uso dos sentidos, assim como destacado por Christopher Tilley: “Conhecer realmente é sentir e perceber através de todos os sentidos”.<sup>192</sup> Esse exercício implica na utilização de todos os sentidos ao mesmo tempo, realizando uma prática de sobreposição e que resulta em nossa experiência corporal no mundo. Hoje, muito se fala e se estuda a respeito dos sentidos separadamente, o que facilita sua compreensão, mas fornece uma visão empobrecida sobre a realidade.<sup>193</sup> Nesse sentido, este trabalho busca mostrar ao leitor que mesmo que alguns sentidos sejam priorizados ao longo dos relatos, eles nunca estão isolados, estando sempre em contato com os demais.

As capacidades sensoriais humanas – os sentidos – em parte se diferem se comparadas com as de alguns animais. Nossa visão, como primeiro exemplo, consiste no sentido mais amplo e de grande predominância em nossa sociedade ocidental, muitas vezes aparecendo como sentido privilegiado negligenciando os demais.<sup>194</sup> Nossa capacidade de visão, assim como a de outros primatas, se desenvolveu a partir do ambiente arbóreo, evoluindo de olhos pequenos para grandes enquanto os narizes se tornaram menores permitindo uma visão sem impedimentos. O desenvolvimento da visão acompanhou o desenvolvimento do polegar nas mãos humanas, contribuindo para que juntos se tornassem o elemento essencial para o ato de brincar com objetos e conhecê-los.<sup>195</sup> A visão colorida é uma característica dos humanos e de alguns outros animais, da mesma forma como raios violetas e algumas outras variações são imperceptíveis para humanos. A localização dos olhos na face torna o ser humano um animal binocular, o que limita sua capacidade de adquirir informação do meio<sup>196</sup>, mas garante a habilidade de decifrar mais nitidamente objetos tridimensionais. A visão possui a característica de se desenvolver na medida em que os seres humanos envelhecem necessitando de tempo para que as capacidades de visualização tridimensionais estejam plenamente desenvolvidas.

---

<sup>191</sup> TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012, p.21.

<sup>192</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014, p.39.

<sup>193</sup> *Ibid.*, p.38-40

<sup>194</sup> *Ibid.*, p.39.

<sup>195</sup> BYINGTON, Carlos Amadeu B. Os sentidos como funções estruturantes da Consciência. Um Estudo da Psicologia Simbólica. *Junguiana*, v. 37, n. 1, p. 201-208, 2002, p.202-203.

<sup>196</sup> Yi Fu Tuan apresenta o exemplo do coelho, que possui olhos laterais e que lhe fornece a capacidade de uma dupla garantia de obtenção de informação acerca do meio e seus perigos. (TUAN, *op. cit.*, p.23)

Pessoas cegas de nascença, devido à catarata congênita e que mais tarde, por meio de uma operação, recuperam a visão, têm dificuldade de reconhecer os objetos e, mais ainda, de vê-los tridimensionalmente. Elas têm que aprender a significância da distribuição da luz e da sombra no reconhecimento dos sólidos, curvas e relevo.<sup>197</sup>

Refletindo acerca do exercício da construção do espaço, a visão consiste em algo essencial, sobretudo para a organização espacial, enquanto os demais sentidos contribuem para com o enriquecendo o espaço visual.<sup>198</sup>

O tato é o sentido de que menos somos conscientes, mas o mais fundamental para nosso exercício de viver. A todo tempo estamos em contato com o meio e conosco. Mesmo sem a visão uma pessoa pode existir e conhecer o mundo através da utilização dos seus pés e mãos. Segundo Ingold, três foram os desenvolvimentos que tornaram os seres humanos uma espécie distinta das demais, até mesmo dos primatas.<sup>199</sup> Primeiramente o aumento do cérebro, sobretudo, das regiões frontais o que o tornaram em um cérebro relativamente grande. Em segundo lugar, a remodelação das mãos e a habilidade de utilização dos polegares que fornecem uma utilização precisa e versátil. E, por fim, o conjunto de mudanças anatômicas, como por exemplo o reequilíbrio da cabeça sobre o pescoço, a curvatura das costas, o aumento da pelve, entre outros. Todas essas mudanças permitiram que o ser humano desenvolvesse a forma de experienciar o mundo, promovendo as habilidades, sobretudo, de utilização através do tato. No caso dos pés e mãos, que não são as únicas maneiras de experienciar pelo tato, mas as que mais nos concentramos e somos conscientes, “foram aperfeiçoados para funções diferentes, mas complementares, respectivamente, de suporte e locomoção, e de apreensão e manipulação”.<sup>200</sup> O tato sofreu grandes limitações devido as implicações culturais que se impuseram sobre os corpos desde roupas à calçados, seja devido às condições climáticas, vaidade ou normas de moralidade.<sup>201</sup> Desta forma, o tato consiste em uma experiência direta com o mundo e a forma mais significativa de o vivenciarmos.

O paladar e o olfato são ambos sentidos que se completam e que possuem funções essenciais para a adaptação do ser humano no meio em que vive, sobretudo, no que diz respeito da sua comunicação social. São importantes sentidos, também, como mecanismo de alerta sobre o meio, alertando sobre situações potencialmente perigosas (um alimento estragado ou um

<sup>197</sup> TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012, p.23.

<sup>198</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.26

<sup>199</sup> INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015, p.71.

<sup>200</sup> INGOLD, *loc. cit.*

<sup>201</sup> BYINGTON, Carlos Amadeu B. Os sentidos como funções estruturantes da Consciência. Um Estudo da Psicologia Simbólica. *Junguiana*, v. 37, n. 1, p. 201-208, 2002, p.204

vazamento de gás).<sup>202</sup> No caso do olfato, os humanos não possuem esse sentido muito desenvolvido, outros animais como os cães possuem um olfato até cem vezes mais agudo. Contudo, consiste em um sentido de grande importância para a o desenvolvimento das sensibilidades, uma vez que, quando um cheiro ruim é percebido, pode levar a sentimentos negativos, como por exemplo o cheiro dos litorais que durante a história integrava os motivos da repulsa e do medo desses locais.<sup>203</sup> Da mesma forma, um cheiro bom pode gerar sentimentos de familiaridade, tranquilizando ou evocando lembranças de um passado. Segundo Tuan, diferente da visão que através de uma perspectiva salva a imagem de uma paisagem que pode ser alterada na medida em que o tempo passa e que o próprio indivíduo sofre transformações, o odor permanece inalterado na maioria das vezes, nos levando a viajar por nossas lembranças.<sup>204</sup>

Já o paladar, assim como o olfato desempenha um grande papel na evocação de lembranças e emoções. Além disso, dentro da evolução humana o paladar adquiriu a capacidade de discernir entre alimentos benéficos e maléficos ou venenosos e contribuir para nossa sobrevivência no meio através de uma relação com o corpo:

Sabores agradáveis como doce e umami, fornecidos por componentes energéticos como hidratos de carbono e proteínas, promovem uma maior apetência por alimentos nutritivos. Sabores desagradáveis como amargo e azedo, evoluíram no sentido de detectar componentes potencialmente letais como toxinas microbianas. O sabor salgado, por sua vez desenvolveu-se para garantir a homeostase hidroeletrólítica.<sup>205</sup>

Para Tuan, tanto o paladar, quanto o olfato e a audição, não possuem a capacidade de tornar os seres humanos cientes do mundo exterior ao corpo quando usados individualmente e até em conjunto. Contudo, sua combinação enriquece toda a experiência corporal, nas palavras do autor: “No entanto, em combinação com as faculdades “especializantes” da visão e do tato, esses sentidos essencialmente não distanciadores enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo”.<sup>206</sup> No caso do olfato, devido a sua capacidade reduzida nos humanos, ele acaba não contribuindo da mesma forma para a organização do espaço como o de

---

<sup>202</sup> FRANCO, Ana Leonor de Abreu Ladeira Franco. *Correlação dos sentidos do olfato e paladar entre si e com comportamentos sociais*. Trabalho final de mestrado integrado em medicina. Faculdade de Medicina de Lisboa. 2018, p. 05.

<sup>203</sup> CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. [Por: Paulo Neves]. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 26-27.

<sup>204</sup> TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012, p.27.

<sup>205</sup> FRANCO, *op. cit.*, p.13.

<sup>206</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.22.



alguns animais de outras espécies. Contudo, os odores podem contribuir para definir distancias e também direção. Além disso também apresentam a capacidade de sugerir volume e massa.<sup>207</sup>

Por fim o último sentido consiste na audição, sentido de grande importância principalmente pela sua capacidade de contribuir para a sobrevivência, alertando de perigos próximos que ameaçam o indivíduo. Novamente, esse não é um sentido que os humanos tenham desenvolvido além do necessário para sua sobrevivência, como alguns animais carnívoros que possuem a capacidade auditiva mais aguda que os seres humanos.

A capacidade auditiva do ser humano está bastante ligada à sobrevivência da espécie, uma vez que estudos demonstram que o ouvido é mais sensível a sons de choro de outros humanos que aos demais sons em um mesmo ambiente.<sup>208</sup> A audição tem a capacidade, segundo Tuan, de sensibilizar muito mais que a própria visão: “O som da chuva batendo contra as folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado excitam-nos com intensidades raramente alcançada pela imagem visual”.<sup>209</sup> Além disso, a audição possui uma capacidade fundamental para a apreensão do real, capacidade que é demonstrada por aqueles que acabam ficando surdos subitamente que demonstram os impactos físicos e mentais, como sentimentos de solidão, debilidade de locomoção e em piores casos a depressão:

No começo, um mundo que aparenta ter perdido seu dinamismo aparece menos exigente e nervoso; provoca sentimento de desligamento e paz, como acontece de modo agradável quando sons da cidade são abafados por uma chuva leve ou um manto de neve. Mas logo o silêncio, a perda severa da informação, provoca ansiedade, dissociação e retraimento no surdo.<sup>210</sup>

A audição apresenta uma grande importância para a constituição do espaço, sendo fundamental para a consciência desenvolvida em determinado ambiente e fornecendo um melhor reconhecimento daquilo que não pode ser visualizado, como o que se encontra atrás da cabeça, como destacado por Tuan.<sup>211</sup> Além disso, Tuan destaca também a capacidade de evocação de impressões espaciais a partir da audição:

Os estrondos do trovão são volumosos; o estrídulo do giz no quadro negro é “comprimido” e fino. Os tons musicais baixos são volumosos, enquanto os agudos parecem finos e penetrantes. Os musicólogos falam de “espaço musical”. Em música criam-se ilusões espaciais completamente independentes do fenômeno de volume e do fato de o movimento logicamente implicar espaço.<sup>212</sup>

<sup>207</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel, 2013, p.22.

<sup>208</sup> TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012, p.25.

<sup>209</sup> *Ibid.*, p.25.

<sup>210</sup> *Ibid.*, p.26.

<sup>211</sup> TUAN, 2013, *op. cit.*, p.26

<sup>212</sup> *Ibid.*, p.25.

Além disso, os sons contribuem para que o ser humano consiga relacionar a própria distância dentro do espaço, relacionado com os corpos através da própria voz, como exemplo, esse exercício possibilita a delimitação de distância ou proximidade, de um “íntimo” para um “público”.<sup>213</sup> Para o autor, a audição ainda se destaca devido ao potencial de dramatizar a experiência espacial, podendo ser geradora de inúmeras emoções dependendo da amplitude e intensidade do som.<sup>214</sup> Desta forma, podemos relacionar a audição com os sentimentos de ansiedade e medo, sons estridentes, em grande intensidade, como por exemplo do trovão ou de explosões, levam sentimentos de temor, assim como sons fracos, mas que representem algum medo humano, como por exemplos de sussurros no escuro ou, mais próximo da realidade das expedições antárticas, o estalar do gelo pressionando o navio.

Esses cinco sentidos, juntos, realizam a troca de informações que constitui a vida humana em determinado ambiente. Em diferentes culturas, diferentes sentidos podem ser privilegiados,<sup>215</sup> mas seu funcionamento ocorre sempre em conjunto. Nos relatos de viagens os sentidos estão constantemente fazendo parte das experiências de maneira silenciosa, desde o paladar curioso ao gosto da carne de foca,<sup>216</sup> ao som do gelo esmagando um navio,<sup>217</sup> ao sentir o gelo sob os pés e o vento gelado no rosto,<sup>218</sup> ou simples visão de um dia claro parecendo “sorridente”.<sup>219</sup> Além disso, juntos constroem a experiência vivida humana em determinado espaço e fornecendo a base para a construção também de lugares os quais para Tuan só atingem uma realidade concreta mediante sua experiência através de “todos os sentidos, como também com a mente ativa e também reflexiva”.<sup>220</sup>

Lugares, segundo Marluci Menezes, podem ser concebidos como componentes de um espaço, se expressando por propriedades concretas que podem ser definidas em primárias que estariam ligadas com a relação com o espaço interno e externo, e também as secundárias ligadas as ideias de centralização, direção e ritmo.<sup>221</sup> Em seu trabalho, a autora busca explorar a ideia

<sup>213</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel, 2013, p.25.

<sup>214</sup> *Ibid.*, p.26

<sup>215</sup> Em algumas culturas africanas, por exemplo, que dedicam grande importância para a tradição da oralidade, a audição é privilegiada entre os sentidos. (BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. In. *História geral da África*, v. 1, UNESCO, Brasília, 2010. p. 167-212).

<sup>216</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.121.

<sup>217</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.95.

<sup>218</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.469.

<sup>219</sup> AMUNDSEN, *op. cit.*, p.269.

<sup>220</sup> TUAN, *op. cit.*, p.29

<sup>221</sup> MENEZES, Marluci. Do espaço ao lugar: do lugar às remodelações sócio-espaciais. Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, v. 6, p. 156-175, 2000, p.157.

de lugar como “mundo habitado”, um mundo que é produzido e organizado pelos indivíduos e pela sociedade e onde se desenvolvem e articulam suas relações.

Acompanhando sua argumentação contrária a terminologia de espaço, Ingold destaca não ter nada contra a ideia de lugar, a não ser por sua atribuição enquanto componente do espaço.<sup>222</sup> Para o autor lugares não podem ser limitados, mas sim se situam em um constante movimento realizado durante a vida. Neste sentido, existiriam lugares dentro lugares e que nesta experiência aberta não se trata de viver em lugares delimitados e fechados em si, mas através deles, em um movimento contínuo: “Minha objeção é que vidas são vividas não dentro de lugares, mas através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares”.<sup>223</sup> Ingold utiliza o termo “peregrinar” para descrever esse movimento proveniente da experiência corporificada, marcada pelo movimento que constituiriam linhas e os lugares os quais gerariam entrelaçamentos nessas, antes de continuarem sendo tecidas.<sup>224</sup>

Dentro da lógica de Ingold, podemos pensar no continente Antártico enquanto lugar, o que ressalta sua produção de significado para as nações e indivíduos. As cabanas, acampamentos e navios, desta forma, seriam lugares dentro de outro lugar e as experiências ali estabelecidas consistem em parte de um peregrinar desenvolvido pelos participantes. Acompanhando o raciocínio de Ingold, o movimento das expedições seriam linhas de peregrinação, enquanto o continente, as cabanas, acampamentos e até o próprio polo seriam entrelaçamentos atados nessas linhas.

Já em seu artigo acerca do “lugar”, Tuan destaca o grande entusiasmo da geografia em estudos sobre e como estes desenvolveram duas perspectivas. Na primeira, percebe-se um “lugar como localização”, como uma unidade que se situa em determinada hierarquia dentro do espaço. Enquanto isso, na segunda, o lugar é compreendido como um lugar único, individualizado.<sup>225</sup> Para Tuan, lugar é um centro de significados construído através da experiência vivida: “É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação”.<sup>226</sup> O autor também destaca que conhecer um lugar implica em um jogo complexo onde por um lado significa conhece-lo de modo abstrato (cuja consequência é torna-lo muito distante da experiência sensorial), e por outro, implica em conhece-lo de forma mais íntima (em uma

---

<sup>222</sup> INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015, p.217-218.

<sup>223</sup> INGOLD, 2000, p. 229, *apud. Ibid.* p.219.

<sup>224</sup> *Ibid.*, p.219.

<sup>225</sup> TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. *Geograficidade*, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018, p.5

<sup>226</sup> *Ibid.*, p.05-06.

prática semelhante ao conhecer outra pessoa), o que por sua vez exigiria um certo enraizamento em determinado lugar. Ou seja, lugares são raramente conhecidos em sua completude.<sup>227</sup>

A partir da experiência vivida, lugares são continuamente construídos e reconstruídos. A casa, a cidade, a região e a nação, assim como o parque, a floresta. Todos esses constituem lugares que recebem significados distintos de pessoas distintas, mas englobam também significados comuns para certos grupos. Dentro da significação, existem mais lugares no mundo do se poderia ter consciência, assim como de suas próprias redes de significados: “A mesa da sala de jantar é um lugar. Em torno dela a família se reúne tradicionalmente para o jantar.”<sup>228</sup> Assim, se relacionando com o que coloca Ingold, lugares são compostos por lugares.<sup>229</sup>

Observando através da ótica de ambos os autores, podemos notar algumas semelhanças em suas pesquisas. Lugares para Ingold e para Tuan são centros de significação e de sensibilidades provenientes de um contato corporal que envolve tanto a sinestesia quanto cinestesia, ou seja, a percepção do movimento. São construções individuais que podem possuir significados diferentes para pessoas diferentes, mas que são fruto de movimentos ou “peregrinações” que contribuem para a atribuição de sentido. Mesmo que seus estudos sejam divergentes, cabe pensar através dos dois autores o significado que ambos apresentam, por constituírem diferentes áreas do conhecimento e que podem contribuir em novas reflexões.

Conforme destacado por Solange Guimaraes, lugares estão e são registrados no próprio corpo daquele que com eles estabelece vínculos. Nas palavras da geógrafa:

Os lugares vivenciados estão e são com toda a força da expressão, registrados indelevelmente nas faces, nos corpos, e sobretudo, nas representações e nos olhares: no fundo dos nossos espíritos, vindas à luz por intermédio de experiências e percepções exteriorizadas em atitudes, condutas, emoções.<sup>230</sup>

Conforme a citação é interessante refletir acerca de como os lugares podem trazer características das pessoas que ali moram, como as cores de uma residência remetendo a sua cultura ou suas descendências, as decorações que representam suas crenças como objetos religiosos e também a existência ou não de hortas no jardim, acarretando em interpretações ambientais, alimentares ou culturais. Contudo, se torna interessante pensar em como os seres humanos também refletem os seus lugares significados, nas marcas em suas peles, ferimentos, na forma de se

<sup>227</sup> TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. *Geograficidade*, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018, p.06.

<sup>228</sup> TUAN, *loc. cit.*

<sup>229</sup> INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015, p.216-217.

<sup>230</sup> GUIMARÃES, Solange Terezinha. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. Florianópolis, *Geosul*, v. 17, n. 33, p. 117-142, 2002, P.132

movimentarem. Todos esses exemplos demonstram as relações corporais com o espaço e com seus componentes.

Dentro desta construção de lugares, é impossível não se deparar com os sentimentos de pertencimento ou de elo que as pessoas criam com o ambiente e que acarreta em sua carga de sensibilidades para se tornar um lugar. Tais sentimentos podem ser encontrados em dois extremos opostos, mas que estão presente em grande parte trabalhando em conjunto dentro do espaço. Seriam eles os sentimentos de topofobia e topofilia. No caso da palavra “topofilia”, Tuan destaca consistir em um neologismo, um emprego de uma palavra nova formada por outras já existentes. Para o autor, a expressão pode ser muito útil para a compreensão dos laços afetivos por possuir um sentido amplo em seu emprego, podendo representar um prazer estético, efêmero e até sentimentos mais intensos. Consiste em um termo de capacidade de expressar sensibilidades as quais não se poderia com outras palavras, aquelas as quais são mais corporais do que conscientes mentalmente.<sup>231</sup> Em uma definição geral pode ser compreendida como afeição pelo ambiente.

Já topofobia consiste em seu oposto, sendo compreendida em um sentido geral como aversão pelo lugar. Esse sentimento implica em traumas, sentimentos de medo e angústias. Em seu livro “Paisagens do Medo” (2005), Tuan apresenta inúmeros ambientes os quais ao longo da história humana representaram algum sentimento traumático ou de aversão, como por exemplo as florestas escuras, locais de doença, as cidades e de locais isolados. Contudo, é importante ressaltar que topofobia deriva também das relações com o lugar, ou seja, ocorrem mediante a construção deste, que pode acabar se desenvolvendo devido às relações estabelecidas, traumas ou temores.

Diferentes grupos sociais possuem diferentes sentimentos topofilicos e topofóbicos com o ambiente. Segundo Tuan, nenhum grupo possui as mesmas relações com o ambiente que outro, podendo variar. No caso dos exploradores, Tuan destaca a superficialidade do contato que esses normalmente possuem com o meio, e que seus sentimentos topofilicos residem apenas no visual e de uma apreciação estética.<sup>232</sup> Já em agricultores, os sentimentos topofilicos podem ser diversos dependendo de seu status socioeconômico, do número de posses e de suas atividades. O autor aponta que em alguns casos, a relação com a natureza para agricultores consiste em um misto de amor e ódio, mas que no exercício da vida é fundamental que todo ser

---

<sup>231</sup> TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012, p.136.

<sup>232</sup> *Ibid.*, p.138-139

humano acabe por atribuir algum tipo de valor ao seu mundo, mais como uma necessidade do que desejo.

Para Guimaraes, esses sentimentos quando fundamentados em aspectos geográficos contribuem para a compreensão da realidade ambiental dos sujeitos e também dos contextos vividos e experienciados. Segundo a autora, as imagens, sejam topofilicas ou topofóbicas, advém de uma realidade que circunda o sujeito e que embora sejam opostas, elas não podem ser excluídas mutuamente, podendo atuar separadas como também de forma conjunta.<sup>233</sup> Para a autora:

Neste sentido, pessoas e paisagens encontram-se em uma fusão afetiva permanente, onde topofilia e topofobia implicam o reconhecimento de espaços e lugares muito além da realidade terrestre: de uma paisagem interna construída a partir da concretude dos laços com o exterior, pois são múltiplos os símbolos, as imagens, os sentimentos e expressões.<sup>234</sup>

Tais sentimentos, desta forma, constituem a experiência humana no mundo, fazendo parte do lugar e por consequência componente do espaço. As relações com o corpo estão sempre presentes enquanto um ser para e no mundo, se localizando e habitando a partir de suas próprias formas de se locomover chamadas de díades corporais.

Como destacado por Tilley, os seres humanos se movimentam no mundo através de lógicas próprias também construídas ao longo do tempo, mas sempre relacionada com seis dimensões básicas e que têm profundos impactos na experiência corporificada do lugar e da paisagem, sendo elas: Acima/abaixo (ou também: cima/baixo), frente/trás, esquerda direita.<sup>235</sup>

Através das dimensões corporais é possível estabelecer a movimentação no mundo o que somado com o “habitar” fornece a mais básica relação de localização para sua habitação, se conectando com os lugares e criando coordenadas. A própria constituição das moradias, cidades e nações acompanha essas dimensões divergindo de cultura para cultura. Um exemplo é o apresentado por Tilley ao demonstrar que a paisagem de Samoa foi estruturada de forma a localizar o litoral na zona da frente da ilha e o lado do interior para a zona de trás. O autor ainda ressalta os impactos tanto sociais e morais dessa estruturação, onde as partes mais atrás se associam a status mais baixos na dinâmica política e organizacional da aldeia, enquanto a frente se destina para os de posições mais altas. Da mesma forma, há lugares onde a estruturação

---

<sup>233</sup> GUIMARÃES, Solange Terezinha. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. Florianópolis, *Geosul*, v. 17, n. 33, p. 117-142, 2002, p.134-135.

<sup>234</sup> *Ibid.*, p.135.

<sup>235</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014, p.27.

ocorre a partir de um centro seguindo para as regiões periféricas, algo que normalmente pode ser observados nas grandes cidades brasileiras.<sup>236</sup>

Além das questões estruturais podemos também pensar em outras duas influências dessas dimensões que se interligam ao habitar. A primeira delas são as metáforas acerca das dimensões, onde a partir de construções históricas “cima/baixo” forma carregadas com uma significância fundamental. Nessas significações “cima” passa a ser considerado como algo positivo (“estar para cima” igual a estar feliz), enquanto baixo cabe a negatividade (“estar para baixo” seria semelhante ao estar triste). Além desta relação “cima/baixo” também se relaciona com o mundo devido a movimentação como a realizada para alcançar objetos que se encontram em determinada altura, necessitando que você suba em algo, ou os que se encontram abaixo sendo necessário que se abaixe.<sup>237</sup>

Essas relações estão presentes desde a antiguidade com estudos de Aristóteles o qual “comenta que ‘acima’ não é qualidade qualquer, mas onde o fogo e aquilo que se qualifica como luz se movem. Da mesma forma, ‘abaixo’ é uma qualidade específica, onde as coisas pesadas e terrosas se movem”.<sup>238</sup> Com o passar dos séculos essas significações passaram a serem percebidas no próprio corpo humano, onde a cabeça representando o “acima” era tida de forma nobre, enquanto as partes genitais por se encontrarem abaixo como algo repugnante.<sup>239</sup> Tuan ressalta que a ideia de cima também está ligada a morada divina, onde Deus habita, relacionando a questão da positividade e a negatividade de outro.<sup>240</sup>

Já a segunda questão diz respeito às sensibilidades provenientes dessas significações, sobretudo aquelas destinadas aos lugares e paisagens. A partir desta relação de cima/positivo e baixo/negativo, lugares altos como montanhas, penhascos e cachoeiras eram tidos enquanto lugares impressionantes, enquanto os baixos como cavernas tendem se relacionar com o medo e com a morte. No caso das expedições, penhascos aparecem vinculados ao medo, conforme será demonstrado no tópico seguinte, enquanto as montanhas ou alturas dos icebergs são vistos com grande encantamento.<sup>241</sup>

Frente e atrás apresentam também essas duas questões de sensibilidades e metáforas. Essas dimensões podem ser observadas através da metáfora do passado e futuro, ou seja, o que há a frente representa o futuro por vir, enquanto o que se encontra atrás já é passado. Contudo,

---

<sup>236</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014, p.28.

<sup>237</sup> TILLEY, *loc. cit.*

<sup>238</sup> TILLEY, *loc. cit.*

<sup>239</sup> *Ibid.*, p.28-29.

<sup>240</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.53

<sup>241</sup> *Ibid.*, p.28-29.

isso também acaba por gerar sensibilidades divergentes, principalmente quando relacionadas ao habitar. Nesta questão o futuro pode representar insegurança e seguir adiante um risco, enquanto o retorno para trás representa um retorno para segurança. Trazendo esta reflexão para as expedições, o ato de realizar a jornada ao Polo Sul é tido com insegurança e temor enquanto o retorno representa uma volta a segurança proporcionada pela cabana.<sup>242</sup>

No que diz respeito as dimensões de esquerda e direita, essas dependem de primeiro o estabelecimento das dimensões de “frente e trás”, sendo assim, consistem em dimensões mais instáveis:

Esquerda e direita, em oposição à ‘cima/baixo’ e à ‘traseira/dianteira’, são os dualismos corporais mais instáveis e mutáveis, afetando a forma como nós experienciamos o mundo. O que está à nossa direita, ou à nossa esquerda, é dependente da direção que encaramos, e somos muito mais propensos a confundir as direções ‘esquerda/direita’ do que as ‘cima/baixo’ e ‘frente/trás’.<sup>243</sup>

Essas dimensões carregam cargas sobretudo metafóricas onde a direita é considerada como o mais confiável (“meu braço direito”), principalmente devido ao grande predomínio de destros à canhoto,<sup>244</sup> mas também devido a questões culturais:

Em quase todas as culturas, sobre as quais há informação disponível, o lado direito é considerado como muito superior ao esquerdo. A evidência desse preconceito é particularmente abundante na Europa, Oriente Médio e África, mas o preconceito é também bem documentado para a Índia e sudeste da Ásia.<sup>245</sup>

Tuan destaca também, que a direita é normalmente percebida através de significações do sagrado, como um princípio da atividade afetiva e como “a fonte de tudo que é bom e legítimo.”. Enquanto isso a esquerda consistiria em sua antítese com vínculos com o que é profano.<sup>246</sup> “Esquerda e direita” também estão presentes na própria dinâmica corporal e na forma como os corpos são definidos (lado direito e lado esquerdo).

As cinco díades são essenciais para compreender o corpo no mundo e como ambos interagem com a relação com o habitar e os abrigos. Como destacado por Tilley:

É através desse corpo que encontro meu caminho para dentro e fora dos lugares e paisagens, experienciando-se e compreendendo-os. ‘Aqui e lá’, ‘perto e longe’, ‘cima e baixo’, ‘frente e trás’, ‘esquerda e direita’ constituem o elo mais íntimo entre meu corpo e o mundo. O corpo, assim, traz com ele um quadro espacial de termos organizados a partir dessas cinco díades, as duas primeiras absolutas (eu não posso

<sup>242</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.29.

<sup>243</sup> *Ibid.*, p.31.

<sup>244</sup> *Ibid.*, p.31.

<sup>245</sup> TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012, p.59.

<sup>246</sup> TUAN, *loc.cit.*



estar ao mesmo tempo lá e aqui, coisas estão perto ou longe de mim, ao meu alcance ou fora dele) e as três últimas relacionais.<sup>247</sup>

Desta forma, podemos recorrer a Tuan, quando este nos coloca que toda pessoa está no centro de seu próprio mundo, e são a partir dessas díades que ela consegue diferenciar o seu espaço circundante, em um movimento contínuo de alteração e esquematização das relações com o corpo.<sup>248</sup> E dependendo da forma como este se encontra o espaço também passa a sofrer efeitos, como por exemplo a destruição do mundo quando um adulto esta deitado e sua reconstrução ou criação quando se levanta e articula novamente o espaço através de seu esquema corporal.<sup>249</sup> Para Tilley, essas dimensões e se articulam de duas formas: a primeira no corpo em si como acima ou abaixo dele, atrás ou afrente dele, como também simetria bilateral básica do corpo, ou seja, uma mão direita, uma perna esquerda, uma mão direita, uma perna direita, a cabeça acima, um pé abaixo. Sendo assim conforme apontado pelo autor: “as dimensões corporais não se restringem ao corpo, mas também o ligam ao mundo, sendo sempre relacionadas e cambiantes”.<sup>250</sup>

Vale ressaltar que os empreendimentos aqui analisados viveram naquele local entre dois e três anos, o que poderia acabar gerando dúvidas acerca do estabelecimento de conhecimento para torná-lo um lugar. Tuan é enfático ao destacar que muitos podem viver a vida toda em um lugar e não conhece-lo por completo. Já se recorrermos a Ingold e ao movimento, podemos pensar que mesmo representando pouco tempo, as experiências podem ser consideradas enquanto nós nas linhas de movimento daqueles sujeitos. Essas questões estão atreladas ao dinamismo presente nas relações que aqueles sujeitos estabeleceram com aquele ambiente, e em como suas representações de um território desconhecido e inabitável eram interpretadas por aqueles sujeitos influenciando suas rotinas e uma vida na Antártica.

Desta forma, compreendendo como toda experiência em determinado espaço no mundo ocorre a partir do corpo e como esse favorece os estabelecimento de elos com os lugares, se torna possível pensar as relações entre os lugares e as sensibilidades provenientes deste contato, como o medo e as angústias, e as relações envoltas em sentimentos afetivos como amor, alegria, tristeza e ódio.

---

<sup>247</sup> TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012, p.33.

<sup>248</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.52.

<sup>249</sup> *Ibid.*, p.50.

<sup>250</sup> *Ibid.*, p.27.

## 2.2 MEDO, ANSIEDADES E A SINESTESIA DA EXPERIÊNCIA ANTÁRTICA

Sentimentos relacionados ao medo, preocupações e ansiedades nos relatos se destacam na maioria das vezes se relacionando com a própria experiência vivida por aqueles sujeitos, contribuindo para a sobrevivência diante do risco que suas vidas correm em um ambiente inóspito. Essa noção de sentimentos ligados ao medo, suas preocupações, assim como todas as outras sensibilidades provenientes do contato humano com um meio, estão profundamente relacionados com a forma como a natureza antártica é experienciada através dos sentidos sensoriais: o tato, o paladar, o olfato, a audição e a visão. Assim, não de maneira a limitar a compreensão de como vivemos através da sensibilidade sinestésica, cabe nesta reflexão analisar as implicações de medos, até então comuns em toda a sociedade humana, e como se fazem presentes nas expedições se relacionando com os sentidos do corpo.

O medo constitui-se em um assunto bastante explorado pelas ciências, sobretudo as da psicologia e da psicanálise. Nas ciências humanas isso não é diferente, graças aos avanços de várias áreas que questionaram as velhas noções cartesianas de compreensão da mente e do corpo como categorias distintas e isoladas. Noção essa que vem sendo imposta desde a antiguidade clássica quando eram destacados a existência de dois mundos: o mundo das ideias e o mundo sensível. O primeiro, compreendido como local onde a nossa alma pertenceria, um local das ideias imutáveis e universais. Já o segundo, um mundo das coisas materiais, local do corpo, que parece depois que a alma o deixa.<sup>251</sup> A partir dos novos estudos, no entanto, a ideia de cisão entre mente e corpo está sendo quebrada e a noção de entrelaçamento com o mundo, e da experiência corporal, vem sendo desenvolvida compreendendo que a forma como adquirimos consciência e vivemos está profundamente ligada com a relação entre o corpo (corpo físico e mente como um todo) e o mundo em que este habita.<sup>252</sup>

Segundo Emilio Mira y Lopez, o medo pode ser classificado em até três formas: o medo racional, o imaginário e o instintivo. No caso do medo instintivo ele se relaciona como uma forma mais básica e natural, pode ser sentido com maior facilidade do que pensado e que se caracteriza pela baixa no metabolismo vital diante de ameaças ao sujeito. O racional, ao contrário, surge a partir do conhecimento proporcionado por experiências prévias e que pode proporcionar bases para que outras pessoas também o sintam. Por fim, o medo imaginário,

---

<sup>251</sup> DE SOUZA PINTO, Júlia Paula Motta; DE JESUS, Adilson Nascimento. A transformação da visão de corpo na sociedade ocidental. *Motriz*, v. 6, n. 2, p. 89-96, 2000, p.90.

<sup>252</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014, p.24-25.

como a própria nomenclatura sugere, consiste em um medo que deriva do imaginário do sujeito, sendo muitas vezes o mais torturante dos medos e levando até mesmo a estímulos agressivos, sem que nunca tenham tido razões para que fossem sentidos.<sup>253</sup> Essas três formas de medo são encontradas ao longo dos relatos e se relacionam com os medos impostos aos humanos desde a antiguidade, envolvendo o medo do mar e do escuro, do exílio no gelo e da morte devido à fome. Esses medos apresentam uma profunda ligação com os sentidos humanos, e mesmo que não constituam casos isolados,<sup>254</sup> busco aqui arranhar a superficialidade dessa relação complexa e que muitas vezes não nos damos conta da existência.

O medo está presente na história desde os primórdios da vida humana em cada uma das sociedades e culturas. Para Jean Delumeau, o medo consiste em um sentimento que pode ser encontrado em todas as sociedades humanas desde sua origem de forma às vezes quase que imperceptível. Para o autor, tanto sujeitos em seu isolamento, quanto em grupos de indivíduos que formam uma civilização, estão comprometidos com um “diálogo permanente com o medo”.<sup>255</sup> Em sua obra “História do medo no Ocidente”, Delumeau realiza um dos trabalhos mais importantes da historiografia sobre o tema, e talvez um dos poucos a analisar de forma tão profunda essas questões que marcaram as sociedades ao longo das épocas. Utilizando o recorte temporal do século XIV ao XIX, o autor realiza um grande estudo investigativo acerca da concepção do medo na sociedade, sobretudo, na europeia.

Por muito tempo o medo consistia em um sentimento desprezado pelas sociedades. Diante da ideia de honradez e coragem, desde a antiguidade até a renascença, o sentimento que perpetrava era o da valentia em busca de uma exaltação da figura heroica. Desta forma, e ainda hoje, o medo se tornou sinônimo de covardia e algo vergonhoso.<sup>256</sup> Para os antigos gregos, por exemplo, o medo se configurava como uma punição dos deuses:

Assim, os antigos viam no medo um poder mais forte do que os homens, cujas graças contudo podiam ser ganhas por meio de oferendas apropriadas, desviando então para o inimigo sua ação aterrorizante. E haviam compreendido – e em certa medida confessado – o papel essencial que ele desempenha nos destinos individuais e coletivos.<sup>257</sup>

---

<sup>253</sup> MIRA Y LÓPEZ, Emilio. *Quatro Gigantes da Alma: o medo, a ira, o amor, o dever*. EDIJUR, Série Leitura e Cultura. Leme, 2021, p.55.

<sup>254</sup> É importante compreender que toda experiência humana se realiza a partir de um profundo e complexo contato com o mundo, onde são somadas experiências, conhecimentos e sentidos, um sempre conectado com outro constituindo o emaranhado que é a vida de todo ser vivo.

<sup>255</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009, p.12.

<sup>256</sup> *Ibid.*, p.17.

<sup>257</sup> *Ibid.*, p.26.

Durante o período medieval, o medo era algo excluído da vida das pessoas, se apresentava na forma de um clima de “mal-estar”, devido ao período marcado por grandes problemas, como um cenário pandêmico diante a Peste Negra<sup>258</sup> ou as Cruzadas religiosas que eram realizadas em direção a Jerusalém. O medo nesse período acabava sendo expresso através de símbolos cósmicos, de figuras de bestas como os dragões, instrumentos de tortura e até de seres demoníacos como a própria figura do diabo, imagem essa que se perpetrou até a modernidade.<sup>259</sup>

Que o oceano seja o itinerário privilegiado dos demônios é o que crê, no começo do século XVII, o celebre e sinistro magistrado De Lancre, carrasco do País de Basco. Ele assegura que viajantes, chegando por mar a Bordéus, viram exércitos de diabos, sem dúvida expulsos do Extremo Oriente pelos missionários, dirigirem-se para a França. Quem duvidava do caráter demoníaco do mar era logo convencido pela multidão e pela enormidade dos monstros gigantescos que o habitavam e que são descritos incessantemente pelas “cosmografias” e relatos de viagens da Renascença.<sup>260</sup>

Na passagem do Medieval para a Modernidade entre os principais medos presentes, o mar habitava no imaginário das sociedades quase sempre de forma negativa. O mar e seus medos se relacionam com as três categorias de medo anteriormente citadas. O medo imaginário do mar tem relação aos inúmeros mitos e símbolos que ao longo da história humana foram criados. Já o medo racional, aparece principalmente na medida em que são realizadas explorações marítimas e a ampliação do conhecimento sobre suas dificuldades e perigos. Por fim, o medo do mar também se constitui em um medo instintivo na medida em que representa uma grande ameaça para a vida e devido ao quanto ainda permanece desconhecido para os humanos.

Segundo Delumeau, mesmo que a sociedade europeia daquele período estivesse envolvida em uma atmosfera de medo, o mar representava um universo a parte, sendo o portador de grande temor, mas também de grande importância.<sup>261</sup> Contudo, a história do medo

---

1 <sup>258</sup> A Peste Negra foi uma importante calamidade que assolou a sociedade do século XIV, gerando um grande impacto nos mais diversos cenários, desde os econômicos ao religioso, e levando a morte de grande parte da população do período. Sua própria nomenclatura sugere algo ruim ao utilizar a “negra” de forma pejorativa, salientando o medo que a população sentiu sobre essa pandemia viral. Contudo, é importante ressaltar que sua terminologia ainda se mantém como um mistério, visto que a expressão “Peste Negra” só se popularizou a partir do século XVIII. (ARRIZABALAGA, JON. La Peste Negra de 1348: los orígenes de la construcción como enfermedad de una calamidade social In: *Dynamis Acta Hispanica ad Medicinae Scientiamque Historiam Illustrandam*. Vol. 11, Barcelona, p. 73-117, 1991, p. 73)

<sup>259</sup> *Ibid.*, p.39.

<sup>260</sup> *Ibid.*, p.67

<sup>261</sup> *Ibid.*, p.54.

tem longa data, pois desde a antiguidade, os mares e o litoral sempre foram locais “enigmáticos” e portadores do desconhecido.<sup>262</sup>

Para os antigos, o litoral era observado mais do que apenas como a entrada para o desconhecido, era também local de habitat de monstros:

No litoral escondem-se os monstros – Cila, cercada de seus cães que ladram, e a dissimulada Carbide, que se devora e vomita suas vítimas. Poseidon, o Grego, ou Netuno, o Etrusco, potências ctônicas em sua origem, deuses dos sismos e dos maremotos, herdaram ao se tornarem divindades do mar, monstros que haviam povoados as águas do mar egeu.<sup>263</sup>

Na medida em que a sociedade foi se modificando ao longo dos séculos, a relação com o mar se tornou ainda mais complexa passando a sofrer transformações na medida em que o anseio por expandir o conhecimento do mundo e das relações de comércio entre regiões tomaram as viagens marinhas necessárias. Concebido inicialmente através de um olhar depreciativo, a viagem marítima e também o veículo para realizá-la – no caso a embarcação – eram concebidos como ambientes putrefatos:

Dos navios afirma-se, surge frequentemente a infecção, emerge a epidemia. A nave no porto ameaça a saúde da cidade. O mar faz apodrecer os marujos, A travessia provoca o escorbuto, doença de alcance simbólico que deteriora a carne de suas vítimas. A decomposição dos alimentos embarcados, a descoberta das doenças exóticas, levam a comparar o navio ao monturo.<sup>264</sup>

Grande parte da repugnância que os sujeitos sentiam referente ao litoral, sobretudo entre os séculos XVII e XVIII, estaria ligada à experiência sinestésica olfativa adquirida por aqueles sujeitos que frequentavam a região. Pois, os fortes cheiros exalados pelo mar ligados aos apodrecimentos dos depósitos marinhos, somado ainda com os detritos (algas, excrementos marinhos e detritos orgânicos), contribuía para que as pessoas considerassem as costas zonas malcheirosas.<sup>265</sup>

Contudo, diante as transformações da sociedade moderna, aos poucos o ambiente passa a ser visto com outros olhos. Dois grupos tiveram importantes papéis nessa transformação de olhar, os poetas barrocos e os membros do catolicismo. Para o primeiro, o litoral e o mar passaram a se relacionar com o prazer de passear e visualizar aquelas paisagens. Já para o segundo, o mar representava uma zona perfeita para seu retiro:

---

<sup>262</sup> CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. [Por: Paulo Neves]. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 21.

<sup>263</sup> *Ibid.*, p.23

<sup>264</sup> *Ibid.*, p.26.

<sup>265</sup> *Ibid.*, p.26-27.

Em 1628, Saint-Amant experimenta os encantos do retiro. Renunciando ao campo risonho e à profundidade dos bosques, elege “deserto”, o litoral selvagem de Belle-Ile. As práticas que evoca em “Le contemplateur” enquadram no ritual da meditação; o conhecimento das Escrituras ordena suas emoções. Saint-Amant vai à praia para contemplar os espantosos imites entre os quais Deus decidiu aprisionar o abismo. Vem meditar sobre os “tristes efeitos do dilúvio” e imagina com terror o mar do Apocalipse que “queima como aguardente”. A grande cena do raiar do sol sobre o mar, que ele contempla de manhã cedo, faz lembrar a Ressurreição, anuncia o Juízo e a Elevação do Justo.<sup>266</sup>

Desta forma, o mar passou a ser observado com novos olhares, olhares que não minimizavam os temores provenientes dele, mas que de maneiras mais sensíveis e afetuosas o aproximaram da rotina das populações, ligando-o a ideais de saúde física e mental, assim como de relaxamento. Em meados do século XVIII, o litoral não inspirava mais uma zona causadora de repulsa, mas um refúgio e remédio contra todos os males, assim como lugar privilegiado para a obtenção de respostas sobre as curiosidades do mundo. Esse fenômeno reavivado, segundo Corbin, resultou em esquemas de apreciação, modos de contemplação e a criação de hábitos que acabaram por formar um sistema.<sup>267</sup>

Em relatos de viagem o mar constitui um elemento primordial, sobretudo no momento de zarpar e no de retorno. Para aqueles sujeitos o mar atuava como um verdadeiro lar, visto suas profissões.

A viagem pelo mar não recobre muito mais do que poucos capítulos nos relatos aqui analisados, mas suas menções são sempre descritas com diferentes sentimentos, desde apreensão e medo, até afeto e encantamento. Essas sensibilidades podem ser encontradas logo nos primeiros momentos da obra de Scott, em dezembro de 1910, momento em que a expedição seguia rumo ao sul e acabara enfrentando as primeiras más condições: “O mês parece iniciar-se bem. Durante a noite a força do vento aumentou e conseguimos gradualmente atingir a velocidade de 8,9 e até 9,5 nós. Com o vento soprando forte do Noroeste, o mar encontrava-se muito encapelado, não nos permitindo relaxar ou dormir”.<sup>268</sup> Essas circunstâncias se mantiveram pelos próximos dias ressaltando as dificuldades e os sentimentos da tripulação que se associam ao medo. Expressões como “calamidade, “catástrofe”, representam as difíceis condições ambientais dos mares da região.

#### SEXTA-FEIRA, 2 DE DEZEMBRO

Dia de calamidade. A partir das quatro da madrugada, a força do vento cresceu com impressionante rapidez, e em pouco tempo estávamos apenas com as velas do joanete, de estai e bujarrona içadas. O vento soprava rijo e o mar imediatamente encapelou-se; o navio jogava muito e a água invadia o convés sobre a amurada de sotavento.

<sup>266</sup> CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. [Por: Paulo Neves]. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 31.

<sup>267</sup> *Ibid.*, p.109.

<sup>268</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.20.

“Nada havia a fazer, exceto lutar contra a catástrofe, e praticamente todos os homens estiveram horas a fio trabalhando à meia-nau lançando sacos de carvão ao mar, refazendo as amarras dos caixotes de gasolina, cumprindo mil serviços aqui e ali, sempre sob condições terrivelmente difíceis e perigosas. As ondas incessantes quebravam-se sobre os trabalhadores, e com frequência eram todos completamente encobertos pela água. Nestes momentos, precisavam agarrar-se a algum objeto fixo, lutando para preservar a própria vida, tentando desesperadamente não serem arrastados ao mar.”<sup>269</sup>

A citação acima destaca uma das principais características dos mares e que ao longo dos tempos foram um dos principais temores dos navegantes naquele momento e na atualidade: as tempestades. Responsáveis por mexer com o imaginário daquele que se vê diante dela, no caso de Scott, as difíceis condições encontradas durante esses dias e a possibilidade de novas tempestades tinham um forte impacto nos ânimos da expedição:

Embora ainda não estejamos a salvo, pois outra tempestade seguramente nos causaria uma tragédia, é maravilhoso perceber a reviravolta que conquistamos em nossas perspectivas em 24 horas. Os outros me confessaram a gravidade dos pensamentos em que se viram mergulhados ontem – preocupações que eu também partilhei – mas que agora novamente estamos esperançosos.<sup>270</sup>

Nos textos de Amundsen, se apresentam poucas descrições sobre os mares, as dificuldades e as tempestades encontradas. Em uma dessas raras exceções, Amundsen, em novembro de 1910, destaca as condições encontradas através de expressões como “ameaçadoramente violento”, mas logo modificando sua narrativa demonstrando a superação dessas dificuldades e exaltando as qualidades do equipamento da missão:

No dia em que cruzamos o meridiano do Cabo, enfrentamos nossa primeira tempestade. O mar estava ameaçadoramente violento, e agora, pela primeira vez, nosso esplendido barco mostrou seu real valor. Uma única daquelas gigantescas ondas teria varrido nosso convés em um instante, se subisse a bordo, mas jamais o *FRAM* permitia tal atrevimento.<sup>271</sup>

Em outro momento próximo, Amundsen apresentou novamente uma preocupação acerca das condições e imprevisibilidades dos mares da região. Suas preocupações nesse momento se voltam à segurança dos animais a bordo:

Felizmente para nossos animais, o clima no cinturão de ventos de oeste era sujeito a alterações muito frequentes. Sem dúvida, foram obrigados a passar muitas noites em claro, com chuva, granizo e neve, mas, por outro lado, nunca esperaram muito tempo pelo retorno do sol. O vento mostrava, na maior parte do tempo, comportamento ciclônico, virando subitamente de um quadrante para outro, e essas mudanças traziam sempre grande alteração no clima. Quando o barômetro principiava a cair, era sinal seguro de aproximação do vento de noroeste, vindo sempre acompanhado por chuva, e tornando-se mais intenso até que o barômetro finalmente estabilizasse. Quando isso

<sup>269</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.23.

<sup>270</sup> *Ibid.*, p.26-27.

<sup>271</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.113.

ocorria, ou sobrevinha uma breve pausa, ou o vento repentinamente virava para sudoeste, soprando desse quadrante com violência crescente, enquanto o barômetro agora rapidamente subia. E a mudança do vento sempre trazia melhora das condições climáticas.<sup>272</sup>

O autor procura demonstrar sua sorte em não presenciar tais calamidades, como por exemplo na descrição realizada acerca da véspera do Natal de 1910, quando Amundsen destaca o aproximar de uma “tempestade de sudoeste nada animadora”, mas que ao se aproximar mudou de forma e permitiu uma véspera de Natal “com o melhor clima e o mais plácido mar que havíamos visto nas últimas semanas”.<sup>273</sup> Em contraposição aos relatos de Amundsen, Scott apresenta um dia de Natal carregado de ansiedades e frustrações:

DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO

Latitude 69°05S, Longitude 178°30W (estimativa)

Há duas noites eu nutria boas esperanças de que o dia de Natal nos encontrasse já livres do gelo. A verdade é que, apesar de tudo, o panorama geral é muito natalino. Estamos cercados de gelo. Nimbos baixos, despejando de vez em quando levíssimos flocos de neve, obscurecem o céu. Aqui e ali pequenas lagoas de mar aberto lançam feixes de sombra negra na base das nuvens. Essas mudanças escuras predominam no céu da região de onde viemos; nas outras direções o tom dominante é branca e ofuscante luminosidade do gelo cristalino.

Estamos completamente aprisionados. Com as velas, praticamente nada podemos fazer para avançar, e com o motor também pouco poderíamos progredir. A cada metro à frente, a possibilidade de seguir adiante parece diminuir ainda mais.<sup>274</sup>

Os relatos de Shackleton tem uma característica marcante que consiste na ausência dos relatos sobre o percurso de ida até o continente Antártico. Sendo assim, menções sobre o mar e as percepções daquele grupo não surgem logo de início, se tornando presentes, principalmente, nos últimos momentos da expedição durante a busca pelo resgate. A bordo de um barco a remo e uma pequena equipe, Shackleton opta por seguir para a Ilha Georgia do Sul. Nesse momento o mar parece semelhante aos antigos escritos que narravam as dificuldades de se estabelecer relações e seu potencial de violência perante o homem.

Foi uma noite medonha. Os homens, exceto o escalado como vigia, ficavam curvados e amontoados no fundo do bote, tentando obter o máximo de calor que pudessem de seus *sleepings* encharcados e dos corpos de seus companheiros mais próximos. O vento se tornava progressivamente mais forte e as ondas cada vez mais violentas. O bote saltava e mergulhava pesadamente sob as furiosas rajadas e enfrentava o vento com as velas enfiadas e o mastro tremendo perigosamente nas lufadas mais cortantes.<sup>275</sup>

<sup>272</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.114.

<sup>273</sup> *Ibid*, p.117.

<sup>274</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.62.

<sup>275</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.207



Segundo Delumeau, as tempestades eram uma das grandes responsáveis pelo medo das populações acerca do mar. Para o autor, a literatura de ficção foi um dos grandes propagadores de tais sentimentos por apresentarem as tempestades como algo brutal e que surgem de repente, sempre “acompanhada de trevas”. Shackleton destaca essa característica repentina percebida por ele no início de dezembro de 1914: “O dia 07 de dezembro nos trouxe o primeiro contratempo, às seis horas da manhã, o mar – que estivera verde durante todo o dia anterior – sofreu uma súbita mudança para um profundo e intenso azul”.<sup>276</sup>

Nos relatos, pode se observar que as tempestades estão associadas aos transtornos de ansiedade proveniente do contato com algo desconhecido e que remetem perigo as suas vidas. Ansiedade nada mais é do que variações do sentimento vago de medo e que são desagradáveis para as pessoas que as sentem, podendo se desenvolver e acarretar inúmeros problemas mentais, fobias e ataques de pânico.<sup>277</sup> Essas rápidas mudanças nas condições climáticas causavam, principalmente na narrativa de Shackleton, um grande motivo de medo enquanto se aproximavam da Ilha Geórgia do Sul, visto os perigos que representavam para um bote pequeno como no qual estavam:

Às cinco horas da manhã, o vento virou para noroeste e rapidamente aumentou e cresceu, até se transformar em um dos piores furacões que qualquer um de nós jamais enfrentou. Um violento mar, través nos atacava o costado e o vento simplesmente uivava rasgando a crista das ondas e transformando toda paisagem marinha em uma densa névoa de espuma esvoaçante. Subindo às turbilhonantes alturas e descendo os profundos vales entre as ondas, enfrentando as enormes pressões que abriam suas juntas, nosso pequeno bote arfava, sacudindo perigosamente, mas resistindo com bravura. Sabíamos que o vento e as correntes estavam nos impelindo em direção às rochas da costa, mas nada podíamos fazer.<sup>278</sup>

Podemos perceber nas citações anteriores a questão do escuro, um dos medos mais presentes na humanidade. O escuro não apenas consiste em um medo historicamente desenvolvido através do imaginário, como local onde demônios e bruxas habitam e se escondem, capacidade essa que está condicionada pela falta de visualização que permite que a mente reproduza essas imagens em sua frente. Possui, também, implicações com o próprio corpo na medida em que impõe limitações para a locomoção e visibilidade acarretando muitas vezes em isolamento e desorientação. Estudos demonstram que desde as crianças recém-

<sup>276</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.30.

<sup>277</sup> CASTILLO, Ana Regina GL et al. Transtornos de ansiedade. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 22, p. 20-23, 2000, p.20.

<sup>278</sup> SHACKLETON, *op. cit.*, p.258

nascidas logo nos primeiros meses em que começam a se locomover pelos espaços tem preferência por zonas mais iluminadas.<sup>279</sup>

Em “Os Lusíadas”, do poeta Luís de Camões, há uma descrição sobre a visão da tempestade no mar em que se destacam os sentimentos de espanto e de temores diante a noite e a escuridão proporcionada pelas tempestades:

[...]Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar, que homens não entendem,  
Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpagos que o ar em fogo acendem,  
Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,  
Não menos é trabalho que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
Que tem por mestra a longa experiência,  
Contam por certos sempre e verdadeiros,  
Julgando as causas só pela aparência,  
E que os que tem juízos mais inteiros,  
Que só por puro engenho e por ciência  
Vêm do mundo os segredos escondidos,  
Julgam por falsos ou mal-entendidos.

Vi, Claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,  
Ver as nuvens, do mar com largo cano,  
Sorver as altas águas do Oceano.<sup>280</sup>

Desta forma, os mares e as tempestades participaram do imaginário dessas expedições, como fenômenos que rapidamente tomavam conta do clima, aumentando a ansiedade a bordo e mexendo com o medo de seus participantes.

Outro elemento importante ao longo dos relatos de viagem consiste no gelo, sobretudo, no formato das nevascas, das grandes banquisas e dos *icebergs*, sendo figuras presentes em quase toda a obra.

<sup>279</sup> TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, p.25-26.

<sup>280</sup> CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*. Apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.a ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000, p.217.

Figura 16: *Endurance* bloqueado pela banquisa de gelo



Fonte: ALEXANDER, 1999, p.49.

As percepções sobre o gelo podem ser encontradas nos relatos, mas também seus efeitos nos corpos dos marinheiros e exploradores. Esses efeitos, tanto físicos quanto psicológicos, contribuem para corroborar com os sentimentos topofóbicos que vão se construindo ao longo das obras. Os sentimentos topofóbicos vão se fazendo presentes na medida em que as narrativas intensificam as preocupações ou começam a descrever apenas aspectos negativos da viagem. Um exemplo pode ser encontrado nos relatos de Scott, em seu retorno do Polo, em que os membros estão sujeitos os malefícios do contato corporal com o ambiente antártico:

E não estamos livres dos males do corpo. Oates sofre muito com seu pé semicongelado; os dedos e o nariz de Evans estão em péssimo estado; e esta noite Wilson foi torturado pela dor nos olhos. Bowers e eu somos os únicos membros do grupo sem qualquer problema nesse momento. Nevascas são nosso grande problema, não só por interromper nosso avanço, mas pela atmosfera gelada e úmida que nos envolve e praticamente nos tira o folego.<sup>281</sup>

Desta forma, a citação demonstra os diferentes efeitos causados por aquele ambiente e que possuem implicações severas no corpo humano, sendo influenciadores de alucinações ou até danos físicos e mentais. A luminosidade devido ao gelo consiste em um dos grandes problemas assim como a ação do clima gelado nos corpos. Tanto Scott como Amundsen destacam suas implicações em suas jornadas sobre o platô antártico:

DOMINGO 11 DE FEVEREIRO  
R25

<sup>281</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegre, 2002, p.481.

Hoje foi o pior dia que passamos em toda a viagem – e o que é ainda pior, foi principalmente por nossa própria culpa. Partimos caminhando sobre uma superfície medonha, auxiliados por um suave vento sudoeste; puxávamos com esquis, mantendo içada a vela do trenó. A luminosidade era horrível, o que fazia a paisagem assumir uma aparência fantasmagórica.<sup>282</sup>

Além disso, essa luminosidade é muito prejudicial para a visão, e há muitos relatos sobre casos de cegueira de neve após dias como esse. A origem desse mal reside apenas no fato de se forçar continuamente a vista; ele nasce também do descaso e da negligência. É muito fácil e bem cômodo levantar os óculos de neve para a testa, em especial quando se estão usando óculos escuros. Nós, entretanto, sempre escapamos muito bem desta moléstia – poucos de nós apresentam essa queixa, e sempre muito levemente.<sup>283</sup>

Sobre os efeitos do clima, Shackleton faz uma interessante observação acerca de como este afeta o humor da tripulação após o naufrágio do *Endurance*:

O início de março nos trouxe um clima frio, úmido e sereno, com muita neve e céus encobertos. Os efeitos do clima sobre nosso ânimo e humor eram muito evidentes. Todos os homens sentiam-se muito mais alegres quando o dia era claro e ensolarado, encarando o futuro com muito mais esperanças do que quando o céu estava escuro e encoberto. Notei que isso exercia um efeito muito mais forte e duradouro do que um aumento na quantidade de rações.<sup>284</sup>

As banquisas, fenômeno antártico que se relaciona com os mares e ao gelo, como já definido anteriormente, consistem em extensas regiões onde os mares diante das baixas temperaturas acabam sendo congelados formando uma superfície sólida que pode possuir espessuras de 2 metros e chegar até 4.000 metros. Ao se desprenderem da banquisa esses fragmentos que resultam em enormes *icebergs* tabulares.<sup>285</sup> Essas camadas de mares congelados podem chegar a possuir milhares de quilômetros de extensão, principalmente entre o período do verão ao inverno quando essas massas de gelo passam de 3,0 milhões de km<sup>2</sup> (no mês de fevereiro) para até 18 milhões de km<sup>2</sup> (em meados de setembro). Sua dimensão chega até a latitude 60° Sul, e tem importância nas implicações da circulação das correntes oceânicas e em todo o clima do hemisfério sul.<sup>286</sup>

Nos relatos do *Endurance*, o manto de gelo é uma figura predominante em grande parte da obra, sendo responsável pela destruição da embarcação, mas também pela base de sobrevivência dos participantes. Nas expedições antárticas, o gelo poderia representar um dos maiores inimigos para as campanhas, podendo tornar a viagem mais longa e demorada ou

<sup>282</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.495.

<sup>283</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.157

<sup>284</sup> SHACKLETON, *op. cit.*, p.171

<sup>285</sup> MACHADO, Reinaldo Caixeta; DE PAIVA TOLEDO, André. A exploração dos icebergs à luz do Tratado da Antártica. *Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 5, n. 2, p. 1-18, 2019, p.04-05.

<sup>286</sup> SIMÕES, Jefferson C. Glossário da língua portuguesa da neve, do gelo e termos correlatos. *Pesquisa Antártica Brasileira*, 2004, p.22.

significar até mesmo o seu fim. Nos relatos de Shackleton, o gelo assume uma ambivalência de sentimentos, pois ao mesmo tempo em que gera pavor ou preocupação também demonstra beleza e encantamento. Sobre o dia 7 de dezembro Shackleton escreveu:

À noite a situação ficou mais perigosa. Investimos contra o gelo na esperança de atravessá-lo e alcançar o mar aberto além dele. O resultado foi que ao escurecer, nos encontramos em uma pequena laguna cercada de gelo, cuja área ia progressivamente diminuindo. O gelo, impelido pelo intenso marulho, rangia ao redor do navio, e eu observava ansiosamente a situação, à espera de algum sinal de que o vento virasse para leste, pois uma brisa desse quadrante nos empurraria para a terra.<sup>287</sup>

Shackleton ainda completaria mais tarde:

O panorama glacial e os sons do gelo à nossa volta foram fantásticos ao longo de todo o dia. As ondas estouravam contra as faces laterais dos icebergs, subindo até o alto de seus gélidos penhascos sobressaindo acima das nuvens opacas e redemoinhantes que a envolviam quase todo o tempo. Ouvíamos o estrondo do mar penetrando que as cavernas do gelo e o sibilante choque das marolas ao atingir o banco de gelo mais solto enquanto admirávamos o gracioso oscilar do banco de gelo, arqueando-se sobre as altas marolas que rolavam, já parcialmente amortecidas pelas massas de gelo a barlavento.<sup>288</sup>

Tais sentimentos contraditórios aparecem também nas narrativas de Amundsen ao narrar seu primeiro contato com a barreira, em 14 de janeiro de 1911:

A mística barreira! Todos os relatos, sem exceção, desde os velhos tempos de Ross, até os mais modernos e atuais, invariavelmente descreveram essa impressionante formação natural com respeitoso temor. Era como se fosse possível ler nas entrelinhas sempre a mesma frase: “Silêncio, respeitem-na! Esta é a mística Barreira!”<sup>289</sup>

Os sentimentos controversos criados diante da paisagem gelada nos fazem recorrer à ideia de uma natureza ou paisagem sublime. O sublime se refere a um prazer estético e de profundas emoções que são contraditórias, pois ao mesmo tempo em que atraem, também causam repulsa.

As três expedições se colocaram diante de uma natureza que se impunha como dominante diante ao grupo. Um exemplo de sua força de dominação aparece nos relatos durante as descrições dos últimos dias do *Endurance* que, a partir do mês de outubro, começou a passar por sua fase final, após vários meses de luta contra o gelo. A partir desse ponto, os relatos de Shackleton sofrem uma transformação, deixando de expor o encantamento e acentuando a frustração:

<sup>287</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.31.

<sup>288</sup> *Ibid.*, p.31-32.

<sup>289</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.125-126

E então, neste domingo, 24 de outubro, veio o cruel ataque que, para *Endurance*, representou o começo do fim. Nossa posição era 69°11' de latitude sul e 51°05' de longitude oeste. Tínhamos agora vinte e duas horas e meia de luz diurna e, durante o dia todo observamos o ameaçador avanço dos *floes*. Às seis horas e quarenta e cinco da tarde, nesse mesmo dia, o navio resistia bravamente às altíssimas pressões, preso em uma posição muito perigosa. (...) O ataque era praticamente irresistível. O *Endurance* gemia e estremecia à medida que seu costado de estibordo era forçado contra o banco de gelo, encurvado o cadaste da popa e levantando as extremidades de todas as tábuas. O gelo fazia um movimento para diante, associado a um deslocamento lateral, e o navio era encurvado e literalmente dobrado, submetido a imensas tensões. Subitamente, o casco cedeu e começou a fazer água perigosamente.<sup>290</sup>

Para Shackleton, ver seu navio sendo consumido e apertado pelo gelo não era nada fácil. Em seus relatos, ele dedica vários parágrafos falando de sua angústia ao ver seu navio naquela situação:

Agora lutando e gemendo, com as tábuas partidas e as feridas abertas, ele vai lentamente se despedindo da vida em plena aurora de sua promissora carreira. Foi abandonado e esmagado após deslocar-se à deriva por mais de mil quilômetros em direção a noroeste ao longo de duzentos e oitenta e um dia desde que foi aprisionado pelo gelo. A distância em linha reta do ponto em que fomos agarrados pela banquisa até este local onde agora jaz o navio mortalmente ferido pelas garras do gelo é de 1.062 quilômetros, mas a distância total percorrida nessa viagem à deriva, somando-se os deslocamentos por todas as posições em que calculamos nossas coordenadas, foi de 2.198 quilômetros – e é provável que na verdade tenhamos percorrido quase três mil quilômetros.<sup>291</sup>

Desta forma, podemos entender que a perda do navio e a situação que viviam tiveram um forte impacto na forma como ele percebia e retratava a natureza. Mais além, suas frustrações eram derivadas de expectativas que diziam respeito ao sucesso em completar a missão e que agora, sem o navio e distante do continente, se tornara algo impossível.

Após esse episódio em que o navio foi destruído, as sensibilidades provenientes do contato com aquele ambiente e a ambivalência de sentimentos se alteram assim como a própria escrita. O medo daquele ambiente e de outros perigos que ele oferecia substituem as expressões positivas e de familiaridade, deixando a narrativa mais intransigente e preocupada.

29 de dezembro de 1915 – Após uma boa caminhada de reconhecimento, o gelo à frente revelou-se verdadeiramente intransponível. Portanto, às oito e meia da noite, em meio a um profundo e geral desapontamento, em vez de seguir em frente, fomos obrigados a recuar um quilômetro em busca de um floe mais pesado e firme. Às dez horas da noite, montamos o acampamento desanimados, e nos recolhemos às barracas. Embora a decepção tenha sido muito grande, as horas extras de sono foram muito bem-vindas.<sup>292</sup>

---

<sup>290</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.116.

<sup>291</sup> *Ibid.*, p.120.

<sup>292</sup> *Ibid.*, p.161.

Nos relatos de Scott, o gelo e a banquisa proporcionam os mesmos medos que nos anos seguintes foram sentidos por Shackleton. Sobre uma dessas experiências, Scott escreveu a respeito dos dias 18 e 19 de dezembro de 1910:

Que jogo exasperante é esse! É impossível prever o que acontecerá na próxima meia hora, nem sequer para o próximo quarto de hora podemos arriscar um palpite. Em um momento tudo parece promissor, o instante seguinte duvidamos que haja qualquer possibilidade de seguir adiante.

Mais uma vez, extraordinárias mudanças de sorte. Inicialmente a situação nos pareceu péssima. Levou quase meia hora para o navio começar a avançar, e mais de uma hora para nos aproximarmos dos floes de maior área a que me referi; e então, para meu desespero, o navio se recusava a virar em sua direção (...).<sup>293</sup>

Os floes pesados e os sinais de pressão descomunal a princípio nos haviam deixado perplexos e muito alarmados – parecia impossível que o navio conseguisse abrir caminho através deles, e isso nos levava a imaginar todas as mais trágicas possibilidades, como permanecer à deriva rumo ao norte e sermos libertados só muito tardiamente no decorrer da estação. (...) Parece que estamos sendo libertados do terrível cativo. Hoje, por duas vezes, Evans sugeriu que parássemos e esperássemos, e eu, por três vezes, senti minha decisão vacilar. Se a situação se mantiver, nem é preciso dizer como ficaremos felizes por ter insistido tão obstinadamente na travessia, a despeito das perspectivas desesperadoras. De qualquer modo, mantendo-se ou não a atual situação, será sempre um enorme alívio saber que há gelo “negociável” para nós.<sup>294</sup>

Em 28 de dezembro de 1910, diante do grande cinturão de gelo formado em volta do continente, Scott sofre com inúmeras prisões no gelo. Nesse dia após uma boa parada o navio volta a avançar. “Neste momento enquanto estou escrevendo, o banco de gelo parece estar um pouco mais próximo ao navio. Peço aos céus que não esteja fechando outra vez. Ainda não há nenhum sinal visível de mar aberto para o sul”.<sup>295</sup> Tais sentimentos apreensivos continuam até a superação da banquisa no dia 30 de dezembro, momento tranquilizante para a tripulação:

SEXTA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO

Latitude 72°17’S, Longitude 177°09’E

Finalmente estamos totalmente livres da banquisa. Voltemos a respirar com tranquilidade e esperamos que ainda seja possível realizar os pontos principais de nosso cronograma. O carvão, contudo, deve continuar cuidadosamente administrado.<sup>296</sup>

Diferente dos demais, Amundsen em sua escrita busca realizar uma descrição mais voltada para os sucessos e as adversidades vencidas por ele e seu homens, exaltando sua dominação das condições encontradas:

“Um, dois, três... um pequeno salto... e pronto, a Barreira está vencida!

<sup>293</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.50.

<sup>294</sup> *Ibid.*, p.53.

<sup>295</sup> *Ibid.*, p.71.

<sup>296</sup> *Ibid.*, p.72-73.

Olhamos uns para os outros e sorrimos. Provavelmente o mesmo pensamento surgira nas mentes de cada um de nós. O monstro perdera algo de seu mistério, o terror perdera algo de seu poder; o incompreensível revela-se bem fácil de ser compreendido.

Sem qualquer esforço ou dificuldade, penetramos em seus domínios. A Barreira eleva-se aqui cerca de seis metros de altura, e sua junção com o mar congelado encontrava-se totalmente preenchida por grande quantidade de neve acumulada, de modo que a ascensão se fez por uma modesta e suave encosta. Essa via de entrada não nos oferecia resistência alguma.<sup>297</sup>

Em meados de fevereiro com o início das expedições de depósito, Amundsen destaca várias questões que habitavam sua mente:

Nossos companheiros já desapareceram no horizonte, e devem estar trabalhando, mas a distância avistamos o *FRAM*, envolto pelo cintilante gelo branco-azulado. Somos apenas seres humanos, e numerosas incertezas sempre limitam nossa perspectiva no tempo e no espaço. Haveremos de nos encontrar novamente? E se nos encontrarmos, em que circunstâncias isso ocorrerá? Muitas esperanças interpõem-se entre esse momento e a próxima vez que avistarmos o *FRAM*. De um lado, o poderoso oceano, e de outro a ignota vastidão gelada... Coisas demais podem acontecer. A bandeira drapeja no topo do navio, acenando um último adeus, até que fim desaparece. Agora prosseguimos, avançando novamente ao sul.<sup>298</sup>

A citação anterior, assim como a seguinte que consiste na continuação de suas preocupações, estabelecem um novo momento em sua narrativa. A conquista sobre a natureza abre espaço para as ansiedades e preocupações acerca do sucesso da missão e da segurança do grupo, que duram até sua chegada ao Polo Sul na última expedição.

Igualmente, essa primeira jornada ao coração da Barreira era para nós uma aventura muito excitante. Explorávamos um território absolutamente desconhecido, levando um equipamento que jamais fora testado. Que tipo de terreno enfrentaríamos? Essa ilimitada planície continuaria além do horizonte completamente livre de obstáculos? Ou a natureza nos oporia dificuldades insuperáveis? Estaríamos certos em nossa suposição de que os cães seriam o melhor animal de tração nessas regiões? Ou teríamos agido melhor trazendo renas, pôneis, trenós motorizados, aeroplanos, ou qualquer outra opção mais?<sup>299</sup>

Um dos momentos de maiores ansiedades na obra são encontrados durante a expedição ao polo devido as condições dos solos cobertos por espessas camadas de gelo fofo que poderiam conter fendas que levariam os trenós a destruição e seus homens a morte:

Não era possível enxergar muito longe e, com frequência nós do último trenó tínhamos dificuldades em desviar primeiro. Por muito tempo estivemos descendo um longo declive, o que era preocupante, pois não estava de acordo com nossos registros, e muitas vezes cruzamos sobre fendas, embora nenhuma fosse muito grande.<sup>300</sup>

---

<sup>297</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.126

<sup>298</sup> *Ibid.*, p.156.

<sup>299</sup> *Ibid.*, p.156.

<sup>300</sup> *Ibid.*, p.284.



Até mesmo nesses momentos, o medo e as preocupações parecem serem sufocados por outros sentimentos associados à coragem, ou ainda, é possível perceber nos relatos de Amundsen uma ideia de desprezo pelos sentimentos de medo e a apreciação pela coragem diante as adversidades, tal como analisadas por Delumeau.<sup>301</sup> Esta questão se torna mais clara ao retornarmos aos relatos quando o autor descreve os sentimentos de seus colegas após a queda de um dos trenós em uma fenda profunda, e da necessidade de resgate de alguns cães e dos mantimentos do trenó:

Não nego que admiro a coragem e o desprezo pelo perigo, mas percebi que o extremo a que chegavam era demais para ser considerado admirável. Eles simplesmente estavam brincando de esquiva com a foice do destino. As preocupantes informações de Wisting, vindas lá de baixo de que a cornija sobre a qual ambos caminhavam tinha apenas alguns centímetros de espessura – não parecem exercer qualquer efeito sobre eles; pelo contrário, continuam ali, parecendo sentir-se infinitamente seguros.<sup>302</sup>

A citação demonstra não apenas a sobreposição de sentimentos de valentia, mas também apresentam uma ambivalência de sensibilidades diante aquelas circunstâncias que relacionam ao afeto pelos seus companheiros, preocupações com seu destino e medo pelas suas atitudes.

Um outro medo relacionado ao gelo e ao mar consiste nos grandes e imponentes *icebergs*. Como destacado por Collares, os *icebergs* representam uma feição distinta nos mares austrais. Sua formação ocorre a partir de fissuras e quebra de pedaços das grandes barreiras de gelo. Segundo a autora, a região do Mar de Wenddell, escolhido pela expedição do *Endurance*, consiste em uma área de formações de *icebergs*, de águas mais profundas e densas do planeta.<sup>303</sup> Nos relatos, essas grandes estruturas de gelo muitas vezes são observadas com duplicidade de sentimentos, desde a ansiedade à admiração. Isso ocorre principalmente devido aos tamanhos e suas feições.

Grande número de *iceberg*, a maioria de forma tabular, flutuava a oeste das ilhas, e notamos que vários deles eram amarelos em razão da presença de diatomáceas. Um dos *bergs* exibia grandes manchas de terra castanho-avermelhada em suas faces laterais. O encontro de um número tão grande de *icebergs* nessas águas é assustador e, imediatamente após passar entre as ilhas, encontramos ainda mais gelo trazido pela corrente marinha. Todas as velas foram recolhidas e seguimos adiante, navegando lentamente, apenas com o auxílio do motor.<sup>304</sup>

---

<sup>301</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009, p.17.

<sup>302</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.285.

<sup>303</sup> COLLARES, Lorena Luiz et al. Identificação e monitoramento de icebergs em imagens Advanced Synthetic Aperture Radar no noroeste do Mar de Weddell, Antártica. *Revista Brasileira de Cartografia*. p.569-589, 2015, p.570.

<sup>304</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.30.

Em outro momento Shackleton escreveria também:

É um grande *berg*, com cerca de mil e quatrocentos metros de comprimento na face voltada para nós e provavelmente com bem mais de sessenta metros de altura. Sua superfície é intensamente fendida, sugerindo que o bloco tenha sido anteriormente um *senac* de alguma grande geleira. Duas fendas particularmente largas e profundas, cruzando-o de sudeste a noroeste transmitem a impressão de que ele partiu seu dorso ao se apoiar sobre o solo relativamente firme de algum banco de areia mais raso. Enormes massas de gelo estão empilhadas sob grande pressão contra seus penhascos, elevando-se até uma altura de quase vinte metros e revelando a força descomunal exercida sobre ele pelo banco de gelo, deslocando-se à deriva. É evidente que o iceberg deve estar firmemente encachado no solo oceânico. Balançamos frequentemente o ponteiro do medidor da corrente marítima, observando com cuidadosa atenção onde iria parar seu movimento. Apontaria diretamente para o Berg, mostrando que a deriva nos arrastava naquela direção? Ele oscilou lentamente ao redor de seu eixo; apontou para a extremidade nordeste do iceberg, em seguida deslocou-se para seu centro e pareceu parar, mas moveu-se novamente e girou para sudoeste até afastar-se vinte graus além dos limites do nosso inimigo.

Notamos que dois outros icebergs familiares, o Fortaleza e o Montanha, se afastaram do navio. Provavelmente eles também encaharam ou estão raspando em algum banco de areia no fundo do mar.<sup>305</sup>

Podemos observar nas primeiras linhas da citação a descrição detalhada de algumas características da observação científica feita pelo comandante. Temos com essa citação o primeiro momento de confronto entre a expedição e as condições antárticas naquele ano. É possível notar um tom de surpresa e de preocupação na escrita de Shackleton.

Figura 17: Iceberg encontrado no dia 21 de dezembro de 1914 pela expedição do *Endurance*



Fonte: ALEXANDER, 1999, p.40.

<sup>305</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.83.

Durante a segunda parte, os números referentes aos tamanhos parecem surreais e construídos propositalmente pelo autor para chocar o leitor. Contudo, vale considerarmos que o relato, enquanto aparato literário e científico, tinha como uma de suas características a busca por um conhecimento objetivo, ou seja, que fosse fidedigno as observações realizadas.<sup>306</sup> No caso da primeira citação, Shackleton observa um de formato “tabular”, *icebergs* como este, consistem em pedaços que se desprenderam da grande banquisa de gelo que se forma na Antártica, podendo seu tamanho se assemelhar ao de uma cidade até ao de um estado brasileiro.<sup>307</sup> No caso de outros existentes, muitos estudos demonstram que o comprimento médio pode variar entre 200 e 300 metros. Além disso, podemos ressaltar que nos *icebergs* grande parte de sua estrutura se encontra submersa, aproximadamente 75%, permitindo que seus movimentos sejam influenciados pelas correntezas marinhas e que encalhem em regiões de menor nível, como presente nos relatos.<sup>308</sup>

Como parte de um movimento científico, a expedição do *Endurance* possuía entre os tripulantes uma equipe de cientistas que tinha como objetivo efetuar estudos naquele ambiente. Nos relatos os *icebergs* eram também objetos de curiosidades dos cientistas da expedição, que durante diversos momentos do texto, anteriores ao fim do *Endurance*, aparecem interessados em analisar essas estruturas. Como exemplo, Shackleton escreveu no mês de agosto de 1915:

Os cientistas desejavam examinar mais de perto alguns dos icebergs vizinhos, entretanto viajar de trenó além do limite de nossas vizinhanças mais imediatas era uma aventura difícil e muitas vezes perigosa. No dia 20 de agosto, por exemplo, Worsley, Hurley e Greenstreet partiram rumo ao iceberg Plataforma e penetraram em um canal coberto de gelo recente que ondulava assustadoramente sob seus pés. Uma rápida meia volta fugindo daquela área os salvou a tempo.<sup>309</sup>

Nos relatos de Scott, semelhante ao que ocorre nas narrativas do *Endurance*, opta-se por uma escrita mais direta destacando um olhar científico, os *icebergs* aparecem a partir de 08 de dezembro na medida em que se aproximavam da banquisa. Nessa primeira menção, eles são descritos apenas de maneira superficial, a compor a paisagem, sendo somente diante do encontro próximo que sua figura passa a aparecer como tema do relato, mas de maneira objetiva sem destacar sentimentos que se assemelham a inseguranças ou medo:

<sup>306</sup> SCHEMES, Elisa F. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianópolis: 2015, p.01-02.

<sup>307</sup> MACHADO, Reinaldo Caixeta; DE PAIVA TOLEDO, André. A exploração dos icebergs à luz do Tratado da Antártica. *Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 5, n. 2, p. 1-18, 2019, p.04.

<sup>308</sup> COLLARES, Lorena Luiz et al. Identificação e monitoramento de icebergs em imagens Advanced Synthetic Aperture Radar no noroeste do Mar de Weddell, Antártica. *Revista Brasileira de Cartografia*. p.570-571.

<sup>309</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.101

Passamos por vários magníficos icebergs, quase todos tabulares; suas alturas variam entre 18 e 25 metros. Começo a pensar que essa região da Antártica não produz icebergs de maior altura. Dois dos mais notáveis merecem ser descritos.

O primeiro passou bem perto de nós, a bombordo, de modo que pôde ser filmado. Era tabular e tinha cerca de 24 metros de altura. Parecia haver se desgarrado do continente em data relativamente recente. Fiz um desenho ilustrando suas peculiaridades, que sugerem a possibilidade de haver interesse científico em analisar mais detalhadamente a face de outros icebergs. Parece que notamos uma nítida diferença entre a origem das partes superior e inferior deste iceberg, como se a geleira do qual originou fosse recoberta por camadas sucessivas de neve anual. Além disso, percebemos uma característica notável, que descrevi como “camadas intrusivas de gelo azul”; posso imaginar que essas camadas representam superfícies alteradas por degelo e regelo alternados, sob ação do sol e do vento. Essa descoberta merece mais profunda investigação.<sup>310</sup>

O segundo *iceberg* destacado por Scott é descrito através da mesma perspectiva científicista e analítica de sua estrutura e composição. Essa característica se manteve pelo restante do percurso até a banquisa a cada encontro de novos *icebergs*:

Passamos por dois imensos icebergs durante o turno da tarde – o primeiro, de formato tabular e irregular, com superfície estratificada, e nitidamente fendido. Imagino que uma base desigual neste berg, causando capacidade desigual de flutuação em suas diferentes partes, tenha originado esta fenda. O segundo iceberg era abobadado, possuindo duplo pico. A origem desses bergs ainda constitui um mistério para nós. Apego-me ainda à hipótese inicial de que se tornam abobadados quando encalhados e isolados.<sup>311</sup>

Amundsen descreve seu primeiro encontro com os *icebergs* de forma interessante, destacando a ideia de que sua presença não é esperada, mas que o sentimento que prevaleceu, contrariando o medo e a preocupação, foi o de satisfação:

As três da madrugada do dia de Ano-Novo, o oficial de vigia despertou-me, trazendo a notícia de que o primeiro iceberg fora avistado. Fiz questão de me levantar para observá-lo. Sim, lá estava ele, distante, a barlavento, cintilando como um castelo sob os raios de sol da manhã. Era um vasto *berg* de topo plano, tipicamente antártico. Pode parecer paradoxal afirmar que essa primeira visão do gelo foi saudada por todos com alegria e satisfação. Um iceberg habitualmente é a última coisa a alegrar o coração de um navegante, mas naquele momento não estávamos preocupados com quaisquer riscos.<sup>312</sup>

Os motivos desses sentimentos são assinalados pelo autor a seguir: “O encontro com o imponente colosso trazia outro significado que exercia um apelo mais forte em nossos interesses – indicava que a banquisa não estava longe. Todos, com unânime vontade, ansiávamos por nela penetrar”.<sup>313</sup> Em compensação com as demais viagens, a realizada por Amundsen transcorreu sem maiores dificuldades no percurso marítimo e no avanço da banquisa:

<sup>310</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.33

<sup>311</sup> *Ibid.*, p.52.

<sup>312</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.120.

<sup>313</sup> *Ibid.*, p.120.

Mas essa nova fase da viagem seria igualmente favorecida pelo destino. Esses mares, relativamente pouco conhecidos, não ameaçaram em nada nossa navegação. O clima manteve-se surpreendentemente bom; não poderia ter sido melhor nem mesmo em uma viagem de verão pelo Mar do Norte. Não havia praticamente *iceberg* nenhum, e uns poucos e pequenos *floebergs* foi tudo o que encontramos nos quatro dias que levamos para cruzar o Mar de Ross.<sup>314</sup>

É interessante notar outras implicações que surgem ao gelo durante os relatos de viagem, que vão além do perigo suscitado por ele, destacando menções a sua beleza enquanto um momento carregado de vários fenômenos visuais, como nas passagens seguintes de Amundsen:

Para que se possa compreender melhor como decorria nossa rotina diária, faremos agora um passeio por *Framheim*. Estamos nas primeiras horas da manhã do dia 23 de junho. A mais absoluta imobilidade reina sobre a barreira – imobilidade tal, que alguém que nunca esteve nessas regiões, certamente será incapaz de imaginar. Avançamos pela velha trilha de trenós que vem da baía onde o *FRAM* estivera atracado. Você interrompe a caminhada várias vezes durante o trajeto, se perguntando se a cena é real – algo tão inconcebivelmente belo jamais foi visto. Diante de você está a margem norte da Barreira, com os Montes Nelson e Rönniken em primeiro plano; atrás deles se elevam, em altitudes crescentes, as imponentes marcas de pressão, crista após crista, pico após pico. A luminosidade irradiada é magnífica, e parece tão claro quanto a luz do dia. No entanto, o dia mais curto do ano terminou há poucas horas. O que então causa esse brilho? Não há sombras, portanto não pode ser a Lua. Não, a luz que agora nos envolve é uma das raras aparições realmente intensas da aurora austral. Parece que a natureza deseja homenagear nosso hóspede e exibir-se em sua melhor roupagem – e, sem dúvida, são espetaculares as vestes que escolheu.<sup>315</sup>

Amundsen ainda completa a experiência descrevendo que não de apenas efeitos visuais a paisagem era composta, destacando a presença dos sons causados pela aurora:

A noite é perfeitamente serena, o céu limpo, com milhares de estrelas cintilando, e não se ouve som algum em qualquer direção. Mas, espere, o que é aquilo? Como uma torrente de fogo, uma luz projeta-se através do céu, e um agudo sibido acompanha o movimento. Silêncio! Você escutou? A luz projeta-se para adiante novamente, assume formato de uma faixa, e resplandece em raios rubros e verdes; imobiliza-se por um instante, como se pensasse que direção deve tomar, e mais uma vez arremete, seguida por um intermitente som sibilante. Desse modo, a natureza ofereceu-nos nessa fantástica manhã a presença de um de seus mais misteriosos e mais incompreensíveis fenômenos – a luz audível austral!<sup>316</sup>

Por fim, a descrição da paisagem encontrada pelo autor acaba surpreendendo o leitor quando destacado que todos aqueles efeitos sentidos não passaram de uma ilusão diante o clima da noite fria, destacando os impactos do clima frio na mente humana e nos sentidos sinestésicos em conjunto:

– Agora, quando voltar para casa, você já pode contar a seus amigos que viu e ouviu pessoalmente as luzes austrais. Pois suponho que você não duvide da realidade que acabou de testemunhar. Dúvida? Como pode alguém não crer em algo que viu com

<sup>314</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.122.

<sup>315</sup> *Ibid.*, p.205.

<sup>316</sup> *Ibid.*, p.205-206.

seus próprios olhos e escutou com seus próprios ouvidos? Porém, saiba que você, como muitos outros, foi completamente enganado! As luzes sibilantes, sejam boreais ou austrais nunca existiram. São penas uma ilusória criação da sua mente, ávida por uma experiência mística, convenientemente auxiliada por sua própria respiração, que se condensa ao entrar em contato com o ar-gelado. Adeus belo sonho! E assim ele desaparece da sublime paisagem.<sup>317</sup>

Na medida em que os acontecimentos prosseguem, outros sentimentos associados ao medo da morte vão se tornando cada vez mais presentes nas obras. Tais medos se fazem presentes nos relatos de Scott principalmente durante suas tentativas de chegar ao polo. Nas narrativas de Amundsen, novamente tais sentimentos são silenciados, prevalecendo a exaltação das qualidades do equipamento da missão e de sua organização quanto aos mantimentos. Já nos relatos de Shackleton, que não chegou a pisar na Antártica, tais sentimentos são observados durante o percurso na banquisa de gelo e no realizado de bote até a Ilha Georgia do Sul. Entre os medos associados à morte, a possibilidade de morrer de fome era uma constante nessas expedições.

O medo da fome, e de morrer devido à inanição, consiste em um medo natural do ser humano, fazendo parte dos seus instintos mais primitivos. Durante a história, muitos povos sofreram e ainda sofrem devido à escassez de alimento. Ao longo dos tempos, diante das calamidades naturais e mudanças alimentares, muito se produziu destacando as dificuldades e os medos dela provenientes. Povos anteriores sempre tiveram a ameaça da fome em seu cotidiano, possuindo consequências devastadoras sobre a população, principalmente nas que habitavam as cidades e que não produziam seus alimentos. Até mesmo os habitantes das zonas rurais passavam por dificuldades, já que dependiam deles os sustentos de toda uma população. Entre alguns exemplos, os egípcios e os mesopotâmios, temiam pelo fim do cosmo, e que a partir disso, os ciclos da natureza, sobretudo de seus rios, principais meios de produção agrícola, fossem destruídos. Para evitar isso, esses povos, assim como os chineses durante a dinastia Shang (c. 1500-1030 a.C.), mantinham como tradição a realização de rituais e sacrifícios. Os sacrifícios humanos para a promoção da fertilidade da terra e agradar os deuses ocorreu na civilização asteca onde cerca de 15 mil humanos, em sua maioria prisioneiros de guerra e guerreiros, eram sacrificados anualmente.<sup>318</sup>

Ainda hoje a fome assola diversas regiões do planeta, seja derivada de ações de um governo, seja por decorrência de calamidades naturais que tem se tornado cada vez mais frequentes. O medo da fome está relacionado com os sentimentos de ansiedade em seres

---

<sup>317</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.206.

<sup>318</sup> TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, p.96.

humanos, conforme destacou Tuan.<sup>319</sup> Para o autor, humanos possuem a necessidade de exercer controle sobre suas vidas e manter certo grau de segurança, mesmo que tais sentimentos possam consistir em uma ilusão. Assim, na medida em que sua sobrevivência entra em risco e a imprevisibilidade se atenua, tais sentimentos de ansiedade se intensificam.

Nas expedições, a alimentação a bordo e para a jornada no continente ganha grande destaque e detalhamento.

As provisões foram selecionadas com o maior cuidado e acondicionadas com excepcional precaução. Todos os mantimentos foram lacrados em recipientes de lata, e estes guardados em resistentes caixas de madeira. O encaixotamento dos víveres enlatados é de enorme importância em uma expedição polar; o cuidado nunca é excessivo com esse item das provisões. Qualquer descuido ou displicência no empacotamento por parte dos responsáveis, invariavelmente levará ao escorbuto.<sup>320</sup>

Uma má alimentação ou a falta dela nessas missões poderia desencadear no escorbuto, doença citada no capítulo anterior que poderia atingir tanto homens quanto os animais, uma das preocupações destacadas nas narrativas de Amundsen:

Esse *permmican* especial foi pela primeira vez fabricado para as forças armadas da Noruega; pretendia-se que fosse utilizado como “ração de emergência”. A experiência ainda não estava concluída na ocasião em que a expedição partiu, porém pode-se dizer que o resultado esperado foi bastante satisfatório. Alimento mais estimulante, nutritivo e saboroso seria impossível encontrar. Porém, além da carne seca para nós, aquela para os cães era igualmente importante, pois eles são tão susceptíveis ao escorbuto quanto os homens. O mesmo cuidado foi, portanto, dedicado ao preparo desse alimento.<sup>321</sup>

Tanto na alimentação dos seus membros quanto dos animais utilizados, eram cuidadosamente selecionados itens que visavam suprir a necessidade calórica e nutricional pelo período imaginado da expedição. Uma boa alimentação nessas jornadas consistia em uma das principais preocupações, podendo ser decisivas para acalmar os ânimos ou elevar a moral da tripulação em caso de algum acidente, como ocorreu com o *Endurance* e destacada por Shackleton: “A depressão ocasionada por nossas vizinhanças inóspitas e por nossa frágil posição poderia ser até certo ponto aliviada se as rações fossem aumentadas”.<sup>322</sup>

A missão do *Terra Nova* não teve problemas com a alimentação até o momento em que a missão empreendida por Scott e mais quatro membros retornava do polo. Mesmo que a jornada realizada para o estabelecimento dos depósitos tenha sido realizada com significativo

<sup>319</sup> TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, p.113.

<sup>320</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.51.

<sup>321</sup> *Ibid.* p.51-52.

<sup>322</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.143.

sucesso e mantimentos suficientes tanto para os animais quanto para os homens tenham sido deixados, as grandes distâncias entre eles dificultavam que fossem utilizados pelo grupo. Essas distâncias, intensificadas devido ao mal tempo e o início do inverno, obrigaram que a expedição diminuísse consideravelmente a ingestão de alimentos, algo bastante necessário diante climas e empreendimento tão cansativos.

Estamos a 83 quilômetros do próximo depósito, e ainda temos alimento para mais seis dias. Apanharemos então mantimentos para mais sete dias, e teremos pela frente mais 170 quilômetros para vencer até o Depósito Três Graus. Chegando lá, podemos nos considerar salvos. No entanto, por segurança, até chegar a esse depósito devemos sempre manter reserva de alimento para um ou dois dias.<sup>323</sup>

Diante das condições encontradas pela expedição, as dificuldades se impuseram na forma de lentas marchas e altos consumos de alimentos. “A situação agora começa a parecer um pouco mais grave. Desde o momento em que partimos, soprava um forte vento, que até a hora do almoço cresceu, transformando-se em uma violenta nevasca. Foi uma marcha difícil, mas conseguimos percorrer quase 13 quilômetros”.<sup>324</sup> No dia 27, Scott destaca a fome que se abatia sobre a equipe: “Estamos nos sentindo cada vez mais famintos, e seria uma grande benção dispor de um pouco mais de comida, especialmente no almoço”.<sup>325</sup> Sensação essa que é destacada novamente dois dias depois: “Estamos, com certeza, mais famintos a cada dia que passa”.<sup>326</sup> Mesmo após alcançar um dos depósitos do planalto, a situação da alimentação não melhorou:

QUARTA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO

Deposito Superior da Geleira - Monte Darwin – R 21

Tivemos hoje outro dia medonho, mas com um final satisfatório. No princípio da manhã entramos em pânico com a descoberta de que a caixa de biscoito estava acabando. Não sabemos como isso pode ter acontecido, pois certamente não distribuimos ração em excesso. Bowers, especialmente estava tremendamente perturbado com esse fato. A quantidade que falta corresponde à ração total de um dia de refeição completa.<sup>327</sup>

Em suas últimas anotações realizadas no dia 29 de março de 1911, Scott destaca a terrível situação e que o alimento que possuíam já havia acabado desde o dia 22 de março: “Desde o dia 21, a tempestade sopra incessantemente de sudoeste e oes-sudoeste. No dia 20 de

---

<sup>323</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.478-479

<sup>324</sup> *Ibid.*, p.480.

<sup>325</sup> *Ibid.*, p.484.

<sup>326</sup> *Ibid.*, p.485.

<sup>327</sup> *Ibid.*, p.491-492.



março tínhamos combustível para preparar duas xícaras de chá para cada um e alimento mal suficiente para dois dias”.<sup>328</sup>

No caso da expedição do *Endurance* que tem seu navio destruído com grande parte de sua carga, a alimentação precisou ser rigorosamente controlada e um inventário dos mantimentos restantes realizados. “Efetuei um completo e rigoroso inventário de todos os suprimentos disponíveis, tendo seus pesos calculados com uma balança simples confeccionada com uma peça de madeira e alguns fios”.<sup>329</sup> Além disso algumas tentativas de recuperar os mantimentos foram realizadas no navio que aos poucos afundava no gelo:

Como nesse local o navio estava sepultado sob um metro e meio de água e gelo, não foi uma tarefa fácil. Contudo, fomos bem-sucedidos e abrimos um buraco com largura suficiente para permitir que algumas poucas caixas escapassem flutuando por ali. Essas caixas foram saudadas com grande alegria.<sup>330</sup>

Assim como destacado por Tuan, os sentimentos de impotência e a falta de segurança são prejudiciais para os seres humanos, assim na medida em que mais caixas conseguiram ser resgatadas, os humores da tripulação também adquirem outras características:

Posteriormente, à medida que nos animamos com esse trabalho, salvamos outras caixas, cujo resgate foi auxiliado por um gancho de atracação. As caixas eram saudadas com júbilo ou com resmungos, de acordo com seu conteúdo ser constituído por úteis alimentos farináceos ou luxos supérfluos como geleias. Pois agora cada homem sabia muito bem o valor calórico e nutricional e as qualidades inerentes aos vários alimentos – tínhamos um grande interesse pessoal nesses assuntos.<sup>331</sup>

Durante a viagem em busca de resgate, as dificuldades com a alimentação vão se atenuando, os alimentos resgatados vão sendo consumidos, mas que logo passam a ser trocados pela alimentação de carne das focas e pássaros que vivem na região e pelos cães sacrificados. “Em consequência dessa escassez de alimentos e do fato de precisarmos reservar para nós toda a comida que pudermos obter, fui obrigado a ordenar que sacrificassem os cães em excesso, deixando apenas duas matilhas de trenós”.<sup>332</sup> Shackleton destaca também em seguida o grande valor que cardápios alternados possuíam para os marinheiros:

Eu tinha que estar continuamente reorganizando o cardápio semanal. O número de possíveis combinações para associar com nossa dieta de carne de foca era bastante limitado. O fato de os homens nunca saberem o que viria a cada refeição criava uma

<sup>328</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.525.

<sup>329</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.139.

<sup>330</sup> SHACKLETON, *loc.cit.*

<sup>331</sup> *Ibid.*, p.139-140

<sup>332</sup> *Ibid.*, p.163.

espécie de ansiedade e um ambiente de especulação fazendo que as mínimas variações fossem sempre muito valorizadas.<sup>333</sup>

O paladar humano recebe destaque de Shackleton, e a mudança de gostos se torna um assunto que recebe alguma atenção:

Fatias fritas de gordura de foca ao nosso paladar parecem bacon torrado. Embora pessoas vivendo em condições mais civilizadas com certeza as rejeitassem horrorizadas, para nós não havia qualquer dificuldade em comê-las. O sofrimento nos viria, pelo contrário se esse nosso estoque chegasse ao fim.

Acredito que o paladar do animal humano possa se adaptar a qualquer situação. Algumas criaturas, desprovidas de seu alimento natural, morrem de inanição antes de aceitar uma dieta estranha. Os iaques das montanhas do Himalaia, por exemplo, precisam se alimentar de grama que ali cresce – por mais escassa e seca que esteja – e passam fome de outra maneira, mesmo com o milho e aveia abundante e de boa qualidade.<sup>334</sup>

A reflexão proposta por Shackleton nos leva a pensar o nosso paladar e nossa própria alimentação. Tal como destaca Ana Teresa dos Santos Almeida, os seres humanos estão sempre dispostos a apreender novos sabores através de sua experiência, diferentes de outras espécies de animais que ingerem alimentos acessíveis que se enquadrem na categoria de “comestível”, os seres humanos desenvolvem hábitos relacionados a sua alimentação tornando parte de sua cultura.<sup>335</sup> A cultura não apenas rege hábitos à mesa como também as sensibilidades gustativas de determinada população. No trecho transcrito acima, Shackleton cria uma relação entre a alimentação europeia e a que a tripulação adere durante o percurso, contudo vale destacar que a alimentação humana também está sujeita a relações com o meio, estando sujeita a disponibilidade de alimento que obriga rápidas adaptações.

Tato, visão e paladar, todos percebidos facilmente nos trechos selecionados acima, nos fazem refletir acerca do que Tilley nos coloca a respeito da sinestesia da experiência. Como destaca o autor, no momento de contato de uma pessoa com uma paisagem ou lugar, os sentidos estão sempre envolvidos em um “dinâmico entrelaçamento”.<sup>336</sup> Desta forma, a maneira como presenciamos o mundo nos ajuda a construir nossas percepções e nossas experiências, tendo um grande impacto em nossos sentimentos. O medo, mais precisamente o medo da morte, está presente a cada um dos anteriores citados. Nas missões as simples condições climáticas possuem implicações tanto físicas quanto mentais e ambas podem ser fatais em determinada

<sup>333</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.164.

<sup>334</sup> *Ibid.*, p.178.

<sup>335</sup> ALMEIDA, Ana Teresa Moreira Dos Santos. *O treino do paladar: marcadores precoces de uma alimentação saudável para a vida: Monografia (Ciências da Nutrição e Alimentação)*. Universidade do Porto. Porto, 2010, p.19.

<sup>336</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014, p.40.

intensidade. Os fenômenos naturais antárticos, sejam as banquisas ou os *icebergs* e nevascas, tinham forte impacto no corpo e na forma como aqueles homens os presenciavam e descreviam. Expressões ligadas ao medo, tais como “medonho”, “fantasmagórico”, “horrendo”, ou outras ligadas às ansiedades provenientes do contato, são constantemente encontradas, assim como estão presentes expressões de encanto e prazer o que geram uma ambivalência a ser considerada. Medos históricos como o do mar, ou da tempestade, ou ainda da fome, são categorias também bastante presente nas obras. Fica claro com essa primeira análise que, seja como obra literária ou científica, os relatos de viagem trazem em suas entrelinhas inúmeras sensibilidades relacionadas à natureza na qual se inserem.

### 2.3 AFETIVIDADE COM A HABITAÇÃO E AS DIÁDES CORPORAIS EM MEIO AO GELO

Todo ser humano ao refletir sobre sua vida pode encontrar uma ampla variedade de sensibilidades provenientes do contato de seus corpos com o mundo. Sentimentos estão presentes a todo momento na existência, alguns podem ser evidenciados com um aroma que remeta a uma memória, outros se intensificam mediante um som, seja ele bom ou ruim. Contudo, entre as sensibilidades provenientes desse contato com o mundo, talvez nenhuma seja mais complexa do que a afetividade.

Normalmente observada apenas como um mero sentimento de boas características, relacionada com carinho e amor, a afetividade envolve uma ampla variedade de sentimentos que podem e vão muito além daqueles vistos com olhos amorosos. Segundo as psicólogas Monica Gouveia de Aquino Neto e Marisa Ferreira Mendes, seres humanos são movidos pelos afetos e são esses vínculos afetivos que se constituem ao longo da vida que influenciam a relação dos corpos com o mundo. Sobre isso, as autoras destacam a importância fundamental dos afetos no desenvolvimento e estruturação do funcionamento cerebral: “e conseqüentemente da formação de conexões, memórias, construção de pensamentos funcionais e adaptativos, ou disfuncionais e desadaptativos (...)”.<sup>337</sup>

Contudo como destacado por Correa, a afetividade é normalmente compreendida filosoficamente como emoções positivas que se referem a pessoas e que não possuem o caráter de dominação das paixões:

---

<sup>337</sup> AQUINO NETO, Monica G; MENDES, Marisa Ferreira. *A revolução dos afetos*. Editora PoD, Rio de Janeiro. 2018, p.05

Enquanto as emoções podem se referir a pessoas e coisas, os afetos são emoções que acompanham algumas relações interpessoais das quais fica excluída a dominação pela paixão. Daí a temporalidade indicada pelo adjetivo afetivo que traduz atitudes como bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura etc.<sup>338</sup>

Afeição, ainda segundo Correa, é o conceito utilizado e que implica em uma “ação sofrida”, ou seja, designando toda a transformação ou influências provenientes de uma ação. Contudo, a afetividade não designa apenas emoções positivas podendo também abranger alguns desagradáveis. Além disso, diferente do que coloca Correa, Aquino Neto e Mendes incluem as paixões entre os estados afetivos, destacando sua atenuada intensidade e capacidade de controlar a atenção e os interesses de todos aqueles que forem acometidos por elas.<sup>339</sup> Para as autoras, afetos podem ser vistos como algo que designa qualquer tipo de estado de humor, de sentimento ou emoções. Esses estados afetivos podem tanto variar em instantâneos que possuem os momentos de intensidade, mas que ao pouco vão amenizando, quanto os mais duradouros que podem estar presentes ao longo de toda vida.

Sobre essa característica da momentaneidade, Jonathan Haidt descreve o afeto como pequenos flashes de sentimentos que podem variar dos mais positivos aos mais negativos e que possuem como principal função nos aproximar ou afastar de algo: “Toda emoção (como felicidade ou repulsa) inclui uma reação afetiva, mas a maioria dessas reações é passageira demais para ser chamada de emoção (por exemplo, os sentimentos sutis que surgem apenas com a leitura das palavras *felicidade* e *repulsa*).”<sup>340</sup> Haidt a partir dos estudos realizados por Wilhelm Wundt,<sup>341</sup> destaca que, para esse, as reações afetivas estariam profundamente relacionadas a percepção imediata, ou seja, no mesmo instante que entramos em contato com algo que acarreta tanto sentimentos bons quanto ruins. Em outro momento, Haidt recorre aos estudos de Robert Zajonc para pensar a rapidez das práticas afetivas:<sup>342</sup>

Zajonc afirmou que o pensamento pode funcionar independentemente do sentimento na teoria, mas na prática as reações afetivas são tão rápidas e convincentes que agem como anteolhos em um cavalo: elas ‘reduzem o universo de alternativas’ disponível para o pensamento subsequente.<sup>343</sup>

<sup>338</sup> CORRÊA, Carlos Pinto. O afeto no tempo. *Estudos de Psicanálise*, n. 28, p. 61-67, 2005, p.61.

<sup>339</sup> AQUINO NETO; MENDES, *op. cit.*, p.17.

<sup>340</sup> HAIDT, Jonathan. *A Mente Moralista: Porque pessoas boas são segregadas por política e religião*. Alta Books, 2020, p.58.

<sup>341</sup> Wilhelm Wundt é considerado como o fundador da psicologia experimental e responsável por formular a doutrina da “Primazia do Afeto” em meados de 1890. (*Ibid.*, p.58)

<sup>342</sup> Robert Zajonc é psicólogo e retomou as ideias de Wundt na década de 1980. (*Ibid.* p.59)

<sup>343</sup> *Ibid.*, p.59.

A citação acima além de abordar a questão da instantaneidade dos afetos também apresenta a sua capacidade de contribuir para a sobrevivência do sujeito, permitindo que através dessas relações afetivas ele possa evitar perigos. Segundo Aquino Neto e Mendes:

As emoções têm como função, do ponto de vista evolutivo, promover comportamentos adaptativos, para promover a sobrevivência do animal ou da espécie. Do ponto de vista cognitivo, maximizam a atenção e o processamento de informações, organizam as percepções, o pensamento e o comportamento, para lidar da melhor forma possível com as situações e suas respostas afetivas.<sup>344</sup>

Para as autoras os afetos possuem a capacidade de transparecer pelos corpos dos sujeitos e de assim serem percebidos pelos demais:

Afetos são expressos através da mímica, do olhar, dos gestos, da postura e do tom de voz das pessoas. A expressão corporal nos conta sobre os estados afetivos de alguém. Assim como a capacidade empática de um observador é responsável pela leitura do afeto do outro. Somente pela comparação dos sentimentos do observador com o da pessoa observada é possível nomear um afeto em questão.<sup>345</sup>

A afetividade é tema de reflexões desde a antiguidade clássica, com os estudos de Aristóteles, quando esse chamou de afetivas as qualidades sensíveis destacando a capacidade de cada uma delas ser capaz de produzir uma afeição dos sentidos. O objetivo dessas primeiras reflexões consistia em uma busca do conhecimento sobre as transformações da alma humana, desde aquelas próprias da alma como as outras que compartilham com outras espécies de animais.<sup>346</sup>

Como colocado por Correa, essas reflexões acabaram por gerar alguns dilemas, como por exemplo a característica de passividade das afeições o que ameaçava a autonomia da racionalidade humana, obrigando esses estudiosos a realizar a criação de uma divisão que ainda hoje está presente em nossa sociedade: “Daí os estoicos marcaram uma dicotomia que chega aos nossos dias, as afeições e por extensão as emoções seriam irracionais”.<sup>347</sup>

A dicotomia entre razão e afeto carregou a afetividade para um lugar de exclusão e de menosprezo. Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino destacavam a necessidade da razão como moderadora das afeições. Para Correa, o “triunfo dessa racionalidade e a anulação do afeto sugerem uma defesa contra o desconhecido, o incontrolável dos afetos despertados”.<sup>348</sup>

<sup>344</sup> AQUINO NETO, Monica G; MENDES, Marisa Ferreira. *A revolução dos afetos*. Editora PoD, Rio de Janeiro. 2018, p.17.

<sup>345</sup> *Ibid.*, p.18.

<sup>346</sup> CORRÊA, Carlos Pinto. O afeto no tempo. *Estudos de Psicanálise*, n. 28, p. 61-67, 2005, p.62.

<sup>347</sup> CORRÊA, *loc.cit.*

<sup>348</sup> CORRÊA, *loc.cit.*

Em seu tempo, Descartes relacionou cinco afetos essenciais aos humanos, sendo eles o amor, o ódio (seu oposto), desejo, alegria e tristeza, sendo que as duas últimas consistiriam em paixões primárias e que se relacionavam com a dor, a única forma da alma ser advertida do que ocorre com o corpo.<sup>349</sup>

Com o fim do século XIX e a passagem para o XX, novos intelectuais voltaram sua atenção para o afeto, cada um para suas próprias interpretações. Entre eles, Freud e Lacan. Freud que acompanhou o desenvolvimento da psicanálise voltou sua atenção para a histeria e a angústia: “Entendido como um estado emocional, inclui toda a gama de sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável, manifestado de forma violenta, física ou psíquica de modo imediato ou adiado.”<sup>350</sup>

Nas obras de Lacan, o importante psicanalista do século XX, o afeto caminha junto as relações entre os sujeitos e a alteridade e percebendo essa interação como um “vínculo entre corpo e linguagem”. Desta forma contradizendo muitos psicanalistas que discordam da presença dos afetos nas reflexões e estudos produzidos por Lacan.<sup>351</sup>

O próprio medo tratado anteriormente pode ser considerado como um sentimento afetivo, impactando o corpo de variadas maneiras. Contudo, em Freud o medo também se faz sentir enquanto uma sensibilidade presente em outros sentimentos, tornando-se uma sensibilidade que perpassa os afetos.

Então, além do medo, este trabalho destaca outros encontros que apresentam relações afetivas, que mesmo que não sejam os únicos, apresentam-se enquanto os mais evidentes nas obras desses viajantes. Seriam eles: O abrigo, aqui compreendido como a cabana e o navio, tema deste tópico, e os animais, analisados no capítulo seguinte. Vale destacar dois pontos importantes aos quais este estudo se detém, iniciando com o conceito de “habitar”, e seguindo para as relações corporais de movimentação no mundo.

Pensando dentro da ótica do espaço e do lugar, a Antártica poderia ser observada como um espaço, um símbolo de liberdade e de vastidão, que causa uma sensação a qual, segundo Tuan, está profundamente ligada com a liberdade em outros níveis de significado. Mas que, como visto inicialmente neste capítulo, também gera sensação de vulnerabilidade. Nesse sentido, enquanto a Antártica se define enquanto um espaço, a cabana, o navio e os acampamentos são obtidos através da ótica de lugar, uma vez que estes representam proteção

---

<sup>349</sup> CORRÊA, Carlos Pinto. O afeto no tempo. *Estudos de Psicanálise*, n. 28, p. 61-67, 2005, p.65.

<sup>350</sup> *Ibid.*, p.63.

<sup>351</sup> RAVANELLO, Tiago; DUNKER, Christian Ingo Lenz; BEIVIDAS, Waldir. Para uma concepção discursiva dos afetos: Lacan e a semiótica tensiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, p. 172-185, 2018, p.174.

diante a vulnerabilidade do espaço aberto. Nas palavras de Tuan: “Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos.”<sup>352</sup> Desta forma, se dialoga com a ideia de experienciar e se resguardar, se expandir e se recolher.

A cabana, a embarcação e os demais lugares que se fazem presentes nos relatos portando significações representam um elo com a ideia de lugar tanto de topofilia quanto de topofobia, em alguns momentos até ambos ao mesmo tempo. Esses ambientes enquanto portadores de sensibilidades adquirem características próprias dos sujeitos com os quais se entrelaçam. Não é de hoje que se sabe que fatores culturais afetam o local onde os indivíduos moram, suas escolhas decorativas, as cores predominantes, as coisas que ali vão adquirindo significado e contribuindo para que a própria subjetividade desses sujeitos seja construída.<sup>353</sup> Além disso, a própria ideia de casa ou abrigo desempenha importantes funções na forma como o ser humano interage com o mundo possibilitando tranquilidade e as ferramentas para “se recompor quando ele se escoriou na luta com o mundo exterior.”<sup>354</sup>

Nesses empreendimentos não é diferente, as cabanas, que como já ressaltado são confeccionadas com antecedência e desmontadas para o transporte, são projetadas para fornecer aos seus ocupantes um local que represente segurança na mesma medida em que envolvam simplicidade, em uma fusão que acaba gerando sentimentos de tranquilidade e de prazer.

Na expedição empreendida pelo capitão Amundsen, a cabana sempre foi um ponto de grande atenção. Como a viagem naquele momento já havia adquirido como alvo o continente Antártico, o comandante destacou a necessidade de construir um local que suprisse as necessidades e que fosse resistente às baixas temperaturas e muitas intempéries da região. De forma a garantir e suprir suas necessidades, Amundsen acompanhou o processo que descreve em seus relatos:

A cabana que levamos foi construída em minha propriedade em Bundefjord, de modo que pude acompanhar todo o progresso dos trabalhos. Seus construtores foram os irmãos Hans e Jörgen Stubberud, e desde o início foi uma esplendida peça de artesanato, digna de seus fabricantes. O material provou ser excelente sob todos os pontos de vista. A cabana media oito metros de comprimento por quatro metros de largura, e sua altura do piso à cumeeira do telhado era de cerca de 3,7 metros.<sup>355</sup>

<sup>352</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.72.

<sup>353</sup> MELO, Bárbara Bezerra de Barros. *A casa: os sentidos de habitar para mulheres moradoras do conjunto habitacional Nova Caiçara/Sobral-Ceará*. Orientadora: Zulmira Áurea Cruz Bonfim. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019, p.25

<sup>354</sup> BOLLNOW, Otto Friedrich. *Homem e o Espaço*. Tradução de Aloísio Leoni Schimid. Editora da UFPR: Curitiba-PR, 2019, p.145.

<sup>355</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.63.

Na escrita Amundsen faz uma detalhada descrição das características da cabana. Tendo optado por uma cabana no estilo de casas norueguesas, possuindo um telhado de ângulo agudo e dois cômodos internos. O primeiro teria aproximadamente seis metros e seria utilizado pela equipe como dormitório, como sala de refeições e também a de estar. O segundo cômodo foi destinado unicamente para a cozinha do cozinheiro Lindström. Além desses cômodos, a cabana também possuía um grande espaço no sótão pensado para atuar como armazém de equipamento e provisões. Sua construção ocorreu em meio a plataforma de gelo centenária, ou seja, em uma área de risco contínuo caso o local pudesse de alguma forma sofrer com as ações do tempo: “Como veremos, todos os cuidados foram mais tarde tomados para que a cabana ficasse aquecida e confortável, além de seguramente fixa no solo.”<sup>356</sup> Em suas palavras, o estabelecimento com sucesso de sua cabana era motivos de felicidade:

Que impressão, confortável, asseada, e acolhedora a casa nos transmitiu ao entrarmos pela primeira vez por sua porta! Linóleo novo e brilhante por todo lado, tanto na cozinha como em nossa sala. Tínhamos agora todos os motivos do mundo para nos sentirmos felizes.<sup>357</sup>

*Framheim*, como ficou conhecida, é uma das questões que mais chamam a atenção ao analisar a obra de Amundsen, e sua construção e significação nos leva a refletir sobre um dos conceitos chave para compreender a importância da cabana para as expedições, não apenas no sentido prático, mas também no psicológico, esse é o conceito do “habitar”.

Habitar consiste em um conceito bastante complexo e que se distancia do significado de habitação. Segundo o arquiteto e filósofo alemão Otto Friedrich Bollnow, habitar é uma constituição básica da vida humana, sendo esse um conceito complexo pois: “habitar é mais que o simples estar ou encontrar-se; pois ambos estão para o espaço numa relação apenas externa”. Segundo Bollnow, habitar significa um determinado enraizamento em um lugar, um “sentir-se em casa”.<sup>358</sup>

Habitar significa, portanto: ter uma locação fixa no espaço pertencer a ela e nela estar enraizado. Entretanto, para que o homem possa ali permanecer de modo a se sentir protegido, o “lugar” da habitação não pode ser concebido como um simples ponto, como inicialmente falamos de um centro natural do espaço vivenciado, ao qual todos os caminhos seriam referidos. Para poder viver ali sossegadamente, essa locação deve ser expandida de certo modo. Lá o homem deve poder se mover num certo território.<sup>359</sup>

---

<sup>356</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.64.

<sup>357</sup> *Ibid.*, p.142.

<sup>358</sup> BOLLNOW, Otto Friedrich. *Homem e o Espaço*. Tradução de Aloísio Leoni Schimid. Editora da UFPR: Curitiba-PR, 2019, p.135.

<sup>359</sup> *Ibid.*, p.138.



Para Bollnow, habitar implica em um determinado lugar de moradia. Como destaca Barbara Bezerra de Barros Melo, a palavra habitar vem do latim *Habito*, cujo significado é ocupar por residência, morar, ser portador de habitantes e povoar.

Tal palavra foi compreendida por muito tempo, e mesmo hoje, como uma noção de que habitar liga-se intimamente à natureza e ao ambiente, pois habitaremos algo, algo que precisamos e podemos. Por isso, facilmente relacionamos habitar à habitação, como sinônimo, pois esta seria, segundo Segaud (2016), compreendida como construção.<sup>360</sup>

Segundo a autora, a expressão habitar começou a ser estudada, sobretudo, a partir de 1960 em meio a um cenário de crise afetiva da habitação na França, onde o conceito passa a ser considerado um fato antropológico e “fundamental do ser”. Além disso, conforme apontado na citação anterior, habitar difere de habitação pois esse seria uma ação do próprio habitar.<sup>361</sup> Para o filósofo Martin Heidegger, a noção tem quatro faces que se complementam e que permitem aos mortais realmente habitar:

Os mortais habitam à medida que salvam a terra, tomando-se a palavra salvar em seu antigo sentido, ainda usado por Lessing. Salvar não diz apenas erradicar um perigo. Significa, na verdade: deixar alguma coisa livre em seu próprio vigor. Salvar a terra é mais do que a explorar ou esgotá-la. (...).

Os mortais habitam à medida que acolhem o céu como céu. Habitam quando permitem ao sol e à lua a sua peregrinação, as estrelas a sua via, às estações dos anos as suas bênçãos e seu rigor, sem fazer da noite dia e nem do dia uma agitação açulada.

Os mortais habitam à medida que aguardam os deuses como deuses. Esperando, oferecendo-lhes o inesperado. Aguardam o aceno de sua chegada sem deixar de reconhecer os sinais de suas errâncias. Não fazem de si mesmos deuses e não cultuam ídolos. No infortúnio, aguardam a fortuna então retraída.

Os mortais habitam a terra à medida que conduzem seu próprio vigor, sendo capazes da morte como morte, fazendo uso dessa capacidade com vistas a uma boa morte. Conduzir os mortais ao vigor essencial da morte não significa, de modo algum, ter por meta a morte, entendida como o nada vazio; também não significa ofuscar o habitar através de um olhar rígido e cegante obcecado pelo fim.<sup>362</sup>

Para o autor o traço fundamental do habitar é o resguardo, através da etimologia de algumas palavras o autor demonstra a ideia de libertar que em alemão é *Freien*, que possui o significado de se libertar para a paz de um abrigo.

Além destas questões Ingold apresenta o habitar e a ideia de habitantes como a terminologia mais correta ao se tratar da experiência de um lugar, visto que pode significar um erro considerar os indivíduos enquanto seres confinados em determinadas condições

---

<sup>360</sup> MELO, Bárbara Bezerra de Barros. *A casa: os sentidos de habitar para mulheres moradoras do conjunto habitacional Nova Caiçara/Sobral-Ceará*. Orientadora: Zulmira Áurea Cruz Bonfim. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019, p.27.

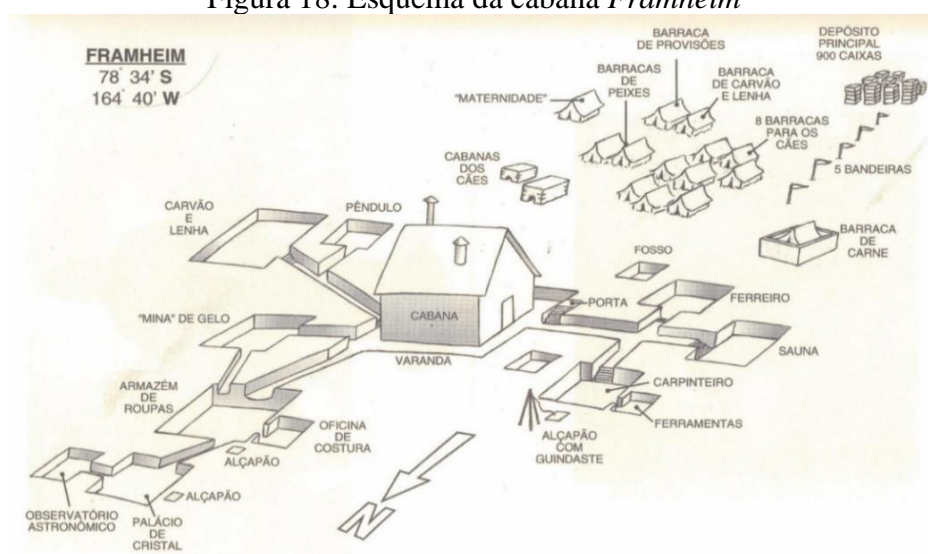
<sup>361</sup> MELO, *loc.cit.*

<sup>362</sup> HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. Trad. Marcia de Sà Cavalcante Schuback, 1954, p.04.

ambientais. Desta forma, habitam diferentes lugares, entrelaçando com seu movimento no mundo e sem limitar o quanto podem viajar.<sup>363</sup>

No caso da cabana de Amundsen, *Framheim* desempenhou um importante papel no resguardo da tripulação, agindo como abrigo para a expedição e desenvolvendo um local de conforto e de produtividade. Isso se dá ao fato de que a cabana ao ser construída sobre a grande barreira permitiu não apenas um local próximo ao mar e a um estoque de animais, mas também o desenvolvimento de uma série de tuneis que permitiram a ampliação dos cômodos e a criação de estações de trabalhos em meio no gelo.

Figura 18: Esquema da cabana *Framheim*



Fonte: AMUNDSEN, 2002.

Agora, porém estávamos irremediavelmente contaminados pela febre da construção, e os mais ambiciosos projetos foram sucessivamente surgindo. Assim, decidimos primeiro escavar uma passagem atravessando todo o monte de neve e terminando na outra extremidade em uma ampla cabana de paredes de neve na qual instalaríamos nossa sauna. Este então era nosso plano atual: uma sauna na latitude 79° S! Hanssen, construtor profissional de iglus, dedicou-se com afinco a esse projeto. Construiu um cômodo bem pequeno e muito sólido e, escavando o solo, ampliou-o, de modo que, terminado, media mais de 3,5 metros de altura do chão ao teto. Aqui, com certeza, disporíamos de espaço suficiente para instalar e equipar nossa sauna.<sup>364</sup>

É interessante notar a ideia do “construir” presente nas citações de Amundsen, pois ao retornar a obra de Heidegger, segundo o filósofo não habitamos porque construímos, construímos porque habitamos, ou seja, é necessário primeiramente habitar um determinado local para que então seja possível construir uma habitação. Sendo assim, Amundsen diferente

<sup>363</sup> INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015, p.220.

<sup>364</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.196.

de Scott e de Shackleton foi o que melhor se relacionou com a ideia de habitar e construir, dedicando vários parágrafos para as modificações e expansões feitas em sua cabana, terminando uma e iniciando outra:

Quando essa obra foi terminada, começamos, em seguida, a construir a oficina de carpintaria. Esta deveria ser escavada bem profundamente, pois as encostas do monte de neve eram um pouco arredondadas nas laterais. Escavamos, portanto, primeiro para dentro do monte de neve, e depois diretamente para baixo. Tanto quanto me lembro, nesse ponto penetramos cerca de dois metros na profundidade da Barreira. Construimos ali uma ampla oficina, com espaço suficiente para os dois carpinteiros e comprimento suficiente para receber com folga os trenós. A mesa de trabalho foi recortada no gelo da parede, e recoberta com tábuas. A oficina continuava-se do lado oeste em um pequeno cômodo, usado pelos carpinteiros como depósito para suas ferramentas. Uma larga escada, também escavada na neve e revestida de tábuas, estendia-se da oficina ao túnel principal. Tão logo terminamos a oficina, seus funcionários ali se instalaram e orgulhosamente denominaram o local de “Sindicato dos Carpinteiros”.<sup>365</sup>

Diferente de Amundsen, Scott em seu empreendimento tinha como objetivo utilizar duas cabanas, uma nova cuja partes foram trazidas da Europa e sua antiga morada de quando comandara a expedição do *Discovery*. Sua cabana principal situada no Cabo Evans diferente de Amundsen não recebe maiores informações além daquelas voltadas para sua descrição de ajustes realizados no futuro. O local foi escolhido devido à proteção que esse fornecia contra possíveis tempestades e ventanias, além de claro fornecer a possibilidade de utilizar a cabana do *Discovery* como possível base avançada:

Escolhemos o local para a cabana em uma praia voltada para noroeste e com a resguarda bem protegida por numerosas pequenas colinas. Este ponto parece possuir todas as vantagens locais (que especifiquei mais adiante) para uma base de inverno e sentimos que nossa sorte enfim havia mudado. A circunstância mais favorável dentre todas é a grande possibilidade de estabelecer comunicação precoce com o cabo Armitage e a cabana do *DISCOVERY*.<sup>366</sup>

Sem maiores informações, as menções a cabana principal giram em torno do processo de construção e montagem além de características mais gerais:

A cabana está crescendo rapidamente, as tabuas estão sendo colocadas, e a estrutura já está sendo coberta. Tudo indica que a casa deverá ser extremamente quente e confortável, pois, além desta dupla cobertura isolante – alga seca em sacos acolchoados –, propus que a forragem dos pôneis fosse empilhada em toda sua volta. Mas ainda fico tentando imaginar como acomodaremos os pôneis durante o inverno.<sup>367</sup>

Em outra menção Scott apresenta mais dados sobre sua construção:

---

<sup>365</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.197.

<sup>366</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.91-92.

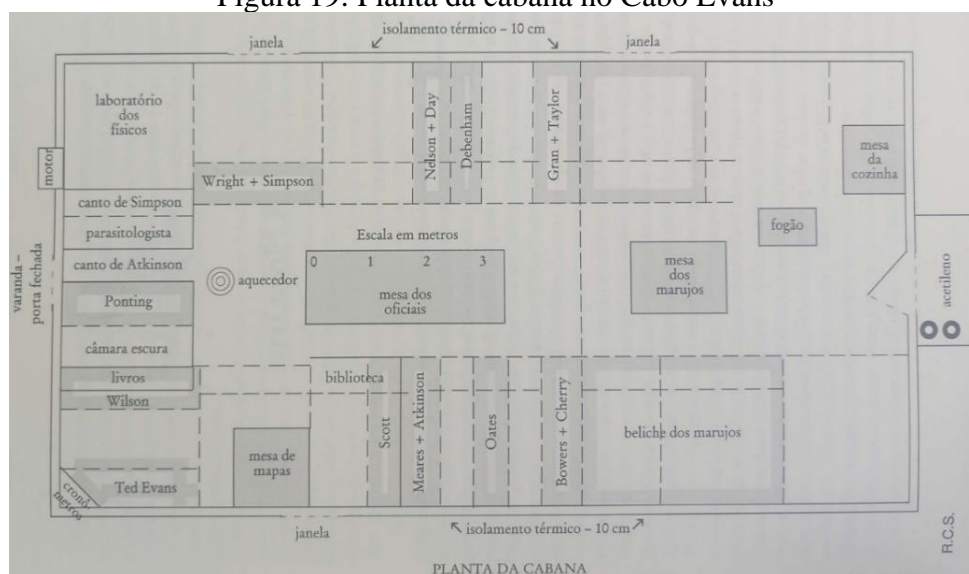
<sup>367</sup> *Ibid.* p.103.

Suas paredes laterais possuem duplo revestimento de madeira, tanto interna como externamente à estrutura central, com uma camada de nosso excelente forro de algas como isolante térmico preenchendo o espaço entre cada par de tábuas. O teto possui um único revestimento interno de madeira, mas possui externamente uma camada adicional de tábuas, coberta por um duplo revestimento de “ruberóide”, em seguida um forro de algas, então uma segunda camada de tábuas e, finalmente, uma cobertura tripla de “ruberóide”.<sup>368</sup>

As citações da escolha de seu lugar assim como os cuidados em sua montagem sugerem a preocupação e afetividade semelhante ao que foi notado nas narrativas de Amundsen pelo resguardo e cuidado pela proteção:

Foi muito bom voltar a me alimentar de maneira civilizada, desfrutar o primeiro banho em três meses e vestir roupas limpas e secas. Esses fugazes momentos de bem-estar – pois o hábito logo atenua nosso prazer – são as mais preciosas lembranças de todo explorador polar.<sup>369</sup>

Figura 19: Planta da cabana no Cabo Evans



Fonte: SCOTT, 2002, p.105.

Outras afetividades estão presentes no contato com a cabana da expedição do *Discovery* que após sua utilização pela expedição do *Nimrod* de Shackleton e sua má vedação ao término resultaram em um ambiente cheio de neve e de impossível habitação. Esse primeiro contato após sete anos é apresentado com angústia:

Chegando à velha cabana de Hut Point, para meu pesar, a encontramos cheia de neve e gelo. Shackleton, em sua última expedição, relatou que a porta fora forçada e travada pelo vento, mas que ele havia aberto uma entrada pela janela, conseguindo assim abrigar-se em seu interior – outros membros de seu grupo também utilizaram ocasionalmente esta cabana como abrigo. No entanto, a triste verdade é que eles partiram deixando aberta a janela que arrombaram; como consequência, praticamente

<sup>368</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegre, 2002, p.110.

<sup>369</sup> *Ibid.*, p.215.

todo o interior da cabana encontra-se agora recoberto pela neve gelada e endurecida, e é simplesmente impossível abrigar-se ali dentro.<sup>370</sup>

Nessa citação, como dito, os sentimentos afetivos aparecem na angústia e demais sensibilidades de caráter negativos presente no habitar, uma vez que, nas atuais circunstâncias, ela impossibilita o resguardo da equipe em seus domínios. Retornando a Bollnow, a casa é concebida através da ideia de um abrigo, ou seja, construída com muros/paredes que assegurem seus moradores e que possibilitem a tranquilidade contra possíveis perigos que rodeiam e um telhado que proteja contra as adversidades do tempo: A tarefa superior da casa é dar ao homem essa paz. E o espaço do abrigo se diferencia do espaço da ameaça.<sup>371</sup> Desta forma, a casa sem as janelas e portas para proteção geram insegurança e a impossibilidade de utilizá-la como abrigo do tempo frio, causando na quebra das relações afetivas que foram nutridas durante os anos e se intensificaram na medida em que um reencontro se aproximava.

A noção de abrigo também se faz de forma importante no empreendimento de Shackleton, uma vez que este não conseguiu se estabelecer em um momento inicial e tendo seu único vínculo afetivo ao habitar destruído. Em seus relatos após os sentimentos da destruição do navio o terem contagiado, Shackleton destacou o fim de seu relato com “Não consigo mais escrever sobre isso”, passando então para um de seus companheiros que fez o seguinte relato:

Aparentemente, o momento da separação, uma vez concretizado, nos afastava de todo o passado – as lembranças carinhosas, os momentos felizes e até mesmo os incidentes agitados. Isso foi o que sentimos à medida que o *ENDURANCE* silenciosamente apumou-se e mergulhou rumo ao seu último repouso, sob o manto de gelo onde agora se oculta. Quando se conhece cada pequeno canto, cada mínimo recesso de seu próprio navio – como eu conhecia – e se participou de sua viagem e também de sua luta, enfrentava com tamanha bravura, a despedida definitiva não deixa de ter um páthos, que é diferente do mero sentimento pessoal de solidão ou tristeza. Duvido que haja algum dentre nós que não tenha sentido uma íntima e profunda emoção quando Sir Ernest, em pé sobre o posto de vigia, nos disse com um tom entre melancólico e tranquilo: ‘Ele se foi rapazes’.<sup>372</sup>

A ideia de destruição do abrigo tem um importante impacto sobre o indivíduo. Voltando a noção de abrigo como proteção contra os perigos do mundo, na medida em que o sujeito perde essa proteção ele fica vulnerável ao mundo:

O espaço externo é o espaço da atividade no mundo, em que se tem constantemente de superar resistências, e armar-se diante do oponente; é o espaço do desabrigo, dos

<sup>370</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.118.

<sup>371</sup> BOLLNOW, Otto Friedrich. *Homem e o Espaço*. Tradução de Aloísio Leoni Schimid. Editora da UFPR: Curitiba-PR, 2019, p.139.

<sup>372</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.152-153.

perigos e da exposição. E se houvesse somente ele, teriam razão os existencialistas, e o homem permaneceria de fato o eterno fugitivo acuado.<sup>373</sup>

É importante destacar que a missão não foi idealizada com o objetivo de construção de uma cabana apenas, mas sim de vários depósitos que seriam utilizados pela equipe, alguns produzidos por Shackleton e seus homens e outros na segunda metade da viagem pela tripulação e equipe do *Aurora*. Sendo assim, a maior referência para a expedição consistiu no próprio navio. A sua destruição poderia ser considerada como a destruição da casa, que para Bollnow também leva à destruição interior do próprio sujeito, um traço que na obra de Shackleton se faz presente, uma vez que o navio, ocupando um lugar afetivo de lar, também representava uma referência para o continente europeu e aos “outros mundos” em que ele e seus homens habitavam. Como relatado ainda por um de seus companheiros, após a destruição do *Endurance*: “Assistir a essa cena transmitiu-nos uma sensação de terrível angústia, pois, por mais inútil e destruído que estivesse, o navio ainda parecia ser um elo entre nós e o mundo exterior. Sem ele, nosso destino parecia mais palpável, nossa solidão mais absoluta.”<sup>374</sup> Novamente o emprego do sentimento de angústia leva a relacionar com as afetividades negativas, tais quais semelhantes à de Scott em seu encontro com a cabana do *Discovery*.

Ao analisar o conceito de habitar, a ideia de “referência” desempenha um importante papel, sendo fundamental para as relações corporais envolvendo o mundo e o abrigo. Como destacou Bollnow, o habitar consiste em uma característica essencial do ser e também definidora da relação que esse estabelece com o mundo.<sup>375</sup> Nesta questão a casa atua como um primeiro mundo, uma referência ou um pequeno universo que abre as possibilidades para conhecer outros:

Assim, a casa segue sendo uma imagem do mundo, um mundo menor que em sua ordem mantém uma correspondência ao mundo maior lá fora. Aqui cito Bachelard: “A casa (...) é nosso primeiro universo. É realmente um cosmo. Um cosmo no pleno significado da palavra”. “É o primeiro mundo da existência humana”. Casa e mundo se correspondem. Para a criança pequena, a casa é ainda o mundo inteiro, e, somente por estar enraizada na casa, o homem também pode, então sentir-se em casa no mundo, morar no mundo.<sup>376</sup>

Desta forma, é a partir das cabanas ou do navio que esses sujeitos tiram suas forças para seguir adiante e desbravar o mundo externo e desconhecido. Nos primeiros meses de relatos, a comum menção de regresso é sempre tida com reações afetivas positivas ligadas à

<sup>373</sup> BOLLNOW, Otto Friedrich. *Homem e o Espaço*. Tradução de Aloísio Leoni Schimid. Editora da UFPR: Curitiba-PR, 2019, p.139.

<sup>374</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.152

<sup>375</sup> BOLLNOW, *op. cit.* p.137.

<sup>376</sup> *Ibid.*, p.157.

alegria. Em Scott, após as viagens de depósito de longas semanas, é relatado da seguinte forma: “Após a rústica temporada no cabo Armitage, foi ótimo regressar aos domínios de nosso aquecido e seco lar no Cabo Evans. O espaço interno nos parecia um palácio, a luz era resplandecente, e o conforto, um verdadeiro luxo.”<sup>377</sup>

Agora com tudo esclarecido, pudemos analisar com serenidade a situação. Ali estava Framheim, ali o cabo Man’s Head, e ali o Cabo West, portanto, havíamos nos desviado muito para leste.

– Hurra para Framheim! Estaremos lá às sete e meia! –, gritou um.

– Sim, é tudo que nos resta a fazer! –, gritou outro.<sup>378</sup>

É interessante notar os conflitos de sentimentos presente em Amundsen, entre seu regresso ao norte e o Sul que ficava para trás. Mesmo que o regresso representasse, segurança e tranquilidade, principalmente devido ao objetivo de conquistar o Polo Sul ter sido cumprido. A relação afetiva desenvolvida ao longo de toda a expedição em alcançar o polo, de viver em meio aquelas circunstâncias e na própria relação de expandir seu mundo para habitar a região acabam por causar melancolia e em uma mudança de estados afetivos variando entre tristeza e alegria:

No dia 21 de janeiro, passamos por nosso último marco, na latitude 80°23’S. Apesar de ficarmos felizes em deixá-lo para trás, não posso negar que foi com certo sentimento de melancolia que o vi desaparecer no horizonte meridional. Com o passar do tempo, passamos a sentir tal orgulho por nossos queridos marcos que, onde quer que os encontrássemos, sempre acolhíamos como velhos amigos.<sup>379</sup>

Em Scott o regresso a cabana, no entanto, diferente de Amundsen que era concebido através do sentimento de dever cumprido, era considerado apenas como um percurso a ser superado para alcançar a segurança.

Apesar de nossa profunda decepção, nos sentimos muito confortáveis dentro da barraca. Fizemos uma boa refeição com um substancial mingau polar, e a isso acrescentamos uma pequena barra de chocolate e o exótico sabor de um cigarro trazido por Wilson. Agora só nos resta correr de volta para casa enfrentando uma desesperada batalha. Fico pensando se seremos capazes de regressar.<sup>380</sup>

A expedição comandada por Shackleton mesmo não estabelecendo nenhum novo local onde pudessem habitar constantemente demonstra pequenas afeições quando apresentam os pontos de acampamento, cada acampamento acabou por receber um nome e um significado particular. E mesmo que desde o naufrágio do *Endurance* os tripulantes não tenham tido

<sup>377</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.215.

<sup>378</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p180.

<sup>379</sup> *Ibid.*, p.402.

<sup>380</sup> SCOTT, *op. cit.*, p.470

nenhum local fixo, de onde pudessem então partir e retornar, a partir do momento em que o “grupo dos seis” seguiu em busca do resgate, os marinheiros acabaram criando residência na ilha Elephant, local que fornecia um acesso direto ao mar, alimentos frescos e também um solo rochoso que divergia do qual a tripulação havia feito seu lar durante os meses anterior e que representava uma angustia constante devido sua imprevisibilidade, as banquisas.<sup>381</sup> Acerca desta questão, é possível recorrer a Tuan para pensar esta necessidade de atribuição de residência em ponto fixo. Para o autor, os marinheiros consistem nos nômades da modernidade, e estes estão sujeitos a um desarraigamento com o lugar, em um nível muito mais profundo do que as demais populações. Esse desarraigamento é uma escolha particular desses sujeitos que optam pela vida no mar, e tornam o navio seu lar, os tripulantes sua família, contudo, da mesma forma, segundo Tuan “parece que anseiam por uma localidade permanente como a ancora para sua imaginação quando estão em alto-mar.”<sup>382</sup>

Os relatos sobre esse período não presenciado por Shackleton deriva do material produzido pela tripulação que fora coletado pelo comandante e inserido ao final de sua obra, conforme o próprio autor destaca:

Os vinte e dois homens deixados na Ilha Elephant ficaram sob a liderança de Wild, em quem eu depositava absoluta confiança. O relato de suas experiências durante os longos quatro meses e meio de espera – enquanto eu tentava conseguir socorro – extraí de seus diversos diários, complemento-o com inúmeros detalhes que soube em conversas durante a viagem de regresso à civilização.<sup>383</sup>

Mesmo que ainda imersos em um ambiente desafiador conforme colocado pelos tripulantes nos relatos que Shackleton mais tarde incluiria em seu próprio livro, o “retiro”, como o chamaram, foi percebido enquanto um importante seguro de vida, uma vez que possibilitava uma cobertura estável durante as tempestades e também do frio da região. Sobre as preocupações acerca do abrigo e das intempéries pelas quais a expedição passava os relatos apresentam a seguinte narrativa:

A primeira preocupação dos homens, ainda mais fundamental que a alimentação, foi providenciar um local adequado para lhes servir de abrigo. A subnutrição durante os muitos meses à deriva no floe, somada à cruel exposição às intempéries no bote e às

---

<sup>381</sup> “Grupo dos seis” se refere aos seis homens que seguiram a bordo do pequeno barco salva-vidas *Caird*. Sendo eles: Shackleton, Frank Worsley, Crean McNish, McCarthy e Vicent. (ALEXANDER, Caroline. *Endurance: a lendária expedição de Shackleton à Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.155-156).

<sup>382</sup> TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel 2013, p.193.

<sup>383</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.319.



inclemências do clima enfrentado após nosso desembarque na Ilha Elephant, imprimiram sua marca sobre boa parte dos homens.<sup>384</sup>

A cabana foi construída de forma a mesclar todos os botes restante utilizando de seus cascos enquanto coberturas e forrando o chão com seixos secos, o que por sua vez representava um alívio em dia mais frios e com a incidência de neve, mas também era considerado desagradável diante temperaturas mais elevadas que derretiam a camada de gelo presente dos seixos deixando todo o solo úmido.

Figura 20: Desenho de Marston sobre a disposição dos homens no interior da cabana



Fonte: SHACKLETON, 2002, p. 324.

Diante o que foi descrito como desagradável, inicialmente a falta de iluminação o que era considerado como o maior problema da cabana, e mais tarde a sujeira que acabaria por chegar ao limite do que o narrador acreditava ser possível:

Creio que atingimos o limite máximo de sujeira e daqui para frente será impossível ficar mais pretos do que já estamos, independente do uso do fogareiro, dos lampiões de gordura e de todo o equipamento da cozinha com toda a sua fumaça. Pelo menos é um fato reconfortante saber que não podemos nos sujar mais, além desse ponto.<sup>385</sup>

Mesmo diante destes problemas o “retiro” ainda acabou sendo percebido por aqueles homens durante os meses até o resgate como um “abrigo”, ou, como descrito, um “lar”, local onde mesmos sujeitos a inúmeros desconfortos possuíam um local onde se resguardar e manter-se a salvos: “Todas as minhas juntas estão doendo por ser forçado a ficar deitado sobre o duro e pedregoso solo que forma o apoio de nosso sleepings. Este é nosso “Lar doce lar””.<sup>386</sup>

<sup>384</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.319.

<sup>385</sup> *Ibid.*, p.326.

<sup>386</sup> SHACKLETON, *loc.cit.*

### CAPÍTULO 3 – SENSIBILIDADES ENTRE ESPÉCIES: RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS

Ao longo do tempo, o ser humano fez uso de inúmeras formas de se relacionar com o mundo e com os seres ao seu redor, indo desde comportamentos simples para a convivência até a criação de sistemas mais elaborados e que ainda hoje são perceptíveis. Entre elas, o antropomorfismo é talvez a mais emblemática e inconsciente forma de se relacionar com mundo. Todo ser humano em algum momento de sua rotina diária, seja ela com algum companheiro animal ou com alguma “coisa” do dia-dia, estabelece uma relação de entrelaçamento, seja uma comparação entre espécies, ou uma atribuição de uma animalidade. Quem nunca observou em um cachorro o perfeito reflexo de seu companheiro humano? Essa forma de observar o mundo pode e é uma forma de antropomorfizar o entorno. Nesse sentido, a maneira com que a espécie humana interage com outros animais está permeada, desde o início das relações entre espécies, por sistemas de relacionamentos complexos e que apresentam diferentes formas de entrelaçamento entre essas e o seu entorno. Como é o caso dos diferentes relacionamentos desenvolvidos com os animais considerados selvagens, domésticos ou de estimação.

#### 3.1 A RELAÇÃO COM OS ANIMAIS AO LONGO DA HISTÓRIA: SISTEMAS ANTROPOMÓRFICOS

A expressão antropomorfismo vem do grego “*antrophos*” que tem como tradução literal “humano” e “*morphê*” a qual teria como tradução “forma”. Ou seja, a expressão significaria “forma humana”. De maneira um pouco mais elaborada, antropomorfismo consiste em uma atribuição de características humanas a outros animais não humanos, coisas e também eventos, sejam eles naturais ou não. Segundo Alexandre Jurema de Mattos, a criação desse termo tem como objetivo principal a possibilidade de definir essa forma de representação criada pelos seres humanos e que atua constantemente em suas vidas.<sup>387</sup> A compreensão do antropomorfismo não consiste em uma tarefa simples e ao longo da história humana esteve em debate se sua utilização seria uma contribuição ou um erro. Sobretudo na academia o antropomorfismo figurou como motivo de muitas discussões acaloradas envolvendo aqueles

---

<sup>387</sup> MATTOS, Alexandre Almeida Juruena. *Antropomorfismo na Cultura da Animação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013, p.59.

que viam em sua análise contribuições para a compreensão do ser humano e aqueles que consideravam inadmissível qualquer comparação com a espécie humana.

No que diz respeito a história do movimento humano no planeta, o antropomorfismo foi fundamental para o seu desenvolvimento milhares de anos atrás.<sup>388</sup> Pesquisas demonstraram que os seres humanos necessitavam do estabelecimento de representações que implicassem semelhanças para que pudesse explorar o mundo ao seu redor gerando certo grau de intimidade e proporcionando a criação de relações mais profundas. Para Mark Bekoff,<sup>389</sup> o antropomorfismo é uma tendência natural de qualquer ser humano, e consiste em um resultado do sistema perceptivo o qual tem como objetivo estabelecer ordem (uma ordem na qual o ser humano esteja habituado), em meio as demais complexidades da existência da espécie. Além disso, para Bekoff se supõe que a partir desta forma de perceber o mundo os seres humanos puderam não apenas criar vínculos de forma mais simples e rápidas como também compreender com quais espécies de animais poderiam estabelecer relações de cooperação e das quais deveriam se afastar, em caso de espécies que pudessem representar uma ameaça. Desta forma, como destaca Mattos: “O homem sempre esteve inclinado a se comunicar humanizando tudo o que o rodeia, atribuindo características, qualidades, defeitos e motivações próprias de seres humanos a qualquer outro ente animado, inanimado ou abstrato.”<sup>390</sup>

O antropomorfismo pode ser definido a partir de muitas formas de se relacionar com os animais que atualmente são comuns, como o mero emprego de “pés”, “pernas”, “nariz” aos animais, como também os cuidados tomados com os mesmos que hoje constituem uma prática comum, como por exemplo a realização de procedimentos cirúrgicos ou de acompanhamento veterinário.<sup>391</sup> Nos relatos o antropomorfismo aparece de maneira mais suave, sobretudo se relacionando com a afetividade promovida pelo contato que aqueles sujeitos tiveram com os animais, destacando que esses, sejam nativos do continente ou não, consistem no único elo entre seres vivos que as expedições possuem durante suas realizações.

Para compreender melhor a ideia de antropomorfismo é necessário pensar a partir de sua trajetória também na ciência, visto que a complexidade deste conceito gera inúmeras dúvidas acerca de seu emprego em pesquisas. Pelo que se tem conhecimento, a primeira vez em que foi utilizado foi durante a antiguidade clássica com os estudos de Aristóteles sobre

---

<sup>388</sup> MATTOS, Alexandre Almeida Juruena. *Antropomorfismo na Cultura da Animação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013, p.60.

<sup>389</sup> BEKOFF, 2009, p.70 *apud*, MATTOS, *ibid.*, 59-60.

<sup>390</sup> *Ibid.*, p.59.

<sup>391</sup> ROSA, Stella Arnt; PAIXÃO, Rita Leal; SOARES, Guilherme Marques. Antropomorfismo: definições, histórico e impacto em cães de companhia. *Revista Brasileira de Zootecias*, v. 19, n. 2, 2018, p.155.

“teologias antropomórficas”. Para o pensador, quando uma rocha cai sobre o chão, não era devido a uma força que atuava sobre seu corpo, mas sim uma qualidade da rocha que ansiava por atingir esse determinado objetivo.<sup>392</sup> Desta maneira, seus estudos se destacavam muito mais por buscarem analisar as qualidades de determinados objetos ou seres do que comparações com os humanos.

Alguns séculos mais tarde, no início da modernidade, ocorreu uma nítida mudança na forma de compreender a vida fora da esfera humana através do dualismo cartesiano, como já visto no primeiro capítulo. Os estudos de René Descartes, desta forma, tiveram um grande efeito sobre as ideias antropomórficas e também na forma de observar os animais. Para o filósofo, através do pensamento mecanicista toda a natureza, com exceção dos seres humanos, funcionaria como máquinas, máquinas que não sentem ou pensam, e estaria condicionada apenas aos instintos de sobrevivência ou comportamento pré-definido:

Descartes negava alma aos animais por estes não exibirem qualquer comportamento que não pudesse ser atribuído ao mero impulso natural. Mas seus seguidores foram mais longe. Os animais, declaravam, não sentem dor; o gemido de um cão que apanha não constitui prova do sofrimento animal, assim como o som de um órgão não atesta que o instrumento sente dor quando tocado. Os uivos e contorções de um bicho seriam meros reflexos externos, sem relação com qualquer sensação interior.<sup>393</sup>

Além disso, como destaca Keith Thomas, o cartesianismo veio a reforçar os conceitos impostos pela própria religião católica de soberania humana e inferioridade das outras formas de vida:

O cartesianismo, ao contrário, absolvía Deus da acusação de causar injusta dor às bestas inocentes, ao permitir que os homens as maltratassem; também justificava o domínio do homem, ao libertá-lo como Descartes afirmava, de “qualquer suspeita de crime, por mais frequentemente que pudesse comer ou matar os animais”. Ao negar a imortalidade dos bichos ele afastava qualquer dúvida remanescente quanto ao direito do homem a explorar a criação bruta.<sup>394</sup>

Como salientado pelo autor, caso fosse atribuído algum elemento imortal aos animais, as liberdades que os homens construíram sobre seus corpos, assim como o comportamento humano em relação a eles se tornariam totalmente injustificáveis e consideradas cruéis. Nesse sentido o cartesianismo foi um importante meio para concretizar essa relação autoimposta de domínio sobre os outros animais. Mais que isso, esse pensamento deu a base para que as relações excluíssem quaisquer aproximações com os humanos, afetando os comportamentos de

---

<sup>392</sup> MATTOS, Alexandre Almeida Juruena. *Antropomorfismo na Cultura da Animação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013, p.60.

<sup>393</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p.44.

<sup>394</sup> *Ibid.*, p.44-45.

caráter antropomórfico e os taxando como inadmissíveis por considerar humanos e animais como seres semelhantes e passíveis de comparações entre si.

Na ciência moderna o antropomorfismo foi primeiramente introduzido na biologia por meio do crítico literário britânico George Henry Lewes em 1858, o que contrariava os antigos preceitos de sua exclusão. Consequentemente, seu uso foi quase que completamente rejeitado pelos cientistas do período, adeptos de uma cisão entre o mundo humano e natural.<sup>395</sup> Em seguida, a guinada promovida por Charles Darwin nos estudos acerca da vida natural, abriram novas possibilidades e dúvidas acerca das relações antropomórficas. A partir de suas teorias evolutivas e de textos como *The Origin of Man* (1871) e *The Expression of Emotions in Animals and in Man* (1872) que exaltaram as discussões no cenário mundial, e sobretudo na Inglaterra, onde essas as discussões se tornaram quase que insustentáveis, uma vez que passou a se considerar a ancestralidade comum entre humanos e animais.<sup>396</sup> Essas discussões tornaram plausíveis suposições que destacavam a comparação de traços psicológicos entre espécies distintas, como, por exemplo, os movimentos dos músculos faciais no sorriso, que podem ser percebidos em diferentes espécies.<sup>397</sup>

Os estudos de Darwin promoveram um grande número de seguidores que, ao longo de um período posterior ao seu, continuaram seu trabalho analisando as relações humano/animais. Entre eles, como destaca Miriam Salcedo, George J. Romanes se destacou com estudos que não objetivavam o estabelecimento de regras acerca do comportamento animal, característica essencial do cartesianismo que acreditava que existiriam um conjunto de leis que seriam norteadoras da natureza –, mas que ansiava por compreendê-los através da comparação com experiências humanas. Como resultado, seus estudos destacaram a impossibilidade de entender o comportamento dos animais sem recorrer às interpretações antropomórficas.<sup>398</sup>

Na última década do século XIX, o psicólogo e zoólogo Lloyd Morgan, desenvolvendo estudos na mesma temática, formulou críticas em que exaltava que para alcançar determinada objetividade científica, estudos de análise antropomórficas deveriam ser afastados.<sup>399</sup> Já a passagem para o século XX foi marcado pelo surgimento de duas correntes de estudos. O primeiro denominado de Behaviorismo e o segundo de Etologia.

---

<sup>395</sup> SALCEDO, M., "El antropomorfismo como herramienta de divulgación científica por televisión: estudio de El Hombre y la Tierra" en: *Comunicación y Sociedad*, vol. XXIV, n. 1, p.217-246, 2011, p.220.

<sup>396</sup> SALCEDO, loc.cit.

<sup>397</sup> *Ibid.*, p.221.

<sup>398</sup> *Ibid.*, p.221.

<sup>399</sup> MATTOS, Alexandre Almeida Juruena. *Antropomorfismo na Cultura da Animação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013, p.62.

O Behaviorismo surge nos Estados Unidos logo nos primeiros anos do século XX. Inicialmente consistiam apenas em estudos acerca do comportamento animal com foco em um método de análise que tinha como “objeto” os comportamentos que eram passíveis de serem observados após alguns estímulos. O método Behaviorista foi um opositor ao método antromórfico assim como de quaisquer noções de caráter dedutivo.<sup>400</sup>

Já a Etologia consistiu em uma doutrina de pensamento que se difere ao behaviorismo por investigar o comportamento animal a partir das condições naturais daquela espécie. Tendo surgida na Europa, teve como um de seus grandes formuladores o austríaco Konrad Lorenz. Bastante dividida, dentro do campo de pensamento havia etólogos que recusavam o antropomorfismo enquanto outros, como Lorenz, que acreditavam que era incorreto deixar de fora das análises mecanismos de comparação entre espécies.

Quando nos referimos ao amor, amizade, rancor pessoal ou ciúme em animais não somos culpados por estarmos usando antropomorfismo. Estes termos referem-se a certos conceitos de funcionalidade determinada. O mesmo ocorre com a utilização de termos como pernas, asas, olhos e outros nomes que empregamos para definir outras estruturas do corpo que evoluíram de forma independente em diferentes animais. Ninguém usa aspas quando fala ou escreve sobre os olhos e pernas de um inseto ou caranguejo, tampouco quando estamos discutindo sobre padrões análogos de comportamento.<sup>401</sup> (tradução livre)

Desta forma, tanto o Behaviorismo quanto a Etologia resultaram em importantes debates acerca da forma como analisar o antropomorfismo, contudo mesmo sem conclusões, a exclusão dessa metodologia saiu vitoriosa dos debates. Segundo Mattos, a grande maioria das críticas dos cientistas quanto à utilização do antropomorfismo estava fundamentada na ideia de que a análise a partir das emoções e sentimentos dos animais em comparação com os de origem humana não possuía muitas evidências científicas.<sup>402</sup>

Esse cenário sofreu algumas transformações a partir da segunda metade do século XX, quando pesquisadores contemporâneos passaram a defender o uso do antropomorfismo como método para compreender as relações entre humanos e animais. Entre esses intelectuais, o biólogo Mark Bekoff foi um de seus maiores defensores. Segundo Salcedo, Bekoff via nesse

---

<sup>400</sup> MATTOS, Alexandre Almeida Juruena. *Antropomorfismo na Cultura da Animação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013, p.62.

<sup>401</sup> When we speak of falling in love, of friendship, personal enmity or jealousy in these or other animals, we are not guilty of anthropomorphism. These terms refer to functionally determined concepts, just as do the terms legs, wings, eyes, and the names used for other bodily structures that have evolved independently in different phyla or animals. No one uses quotation marks when speaking or writing about the eyes or the legs of an insect or a crab, nor do we when discussing analogous behaviour patterns. (LORENZ, Konrad. *Nobel Lecture 1973: Analogy as a Source of Knowledge*. Nobelprize.org. 1973, p.104.)

<sup>402</sup> MATTOS, *op. cit.*, p.62.

método uma forma favorável de compreender os comportamentos dos animais, desde, é claro, que os devidos cuidados fossem tidos nas análises.<sup>403</sup> Para Bekoff:

Os dados científicos, ou o denominado sentido científico é apenas uma das formas de saber. Também devemos considerar a importância do senso comum, da intuição e do saber autóctone. A ciência é um sistema de crenças como outros. Com suas próprias suposições, limitações e promessas. É importante combinar o sentido científico com o senso comum. A afirmação que o antropomorfismo não tem lugar na ciência ou que as explicações antropomórficas são menos precisas que as behavioristas, mecanicistas ou reducionistas, não é um fundamento por nenhum dado. Um trabalho científico que atribui capacidades mentais aos animais deve ser igualmente digno de análise, e, portanto, o antropomorfismo sempre que empregado com o devido cuidado pode ser uma ferramenta muito útil. Se o antropomorfismo tem sobrevivido por tanto tempo ao logo da história, é porque trata-se de uma forma singular de referência que os homens possuem para se comunicarem.<sup>404</sup>

Hoje, muitas discordâncias ainda circundaam o antropomorfismo, contudo, cada vez mais estudos estão sendo desenvolvidos, contribuindo para um maior entendimento destas relações. O fato inevitável é que a cada ano que passa se torna mais evidente a antropomorfização dos animais. Nas redes sociais, humanos criam vozes para seus “*pets*”, estabelecem comportamentos semelhantes aos próprios, desenhos animados trazem sociedades estruturadas como a humana, filmes e séries apresentam seres zoomorfos, ou seja, humanos mesclados com animais. Diante de tal cenário, psicólogos e demais pesquisadores que vêm estudando o tema notam as contribuições, não apenas para a compreensão da forma como os animais sentem e interagem com o mundo, mas como a própria espécie humana se relaciona com eles.

Ao longo de sua dissertação, Mattos constrói um rico histórico acerca do antropomorfismo, seja na antiguidade nas religiões e mitologias quando os povos através de seu uso introduziam deuses zoomorfos e crenças que se baseavam na admiração ou temor que esses povos tinham dos animais:

No Antigo Egito por exemplo, onde leões, hipopótamos e crocodilos atacavam ocasionalmente as famílias que viviam nas margens do Rio Nilo, eram cultuados os deuses Sekhmet (poderosa deusa da medicina e da guerra, representada com corpo de mulher e cabeça de leoa), Sobek (deus temido e adorado, associado à divinização da água do rio Nilo, e representado com o corpo de homem e a cabeça de crocodilo), e Taweret (deusa da fertilidade e protetora das embarcações, representada com corpo de mulher grávida e cabeça de hipopótamo, patas de leão e cauda de crocodilo).<sup>405</sup>

<sup>403</sup> SALCEDO, M., "El antropomorfismo como herramienta de divulgación científica por televisión: estudio de El Hombre y la Tierra" en: *Comunicación y Sociedad*, vol. XXIV, n. 1, p.217-246, 2011, p.226.

<sup>404</sup> BEKOFF, 2006, p.25 *apud*, MATTOS, Alexandre Almeida Juruena. *Antropomorfismo na Cultura da Animação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013, p.63

<sup>405</sup> *Ibid.*, p.69.

Segundo Mattos, os povos observavam os animais através de uma ótica sobrenatural devido a sua força, força essa que promovia espanto ao mesmo tempo em que fascinava.<sup>406</sup> Desta forma compreensões zoomorfas e antropomórficas foram desenvolvidas ao longo de gerações. Além disso, como destacado inicialmente, o antropomorfismo foi fundamental para o estabelecimento de relações com animais que não apresentavam um risco direto aos humanos e que poderiam cooperar para a sobrevivência de ambos. Sendo assim, podemos compreender as representações antropomórficas não apenas como um meio para o entendimento sobre os animais, mas também como um meio de compreender as relações que as sociedades ao longo do tempo desenvolveram com as demais espécies e também com as coisas. Dito de outro modo, o antropomorfismo tem tanto a dizer sobre o ser humano, quanto dos animais e das coisas que se fazem presentes no mundo experienciado. É seguindo essa lógica que este trabalho busca problematizar as descrições antropomórficas encontradas ao longo das narrativas de viagem das expedições ao continente Antártico e como tais descrições se relacionam com as categorias de animais domesticados, selvagens e as sensibilidades provenientes desse emaranhado de relações com a natureza.

O antropomorfismo está presente nos relatos em diferentes momentos e maneiras que aqueles sujeitos se relacionaram com a vida em meio aquele lugar. Breves exemplos podem ser encontrados nas narrativas de Amundsen quando ele destaca o comportamento singular de uma ave logo antes dele e seus companheiros se prepararem para dormir em meados de janeiro de 1911:

Agora dividíamos o grupo de terra entre duas barracas, de modo que cinco homens dormiam na primeira barraca, enquanto dois carpinteiros e eu dormíamos na segunda. E naquele fim de tarde ocorreu um fato bem divertido. Havíamos acabado de nos recolher quando ouvimos a voz de um pinguim do lado de fora da barraca. Saímos imediatamente. Ali, a poucos metros da porta, estava um grande pinguim-imperador fazendo contínuas reverências. Dava a exata impressão de ter vindo até aqui apenas para nos saudar como suas educadas mesuras. Lamentamos retribuir tão mal sua cortesia, mas infelizmente, é assim que o mundo funciona. Como uma última reverência, a pobre ave terminou seus dias em nossa frigideira.<sup>407</sup>

Em Shackleton, exemplos de representações antropomórficas podem ser encontradas em meados de abril de 1915, quando ele e seus homens se encontram com duas exemplares de focas sobre os mares congelados:

---

<sup>406</sup> MATTOS, Alexandre Almeida Juruena. *Antropomorfismo na Cultura da Animação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013, p.69-70.

<sup>407</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.135-136



Nesse meio tempo, observei com inveja a atitude pacífica e serena de duas focas repousando preguiçosamente sobre o oscilante floe. As suas estavam em casa, sem motivo algum para se preocupar, sem razão alguma para temer o futuro. Se elas são dotadas de pensamento, suponho que estivessem considerando o dia como ideal para um alegre passeio sobre os blocos de gelo que iam se derretendo.<sup>408</sup>

Já nos relatos da missão de Scott, o autor descreve um encontro com os pinguins logo nos primeiros momentos de sua chegada ao continente:

Meares e os cães desembarcaram muito cedo e ficaram quase o dia todo correndo para cá e para lá, transportando cargas leves. O grande problema com eles nasce da insensata conduta dos pinguins.

Bando dessas aves saltam constantemente da água e saem para caminhar sobre nosso floe. A partir do momento em que pisam no gelo, todo seu comportamento revela uma insaciável curiosidade associada a um obstinado desprezo pela própria segurança. A despeito da presença de uma fileira de cães ferozes uivando e ameaçando atacá-los, os pinguins se aproximam de nós gingando, estendendo suas cabeças para a frente e para atrás em seu modo habitualmente ridículo e absurdo de ser.

– Alô, aqui estamos para brincar! – parecem nos dizer. – O que vocês, ridículas criaturas, desejam? – avançam mais alguns passos, aproximando-se mais. Os cães investem até onde suas correias e arreios permitem. Os pinguins aparentemente não ficam nem um pouco amedrontados, mas eriçam as penas do pescoço e grasnam para os cães, como se estivessem bravos; comportando-se na verdade como estivessem repreendendo um forasteiro mal-educado.<sup>409</sup>

O antropomorfismo, aqui, não será utilizado como metodologia de análise, mas sim como percepção de caráter relacional que os seres humanos utilizam para se envolver com um meio no qual estão imersos, sobretudo com as vidas que estão presentes e que, no caso desses empreendimentos, se fazem envolvidos enquanto um dos companheiros de estadia, se não a única companhia diante um vasto isolamento e solidão. Pensemos no antropomorfismo dos relatos conforme um sistema de participação em que os seres vivos estão interconectados e influenciando uns aos outros.

Conforme apontado por Tilley, antropomorfismo assim como animismo e totemismo são partes essenciais de nossa relação corporificada com o mundo e com as coisas, relação essa que, segundo o autor, é normalmente desconhecida.<sup>410</sup> Além disso, o autor aponta a importância desses sistemas de pensamentos animistas e antropomórficos se relacionando com a ideia de “participação”. Para Tilley através de seus estudos de Merleau Ponty, participação consiste em uma categoria fundamental para o processo de percepção, pois demonstra uma interação ativa entre um corpo localizado no mundo e aquilo que este percebe. Neste sistema, humanos,

<sup>408</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.191.

<sup>409</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.94.

<sup>410</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014, p.46.

animais não humanos e coisas participam uns das vidas dos outros.<sup>411</sup> Além disso, para o autor: “Um relacionamento participante (participatory relationship) com o mundo é emocional e sensitivo, iniciado por afeições e atividades corpóreas interconectadas.”<sup>412</sup> Ou seja, nossa relação com o mundo, seja antropomórfica ou não, já que nem toda interação é tida através desse sistema, ocorre de forma emocional, sensível e envolvendo a presença de um corpo em meio ao mundo.

### 3.2 ENTRE VIZINHOS CÔMICOS E ATERRORIZANTES: ANIMAIS SELVAGENS NOS RELATOS

O continente antártico consiste em um grande receptáculo de vida, sobretudo marinha, possuindo uma enorme biodiversidade e se destacando sobre outras regiões que apresentam latitudes menores, uma vez que “funciona como semeadora das zonas profundas dos outros oceanos.”<sup>413</sup> Em oposição, a biodiversidade terrestre do continente é bastante limitada, de acordo com Lúcia Siqueira Campos, somente diante avanços nos estudos acerca do mundo microbiano que essa perspectiva pode ser alterada. A autora destaca que a Antártica apresenta um abrigo para incríveis formas de vida, além de consistir em um laboratório natural singular, característica dada devido ao seu isolamento e também as condições climáticas que permitem estudos acerca das adaptações ao frio.<sup>414</sup>

Os elementos bióticos do continente antártico podem ser encontrados em três zonas biogeográficas terrestres, sendo elas a Subantártica, a Antártica Marítima e a Antártica Continental. Juntas essas zonas compõem o continente que possui aproximadamente 14 milhões de quilômetros quadrados e que, quando congelados, podem somar a sua extensão mais 12 milhões de quilômetros, chegando a um total de 26 milhões de quilômetros quadrados.<sup>415</sup> Inicialmente acreditava-se que a biota antártica seria composta por colonizadores que se estabeleceram na região até recentemente. Os primeiros elementos teriam originalmente alcançado as regiões antes das separações continentais como a do Gondwana,<sup>416</sup> (sobretudo

---

<sup>411</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014, p.44.

<sup>412</sup> *Ibid.*, p.44.

<sup>413</sup> CAMPOS, Lúcia S. A biodiversidade antártica: adaptações evolutivas e a sensibilidade às mudanças ambientais. In: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. Editora Blucher, p.121-162., 2011, p.121.

<sup>414</sup> *Ibid.*, p.121-122.

<sup>415</sup> SIMÕES, Jefferson C. Glossário da língua portuguesa da neve, do gelo e termos correlatos. *Pesquisa Antártica Brasileira*, 2004, p.16-18.

<sup>416</sup> Gondwana se refere ao supercontinente que se separou formando os continentes da África, América do Sul, Antártica, Austrália e Índia. (CAMPOS, *op. cit.*, p.160).

América do Sul e Antártica), sofrendo mudanças e se adaptando durante os momentos de máximos glaciais pelos quais o continente passou, o último entre 18.000 e 20.000 anos atrás.<sup>417</sup> Hoje a Antártica apresenta uma biota nativa que passa por dificuldades de competir com as não nativas, visto que essa biota não apresenta uma taxa de adaptação tão rápida para mudanças, como, por exemplo, as provocadas pela entrada das não nativas.<sup>418</sup>

No que diz respeito a sua zona continental, por ser um território com pouca experiência humana, sua biota é bastante desconhecida ainda nos dias atuais. Sobre o que é conhecido, Siqueira Campos destaca que: “Os ecossistemas terrestres, aqueles sobre rochas e solos expostos, representa menos do que 0,4 da área emersa do continente, constituindo-se de algumas áreas cobertas por neve somente durante o longo inverno austral.”<sup>419</sup> No restante do território a presença de arquipélagos representam um perfeito oásis para espécies marítimas, enquanto no continente, grande parte de sua superfície consiste em vales secos e extensas planícies cobertas por neve. Como destaca Campos, os vales secos se destacam como um ambiente demasiadamente frio, não apresentando um espaço para que formas de vida de produtores primários se desenvolvam, além disso a região possui baixa taxa de carbono orgânico, o que por um lado permite uma grande proliferação de microrganismos heterotróficos e invertebrados. Para a autora, a Antártica representa um ambiente inóspito para a vida e mesmo assim ainda comporta uma rica variedade de espécies tanto de animais quanto de plantas.<sup>420</sup>

No que diz respeito aos seres invertebrados, duas espécies de insetos se destacam no continente pertencentes à família Díptera, mesma família das moscas e pernilongos. Já os animais vertebrados, a Antártica possui apenas uma ave terrestre que é a chamada pomba antártica (*Chionis alba*). Seu *habitat* é próximo a colônias de pinguins o que fornece o alimento necessário para sua sobrevivência, se alimentando da carcaça de filhotes e pinguins adultos além dos restos de alimentos deixados por eles. Sobre a flora, o continente possui na região terrestre apenas alguns vegetais como musgos, algas, líquens e fungos, além de duas espécies de plantas com flores.<sup>421</sup>

---

<sup>417</sup> CAMPOS, Lúcia S. A biodiversidade antártica: adaptações evolutivas e a sensibilidade às mudanças ambientais. In: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. Editora Blucher, p.121-162., 2011, p.131

<sup>418</sup> *Ibid.*, p.132.

<sup>419</sup> *Ibid.*, p.128

<sup>420</sup> *Ibid.*, p.128.

<sup>421</sup> *Ibid.*, p.122.

Figura 21: Pomba antártica



Fonte: DO BRASIL, Wikiaves-Enciclopédia das Aves. *Pomba-antártica*, 2021. Disponível em: <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/pomba-antartica>>.

A zona oceânica, ou Oceano Austral como é conhecido, implica em uma área limitada pelo continente antártico ao sul e a Zona da Frente Polar ao norte. Considerado um dos ecossistemas marinhos mais bem definidos do planeta pode chegar a profundidades de 1.000 metros, onde vivem inúmeras espécies tanto migratórias quanto endêmicas. As espécies endêmicas, ou seja, encontradas apenas ali, consistem em uma grande diversidade de peixes e seres invertebrados. Fazendo paralelo com a zona terrestre, a existência das espécies endêmicas demonstram a tese de longos períodos evolução e adaptação em meio ao relativo isolamento.<sup>422</sup>

A vida marinha na Antártica é diversa e muito rica em organismos que vivem desde a superfície até o fundo, de zonas litorâneas rasas até zonas abissais e fossas submarinas, possuindo representantes de todos os domínios marinhos conhecidos. A vida no Oceano Austral floresce num ambiente caracterizado pela ação glacial e fortes correntes.<sup>423</sup>

Muito ainda se mostra desconhecido acerca do Oceano Austral e da vida que comporta. Cada vez mais, novas pesquisas produzem novos conhecimentos. Pesquisas atuais demonstram que existem mais de 9.000 espécies marinhas e mais de 1.000.000 de registros de distribuição de espécies encontradas na região.<sup>424</sup> Entretanto, sendo considerado um receptáculo de

<sup>422</sup> CAMPOS, Lúcia S. A biodiversidade antártica: adaptações evolutivas e a sensibilidade às mudanças ambientais. In: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. Editora Blucher, p.121-162., 2011, p.135.

<sup>423</sup> *Ibid.*, p. 135-136.

<sup>424</sup> CAMPOS, Lúcia S. A biodiversidade antártica: adaptações evolutivas e a sensibilidade às mudanças ambientais. In: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. Editora Blucher, p.121-162., 2011, p.136.

surpresas, o oceano austral está constantemente revelando novas espécies. Graças aos últimos acordos que estabeleceram e limitam o extrativismo na região, essas espécies endêmicas e outras migratórias encontram terreno fértil para se estabelecer e se reproduzir. Em seus relatos, Scott apresenta sua contemplação acerca do que se sabia e os novos conhecimentos que demonstravam que a vida no continente é muito mais complexa do que se imaginava:

Contemplando as vastas e inóspitas extensões das banquisas, é difícil se conscientizar da exuberância da vida que se oculta logo abaixo da superfície. Uma rede de arrasto se enche de diatomáceas em curto espaço de tempo, demonstrando que a vida vegetal flutuante é por aqui muito mais rica que a dos mares temperados ou tropicais; essas diatomáceas consistem principalmente em três ou quatro espécies bem conhecidas. Alimentando-se dessas algas há milhares de pequenos camarões (*Euphasia*) que podem ser vistos nadando nas bordas de todos os floes, assim como na água que se acumula sobre os blocos revirados. Os camarões por sua vez, proporcionam alimento para outras criaturas grandes e pequenas: a foca-caranguejeira ou foca-branca, os pinguins, o petrel-antártico e o petrel-de-neve, além de um número incontável de espécies de peixes.<sup>425</sup>

Segundo Marcela M. Libertelli, entre as espécies que habitam a região é possível encontrar o plâncton Krill,<sup>426</sup> outros crustáceos, pinguins, peixes e mamíferos. No continente não são encontrados caranguejos de grande porte, o que permite que esponjas e corais se desenvolvam de forma mais acentuada. No que diz respeito às aves, é possível encontrar pinguins, petréis, skuas, andorinhas-do-mar, pombos antárticos e corvos marinhos.<sup>427</sup>

Os pinguins consistem nos maiores consumidores de recursos marinhos do Oceano Austral, sendo observadas enquanto espécies indicadoras daquele sistema. Vivem normalmente em colônias compostas por numerosas quantidades. Entre os pinguins, existem quatro espécies no continente: o pinguim de Adélia, o pinguim chinstrap, o pinguim gentoo e o pinguim imperador.<sup>428</sup> Scott destaca em seus relatos os pinguins enquanto animais cômicos, atribuindo características antropomórficas ao agir dos animais:

Os pinguins-de-Adélia, em terra ou no gelo, são quase sempre animais bastante cômicos. Seja dormindo, discutindo ou brincando, seja manifestando curiosidade, medo ou raiva, o interesse que despertam tem sempre um quê de humorístico. Entretanto, na água, o pinguim-de-Adélia transforma-se – movendo-se em todas as direções com incrível rapidez a 2 ou 3 metros abaixo da superfície, saltando no ar como um golfinho, ou nadando velozmente na superfície ondulada de uma lagoa, provoca sempre entusiasmo e admiração em quem o observa.<sup>429</sup>

<sup>425</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.70.

<sup>426</sup> Krill consiste em um crustáceo de pequeno porte considerado como uma importante fonte de alimento para muitas das aves antárticas, baleias e mamíferos marinhos. Na Antártica existe em grande abundância e consiste em um componente importante para sua manutenção do ecossistema. (CAMPOS, *op. cit.*, p.161)

<sup>427</sup> LIBERTELLI, Marcela M. *Antártica: Ecossistemas antárticos*. OEI, Diários de Viagem – Prêmio Antártica. Buenos Aires, 2021, p.09-11.

<sup>428</sup> *Ibid.*, p. 12-13

<sup>429</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.70.

As aves voadoras da Antártica, assim como pinguins, se reproduzem na região terrestre do continente, cada espécie com suas próprias singularidades. Muitas espécies de petréis se alimentam do krill, ou em alguns casos se alimentam de carcaças. Algumas espécies como a gaivota se alimentam de ovos de pinguins e também de pintos de outras espécies ou da sua própria.

Quanto aos mamíferos, não há presença desses animais na zona terrestre, os presentes no ecossistema se resumem a dois grupos, os cetáceos e os pinípedes. Ao primeiro grupo pertencem os golfinhos e baleias, tanto orcas quanto jubartes. Já no segundo, cujo seu habitat consiste no gelo e mares congelados, encontram-se os leões marinhos, elefantes marinhos e as focas. Em relação as focas, existe quatro variedades: focas de Wendell, focas caranguejeiras, focas leopardo e focas de Ross.<sup>430</sup>

Nos relatos esses animais tidos como “selvagens”, em contraposição aos domesticados, se fazem presentes em grande parte das obras, com exceção das jornadas aos polos que, como destacado anteriormente, não ocorre a presença de vida de animais de grande porte. Nos diários de Scott, por exemplo, as primeiras menções a esses animais ocorrem em dezembro ainda em sua viagem ao continente, em uma narrativa marcada por uma observação científica e de carga antropomórfica:

Encontramos pela manhã um jovem pinguim imperador, e enquanto tentávamos capturá-lo, uma das novas baleias de Wilson, com a barbatana dorsal em forma de sabre, surgiu nadando próximo ao navio. Estimei a altura de sua barbatana em cerca de 1,20 metro. À tarde, avistamos também duas focas-leopardo, uma das quais na água, realizando curtos e preguiçosos mergulhos sob os floes, exibindo uma ágil e sinuosa movimentação.<sup>431</sup>

É interessante destacar que Scott faz questão em evidenciar o maior número de informações possíveis acerca dos animais que encontra, um bom exemplo se localiza em suas descrições seguintes, na quais o autor dedica notas de rodapé acerca daquelas criaturas, desde tamanho, espécie e alimentação. Essa consiste em uma característica de sua escrita mais voltada pela produção de um conhecimento científico:

É interessante observar o petrel-da-neve e o petrel-antártico mergulhando e nadando entre os floes revirados e cheios de água. O movimento das correntes arrasta as *Euphausia* entre pedaços de gelo submerso, o que atrai essas aves. O petrel-antártico sempre pousa com invejável estilo.<sup>432</sup>

---

<sup>430</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegre, 2002, p.14-17

<sup>431</sup> *Ibid.*, p.54.

<sup>432</sup> *Ibid.*, p.54.

Nos relatos de Amundsen, o primeiro encontro com os animais antárticos ocorre com uma foca em 03 de janeiro de 1911. A descrição do encontro destaca principalmente sua utilidade enquanto fonte de alimento:

Às nove horas da manhã do dia seguinte, tivemos nossa primeira oportunidade de caçar focas. Uma grande foca-de-Wendell foi avistada sobre o banco de gelo bem à frente. Ela reagiu à nossa aproximação com a mais absoluta tranquilidade, não considerando da seriedade da situação. Esboçou então uma tentativa de alcançar a água, mas era tarde. Dois homens já estavam sobre o gelo e a valiosa presa estava garantida. Em quinze minutos o animal estava em nosso convés, esfolado e fatiado por mãos experientes. Essa aventura nos trouxe de um só golpe pelo menos duzentos quilos de comida para os cães, além de muitas refeições para a tripulação. Repetimos o mesmo feito mais três vezes durante o dia, obtendo assim mais de uma tonelada de gordura e carne fresca.<sup>433</sup>

Em outro encontro, logo após chegarem na Baía das Baleias e iniciarem os preparativos para erguer a cabana, a tripulação entrou em contato com outro grupo de pinguins. Diferente do ocorrido antes, Amundsen destaca uma maior proximidade com aqueles animais em um movimento de criação de relações:

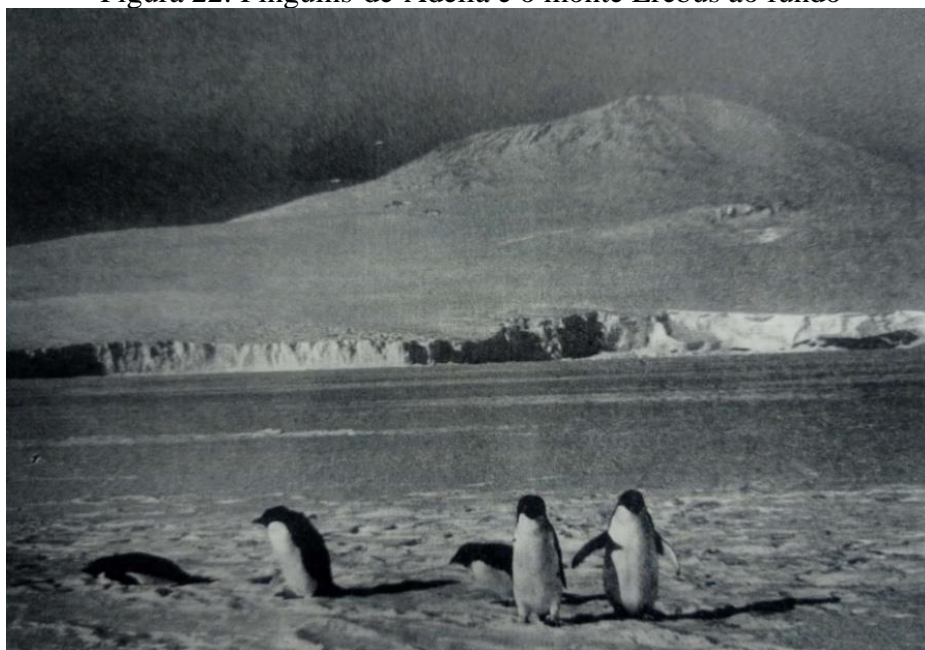
Os pinguins não pareciam com muita frequência, apenas uns poucos aqui ou ali, embora nós os apreciássemos muito; quase todos os poucos que vimos em pinguins-de-Adélia. Enquanto estávamos ocupados amarrando o navio com segurança, um bando deles subitamente saltou do mar para o gelo. Por um instante olharam para os lados, perplexos – homens e navios não chegavam aqui todos os dias. Sua surpresa, porém, logo foi vencida pelo desejo de observar o que estava acontecendo. Eles literalmente sentaram-se e ficaram estudando todos os nossos movimentos. Apenas ocasionalmente emitiam um grunhido e afastavam-se para dar uma pequena volta pelos arredores. Nosso trabalho em cavar buracos no gelo para as âncoras era, evidentemente, o que mais atraía sua curiosidade. Eles reuniam-se ao redor dos homens encarregados dessa tarefa, inclinavam sua cabeça para um lado, e observavam o serviço como se estivessem achando tudo aquilo extremamente interessante. Não pareciam ter medo algum de nós e, a bem da verdade, nós os deixamos em paz a maior parte do tempo. Contudo, o triste destino de alguns deles era partir dessa vida; fariam parte de nossa coleção de espécimes-zoológicos.<sup>434</sup>

---

<sup>433</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.121

<sup>434</sup> *Ibid.*, p.128.

Figura 22: Pinguins-de-Adélia e o monte Erebus ao fundo



Fonte: SCOTT, 2002, p.93.

É interessante analisar a ideia de espécies zoológicas tal qual citada por Amundsen, pois está profundamente relacionada com a ideia de “animais selvagens” e as relações de “espetáculo” com as quais os humanos criaram ao longo do tempo. Como destacado pelo intelectual e pensador da causa animal, John Berger, com os novos avanços na indústria, os animais que antes eram utilizados como motor de propulsão de grande parte dos maquinários, são expulsos e isolados em alguns pequenos parques e reservas naturais.<sup>435</sup> Enquanto isso, outros foram parar em zoológicos, sobretudo, aqueles os quais não tinham utilidade para a indústria, como o caso de animais selvagens. Para Berger, os zoológicos surgiram em um momento em que os animais começaram a desaparecer da vida cotidiana dos seres humanos, consistindo em um ambiente onde era possível observar os animais e permitir que de alguma forma ainda houvesse encontros entre espécies.<sup>436</sup> Além disso, os zoológicos possuem a característica de permitirem a manutenção do exercício de soberania humana diante as demais espécies que habitam no planeta.

Desta forma, temos a construção da percepção desses animais enquanto componentes de um espetáculo a ser observado apenas, ou seja, exclui-se a ideia de que os animais podem observar colocando-os em posição objetificada.

A ideologia subjacente é que os animais é que são sempre os observados. O fato de que eles podem nos observar perdeu importância. Eles são o objeto de nosso conhecimento, em constante expansão. O que sabemos a respeito deles é uma medida

<sup>435</sup> BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* São Paulo, Ed. Fósforo, 2021, p.27

<sup>436</sup> *Ibid.*, p.35.



de nosso poder, e assim uma medida daquilo que nos separa deles. Quanto mais sabemos, mais distantes eles se tornam.<sup>437</sup>

Além disso, o próprio ato de capturar pode ser considerado como um exercício de soberania humana pois a captura, segundo Berger, seria uma “representação simbólica da conquista de terras distantes e exóticas”.<sup>438</sup> Nas expedições aqui analisadas, relatos de capturas desses animais são constantes, mas em grande parte das vezes sua utilização é a de abastecimento de suprimentos, como no caso evidenciado por Shackleton:

No dia 26 de setembro, outra foca foi capturada – um exemplar macho de foca-de-Wenddel. O retorno das focas nessa época foi oportuno, pois o estoque de biscoito para cães, armazenados para o inverno, já estava praticamente chegando ao fim, e desejávamos agora alimentar os animais com carne fresca. Além disso, as focas significavam um suprimento de gordura, complementando com esse combustível nosso pobre estoque remanescente de carvão para o momento em que voltássemos a usar as caldeiras.<sup>439</sup>

Nos relatos de Amundsen, as menções aos animais nativos são encontradas em menor quantidade se comparadas aos relatos de Scott e Shackleton. O autor se dedica em apresentar a vida dos cães esquimós aos quais destina grande parte da obra demonstrando sua rotina e alimentação, além das histórias e sensibilidades provenientes de sua relação com os mesmos. Nas menções aos animais nativos, podemos relacionar com a ideia de observação, assim como o que ocorre nos demais relatos, mas aqui de forma mais acentuada. Os animais selvagens aparecem enquanto seres distantes, sem um relação de profundidade emocional, sendo admirados da mesma forma como colocado por Berger, enquanto imagens que chamam a atenção devido a sua distância. Vale ainda destacar, conforme colocado por Ingold acerca dos animais, principalmente os selvagens, que um vez que se encontram fora do plano da humanidade, eles são apenas coisas vivas que se situam entre pessoas e lugares.<sup>440</sup>

Já em Scott, mesmo que o autor destine uma atenção especial para descrever os animais da expedição, os antárticos também recebem grande dedicação. Desta forma, na medida em que a viagem do *Terra Nova* prossegue, novas menções surgem em fins de dezembro durante um encontro com uma colônia de pinguins sobre os floes, a qual é descrita por Scott: “Há três grupos de pinguins vivendo nos floes a pouca distância do navio – e contei um número total de 39 pinguins. Poderíamos facilmente capturar essas aves se quiséssemos, o que torna óbvia a

<sup>437</sup> BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* São Paulo, Ed. Fósforo, 2021, p.31-32

<sup>438</sup> *Ibid.*, p.35.

<sup>439</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.107-108.

<sup>440</sup> INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015, p.245.

possibilidade de se obter alimento sobre a banquisa.”<sup>441</sup> Em sua descrição, assim como na anterior, ao analisar os comportamentos dessas aves, Scott recorre novamente as características antropomórficas, o que deixa evidente a busca por observar a cena e a maneira como os animais agem de forma mais próxima a que humanos teriam, gerando familiaridade nos comportamentos e conseqüentemente uma afetividade. Tais relações são percebidas pelo próprio Scott em suas indagações:

Hoje à noite vi uma gaivota sobre um bloco revirado de gelo na borda de um floe onde vários pinguins já se preparavam para repousar. O curioso é que os pinguins iniciaram uma sonora discussão, cujo tema era, sem dúvida, a gaivota. Em seguida avançaram todos unidos em sua direção, mas após alguns passos, o pinguim da vanguarda estacou e virou-se enquanto seus companheiros tiveram de empurrá-lo em direção à gaivota. Percebemos que cada um deles recusava-se terminantemente a ser o primeiro a se aproximar do inimigo. Apesar do medo, com muita conversa e encorajamento mútuo, foram gradativamente avançando naquela direção. Eles não poderiam mesmo alcançá-la, já que a ave pousou sobre um bloco de gelo; mas, quando já estavam bastante próximos da gaivota – que até esse momento ficara absolutamente impassível – a ave alçou voo e pousou alguns metros adiante, do lado oposto ao agitado bando de pinguins. Estes então viraram-se e repetiram a mesma tática, até que a gaivota finalmente cansou e voou para longe, indo embora. Foi um espetáculo realmente muito interessante observar essa tímida movimentação de pinguins. Podia-se facilmente imaginar o estado de espírito gerando cada uma de suas ações, e compará-lo aos sentimentos e às emoções humanas.<sup>442</sup>

Essa comparação entre as características desses animais com a dos humanos também se faz presente nos relatos de Shackleton, em meados de janeiro de 1915, quando o grupo encontra sobre os mares congelados um grupo de pinguins imperadores:

Na véspera, abatemos vários exemplares jovens de pinguim-imperador e trouxemos as carcaças para bordo. Dois deles ainda estavam vivos e ilesos quando o *Endurance* encostou no floe. Ambos imediatamente deram alguns passos no gelo, viraram-se para nós, fizeram três elegantes reverências e afastaram-se para a extremidade oposta do floe. Há algo de curiosamente humano nas maneiras e nos movimentos dessas aves.<sup>443</sup>

Outro exemplo dessas características humanas são encontradas quando Shackleton narra o confronto de seus homens para capturar um pinguim e na forma como essa passa a agir após derrotado e capturado:

Durante a tarde, avistamos mais cinco pinguins-imperadores no canal a oeste do navio e conseguimos capturar um deles. Kerr e Cheetham travaram uma heroica batalha com duas das maiores aves. Kerr correu em direção a uma delas e agarrou-a com firmeza. O zangado pinguim o derrubou e, para completar a vitória, ainda saltou sobre o peito antes de se retirar. Cheetham veio em auxílio de Kerr e ambos se reuniram para agarrar

<sup>441</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.64.

<sup>442</sup> SCOTT, *loc.cit.*

<sup>443</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.56

outro pinguim; seguraram seu bico e o conduziram até o navio, com a ave murmurando abafados protestos como um velho bêbado entre dois policiais.<sup>444</sup>

Acerca do antropomorfismo evidente nas citações anteriores, é interessante destacar o que nos coloca Berger, afirmando o antropomorfismo enquanto elemento integrante da relação humana com não humanos até o século XIX. Ao longo dos últimos dois séculos, tal sistema acabou sendo gradualmente excluído da vida na mesma medida em que os animais também acabaram sendo excluídos. Berger salienta através de seus estudos sobre o conde de Buffon, que mesmo que o cartesianismo tenha gerado uma ruptura, tais sentimentos antropomórficos vinham atribuindo ternura pelos animais, mesmo que temporariamente.<sup>445</sup>

Nos relatos de Shackleton, após o naufrágio do *Endurance*, as menções aos animais passam da admiração proporcionada por chegar aos seus *habitats* à preocupação e necessidade dos homens em alimento e combustível:

As focas e pinguins pareciam agora nos evitar cuidadosamente e, ao verificar o estado de nosso estoque de provisões no dia 21 de março, constatei que só dispúnhamos de carne suficiente para mais dez dias; e a gordura duraria ainda menos que isto. Dessa maneira, nossa refeição do meio-dia em breve passaria a ser um único biscoito.<sup>446</sup>

Figura 23: *Green*, cozinheiro da expedição do *Endurance* esfolando um pinguim na cozinha da embarcação



Fonte: ALEXANDER, 1999, p.78.

<sup>444</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.86.

<sup>445</sup> BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* São Paulo, Ed. Fósforo, 2021, p.26.

<sup>446</sup> SHACKLETON, *op. cit.*, p.168.

Em uma passagem seguinte, Shackleton ainda descreve outro encontro com esses animais e seu destino:

Certo dia, uma grande foca-leopardo subiu ao *floe* e atacou um dos nossos homens. Wild, ouvindo os gritos, correu e abateu o animal. Quando retalhamos a carcaça, descobrimos em seu estômago diversos peixes ainda não digeridos. Foram todos fritos na gordura da própria foca, e assim que fizemos a única refeição de peixe “fresco” durante toda nossa longa estada à deriva sobre o *floe*.<sup>447</sup>

Durante o período à deriva, Shackleton destaca as preocupações e o medo da fome, ressaltando o grande impacto que esses alimentos encontrados nesse período à deriva representavam:

No dia 05 de abril, abatemos duas focas e estas, com a foca-leopardo de alguns dias antes, nos permitiram um pequeno incremento em nossa ração diária. Todos agora se sentem muito felizes; este é o efeito psicológico mais imediato decorrente da fome saciada. Nos dias mais frios, umas poucas tiras de gordura crua eram servidas a todos os homens, e era fantástico como elas nos fortaleciam contra o frio.<sup>448</sup>

Nesses relatos, na medida em que as adversidades infligem-se sobre os tripulantes do *Endurance* os animais passam a ser vistos com novos olhos, deixando de expressar a admiração inicial, passando a ser observado enquanto portador de uma utilidade, a sobrevivência dos homens.

Nos relatos as baleias são figuras bastante imponentes e de grande atenção quando encontradas. Nos relatos de Scott, as orcas protagonizaram um dos episódios de maior ansiedade, no dia 05 de janeiro, logo após a chegada da expedição no continente:

Cerca de seis ou sete orcas, jovens e adultas, estavam nadando na periferia do compacto *floe* diante do navio. Pareciam excitadas e mergulhavam velozmente quase tocando o gelo. Enquanto observávamos da amurada, elas subitamente surgiram junto à popa elevando suas fauces bem acima da água. Já ouvi muitas histórias fantásticas acerca desses animais, mas nunca antes os associara diretamente a algum perigo real. Próximo à borda do gelo estava preso o cabo de aço da popa e nossos dois cães esquimós estavam acorrentados a ele. Naquele momento, nem pensei em relacionar esse fato à movimentação das baleias e, vendo-as tão próximas, gritei Ponting, que se encontrava em pé ao lado do navio. Ele apressadamente apanhou sua câmera e correu para a borda do *floe* para tirar uma boa fotografia dos animais que, momentaneamente, haviam desaparecido.

No instante seguinte, explosivamente, todo o *floe* em que ele e os cães se encontravam elevou-se no ar, partindo-se em infinitos fragmentos. Podia-se ouvir o estrondo das baleias investindo para cima, arremessando seus dorsos descomunais contra a superfície inferior do gelo. Uma de cada vez, investiram, chocando-se contra o gelo, que tremia com violência. Felizmente Ponting não perdeu o equilíbrio conseguiu escapar com muita agilidade, colocando-se em segurança. Por extraordinária sorte,

<sup>447</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.169

<sup>448</sup> SHACKLETON, *loc.cit.*

todas as fendas que partiram o gelo abriram-se ao redor dos cães e entre eles, de modo que nenhum dos animais caiu na água.<sup>449</sup>

Shackleton, assim como Scott, acabou presenciando momentos angustiantes com a presença desses animais:

As orcas estavam se tornando mais ativas e agitadas ao nosso redor, e eu tinha que tomar grandes precauções antes de permitir que alguém deixasse o navio. Esses animais têm o costume de erguer a cabeça e observar sobre as margens da flor, e assim localizam as fendas ali repousando. Então, vindo com ímpeto das profundezas, investem através da lâmina de gelo, rompendo-a em sua ávida busca por carne. Creio que elas não distinguiriam um homem de uma foca.<sup>450</sup>

De forma semelhante à narrativa de Shackleton e a esta característica do comportamento das orcas para caça, Scott apresenta uma transformação na forma de perceber esses animais, assinalando sua periculosidade:

Então ficou claro que as baleias também partilhavam nossa surpresa – embora de outra maneira. Uma após outra, as colossais e pavorosas cabeças emergiam verticalmente entre as fissuras abertas no floe. Quando surgiam, elevando-se a 2 ou 3 metros de altura, era possível ver suas manchas branco-amareladas na cabeça, seus pequenos olhos reluzentes e aquela aterrorizante fileira de dentes – de longe os maiores e mais terríveis do mundo.<sup>451</sup>

As mesmas características das orcas se fazem presentes nas narrativas de Shackleton, destacando o os impactos e medos que sua presença causava nos sujeitos ali presentes:

No dia 21, caçamos três fêmeas de foca-caranguejeira, e sangue podia ser visto ao redor do buraco em que elas haviam emergido. As três vieram em companhia de um macho, e imaginamos que ele pudesse ter sido vítima do ataque de uma orca. Estas criaturas agressivas e perigosas podiam frequentemente ser vistas nas lagoas e canais, e ficávamos sempre desconfiados de sua capacidade ou de sua vontade de diferenciar focas e homens. Quando uma orca emergia para observar a superfície do floe com seus ferozes olhos, víamos surgir da água aquela medonha cabeça semelhante à de um lagarto.<sup>452</sup>

As orcas consistem em cetáceos odontocetos,<sup>453</sup> da família *Delphinidae*, são comumente conhecidas como “baleias assassinas”, mesmo pertencendo ao grupo dos golfinhos, podendo atingir até 8 metros de comprimento. Dentre os cetáceos, as orcas são a espécie mais cosmopolita de todas, ou seja, estão presentes em todos os oceanos do planeta. Mesmo descrita

<sup>449</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.95-96.

<sup>450</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p51

<sup>451</sup> SCOTT, *op. cit.*, p.96

<sup>452</sup> SHACKLETON, *op. cit.*, p.68.

<sup>453</sup> Assim como golfinhos e outras espécies, as orcas possuem dentes, o que diverge das baleias.

como apenas uma espécie, sabe-se que entre variações físicas e genéticas existem uma enorme variedade. São vistas sempre em pequenos grupos familiares chamados de *pods*.<sup>454</sup>

Figura 24: Orcas fotografadas pela expedição do *Terra Nova*



Fonte: SCOTT, 2002, p.184.

As baleias não aparecem nos relatos de Amundsen, mesmo que o local escolhido para estabelecimento de sua base tenha sido a “Baía das Baleias”, local que deve seu nome devido ao grande número de animais encontrados durante a expedição do *Nimrod* em 1908. Sobre isso Amundsen destaca logo após seu desembarque na baía:

A vida fervilhava sobre o gelo. Para qualquer lado que voltássemos os olhos, víamos grandes grupos de focas-de-Wendell e focas-caranguejeiras. Entretanto as grandes focas-leopardo, que ocasionalmente avistamos sobre a banquisa, não eram encontradas por aqui; durante nossa estada na Baía das Baleias não vimos sequer um único exemplar dessa espécie. Também não vimos nenhuma foca-de-Ross.<sup>455</sup>

As baleias são criaturas presentes em todos os mares do planeta. Ao longo da história as baleias foram até mesmo consideradas monstros marinhos devido a seu grande tamanho. Hoje considera-se baleias um amplo grupo, denominadas de forma genérica e sem uma classificação

<sup>454</sup> FABIO, Luiz Carlos; MENGHINI, Ricardo Palamar. Revisão sobre a ocorrência e migração de orcas (*Orcinus Orca*) em águas brasileiras. São Paulo, *Atas de Saúde Ambiental-ASA (ISSN 2357-7614)*, v. 6, p. 30-30, 2018, p.30.

<sup>455</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul*: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do *Fram*: 1910-1912. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.129.

de espécies e características físicas. Enquanto animais, baleias são mamíferos que fazem parte da ordem Cetácea, juntamente com os golfinhos e os botos.<sup>456</sup>

Nos mares antárticos as baleias podem ser encontradas em grande quantidade, o que conseqüentemente atraiu a atenção das grandes nações dos séculos XIX e XX. Segundo Schellmann, as baleias foram um dos primeiros recursos a serem explorados na região e a caça exaustiva quase levou a sua extinção.<sup>457</sup> As baleias eram caçadas devido aos altos valores dos produtos derivados de seus corpos, sobretudo o espermacete, uma substância encontrada dentro de seus crânios, principalmente das cachalotes. Essa substância se tornou fundamental no século XIX, devido a capacidade de iluminação produzida por sua queima.<sup>458</sup> Nesse período muitas cidades eram iluminadas com o óleo de baleia.

Desta forma, a partir do século XVIII um grande mercado se fez entorno da caça de animais na Antártica. Os caçadores viram grandes vantagens econômicas em navegarem para essa região, principalmente após a expedição de James Cook (1772-75). Inicialmente um ciclo extrativista foi criado incentivando a caça de focas e de leopardos marinhos, mas a partir de 1905 ocorre uma intensificação na caça as baleias e o estabelecimentos de centros baleeiros nas proximidades do continente. Entre as baleias mais abatidas no centro pesqueiro instalado nas Ilhas Geórgia do Sul entre 1904 e 1965, estavam as espécies: Cachalote, Baleia-Sei, Baleia-Fin e a Baleia Azul. Durante esses anos, houve um grande extermínio desses animais, o que perdurou mesmo após o fim do uso do espermacete para iluminação ou para cosméticos. Na década de 1980, a Comissão baleeira, numa tentativa frustrada, suspendeu definitivamente a captura das baleias. Contudo, em sociedades em que o costume de caça às baleias consiste em algo enraizado, tornou-se impossível estabelecer a suspensão.<sup>459</sup>

Nos relatos as baleias são observadas e descritas como seres a ser respeitados, uma vez que aqueles homens não possuíam nem a intenção nem o equipamento necessário para sua caça. Desta forma, as descrições demonstram o encantamento e também o medo proveniente das relações impostas com aqueles animais, tanto corporais, quanto culturais, visto a ampla gama de histórias acerca do contato com baleias, sobretudo, com as orcas, que desde aquele período já eram chamadas de “baleias assassinas”.

---

<sup>456</sup> COMERLATO, Fabiana. A baleia como recurso energético no Brasil. *Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações*, v. 1, Florianópolis, 2010, p.1120-1121.

<sup>457</sup> SCHELLMANN, Karin. *Do mito à realidade: um olhar sobre a Antártica através dos signos e representações*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, 2005, p.62.

<sup>458</sup> COMERLATO, Fabiana. A baleia como recurso energético no Brasil. *Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações*, v. 1, Florianópolis, 2010, p.1130-1131.

<sup>459</sup> SCHELLMANN, *op. cit.*, p.67.

Podemos relacionar essa indústria estabelecida no início do século XX de caça às baleias ao que Berger destaca como uma marginalização dos animais e a transformação nas relações de força motriz para matéria prima a ser utilizada.<sup>460</sup> Além disso, através da análise dos relatos podemos problematizar a ideia de “animais selvagens” e de “animais domésticos”, nesse caso animais trazidos pelas expedições e que nas narrativas de seus comandantes recebem sensibilidades diferentes daqueles tidos como selvagens. Pois, como foi possível notar, a vida animal antártica é apresentada enquanto um espetáculo digno de admiração, respeito e temor, além de também de ser fonte alimento e matéria prima para a sobrevivência humana.

Os animais trazidos pelas expedições foram de quatro espécies: cães, gatos, pôneis e coelhos. Cada um deles é apresentado de formas distintas e nem todos estão presentes em todos os relatos. Contudo, a presença desses animais se relaciona com a ideia de animais domésticos e também privilegiados no que se refere as relações construídas com os seres humanos.

### 3.3 COMPANHEIROS DE JORNADA: SENSIBILIDADES COM OS ANIMAIS DOMÉSTICOS E DE ESTIMAÇÃO

A domesticação dos animais consiste em um fenômeno ocorrido ao longo de toda história humana, aparecendo de maneiras distintas em cada uma das sociedades e gerações. Dentre as diversas espécies de animais existentes no planeta, o ser humano estabeleceu contato mais profundo com apenas algumas dezenas, entre essas: algumas aves, bois, cavalos, porcos, ovelhas, cães e gatos. No período moderno, momento de maiores transformações nas relações humanas com a natureza, Keith Thomas destaca que logo em seus primeiros séculos, os seres humanos se relacionam com os animais “domésticos” de forma muito mais íntima do que a religião oficial poderia aceitar.<sup>461</sup> Para o autor, esses animais não eram criados por motivos sentimentais, se destinando normalmente à criação, engorda e abate, principalmente no que diz respeito aos quatro primeiros, e aos cachorros e gatos outras funções, mas que também ultrapassavam as sentimentais.<sup>462</sup>

Sobre a ideia de domesticação, Donna Haraway destaca que os humanistas a retratavam como uma ação de caráter “paradigmático masculino e uniparental de autonascimento”, por meio do qual o homem instrumentaliza os animais enquanto uma ferramenta destinada para sua

---

<sup>460</sup> BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* São Paulo, Ed. Fósforo, 2021, p.27-28.

<sup>461</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p.130.

<sup>462</sup> *Ibid.*, p.130-131



sobrevivência.<sup>463</sup> Já para Thomas, os animais considerados domésticos eram mais como “comparsas da comunidade humana”, vivendo em uma relação de benefício mútuo.<sup>464</sup> Desta forma, cada um dos animais era criado para funções pré-estabelecidas e sem sentimentalismo, uma vez que os próprios animais se mantinham próximos de seus proprietários, os quais prezavam pelo seu bem-estar, devido as implicações de dependência.<sup>465</sup>

Como já abordado anteriormente, os animais estavam presentes nos círculos mais íntimos dos seres humanos se relacionando principalmente nas relações de dependência econômica, em que os seres humanos necessitavam dos animais para se vestir, cozinhar e se deslocar.<sup>466</sup> Além disso, os animais viviam em grande proximidade com os seus criadores, vivendo sob o mesmo teto em grande parte da história humana. Entretanto, a partir do período moderno essa forma de convívio passou a ser considerada algo repugnante e um modo animalesco de viver.<sup>467</sup> Thomas destaca a ideia da “casa ampla” e o movimento de transformação e rompimento desta:

Nos séculos XVI e XVII a assim chamada “casa ampla” (*long-house*) – uma combinação de casa e cocheira, em que os homens e gado dormiam sob o mesmo teto, em geral separados por um muro baixo ou um corredor transversal, mas com entrada pela mesma porta e passagem interna de uma parte para outra – estava evoluindo para um residência exclusivamente humana, com a construção de uma parede-meia ou uma entrada separada para o gado, ou a conversão do estábulo a outros propósitos e a transferência dos animais para outros lugares no terrenos e granjas.<sup>468</sup>

Em uma esfera próxima aos animais domésticos estavam também os animais de estimação. Segundo Thomas, no século XVIII, existia na Europa uma grande obsessão pelos animais domésticos e nesse cenário os considerados mascotes das famílias eram mais bem tratados do que os próprios empregados, portando enfeites, joias e sendo melhor alimentados, o que demonstra uma certa sensibilidade de “estima” por aquelas criaturas.

Os animais de estimação são os quais os humanos inevitavelmente criaram vínculos afetivos, e que durante o convívio poderiam gerar sensibilidades de conforto, felicidade, ou tristeza mediante sua morte.<sup>469</sup> Entre esses animais é possível notar três características particulares, conforme salientado por Thomas, que distinguem as espécies de estimação das domésticas. A primeira delas é a permissão para frequentar a casa, pois após o banimento dos

<sup>463</sup> HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021, p.36-37.

<sup>464</sup> THOMAS, *op. cit.*, p.137-138

<sup>465</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p.130.

<sup>466</sup> BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* São Paulo, Ed. Fósforo, 2021, p.17

<sup>467</sup> THOMAS, *op. cit.*, p.132.

<sup>468</sup> *Ibid.*, p.133.

<sup>469</sup> *Ibid.*, p.166-168.

animais da casa e sua transferência para outras partes da propriedade, apenas os animais de estimação tinham permissão de frequentar os mesmos cômodos que seus proprietários. Assim, mesmo o cão de pastoreio, por exemplo, animal de grande valor para seu proprietário, não tinha permissão de entrar em casa.<sup>470</sup>

A segunda característica consiste na atribuição de um nome pessoal, dado para cada animal de forma individualizante. Dar nomes aos animais consistia em um ato comum desde tempos antigos, entretanto, esses nomes eram semi-humanos, normalmente ressaltando características dos animais. No caso dos animais de estimação: “Quanto mais o animal fosse mimado por seu dono, maior era a possibilidade de ter um nome humano”.<sup>471</sup> Desta forma, a tendência de atribuir nomes humanos aos animais preferidos se tornou mais constante a partir do século XVIII, em uma atitude que salientava o vínculo profundo criado entre o humano e o animal.<sup>472</sup> Nas expedições, como veremos a seguir, a atribuição de nomes humanos aos animais supera a de nomes semi-humanos.

Por fim, a terceira característica é que o animal de estimação jamais poderia ser utilizado como alimento devido às relações criadas com a espécie humana. No caso especial dos cães e gatos, vale ressaltar que desde antes do período moderno alimentar-se deles não era considerado aceitável aos olhos ocidentais devido a sua natureza carnívora. Thomas salienta que o mesmo valia para os cavalos, devido a possíveis associações ao “paganismo do Norte” que poderiam ser feitas.<sup>473</sup>

Para Berger, assim como Thomas, as consequências da domesticação – que hoje são mais evidentes – implicam sobre o animal doméstico a sua esterilização ou uma vivência em clausura sexual, vivendo em ambientes fechados e limitadores de suas capacidades motoras, além da privação de um contato mais profundo com outros animais da mesma ou outra espécie. Desta relação nasce a ideia de parentesco entre os donos e seus animais de estimação, visto que esses constituem em criações daquele modo de vida e passam a aderir a comportamentos que lhe são próximos.<sup>474</sup> Para Berger essas relações com os animais possuem outras consequências e objetivos humanos:

O animal complementa o dono, respondendo a aspectos de seu caráter que de outra maneira permaneceriam incompletos. O dono pode ser, para seu animal, aquilo que não é com ninguém mais. Além disso, o animal pode ser condicionado a reagir como se estivesse consciente disso. O animal de estimação oferece ao seu dono um espelho

<sup>470</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p.159.

<sup>471</sup> *Ibid.*, p.163.

<sup>472</sup> *Ibid.*, p.162-163.

<sup>473</sup> *Ibid.*, p.163-164.

<sup>474</sup> BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* São Paulo, Ed. Fósforo, 2021, p.29; THOMAS, *op. cit.*, p.169.

que reflete aspectos seus que de outro modo permaneceriam opacos. Mas, como nessa relação a autonomia a autonomia de ambas as partes se perdeu (o dono se tornou o-homem-especial-que-ele-é- apenas-para-seu- animal, e o animal acabou dependendo dele para as necessidades físicas), o paralelismo entre suas vidas individuais foi destruído.<sup>475</sup>

Nos relatos das expedições podem ser encontrados os dois tipos de relações, tanto aquela com animais domésticos quanto com os de estimação. Em alguns casos, é interessante notar, que as relações se confundem e o afeto proveniente do contato entre as espécies ocorre de forma evidente e marcante. As relações de instrumentalização da domesticação passam a ser portadoras de sentimentos que vão desde o próprio amor, até outros elos afetivos, como a ira, medo e dever, variando de animal para animal e de momento para momento nas obras. Na expedição inglesa, entre as espécies presentes estavam os pôneis da Manchúria e os cães. A escolha desses animais ocorreu, sobretudo, devido a experiências anteriores consideradas pelo comandante. Em seus relatos, Amundsen destaca acreditar que Scott via os pôneis como animais que apresentavam vantagem nas condições antárticas devido a sua pelagem e altura, superando assim os cães.<sup>476</sup> Os pôneis pertencem à família dos equinos, com o maior diferencial consistindo em sua altura. Ao longo da sua relação com os seres humanos, se destaca sua utilização nas minas de carvão na Escócia, facilitada pela sua baixa estatura.<sup>477</sup> A partir das imagens da expedição nota-se a grande pelagem desses animais, considerado por Scott um dos principais pontos para a sua utilização.

Figura 25: Pônei Victor com o tenente Henry Bowers



Fonte: SCOTT, 2001, p.386.

<sup>475</sup> BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* São Paulo, Ed. Fósforo, 2021, p.30.

<sup>476</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.52.

<sup>477</sup> Informações disponíveis em: <https://www.ejavusp.com/post/diferen%C3%A7as-entre-cavalos-e-p%C3%B4neis>, Acesso em: 16 dez. 22

Os pôneis, assim como os cavalos e asnos, foram por muito tempo considerados espécies privilegiadas pela sociedade ocidental – mesmo que, conforme aponta Thomas, a vida dos cavalos nem sempre tenha sido algo fácil, sendo marcada por tratamentos agressivos e cargas de trabalhos excessivas.<sup>478</sup> Na modernidade, esses animais eram destinados para determinadas classes, os asnos por exemplos eram utilizados principalmente pelos vendedores ambulantes e mercadores que os utilizavam para suas viagens carregando as verduras, frutas, peixes e lenhas. Acredita-se que entre os equinos os asnos eram os mais bem tratados, uma vez que, os vendedores ambulantes eram considerados um grupo que construía uma particular relação afetiva com seus animais.<sup>479</sup> Já no caso dos cavalos, esses eram considerados enquanto o mais nobre dos equinos, uma vez que desempenhavam funções de montaria das elites e cavaleiros. Para esses sujeitos, sua montaria também dependia de bons tratos, uma vez que o animal que montavam possuíam um forte impacto em sua própria imagem diante a sociedade, assim como destaca Thomas: “Não obstante, enquanto o cavalo contribuisse para a autoestima de seu proprietário, seria altamente valorizado.”<sup>480</sup>

No total foram levados na expedição do *Terra Nova* 19 pôneis, os quais Scott tentou salvar durante toda a viagem marítima,<sup>481</sup> buscando alocar esses animais em lugares estratégicos como no castelo de proa e abaixo da escotilha de proa.<sup>482</sup> Entretanto, mesmo com as precauções tomadas, os pôneis foram inicialmente motivos de grande preocupação para Scott uma vez que as difíceis condições dos mares, tais quais narradas no início da obra, acabaram prejudicando a segurança dos animais:

Observando-os através de um orifício no tapume do corredor, vemos a estibordo uma fileira de cabeças chegar, avançando juntas – com olhares tristes e resignados – enquanto as cabeças a bombordo recuam fazendo o movimento inverso. Em seguida avançam cabeças de bombordo para o corredor, enquanto as de estibordo recuam. Suportar esse marulho dia após dia, semanas a fio, parece uma terrível provação para esses pobres animais. Embora continuem se alimentando bem, a fadiga lentamente devora seu peso e corrói sua saúde. Todavia, a verdade é que não podemos julgar seu

---

<sup>478</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p.140.

<sup>479</sup> CARVALHO, André Luis de Lima; WAIZBORT, Ricardo. Os mártires de Bernard: a sensibilidade do animal experimental como dilema ético do darwinismo na Inglaterra vitoriana. *Scientiae Studia*, v. 10, p. 355-400, 2012, p.358

<sup>480</sup> THOMAS, *op. cit.*, p.142.

<sup>481</sup> Os nomes dados aos pôneis representam o que anteriormente foi trabalhado, apresentando uma análise das relações com a sociedade do século XX e sua relação com os animais. Entre os animais os quais são nomeados, os seguintes aparecem: Blossom, Blucher, Bones, Chinaman, Christopher, Cuts, Davy, Hackenschmidt, James Pigg, Jehu, Jones, Michael, Nobby, Puch, Snatcher, Uncle Bill, Victor, Weary Willy.

<sup>482</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.17.

sofrimento segundo padrões humanos. Sabemos que há cavalos que jamais se deitam, e que todos eles estão habituados a dormir em pé.<sup>483</sup>

Sofri muito com o movimento do navio ontem à noite. O navio avança em um mar revolto, arfado e manobrando a curtos períodos em agudas mudanças de rumo, e a cada balanço meu pensamento volta-se outra vez para os pobres pôneis. Hoje à tarde, os animais parecem muito bem, mas sabemos que devem estar se enfraquecendo progressivamente à medida que o tempo passa, e ansiamos por lhes proporcionar um merecido repouso, mantendo o navio mais estável. Pobres animais! Fico imaginando quanto tempo a lembrança desse terrível e prolongado desconforto permanecerá em suas memórias – pois os animais com frequência lembram-se de situações e lugares nos quais enfrentaram grandes dificuldades e sofrimentos. Ou será que se recordam apenas de circunstâncias profundamente gravadas pelo impacto do medo ou de intensa dor, enquanto as lembranças de sofrimentos prolongados são esquecidas? Quem pode saber? Todavia, seria incrivelmente misericordioso se a natureza apagasse de suas mentes estas semanas de lenta, porém implacável tortura.<sup>484</sup>

Na última citação, é interessante destacar as dúvidas de Scott acerca da memória dos pôneis e o que eles se lembrariam na verdade, mas sem gerar dúvidas acerca do sentimento de dor e sofrimento que aqueles dias causaram nos animais.

Durante a jornada, dois pôneis acabaram sendo sacrificados devido a ferimentos e condições da viagem. Após a chegada da expedição, Scott destaca a sua felicidade em conseguir desembarcar os animais restantes, mas também ressaltando as sensibilidades provenientes da percepção do estado dos animais:

Depois dos trenós, foi a vez dos pôneis – tivemos um bocado de dificuldade em colocar alguns deles na grande caixa de transporte. Oates, como sempre, mostrou-se à altura da situação e conseguiu persuadir alguns deles, enquanto outros mais teimosos foram simplesmente içados à fora pelos marujos. Embora estivessem todos magros e um ou outro parecesse abatido, fui agradavelmente surpreendido pela evidente vitalidade que ainda demonstravam – alguns estavam até ariscos e nervosos. Não posso descrever o alívio que senti quando todos os 17 foram desembarcados com segurança sobre o floe. Desde o momento em que pisaram na neve, pareceram receber nova invenção de vida, e não tenho dúvida de que hão de se recuperar rapidamente.<sup>485</sup> Foi uma verdadeira vitória transportá-los em uma viagem tão longa com segurança e mantendo toda a saúde que ainda exibem. Pobres animais!

Contudo, ao longo da obra Scott realiza descrições demonstrando que o sofrimento dos animais ainda não havia acabado sendo que muitas dificuldades ainda seriam impostas a eles no movimento sobre a neve:

É triste observar os pôneis debatem-se nos trechos de neve macia. O primeiro momento, ao afundar, é um choque para eles e parece despertá-los à ação. Quando percebem que estão presos, em geral tentam sair galopando. Se o trecho é pequeno, logo aterrissam na superfície mais dura, agitados e resfolegando em virtude do

<sup>483</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.20-21.

<sup>484</sup> *Ibid.*, p.32.

<sup>485</sup> *Ibid.*, p.93.

gigantesco esforço. Se o trecho é mais extenso, avançam corajosamente, debatendo-se até a exaustão.<sup>486</sup>

Durante as preparações para a viagem ao polo, Scott demonstra interessantes observações sobre os pôneis e seus hábitos, além de atribuir nomes aos animais, em alguns casos nomes humanos,<sup>487</sup> demonstrando uma relação íntima entre as espécies:

Os pôneis estão muito saudáveis, mas com óbvia tendência a se tornarem problemáticos. Esses pacatos animais desenvolvem estranhos hábitos, sem pé nem cabeça. *Chinaman* ainda dá coices e zurra à noite. A hipótese de Anton é que ele se comporta dessa maneira para se aquecer – e talvez tenha razão. Quando come neve, ele habitualmente abocanha uma quantidade muito grande e a engole; é cômico observá-lo nesse momento, pois quando a neve esfria seu estômago, ele treme com as quatro patas, exibindo a mais angustiada e patética fisionomia. Mas assim que a neve derrete, ele abocanha uma nova porção. Outros pôneis mordem pequenos pedaços ou derretem um punhado maior sobre a língua antes de engolir – e esse ato também usualmente se acompanhada por uma cômica expressão.

*Victor* e *Snippets* são inveterados engolidores de vento. Estão sempre por ali mordendo e engolindo ar quando a manjedoura está no local; mas ela é retirada imediatamente ao fim do horário das refeições e eles ficam ali procurando em vão por algo para mastigar.<sup>488</sup>

As sensibilidades provenientes se atenuam ao longo da obra na medida em que os pôneis acabam sucumbindo diante à jornada ao polo: “Hoje, entretanto, parecem estar outra vez recusando alimento. É uma pena eles não quererem comer bem nessa fase da viagem, porque podemos imaginar quão famintos haverão de ficar mais tarde. Tudo indica que *Chinaman* e *Jehu* não serão capazes de ir muito longe.”<sup>489</sup> Os sentimentos provenientes se destacam devido as suas condições de trabalho e de serem utilizados em benefício do empreendimento.

Figura 26: Equipe do polo avançando sobre a barreira de gelo



Fonte: SCOTT, 2002, p.381.

<sup>486</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.148.

<sup>487</sup> Os nomes dados aos pôneis foram: Blossom, Blucher, Chinaman, Christopher, Cuts, Davy, Hackenshimdt, James Pigg, Jehu, Jones, Michael, Nobby, Punch, Snippet, Uncle Bill, Victor, Weary Willy. Para diferenciar menções aos tripulantes e aos animais, na obra os animais aparecem sempre em itálico. (Ibid., p.12)

<sup>488</sup> Ibid., p.321.

<sup>489</sup> Ibid., p.380.

O período mais sensível na obra ocorre a partir do dia 24 de novembro de 1911, quando os animais da missão polar começam a ser sacrificados:

Contudo, a implacável sentença já fora proferida, e esta manhã após terminar a marcha, o pobre e velho *Jehu* foi levado de volta sobre suas pegadas, distanciando-se das barracas, e com um tiro foi sacrificado. Após nossas dúvidas iniciais sobre sua capacidade de chegar até Hut Point, é impressionante pensar que ele avançou oito jornadas além de nosso limite no ano passado, e poderia até ter prosseguido um pouco mais. Mas a verdade é que nos últimos dias vinha puxando uma carga muito leve, e ao final foi um ato de misericórdia dar um fim à sua vida.<sup>490</sup>

Entre os animais sacrificados estava o pônei Victor (pônei presente na figura 25) e Scott destaca os sentimentos de Bowers, seu montador:

Fiquei triste por tomar a decisão de dar um fim ao sofrimento de Victor, mas era inevitável – percebi que o pobre Bowers sentiu muito sua perda. Ele estava em condições físicas relativamente boas e deverá se transformar em cinco refeições para os cães. Foi preciso sacrificá-lo agora, pois o surgimento de forragem está se tornando perigosamente escasso. No entanto, já atingimos o paralelo 83°S e é praticamente certo que seremos bem-sucedidos.<sup>491</sup>

A citação demonstra algo interessante acerca das descrições de Scott no que diz respeito a alimentação. Como vimos anteriormente, o medo da fome é algo constante nesses empreendimentos e está associado diretamente ao medo da morte, uma vez que em meio ao deserto antártico não há outras formas de alimento a não ser aquela que a expedição leve consigo. No início os pôneis abatidos eram destinados para alimentar os cães que acompanham a jornada, contudo, na medida em que o alimento dos homens diminui, esses passam a consumir sua carne:

Os cães estão simplesmente esplêndidos, mas vão ficando cada vez mais vorazes de modo que para alimentá-los tivemos de sacrificar hoje o pequeno Michael; o pobre pônei, como seus outros companheiros, ainda tinha grande quantidade de gordura em seu corpo. Os homens em todas as barracas estão agora consumindo carne de pônei e, certamente, se deliciando com ela.<sup>492</sup>

É importante frisar que nesses empreendimentos, os animais levados junto às jornadas são normalmente vistos já como fonte de alimento, superando qualquer desgosto ou moralidade, uma vez que o que importa é cumprir o objetivo e sobreviver.

---

<sup>490</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegre, 2002, p.398.

<sup>491</sup> *Ibid.*, p.406.

<sup>492</sup> *Ibid.*, p.410.

O momento final dos pôneis ocorre em 09 de dezembro de 1911, no acampamento que acabou recebendo o nome de “Acampamento Matadouro”, deixando evidente o impacto causado pela morte dos animais. Em seus relatos, Scott registra sua angústia com tal desfecho:

Às oito horas da noite os pôneis estava exaustos, todos eles. Avançaram com dolorosa lentidão, poucas centenas de metros de cada vez. Nesse momento, eu ia puxando o trenó da vanguarda – uma carga ridiculamente leve – e assim mesmo sentia a tração excessivamente difícil e pesada. Finalmente paramos, armamos nosso acampamento, e sacrificamos os animais. Pobres pôneis! Suportaram tudo maravilhosamente bem, considerando-se as terríveis circunstâncias sob as quais foram forçados a trabalhar; e é realmente muito triste precisar abatê-los tão precocemente.<sup>493</sup>

Nos relatos do *Terra Nova*, fica evidente a preocupação do autor em constantemente inserir a vida dos pôneis em suas narrativas, deixando os outros animais para um segundo plano. Desde o período da realização da expedição até os dias de hoje, Scott tem sido bastante questionado a respeito da decisão em utilizar os pôneis – sendo muitas vezes considerado o motivo de seu fracasso. Talvez por isso ele tenha se dedicado a registrar detalhadamente o cotidiano desses animais. Essa questão fica mais evidente se considerarmos que os cães adquirem um importante papel após a morte dos pôneis, demonstrando que mesmo exaustos se saem melhores diante àquelas circunstâncias, possibilitando que seu condutor avançasse um pouco mais e em seguida retornasse para o Cabo Evans em segurança enquanto o grupo continuaria a jornada ao polo através da tração humana. Essa decisão foi tomada uma vez que os cães seriam responsáveis por reencontrar Scott e seus homens trazendo novas cargas de alimento durante a etapa de retorno, o que nunca ocorreu devido às condições climáticas.

Os cães nos relatos são figuras ímpares e que mesmo se fazendo presentes em segundo plano são frequentemente mencionados apresentando seu cotidiano. Em Shackleton e Amundsen, no entanto, ambos dão enorme destaque para esses animais, demonstrando o grande elo que aqueles sujeitos acabaram construindo ao longo dos empreendimentos e as consequências diante às adversidades. Os cães são, sem dúvida, os animais com os quais os seres humanos desenvolveram a relação mais estreita durante toda sua trajetória. Para Haraway, a presença dos cães ao longo da história possui uma grande importância devido a sua complexidade histórica, não como idealizações ou “álibi para outros temas”, mas como “presenças carnis, materiais-semióticas”.<sup>494</sup> Além disso, são companheiros da evolução humana ligados desde seu surgimento.

<sup>493</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.416.

<sup>494</sup> HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021, p.14.



Acredita-se, através de testes de DNA mitocondrial canino, que os primeiros cachorros surgiram no leste asiático em um período estimado de 50 a 15 mil anos atrás. Em seu desenvolvimento, esses animais foram se espalhando pelo globo em um movimento que acompanhou o dos humanos. Muitos cientistas acreditam que os motivos das aproximações entre as espécies foi a fartura de calorias presentes nas sobras humanas, o que permitia uma alimentação relativamente fácil para os cães. A partir de então, os cães teriam iniciado um processo de adaptação aos comportamentos humanos:

Devido às atitudes oportunistas, esses primeiros cachorros teriam se adaptado, por seu comportamento e, no final das contas geneticamente, para uma tolerância reduzida em lidar com grandes distâncias, um instinto de fuga menos sensível, um tempo de desenvolvimento de filhotes com maiores oportunidades para sociabilizações interespecíficas e uma capacidade de ocupar com mais confiança o mesmo território dos perigosos humanos.<sup>495</sup>

Estudos realizados no último século com raposas russas selvagens em um processo de domesticação e adaptação ao convívio humano, demonstraram os fortes impactos que a relação entre as espécies exerce sobre esses animais em um curto período de tempo. Como aponta Bregman, durante o experimento transformações ocorreram com uma rapidez impressionante e em sua quarta geração em 1964 (apenas alguns anos desde o início do projeto que ocorreu em 1958), uma das pesquisadoras, Lyudmila Trut, percebeu que uma raposa, um animal de natureza selvagem distinta da de um cachorro, balançava o rabo. Nas gerações seguintes, esses traços foram ficando cada vez mais tênues onde os animais chegavam a implorar por atenção: “Na natureza, as raposas se tornam significativamente mais agressivas com oito semanas de idade, mas as raposas geradas de forma seletiva por Lyudmila continuavam sempre juvenis, não querendo nada além de brincar o dia inteiro.”<sup>496</sup>

O experimento também apresentou outros resultados, esses mais interessantes para entender a relação humana com os cães. Com o passar das gerações, os animais acabaram apresentando modificações físicas, além daquelas comportamentais:

Enquanto isso, houve mudanças físicas perceptíveis. As orelhas das raposas caíram. Os rabos se espiralaram e apareceram manchas na pelagem. Os focinhos ficaram mais curtos, e os ossos, mais finos; além disso, os machos se tornaram mais parecidos com as fêmeas. As raposas chegaram a latir, como cachorros. E em pouco tempo começaram a responder quando os cuidadores as chamavam pelo nome – um comportamento nunca antes visto em raposas.<sup>497</sup>

---

<sup>495</sup> HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021, p.38.

<sup>496</sup> BREGMAN, Rutger. *Humanidade: uma visão otimista do homem*. São Paulo, Editora Planeta, 2021, p.75

<sup>497</sup> *Ibid.*, p.76.

Esses resultados demonstraram o grande potencial de adaptação dos animais aos seres humanos e também as implicações desses contatos, o que pode ter contribuído para o surgimento das variadas raças de cães encontradas atualmente, antes do ser humano começar a cria-los geneticamente.<sup>498</sup>

Ao longo da interação humano/não humano, os cães foram normalmente vistos enquanto companheiros da labuta, defensores da casa e ótimas ferramentas para o pastoreio.<sup>499</sup> Além disso, os cães também eram utilizados enquanto meio de transporte. No século XVII suas funções eram de puxar trenós, carroças e até arados na ausência de bois e cavalos.<sup>500</sup> Na verdade os cães e cavalos, durante a modernidade, tinham inúmeras semelhanças quanto aos seus próprios treinamentos e domesticação, baseados em recompensas e punições. Além disso, ambos se destacaram nesse processo e em sua relação com os sujeitos daquele período evidenciando suas características de igualdade humana e não de inferioridade ou de mecanicidade:

Como observou um autor setecentista, os métodos convencionais de treinar cães e cavalos teriam sido absurdos se os animais fossem máquinas, carentes de entendimento. Cachorros e cavalos, diria Friedrich Engels um século depois, tinham de tal modo aprendido a compreender os seres humanos que “qualquer pessoa que tenha convivido com esses animais dificilmente poderá deixar de acreditar que há inúmeros casos em que eles sentem sua incapacidade de falar como um defeito, embora infelizmente irremediável, devido as suas coradas vocais serem demasiado especializadas em uma direção definitiva.<sup>501</sup>

Ao longo da modernidade, os cães eram tidos em uma dualidade de sentimentos, sendo considerados tanto criaturas imundas, impuras e sem pudor, quanto animais nobres, sagazes e fiéis.<sup>502</sup> Assim como seus donos, os cães eram separados em classes, estabelecida pelo status de seus proprietários. Cães de caças eram os preferidos e mais nobres, pertenciam a nobreza ou as elites. Foram os primeiros animais a serem alvo de um código de lei que defendia sua propriedade. Já os vira-latas eram os cães marginalizados, pertencentes as classes ordinárias, considerados enquanto cães desordeiros e bagunceiros.<sup>503</sup> Durante o século XVIII, os cães já eram considerados os quadrúpedes mais inteligente e observados a partir de uma grande

---

<sup>498</sup> HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021, p.39.

<sup>499</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p.143.

<sup>500</sup> *Ibid.*, p.144.

<sup>501</sup> *Ibid.*, p.136.

<sup>502</sup> *Ibid.*, p.149-150.

<sup>503</sup> *Ibid.*, p.150.

obsessão, sobretudo entre os ingleses.<sup>504</sup> A obsessão era tamanha que seus proprietários estavam dispostos a contrariar as escrituras que inferiorizavam os cães os colocando em categorias sem qualidades.<sup>505</sup>

Os cães selecionados para missões em lugares como a Antártica eram os cães esquimós, animais de grande porte e com as características de uma densa pelagem protetora para aquelas condições. Essas características podem ser observadas na fotografia seguinte (figura 27):

Figura 27: Hussey e o cão Sanson na expedição do *Endurance*



Fonte: ALEXANDER, 1999, p.133.

Em seus relatos, Amundsen demonstra estar consciente de que havia divergências sobre os usos dos cães naquele ambiente, conforme haviam sido experienciadas por Shackleton e Scott anos antes.<sup>506</sup> O autor busca demonstrar que sua escolha era por considerar que as missões

<sup>504</sup> CARVALHO, André Luis de Lima; WAIZBORT, Ricardo. Os mártires de Bernard: a sensibilidade do animal experimental como dilema ético do darwinismo na Inglaterra vitoriana. *Scientiae Studia*, v. 10, p. 355-400, 2012, p.359.

<sup>505</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p.152.

<sup>506</sup> Diante da falta de experiências no continente, havia inúmeras dúvidas sobre quais animais desempenhariam melhores papéis nas empreitadas. No *Nimrod*, pôneis haviam sido utilizados de forma mais eficaz que os cães.

anteriores não estavam familiarizadas com a utilização dos cães-esquimós. Após a leitura das antigas experiências, ele concluiu que:

Deve haver algum erro básico na avaliação britânica da utilidade dos cães-esquimós em regiões polares. Poderia talvez ter acontecido de os cães não haverem compreendidos seus donos? Ou teriam sido os donos que não compreenderam seus cães? O relacionamento correto deve ser estabelecido desde o início; o cão precisa compreender que deve obedecer sempre, e o homem deve saber como obter o respeito dos animais. Uma vez que a obediência tenha conseguido, estou convencido de que o cão é superior a qualquer outro animal de tração, mesmo para essas longas distâncias.<sup>507</sup>

Ou seja, para Amundsen a relação entre humano e cães era permeada por uma mutualidade de comprometimento, e isso fica evidente ao longo de sua obra, marcada por um comportamento de companheirismo antropomórfico e de construção constante de elos afetivos.

Amundsen destina inúmeras páginas de sua obra para descrições daqueles animais, demonstrando uma valiosa sensibilidade e interesse por eles e as relações entre si. O autor destaca um dos momentos que lhe chamaram atenção:

Tudo o que foi dito, bem como outros relatos publicados anteriormente sobre a natureza dos cães árticos, pode levar a pensar que o relacionamento social desses animais consiste exclusivamente em atividades de combate. Entretanto isso não é verdade. Pelo contrário, com frequência cultivam amizades, por vezes tão fortes que um cão simplesmente não consegue viver sem o outro. Antes de soltarmos os cães, havíamos notado que alguns, por uma ou outra razão, permaneciam não estar tão felizes como seria de se esperar. Pareciam mais abatidos e mais inquietos que os outros. Não demos grande importância ao fato, e ninguém se empenhou em descobrir a causa. Mas no dia em que soltamos, finalmente descobrimos qual era o problema com os deprimidos. Possuíam algum velho amigo que, por mero acaso, fora instalado em algum local distante no convés, e essa separação lhes causara o permanente desânimo. Foi realmente comovente ver a alegria que demonstravam ao se encontrarem; tornaram-se outros animais. Claro que, para esses casos, uma troca de lugares foi arranjada, de modo que os cães ligados por mais forte amizade fossem no futuro membros do mesmo conjunto nos trenós.<sup>508</sup>

Ao longo da obra, Amundsen destaca o convívio bastante intrínseco entre humano e cão desde as primeiras horas do dia e faz questão em destacar o que ele imaginou serem sentimentos afetivos oriundos dessa relação sendo demonstrados pelos cães:

Ao sair da barraca, às seis horas da manhã, cada homem era imediatamente saudado efusivamente pelos doze cães de seu grupo. Latiam e uivavam em franca competição, puxando e sacudindo suas correntes na tentativa de alcançar seus donos, saltando e rodopiando com alegria. Os homens então dirigiam-se à fila de cães dizendo “Bom dia” a cada um deles, afagando-os e acrescentando mais algumas palavras individuais de carinho. Eram verdadeiramente magníficos esses animais. Aquele que recebia alguma atenção demonstrava todos os sinais de sua felicidade. O mais mimado

<sup>507</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.53

<sup>508</sup> *Ibid.*, p.110.

cachorrinho de estimação não poderia mostrar maior afeto que esses lobos domesticados.<sup>509</sup>

Percebe-se os comportamentos que os animais foram desenvolvendo ao longo do tempo em adaptação ao convívio extremo com a tripulação, uma adaptação semelhante às percebidas por Ludymilla Trut ao longo do seu experimento décadas mais tarde. Em seguida, Amundsen destaca:

Enquanto isso, seus companheiros, extremamente ciumentos, uivavam o tempo todo, forçando as correntes e tentando alcançar o que estava sendo acariciado. Quando todos houvessem recebido sua cota de atenção, os arreios eram trazidos, e o jubilo novamente explodia. Embora pareça estranho, posso afirmar que esses animais, sem dúvida, amavam seus arreios. Apesar de provavelmente saberem que eles significavam horas de trabalho árduo, todos manifestavam evidentes sinais de grande entusiasmo à simples visão deles. Devo dizer, entretanto, a bem da verdade, que tal comportamento só acontecia em casa. Nas longas e exaustivas viagens de trenó, a situação era bem diferente.<sup>510</sup>

Vale lembrar que seus relatos foram escritos em um momento posterior a expedição e são carregados por uma escrita que busca inflamar, justificar ou amenizar as dúvidas e sentimentos dos leitores. Como já destacado, Amundsen foi muito criticado devido a forma que empregou os cães, enquanto força de tração e alimento, desconsiderando seu sofrimento, canibalismo ou os sentimentos dos animais. Em trechos como o acima citado, Amundsen destaca seu interesse em demonstrar uma relação de atenção aos animais como também os próprios sentimentos daqueles cães, favoráveis a tais condições. Tais passagens demonstram uma preocupação em sempre deixar evidentes sensibilidades profundas e antropomórficas. As relações de co-dependência também ficam claras ao longo da obra, sendo ressaltada a dependência animal das condições propiciadas pelo humano naquele ambiente e dos humanos nos afetos que aqueles cães aparentavam demonstrar:

O instinto de sobrevivência é manifesto em todas as suas atitudes, inclusive em seu relacionamento com o homem. O cão aprendeu o valor do homem como seu benfeitor, como aquele de quem recebe tudo o que é necessário para sua subsistência. Afeto e dedicação também parecem a princípio fazer parte desse relacionamento; contudo, sob uma análise mais profunda, vê-se que o instinto de sobrevivência oculta-se na raiz desses sentimentos. Como consequência, o respeito pelo dono é bem maior do que os dos nossos cachorros domésticos, nos quais muitas vezes tal respeito só existe em resultado do medo de ser espancado. Eu poderia, sem hesitar retirar a comida da boca de qualquer um de meus doze cães e nenhum deles ousaria tentar me morder. E por quê? Porque seu respeito, aliado ao receio de nada receber na próxima refeição, era dominante.<sup>511</sup>

---

<sup>509</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.137.

<sup>510</sup> *Ibid.*, p.137.

<sup>511</sup> *Ibid.*, p.143.

Durante uma das primeiras jornadas para o estabelecimento dos depósitos, Amundsen destaca seus sentimentos acerca das condições em que os cães estavam sendo colocados e da grande pressão com a qual o grupo de humanos comandava aqueles trenós. Nota-se uma sensibilidade particular posterior ao lembrar daquelas viagens e da forma como os animais foram utilizados:

Quão frio e insensível torna-se uma pessoa em tais condições extremas! Como a natureza de um homem pode modificar-se tanto! Eu, naturalmente, orgulhava-me daqueles animais, gostava de todos eles, e tentava ao máximo não machuca-los. Não compartilho nada que se assemelhe ao “instinto de caçador”; jamais me ocorreria a ideia de matar um animal – exceto moscas e ratos – a não ser para proteger a própria vida. Creio que posso afirmar que, em circunstâncias normais eu amava meus cães, e esse sentimento era, indubitavelmente, recíproco. Porém, as circunstâncias em que vivíamos agora estavam muito longe do que pode ser considerado como normal – ou, quem sabe, fosse eu que não estava normal. Desde então, tenho pensado muitas vezes no assunto, e acho que era isso, na verdade, o que estava ocorrendo. O árduo trabalho diário, e a meta da qual não tencionava desistir, tornaram-me brutal. Pois confesso que fui brutal ao forçar aqueles cinco esqueletos a arrastar aquela carga descomunal. Até hoje entristeço-me quando recordo de Thor, um grande e belo cão de pelo macio, emitindo seus dolorosos lamentos durante a macha – algo que jamais se ouve um cão fazer enquanto trabalha. Na ocasião não compreendi o que aquilo significava, talvez então eu não fosse mesmo capaz de compreender. Mas ele precisava avançar e avançar, e trabalhou até desfalecer. Quando finalmente abrimos sua carcaça descobrimos que todo seu tórax era um único, enorme e feio abscesso.<sup>512</sup>

Amundsen destina grande sentimentalismo ao se referir a Camilla, uma das cachorras e a qual acabou ficando prenha durante a expedição. O autor demonstra uma grande sensibilização de todos os sujeitos ali para que ela tivesse as melhores condições para o parto, a começar com um abrigo. Para isso o grupo construiu um abrigo ao qual denominaram de “hospital”.

Camilla, a velha astuta raposa, resolveu sua situação a tempo. Ela sabia muito bem o significado de um parto na escuridão – uma experiência memorável e nada agradável. Tinha pressa. Portanto, e assim que o “hospital” original foi terminado, já estava pronta a ocupá-lo; agora, sob os últimos raios do sol que já desaparecia, ela encarava o futuro com tranquilidade. Quando a escuridão do inverno nos envolvesse, seus filhotes já seriam capazes de cuidar de si mesmos – e isso fazia grande diferença. Camilla, aliás, tinha opiniões muito próprias a respeito do parto de suas crianças. O que exatamente a desagradou em nosso hospital, eu não sei, mas o fato é que ela preferia cuidar de seus quatro filhotes em qualquer outro local. Não era raro encontrarmos Camilla sob um forte vendaval, com temperaturas de trinta graus abaixo de zero, levando um de seus rebentos na boca. Estava constantemente saindo para procurar novas acomodações. Enquanto isso, os três irmãozinhos que haviam sido deixado esperando, ficavam granindo e chamando. Os lugares que ela escolhia não eram, em geral, aqueles que em nossa mente estão diretamente relacionados à ideia de conforto. Por exemplo, uma caixa virada de lado e completamente exposta ao vento, ou atrás de uma pilha de tabuas onde a corrente de ar faria inveja à chaminé de uma usina. Contudo, se isso era o que ela desejava, nada podíamos argumentar contra suas exóticas vontades. Se a família fosse deixada em paz no local escolhido, ela

<sup>512</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.173.

permaneceria ali por alguns dias antes de iniciar nova mudança. Jamais voltava voluntariamente para o hospital; no entanto, não era infrequente vermos Johansen – o guardião da família – apressadamente arrastando de volta a madame e quantos filhotes conseguisse. Eles então desapareciam dentro do hospital ouvindo palavras de encorajamento.<sup>513</sup>

Suas descrições utilizam de um caráter cômico marcado pelo uso de antropomorfismo. Mais uma vez a questão do nome se torna presente e em seus relatos são apresentados ao todo 66 nomes de cães os quais em grande maioria podem ser considerados nomes humanos.<sup>514</sup> Além disso, Amundsen ainda destaca que outros sessenta cães não são mencionados pelos nomes.

É possível notar uma grande sensibilidade da expedição quanto aos filhotes nascidos. Em uma das descrições, Amundsen demonstra o grande encanto em admirar aqueles animais logo após seu retorno da jornada de depósitos:

O que mais me encantou foram os filhotes, particularmente os mais pequeninos. Os cãezinhos, a julgar por sua aparência, estavam com cerca de dez meses de idade. Eram perfeitos sob todos os pontos de vista, e notava-se que haviam sido bem tratados desde seu nascimento, sua pelagem eram surpreendentemente espessa, muito mais que as dos animais adultos. Essas crianças eram notavelmente ousadas, e não se assustavam com nada.

E os menores de todos, então! Pareciam pequenas bolas de lã; rolavam na neve e divertiam-se muito. Fiquei impressionado em ver o modo como ignoravam o frio. Nunca pensei que filhotes tão pequenos pudessem sobreviver ao inverno. Mais tarde vim a saber que não apenas suportavam bem o frio, mas também que são muito mais resistentes do que os mais velhos. Enquanto os cães adultos ficavam felizes em retornar as suas barracas à noite, os pequenos sempre se recusavam a voltar; preferiam dormir ao ar livre. E assim fizeram boa parte do inverno.<sup>515</sup>

Diferente de Scott, o qual apresenta uma atenuação nos sentimentos acerca dos animais após o início da busca pelo polo, Amundsen e seus relatos demonstram tais sensibilidades ou a ausência delas a partir das primeiras jornadas de depósitos, assim como demonstrado na citação anterior. Nesse sentido, percebe-se o progresso da missão como principal pensamento, desconsiderando o estado dos animais ou quaisquer relações que se implicassem mediante esse episódio.

---

<sup>513</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.190.

<sup>514</sup> Nem todos os nomes dos cães são citados na obra, cerca de sessenta não são apresentados. Entre aqueles que aparecem podem ser mencionado: Adam, Arne, Bjorn, Bone, Brun, Camilla, Cook, Coronel, Else, Fix, Frithjof, Fuchs, Funcho, Gorki, Hai, Hans, Helge, Høk, Jaala, Jakob, Jens, Jeppe. (Ibid., p.10)

<sup>515</sup> *Ibid.*, p.219.

Figura 28: Equipe norueguesa avançando sobre a barreira de gelo



Fonte: HUNTFORD, 2002.

Desta forma, imagem de um companheiro parece dar lugar ao de uma ferramenta. A ausência de sentimentos é destaca pelo próprio Amundsen algumas páginas seguintes na morte de outro dos cães:

Lurven, o melhor cão de Wisting, caiu durante a marcha e morreu imediatamente ali mesmo. Ele fora um dos cães que, durante todo o tempo, trabalhou mais arduamente, nunca tentando esquivar-se ao dever nem por um momento. Avançou sempre, puxando e puxando até morrer.

Todo o sentimentalismo já havia ficado para trás há muito tempo, e ninguém pensou em dar a Lurven a sepultura que ele merecia. O que restava dele – pele e ossos – foi cortado e dividido entre seus companheiros.<sup>516</sup>

Em um momento posterior a conquista do polo, os animais passam a ser sacrificados devido aos seus estados, o que novamente gera novos sentimentos. Entre esses, Amundsen destaca que o primeiro cão a ser morto nessa etapa era seu cachorro Lasse, animal portador de grande afeição do explorador:

No dia 19 de dezembro, sacrificamos o primeiro cão na viagem de volta. A vítima foi Lasse, meu animal preferido. O coitado havia esgotado completamente suas forças e já não era capaz de realizar trabalho algum. Seu corpo foi dividido em quinze porções da maneira mais justa possível, e repartido entre seus companheiros. Os animais, a essa altura, já haviam aprendido o grande valor a dar valor à carne fresca e não há

<sup>516</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.176.



dúvida de que essas refeições suplementares, esporadicamente recebidas a caminho de casa exerceram importante papel no notável sucesso de nossa expedição. Os cães pareciam sentir por vários dias o benefício proporcionado por essas refeições de carne fresca e durante esse período trabalhavam com muito mais energia.<sup>517</sup>

Ao longo da expedição norueguesa seus membros não necessitaram se alimentar daqueles animais, Amundsen destaca que as próprias provisões levadas foram pensadas de forma a não necessitar tais atitudes mesmo diante excessiva fome. O autor escreve:

Nosso apetite cresceu a níveis alarmantes nos últimos dias. Parecia que nós, os esquiadores, exibíamos voracidade ainda maior que as dos condutores de trenós. Houve dias – não mais que poucos dias, devo dizer – em que acreditei que nós três, Bjaaland, Hassel e eu, teríamos engolido até pedras sem pestanejar.<sup>518</sup>

E termina ressaltando a preparação para o empreendimento:

Felizmente, íamos tão bem abastecidos que, quando a sensação de fome cresceu entre nós, pudemos tranquilamente resolver o problema aumentando nossas rações diárias. E foi o que aconteceu; ao deixar o Pólo, incrementamos nossa ração de permican e o resultado foi que nossa voracidade felina foi aplacada, transformando-se novamente em apetite cotidiano normal e saudável.<sup>519</sup>

Contudo, os animais sacrificados foram destinados para alimentar os demais cães.

Nos relatos do *Endurance*, os cães são figuras receptoras de grande afeto. Assim como a expedição de Amundsen, Shackleton comprou uma grande quantidade de animais, somando mais de 70 a bordo do *Endurance* e 16 a bordo do *Aurora*. Entre os animais da expedição principal vale destacar que grande maioria possuíam nomes citados nos relatos, alguns humanos, mas em grande maioria nomes como “Soldier”, “Snowball”, “Satan”, “Snapper”.

Desde o início da obra Shackleton destaca a grande confiança de que seus objetivos seriam cumpridos e que os cães foram a opção mais adequada para o empreendimento, conforme a experiência de Amundsen destacou:

Os cães nos parecem muito promissores e acho que, depois de bem treinados, serão capazes de cobrir vinte e cinco a trinta quilômetros por dia com os trenós plenamente carregados. A esse ritmo, a jornada transcontinental se completaria em cento e vinte dias – a menos que algum obstáculo imprevisto nos dificulte a marcha.<sup>520</sup>

Eu me sentia muito satisfeito com os cães, que estavam espalhados por todo o navio, amarrados nos locais mais confortáveis que pudemos encontrar. Eles estavam em excelente forma e me davam a impressão de que nossa expedição contava com a melhor força de tração. Eram animais grandes e vigorosos, selecionados em razão de

<sup>517</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.376

<sup>518</sup> *Ibid.*, p.377.

<sup>519</sup> *Ibid.*, p.377-378.

<sup>520</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.27.

sua força e resistência e, se fosse tão entusiasmados para puxar os trenós como eram para provocar brigas, então tudo estaria bem.<sup>521</sup>

Durante a viagem ao continente e dos constantes aprisionamentos do navio, os animais foram mantidos a bordo em boa parte da viagem. Em outros momentos, quando o navio estava preso em blocos mais sólidos os animais eram desembarcados e amarrados sobre os floes, em casas feitas no estilo iglu. As narrativas de Shackleton demonstravam as preocupações com a saúde e sentimentos dos animais, os quais o autor acreditava perceber. Além disso, a própria relação foi detentora de preocupação, demonstrando o constante interesse em estabelecer conexões entre os humanos e os cães:

Os cães foram desalojados do navio no dia seguinte. Seus canis foram instalados sobre o floe ao longo de um cabo estendido, ao qual suas correias foram amarradas. Os animais parecem profundamente felizes em deixar o navio e latim alto e alegremente o tempo todo enquanto eram transferidos para os novos alojamentos. Mal começamos a treinar as matilhas de trenós e já havia ardente rivalidade entre os condutores.<sup>522</sup>

No dia 26 de fevereiro, Worsley desceu para o floe com uma equipe de trabalhadores e começou a construir uma linha de iglus e “canigus”, ao redor do navio. Essas pequenas casinhas eram erigidas à maneira esquimó, com grandes blocos de gelo formando suas paredes e lâminas mais delgadas para o teto. [...] No interior, o gelo era retirado e escavado até se tornar plano e o solo coberto com neve para conforto dos cães – que, no entanto, sempre preferiam dormir ao ar livre, exceto quando o clima estava particularmente inóspito.<sup>523</sup>

Durante esses dias, devido às condições as quais os animais foram expostos, o autor descreve que os primeiros cães foram sacrificados. É possível notar a criação de relações de familiaridade com os animais e conseqüentemente de apego:

Infelizmente, quatro cães que estavam muito doentes tiveram que ser sacrificados. Alguns dos animais estavam sofrendo cruelmente por vermes, e os remédios que dispúnhamos não eram eficazes. Todos os cães em condições começaram a ser exercitados com os trenós, e os animais se entregaram ao trabalho com entusiasmo. Mais de uma vez, sua incontrolável ansiedade em dar um passeio levou a cômicos resultados, mas logo os condutores aprenderam a se manter mais alerta.<sup>524</sup>

A citação acima apresenta um possível fortalecimento das relações afetivas entre a tripulação e os cães. No decorrer da jornada, os relatos dedicam inúmeras páginas para apresentar aos leitores os animais, sua rotina e também condições.

Como já destacado, existe uma estreita ligação entre os cães e seus donos, e durante a jornada, Shackleton destaca que Thomas Crean, o segundo oficial do *Endurance*, e o carpinteiro

---

<sup>521</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.29.

<sup>522</sup> *Ibid.*, p.70.

<sup>523</sup> *Ibid.*, p.71.

<sup>524</sup> *Ibid.*, p.71.

Harry McNish, em especial, desenvolveram relações afetivas bem próximas com os animais. A própria tripulação durante os meses aprisionada pelo gelo se dedicava a oferecer aos animais abrigo e treinamento para que pudessem se manter em forma. Algumas atividades eram feitas com os animais, a fim de fornecer entretenimento aos homens ao mesmo tempo em que os animais eram exercitados:

O condicionamento físico e o treinamento dos cães nos parecia essencial qualquer que fosse o destino que nos estivesse reservado, as matilhas eram levadas por seus condutores sempre que o clima permitia. Rivalidades brotaram, como era de se esperar, e, no dia 15 de junho, uma grande corrida – o “Derby da Antártica” – foi realizada. Foi um evento formidável. As apostas foram altas, e todos os homens a bordo do navio se reuniram, torcendo e esperando, a angústia de ganhar ou perder, de acordo com o resultado da disputa. Algum dinheiro foi arriscado, mas os valores mais sensacionais eram aqueles que envolviam as reservas pessoais de chocolate e de cigarros. O trajeto foi estabelecido partindo do “Passo Khyber” (na extremidade oriental do velho canal à frente do navio) até um ponto junto ao mastro da bujarrona, perfazendo um total de seiscentos e quarenta metros.<sup>525</sup>

Na mesma medida em que tais sentimentos iam crescendo, as difíceis condições se intensificam obrigando que os animais fossem sacrificados em maior quantidade na busca por estabelecer um estoque de alimento. Esse momento na obra de Shackleton pode ser observado junto a perda do navio como um marco de mudança da narrativa. Pois, em um período anterior ao sacrifício desses animais, as narrativas descrevem constantemente sua rotina e as histórias cômicas as quais protagonizaram, como, por exemplo, a dos filhotes nascidos ao longo da expedição e que demonstram uma sensibilização do olhar do autor àquela história:

Crean começou a levar os cãesinhos para alguns passeios no gelo, e era muito divertido vê-los por ali, com seu trote bamboleante, mal conseguindo manter-se ao lado do trenó. Ocasionalmente levantavam os olhos com um ar suplicante na esperança de serem admitidos a bordo do veículo, ganhando uma carona. Além de seu pai humano adotivo, Crean, os filhotes resolveram adotar um pai canino, Amundsen. Eles o importunavam constantemente e o martirizavam da maneira mais implacável. Era frequente que ele, o maior cão do grupo, fosse visto sentado na neve exposto ao frio, com uma expressão filosófica de resignação, enquanto um corpulento filhote bloqueava a entrada de seu caniglus. Geralmente o intruso era o cãozinho Nelson, e bastava reconhecer sua face e suas patas dianteiras, para estarmos certos de que encontraríamos Nelly, Roger e Toby enrodilhados confortavelmente atrás dele.<sup>526</sup>

Contudo, após o sacrifício de 27 animais em janeiro, a obra passa a se tornar mais intransigente, voltada apenas para a sobrevivência humana, acima de qualquer outra coisa. As descrições de Shackleton acerca deste momento são marcadas por sensibilidades afetivas suas e de seus companheiros:

<sup>525</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.90.

<sup>526</sup> *Ibid.*, p.89.

Em consequência dessa escassez de alimentos e do fato de precisarmos reservar para nós toda a comida que pudermos obter, fui obrigado a ordenar que se sacrificassem os cães em excesso, deixando apenas duas matilhas de trenós. Este foi o pior ato que tivemos que fazer em toda a expedição, e sentimos profundamente a perda dos animais.<sup>527</sup>

Ao descrever essa ação, Shackleton destaca em uma nota de rodapé um pequeno trecho retirado do diário pessoal de Wild, um dos integrantes da equipe onde este coloca: “Preferia matar a tiros muitos homens que conheço ao pior daqueles cães.”<sup>528</sup> Logo após esse primeiro grande abate de cães, os restantes foram sacrificados poucos dias depois:

As duas últimas matilhas de cães foram sacrificadas ontem à noite (02 de abril), e suas carcaças foram preparadas para servir de alimentos. Comemos hoje um pouco dessa carne de cão, e absolutamente não estava ruim – o mesmo sabor de um bom bife –, embora, é claro, muito dura.<sup>529</sup>

No entanto, como é possível notar na citação, diante da falta de alimento a expedição foi obrigada a se alimentar desses animais. No que diz respeito a essa ação, vale considerar que, como já destacado, a alimentação de cães já não era aceita desde antes da modernidades, uma vez que, além de serem animais carnívoros, os cães eram um categoria especial envolvidos em elos afetivos com a humanidade ao longo de toda a sua história: “O cão era um dos melhores amigos do homem; não podia ser também seu alimento”.<sup>530</sup> Ação essa que teve forte impacto na missão de Amundsen e na forma como a sociedade julgou seu empreendimento por declarar os cães também enquanto fonte de alimento, principalmente para outros cães:

E há a óbvia vantagem de cães poderem se alimentar com cães. Pode-se reduzir progressivamente uma matilha sacrificando os mais fracos e alimentando os selecionados com a carne daqueles. Dessa maneira, os animais podem receber sempre carne fresca. Nossos cães subsistiram à base de permican e carne de cão durante todo o percurso e, sem dúvida, foi isso que permitiu que eles realizassem um excelente trabalho.<sup>531</sup>

Entre os outros animais presentes, como coelhos e gatos, ambos possuem rápidas passagens. No caso dos coelhos, sua presença ocorre ainda na expedição de Scott, em um momento em que a coelha levada a bordo acaba dando filhotes no Natal de 1910, causando o encanto do grupo de homens:

<sup>527</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.163.

<sup>528</sup> SHACKLETON, *loc. cit.*

<sup>529</sup> *Ibid.*, p.169.

<sup>530</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p.164.

<sup>531</sup> AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001, p.53.

Um acontecimento marcante neste Natal foi o proporcionado pela coelha de Crean, que deu à luz uma grande ninhada. Dizem que nasceram 17 filhotes, dos quais Crean já doou 22! Não sei qual o futuro da mãe ou da família, mas no momento estão suficientemente confortáveis e aquecidos, acomodados entre a forragem do castelo de proa.<sup>532</sup>

Quanto ao gato, de nome Mr. Chippy, pertencia à McNish, o carpinteiro do *Endurance*, que após seu naufrágio foi sacrificado sob ordem de Shackleton, assim como os demais filhotes e animais que não pudessem contribuir para a viagem e os quais a expedição não poderia alimentar.

Figura 29: Percy Blackborow com o gato Chippy



Fonte: ALEXANDER, 1999, p.07.

A narrativa é seguida pelos sentimentos de seu proprietário, destacados nos relatos na forma de nota de rodapé nunca perdoado Shackleton pela morte do gato:

Hoje à tarde, os três filhotes mais novos de Sally, além de Sirius, filhote de Sue, e o gato do carpinteiro, Mr. Chippy, tiveram que ser sacrificados. Sob essas críticas condições que estamos enfrentando, não podemos nos dar ao luxo de sustentar os membros mais fracos do grupo. Macklin, Crean e o carpinteiro parecem sentir profundamente a perda de seus amigos.<sup>533</sup>

<sup>532</sup> SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002, p.63.

<sup>533</sup> SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002, p.129.

As citações e problematizações acima buscam refletir acerca da maneira como os tripulantes interagiram com a vida animal durante as expedições. Os relatos são espécies de microcosmos que representam as formas como humanos, cães, coelhos, pôneis, gatos, baleias, focas (e para além das fontes, outros milhares de animais) compartilham um mundo onde ao longo da história têm sido influenciados um pelos outros, alguns em maior escala, outros em menor.

A respeito das diferentes formas de considerar os animais, sejam eles selvagens, de estimação ou domésticos, Ingold apresenta uma discussão bastante interessante, incentivando seus leitores a compreender os nomes dados aos animais, não como um substantivo, mas sim um verbo. Para o autor a partir de seus estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, existem três tipos distintos de animais, ou três formas de considera-los. A primeira, é transformá-lo em um animal de estimação, aquele mais próximo da família e portador de sentimentos e visto através do sistema antropomórfico. A segunda maneira é vista através de seus atributos físicos e utilidades a qual pode vir a desenvolver, ou seja, uma objetificação do animal. Por fim, a terceira maneira ou classificação consiste em considerar o animal enquanto um acontecimento, implicando na observação do animal enquanto um processo de devir, não como uma coisa viva. Nesse processo o nome do animal não consiste em um mero substantivo, mas sim um verbo, tal como o exemplo do nome do lobo onde não diz respeito as suas características, mas sim a um processo de “*lobar*”. Como destacado por Ingold:

Dizer que o lobo é um animal de matilha, argumentam Deleuze e Guattari, não é supor que ele viva em bandos, ou enunciar os indivíduos dos quais o bando é composto. Pelo contrário, é dizer que o lobo é *ele mesmo* um bando. É, em outras palavras, o “acontecimento” de lobar, visto ora aqui, ora ali, em seus múltiplos exemplos.<sup>534</sup>

As sensibilidades estão presentes em diferentes formas nos relatos, a construção, a aproximação intrínseca e o impacto dos fenômenos pelos quais essas missões passaram foram fundamentais nesse exercício de sensibilização. Mesmo que sejam produções escritas posteriormente e editadas ao longo do tempo, é interessante perceber e analisar a atenção dos autores em construir essas observações dos animais, que muitas vezes vão além daquelas comuns do período a qual foram inicialmente escritas. Seja como for os relatos demonstram a carnalidade da percepção da vida e como essa não ocorre isolada entre as espécies, mas sim em um jogo de coabitação onde se torna impossível não considerar as presenças externas as dos seres humanos.

---

<sup>534</sup> INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015, p. 256

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou compreender e problematizar três das expedições desenvolvidas ao continente antártico entre os anos de 1910 e 1917 em um fenômeno de grande importância para a humanidade conhecido como “Idade Heroica da Ciência Antártica”. Esse episódio decorre de uma longa história de movimento dos seres humanos pelo planeta, sua exploração e busca por riquezas. As três expedições narradas pelos relatos de seus comandantes, Robert Falcon Scott, Sir Ernest Shackleton e Roald Amundsen, desempenham um importante papel documental sobre esses empreendimentos que receberam enorme fama por suas histórias, mas também pelos significados que suas missões tiveram para a humanidade, sobretudo para as das nações as quais representavam. Contudo, mais do que um importante momento para a história das navegações, da modernidade e da ciência, essas missões contribuem na compreensão das relações humanas com o meio ambiente antártico. Um ambiente marcado por condições climáticas adversas e também permeado por representações construídas nos séculos que antecederam essas missões e que adicionavam cargas topofóbicas àquele ambiente.

Nos anos de desenvolvimento das missões do *Terra Nova*, *Fram* e *Endurance* pouco se conhecia acerca daquele ambiente e de suas condições geográficas. As únicas informações reforçavam os estereótipos negativos e influenciaram a forma como aqueles sujeitos imaginavam aquele lugar. Da mesma maneira, Scott, Shackleton e Amundsen, ao transformarem suas histórias em relatos, influenciaram as novas gerações de admiradores, cientistas e exploradores, construindo novas representações sobre o continente. A diferença era que as suas representações estavam pautadas em percepções mais complexas derivadas de experiências corporificadas no e com o ambiente, que mesmo permeadas por momentos ameaçadores, violentos e terríveis, se modificam e elevam a Antártica a um lugar encantador, de belezas inacreditáveis e de vidas variadas. Uma natureza sublime e que exige respeito.

Desta forma, destaca-se a importância desses relatos para a compreensão da Antártica e da riqueza que essas narrativas podem representar para se entender um pouco mais sobre as formas de interação que as pessoas estabelecem com a natureza. Não há dúvida de que esse material já foi incessantemente analisado pelos mais variados campos científicos, principalmente pela história da ciência e das navegações. Contudo, através de um olhar mais atento e sensível proporcionado pela história ambiental, se buscou ler as entrelinhas das narrativas. Desta forma, é possível compreender que, mesmo sendo sujeitos europeus imersos em um contexto de escrita com determinados fins e interesses, suas narrativas estão repletas de sensibilidades ambientais que expressam variações de percepção desenvolvidas ao longo de

suas estadias, que vão desde um lugar compreendido inicialmente como desolador às ambiguidades de sentimentos aflorados ao encontrarem uma natureza viva, onde foi possível estabelecer um emaranhado de elos afetivos e, para sempre, memoráveis.

Atualmente, a Antártica se mantém como território neutro, não pertencendo a nenhuma nação. Entre os motivos, o Tratado da Antártica estabelecido em 1959 foi decisivo, pois até meados do século XX muitas nações reivindicaram sua posse, o que acabou por gerar certo atrito no cenário internacional. Diante disso, com a criação do tratado, um documento assinado inicialmente por 12 países, decretou-se a suspensão de toda e qualquer reivindicação, determinando que toda a região abaixo do paralelo 60° Sul, seria utilizada apenas para fins de reserva natural e de pesquisas científicas variadas. Hoje, 53 países fazem parte do tratado, incluindo o Brasil que entrou no ano de 1975 através da criação do Programa Antártico Brasileiro, o PROATAR.

Mesmo que o continente esteja protegido contra o extrativismo predatório através do tratado antártico, é possível perceber as influências severas das atitudes humanas no globo e que têm impactado a região, colocando-a sob condições de alerta. Entre os exemplos, no momento em que esta dissertação é finalizada repercute-se pela mídia mundial o avanço do derretimento da geleira Thwaites, denominada de “geleira do apocalipse”, ou “geleira do juízo final”. Localizada no Mar de Amundsen na Antártica Ocidental, a geleira serve como uma represa para o gelo acumulado ao longo de milhares de anos sobre o continente antártico. Anualmente, em um processo natural, ela deposita nos mares grandes quantidades de gelo que derretem e influenciam seu aumento em alguns centímetros. Com uma área que se aproxima ao tamanho do estado norte-americano da Flórida, em decorrência da crise climática e do aumento da temperatura, percebe-se um avanço mais rápido em seu derretimento, o que implicará consequentemente em seu colapso e no aumento do nível do mar em 70 cm a 2 metros, segundo pesquisas mais recentes. Este é apenas um dos exemplos dos riscos ambientais que o continente vem enfrentando e que têm impacto sobre todo o planeta e toda a população, seja humana ou não. Além desses, outros problemas, como a pesca ilegal, colocam em risco aquele bioma tão vasto e rico.

Por fim, evidencia-se que nos estudos que investigam as interfaces humanas com a natureza e/ou entre espécies, conforme objetivado neste trabalho, vale a pena observar como as sensibilidades emergem e são transmitidas, pois, além de relevar cultura, elas também contribuem para a compreensão de como essas relações são corporificadas e desenvolvidas sistemicamente com o meio ambiente. Assim, ao término desta pesquisa, conclui-se que, mesmo se tratando de obras escritas com determinadas funções, os relatos das três expedições



aqui analisados – os quais, como visto, demonstram diferentes formas de relacionamento entre aqueles sujeitos (permeados por seus lugares sociais) e um ambiente natural muito específico – de forma geral, nos ajudam a aprofundar o nosso entendimento acerca do próprio ser humano e sua inserção no mundo – seja em uma floresta, num deserto ou sobre uma “imensidão gelada” – e a superar as cisões que por tanto tempo têm insistido em apartá-los.

## REFERÊNCIAS

- 1 JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Tradução. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.
- 2 LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?: como se orientar politicamente no antropoceno*. Rio de Janeiro, Editora Bazar do Tempo. 2020.
- 3 INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015.
- 4 CAMPOS, Lúcia S. A biodiversidade antártica: adaptações evolutivas e a sensibilidade às mudanças ambientais. In: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. Editora Blucher, p.121-162., 2011.
- 5 SIMOES, Jefferson. O ambiente antártico: domínio de extremos. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p.15-27, 2011.
- 6 MATA, Mauricio Magalhães. Oceano Austral e o clima. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, p. 53-67, 2011
- 7 SCHEMES, Elisa F. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianópolis: 2015 Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917\\_ARQUIVO\\_2.ARTIGOANP\\_UH2015Elisa-Final.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANP_UH2015Elisa-Final.pdf). Acesso em: 12 dez. 2022.
- 8 BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento 2: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- 9 BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento 1: de Gutenberg a Diderot*. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- 10 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia. De Bolso, 2010.
- 11 SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos avançados*, 1988.
- 12 BAUMER, Franklin L. Uma Natureza Nova. In: *O pensamento europeu moderno*. p.65-80, 1990.
- 13 HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo*. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2000.
- 14 FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, v. 14, 2011.
- 15 PASSETTI, Gabriel. O Brasil no relato de viagens do comandante Robert FitzRoy do HMS

- Beagle, 1828-1839. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 21, n. 3, p. 911-930, 2014.
- 16 OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Elementos para uma sociologia dos Viajantes In: OLIVEIRA FILHO (org). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, p. 84-148, 1986.
- 17 JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. *Caderno de diretrizes museológicas*, v. 1, n. 2, 2006.
- 18 LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- 19 SCHELLMANN, Karin. *Do mito à realidade: um olhar sobre a Antártica através dos signos e representações*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/2565>. Acesso em: 23 de out. 2021.
- 20 CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2001, p.141.
- 21 VIEIRA, Friederick Brum. O tratado da Antártica: perspectivas territorialista e internacionalista. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, 2006.
- 22 HUNTFORD, Roland. *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Polo Sul*. Trad. José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- 23 AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, Coleção Mundo afora. 2001.
- 24 RIFFENBURGH, Beau. *A expedição esquecida de Shackleton: A viagem do NIMROD*. São Paulo: Editora Planeta, 2005.
- 25 CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122587>. Acesso em: 23 de out. 2021
- 26 HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2016,
- 27 SIMÕES, Jefferson C. Glossário da língua portuguesa da neve, do gelo e termos correlatos. *Pesquisa Antártica Brasileira*, 2004.
- 28 SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegro, 2002.
- 29 PRESTON, Diana. *Rumo ao Polo Sul: A trágica história de Robert Falcon Scott*. 1ª Edição. São Paulo, Editora 34. 1999.
- 30 CHERRY-GARRARD, Apsley. *A pior viagem do mundo: a última expedição de Scott à Antártica*. Companhia das Letras, São Paulo. 1999.
- 31 BASTOS, Mário Jorge; AYOUB, Munir Lutfé. Oseberg: rito, mito e memória na construção da identidade nacional norueguesa no século XX. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 8, n. 23, p. 57-72, 2015.

- 32 MADALENO, Bruno José Mateus. *Dinâmicas e Actores na actual estratégia de desenvolvimento sustentável na Noruega*. Tese de Doutoramento. (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), Universidade Nova de Lisboa. 2012. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/9381>. Acesso em: 23 de out. 2021.
- 33 ALEXANDER, Caroline. *Endurance: a lendária expedição de Shackleton à Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- 34 SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegro, Coleção mundo afora. 2002.
- 35 SILVA, Edilane Ferreira da; COSTA, Érika Maria Asevedo; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. Topofobia e topofilia em “a terra”, de “os sertões”: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano. *Sociedade & Natureza*, v. 26, p. 253-260, 2014.
- 36 PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. *Revista História da Educação*, p. 31-45, 2003.
- 37 FETZ, Marcelo. A viagem como descoberta científica: história natural e cultura de precisão. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 12, n. 1, p. 39-53, 2019.
- 38 LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem: 1803-1900*. Editora Ufrj, 1997.
- 39 BIEHL, Maico. A viagem como experiência sensível. Natureza e sociedade nos escritos de Johann Rengger (1819-1825). *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*. Ensayos, n. 92, p. 40-56, 2021.
- 40 TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel. 2013.
- 41 TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.
- 42 TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014.
- 43 BYINGTON, Carlos Amadeu B. Os sentidos como funções estruturantes da Consciência. Um Estudo da Psicologia Simbólica. *Junguiana*, v. 37, n. 1, p. 201-208, 2002.
- 44 FRANCO, Ana Leonor de Abreu Ladeira Franco. *Correlação dos sentidos do olfato e paladar entre si e com comportamentos sociais*. Trabalho final de mestrado integrado em medicina. Faculdade de Medicina de Lisboa. 2018. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/6324156de5dd97d893e6ad080a015d92/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 26 de fev. de 2022.
- 45 CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. [Por: Paulo Neves]. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 46 BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. In. *História geral da África*, v. 1, UNESCO, Brasília, p.167-212, 2010.
- 47 MENEZES, Marlucci. Do espaço ao lugar: do lugar às remodelações sócio-espaciais. Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, v. 6, p. 156-175, 2000.

- 48 TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. *Geograficidade*, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018.
- 49 GUIMARÃES, Solange Terezinha. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. Florianópolis, *Geosul*, v. 17, n. 33, p. 117-142, 2002.
- 50 DE SOUZA PINTO, Júlia Paula Motta; DE JESUS, Adilson Nascimento. A transformação da visão de corpo na sociedade ocidental. *Motriz*, v. 6, n. 2, p. 89-96, 2000.
- 51 MIRA Y LÓPEZ, Emilio. *Quatro Gigantes da Alma: o medo, a ira, o amor, o dever*. EDIJUR, Série Leitura e Cultura. Leme, 2021.
- 52 DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009.
- 53 ARRIZABALAGA, JON. La Peste Negra de 1348: los orígenes de la construcción como enfermedad de una calamidade social In: *Dynamis Acta Hispanica ad Medicinae Scientiamque Historiam Illustrandam*. Vol. 11, Barcelona, p. 73-117, 1991.
- 54 CASTILLO, Ana Regina GL et al. Transtornos de ansiedade. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 22, p. 20-23, 2000.
- 55 TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- 56 CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*. Apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.a ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000.
- 57 MACHADO, Reinaldo Caixeta; DE PAIVA TOLEDO, André. A exploração dos icebergs à luz do Tratado da Antártica. *Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 5, n. 2, p. 1-18, 2019.
- 58 COLLARES, Lorena Luiz et al. Identificação e monitoramento de icebergs em imagens Advanced Synthetic Aperture Radar no noroeste do Mar de Weddell, Antártica. *Revista Brasileira de Cartografia*. p.569-589, 2015.
- 59 ALMEIDA, Ana Teresa Moreira Dos Santos. *O treino do paladar: marcadores precoces de uma alimentação saudável para a vida: Monografia (Ciências da Nutrição e Alimentação)*. Universidade do Porto. Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/54777>. Acesso em: 01 de mar. de 2022.
- 60 AQUINO NETO, Monica G; MENDES, Marisa Ferreira. *A revolução dos afetos*. Editora PoD, Rio de Janeiro. 2018.
- 61 CORRÊA, Carlos Pinto. O afeto no tempo. *Estudos de Psicanálise*, n. 28, p. 61-67, 2005.
- 62 HAIDT, Jonathan. *A Mente Moralista: Porque pessoas boas são segregadas por política e religião*. Alta Books, 2020.
- 63 RAVANELLO, Tiago; DUNKER, Christian Ingo Lenz; BEIVIDAS, Waldir. Para uma concepção discursiva dos afetos: Lacan e a semiótica tensiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, p. 172-185, 2018.

- 64 MELO, Bárbara Bezerra de Barros. *A casa: os sentidos de habitar para mulheres moradoras do conjunto habitacional Nova Caiçara/Sobral-Ceará*. Orientadora: Zulmira Áurea Cruz Bonfim. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- 65 BOLLNOW, Otto Friedrich. *Homem e o Espaço*. Tradução de Aloísio Leoni Schimid. Editora da UFPR: Curitiba-PR, 2019.
- 66 HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. Trad. Marcia de Sà Cavalcante Schuback, 1954.
- 67 MATTOS, Alexandre Almeida Juruena. *Antropomorfismo na Cultura da Animação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- 68 ROSA, Stella Arnt; PAIXÃO, Rita Leal; SOARES, Guilherme Marques. Antropomorfismo: definições, histórico e impacto em cães de companhia. *Revista Brasileira de Zootecias*, v. 19, n. 2, 2018.
- 69 THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- 70 SALCEDO, M., "El antropomorfismo como herramienta de divulgación científica por televisión: estudio de El Hombre y la Tierra" en: *Comunicación y Sociedad*, vol. XXIV, n. 1, p.217-246, 2011,
- 71 LORENZ, Konrad. *Nobel Lecture 1973: Analogy as a Source of Knowledge*. Nobelprize.org. 1973.
- 72 LIBERTELLI, Marcela M. Antártica: Ecosistemas antárticos. *OEI, Diários de Viagem – Prêmio Antártica*. Buenos Aires, 2021.
- 73 BERGER, John. *Por que olhar para os animais?* São Paulo, Ed. Fósforo, 2021.
- 74 FABIO, Luiz Carlos; MENGHINI, Ricardo Palamar. Revisão sobre a ocorrência e migração de orcas (*Orcinus Orca*) em águas brasileiras. São Paulo, *Atas de Saúde Ambiental-ASA (ISSN 2357-7614)*, v. 6, p. 30-30, 2018.
- 75 COMERLATO, Fabiana. A baleia como recurso energético no Brasil. In: *Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações*, v. 1: Florianópolis, p.1119-1138, 2010,
- 76 HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021.
- 77 CARVALHO, André Luis de Lima; WAIZBORT, Ricardo. Os mártires de Bernard: a sensibilidade do animal experimental como dilema ético do darwinismo na Inglaterra vitoriana. *Scientiae Studia*, v. 10, p. 355-400, 2012.
- 78 BREGMAN, Rutger. *Humanidade: uma visão otimista do homem*. São Paulo, Editora Planeta, 2021.